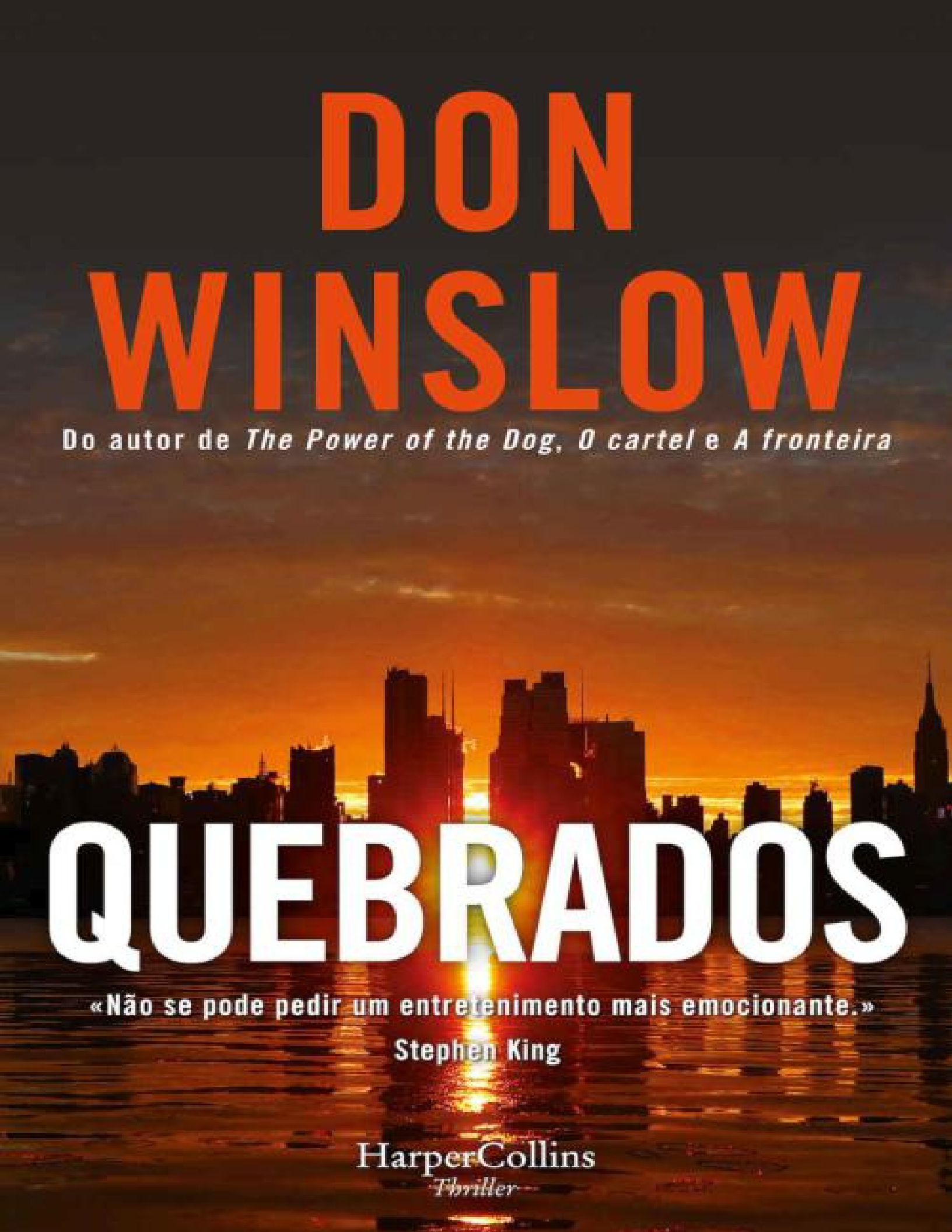
DON WINSLOW

Do autor de *The Power of the Dog*, *O cartel* e *A fronteira*



QUEBRADOS

«Não se pode pedir um entretenimento mais emocionante.»
Stephen King

HarperCollins
Thriller

DON
WINSLOW

QUEBRADOS

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

Quebrados
Título original: Broken
© 2020 by Samburu, Inc.
© 2020, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.
Tradutor: Fátima Tomás da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.
Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.
Desenho da capa: Ploysiripant
Imagem da capa: © Gary Hershorn/GettyImages
1ª edição: Maio 2020

ISBN: 978-84-9139-491-4

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Créditos

Quebrados

Para o senhor Steve McQueen

Crime 101

Para o senhor Elmore Leonard

O jardim zoológico de San Diego

Para o senhor Raymond Chandler

Ocaso

Paraíso

Última corrida

Agradecimentos

Se gostou deste livro…

Para o leitor.

Simplesmente, obrigado.

«Se não tem tempo para ler, não tem tempo (ou ferramentas) para escrever. É simples.»

Stephen King

QUEBRADOS

«O mundo quebra toda a gente e, depois, muitos ficam mais fortes no lugar da fratura.»
Ernest Hemingway, *O Adeus às Armas*

Eva não precisa que lhe digam que o mundo está quebrado.

Operadora de emergências do turno da noite em Nova Orleães, Eva McNabb ouve as fraturas da humanidade diariamente, oito horas seguidas e cinco dias por semana. Mais, se fizer um turno duplo. Descobre os acidentes de trânsito, os ataques, os tiroteios, as mortes, as mutilações e os assassinatos. Ouve o medo, o pânico, a raiva, a ira e o caos e manda homens em direção a eles a toda a velocidade.

Bom, são quase sempre homens, embora haja cada vez mais mulheres na corporação. Eva, no

entanto, pensa neles como os seus «rapazes», os seus «meninos». Manda-os em direção a toda essa desolação e, depois, reza para que voltem inteiros.

Quase todos voltam, ainda que, às vezes, não. Então, manda mais dos seus rapazes, dos seus meninos, para esse lugar de fratura. Literalmente, às vezes, porque o marido era polícia e, agora, os dois filhos também são.

Portanto, Eva conhece essa vida.

Conhece esse mundo.

Sabe que pode sair-se dele, mas sabe que se sai sempre quebrado.

Até com luz da lua se vê a sujidade do rio.

Jimmy McNabb não quereria que fosse de outro modo. Adora o rio sujo da sua cidade suja.

Nova Orleães.

Foi criado e ainda vive em Irish Channel, a poucas ruas de onde se encontra agora, atrás de um carro sem distintivos policiais, no estacionamento do porto de First Street.

Angelo, ele e o resto da equipa estão a preparar-se: Coletes, capacetes, espingardas, granadas atordoantes… Tal como uma equipa SWAT, só que Jimmy se esqueceu de convidar os SWAT para a festa. E não só os SWAT: Também a polícia portuária e todos os outros, menos a sua equipa da Unidade Especial de Investigação, na secção de Narcóticos.

Esta é uma festa privada.

A festa de Jimmy.

— A polícia portuária vai ficar lixada — avisa Angelo, enquanto veste o colete.

— Podemos avisá-los quando tiverem de fazer a limpeza — declara Jimmy.

— Não gostam de fazer limpezas. — Angelo ajusta o velcro. — Sinto-me como um imbecil com tudo isto.

— É verdade que tens um certo aspeto de imbecil — troça Jimmy.

Com a merda do colete vestido, o seu parceiro parece o boneco da *Michelin*. Angelo não é muito musculado. Quando estava a preparar-se para as provas físicas de entrada na polícia, fez uma dieta relâmpago à base de bananas e vitaminas, para ver se ganhava peso, e nem conseguiu engordar meio quilo depois disso. É tão fino como o bigode, que ele acha — erradamente — que lhe dá um ar de Billy Dee Williams. De pele acastanhada e feições aguçadas, Angelo Carter foi criado no Distrito 9, negro até não poder mais.

Em Jimmy, pelo contrário, o colete fica apertado.

É um tipo grandalhão: Mede um metro e noventa e três e tem o peito e os ombros largos dos seus antepassados irlandeses, que vieram para Nova Orleães para escavar as eclusas com picaretas e pás. Quando era patrulheiro, raramente tinha de recorrer à força, nem mesmo no Bairro Francês: A sua estatura e aspeto bastavam para que até os bêbados mais agressivos se intimidassem depressa. Contudo, quando recorria aos murros, era preciso um pelotão inteiro de colegas para o deter. Uma vez, destruiu — sem exagerar — um grupo de parvalhões do Baton Rouge que fez asneira no Sweeny's, o bar do seu bairro. Entraram na vertical e a armar confusão e saíram na horizontal e bem caladinhos.

Jimmy McNabb fora um agente dos duros, tal como o pai, Big John McNabb, uma lenda na corporação. Os seus filhos não tiveram outro remédio senão entrar na polícia, ainda que, de todos os modos, nenhum dos dois quisesse fazer outra coisa.

Agora, Jimmy dá uma olhadela ao resto da sua equipa e chega à conclusão de que estão tensos, mas não demasiado, só o suficiente.

É uma tensão necessária.

Também a sente, a adrenalina que começa a circular pela sua corrente sanguínea.

E gosta.

A mãe, Eva, diz que o filho sempre gostara de tensão. Tanto faz o que é: A cerveja, a adrenalina, o uísque, uma corrida de cavalos em Jefferson Downs ou acertar na nona entrada de um jogo da liga policial, tanto faz: «O Jimmy gosta de tensão.»

Jimmy sabe que a mãe tem razão.

Eva costuma acertar. E, além disso, sabe.

Jimmy e o irmão mais novo têm uma frase que repetem com frequência: «Da última vez que Eva se enganou.» Da última vez que Eva se enganou, ainda havia dinossauros na Terra. Ou da última vez que Eva se enganou, Deus descansou no sétimo dia.

Ou a favorita de Danny: Da última vez que Eva se enganou, Jimmy tinha namorada fixa. (Ou seja, mais ou menos quando estava no oitavo ano.)

«O Jimmy é um lançador», disse Eva, uma vez, «mas prefere correr pelo campo.»

Que brincalhona, esta Eva, pensa Jimmy.

É hilariante.

Danny e ele chamam sempre Eva à mãe. Na terceira pessoa, claro. Nunca na cara. Tal como chamam John ao pai. A coisa começou quando Jimmy tinha sete anos, talvez. Danny e ele foram castigados e proibidos de sair por causa de alguma travessura que tinham feito — algo relacionado com o basebol e uma janela partida — e Jimmy disse «ora, a Eva ficou lixada» e o nome pegou.

Agora, Jimmy olha para Wilmer Suazo para ver como está. O hondurenho tem os olhos um pouco inchados, mas isso é normal nele, costuma ficar um pouco nervoso. Jimmy chama-lhe hondurenho, mas Wilmer foi criado em Irish Channel, tal como ele, numa zona chamada Barrio Lempira, que já existia antes de Jimmy nascer.

Largo e baixo como um frigorífico, Wilmer é de Nova Orleães até ao tutano, fala tão *yat* como os outros e é uma sorte contar com um hispano na equipa, sobretudo, agora que há mais mexicanos e hondurenhos do que nunca na cidade (chegaram depois do Katrina, para a reconstrução, quando ninguém pensou em pedir-lhes um visto).

É uma sorte tê-lo com ele esta noite.

Porque o alvo é hondurenho.

Jimmy pisca-lhe um olho. «*Tranquilo, 'mano*.»

Calma, mano.

Wilmer assente com a cabeça.

Pelo contrário, Harold — não podem chamar-lhe «Harry» — nunca se altera.

Às vezes, Jimmy questiona-se se o coração do idiota do Gustafson bate, visto que está sempre tão relaxado. Uma vez, adormeceu como uma pedra no banco de trás do carro quando se dirigiam para uma rusga em que podiam tê-lo matado. É o «batido de baunilha» de Jimmy: Doce, bonacheirão e branco como o leite, de cabelo loiro e olhos azuis-claros. E diácono da paróquia, ainda por cima.

Até Wilmer morde a língua quando Harold está presente e Wilmer tem uma boca como uma latrina do Terceiro Mundo. Quando Harold está presente, só pragueja em espanhol, pensando — acertadamente — que Gustafson não compreende o que diz.

Se McNabb é grande, Gustafson é ainda mais.

«Não é preciso construir um muro na fronteira», disse Jimmy, uma vez. «Basta deitar lá o Harold.»

Uma vez, por causa de uma aposta (não com Harold, porque Harold nunca aposta), Gustafson

levantou Jimmy no banco de pesos.

Dez vezes.

Jimmy teve de lhe dar 2500 paus, mas aquilo foi digno de se ver.

«Tenho uma boa equipa», pensa Jimmy.

São inteligentes e valentes (mas não temerários, a temeridade é uma estupidez) e os seus pontos fortes, fracos e talentos complementam-se na perfeição. Jimmy conseguiu fazer com que sejam uma equipa há cinco anos e cada um conhece tão bem as reações dos seus colegas como as suas próprias.

Esta noite, vão precisar de tudo isso.

Porque é a primeira vez que assaltam um barco.

Laboratórios de heroína em torres de apartamentos, negócios de venda de *crack* em barracões velhos, bares de motoqueiros, esquinas de grupos de rua… Fizeram tudo isso mil vezes.

Mas um barco de carga?

É a primeira vez.

E é isso, um barco de carga, que Oscar Diaz vai usar para trazer o seu carregamento enorme de metanfetamina. Portanto, que remédio, terão de o assaltar.

Há meses que perseguem o hondurenho.

À distância, sim.

Deixaram passar os contrabandos pequenos, à espera de que desse o grande golpe.

E deu.

— Bom, vamos lá — declara Jimmy.

Põe a mão dentro do carro e tira a sua luva Rawlings, velha e gasta — tem-na desde os seus tempos do liceu —, com uma bola arranhada encaixada na rede.

Os outros também pegam em luvas, formam um círculo, em intervalos de um metro, e começam a passar a bola como se aquecessem para um jogo. É quase cómico, com os coletes e os capacetes postos. Mas é um ritual e McNabb respeita os rituais. Nunca perdeu um homem quando passam a bola antes de uma missão e, hoje, também não tenciona perder nenhum. Além disso, é uma forma tácita de se lembrarem de que não podem lixar tudo: A bola deve continuar a rodar.

Fazem mais algumas rondas e, depois, Jimmy tira a luva e diz:

— *Laissez les bon temps rouler*.

Que comece a festa.

Eva McNabb ouve a voz do menino ao telefone.

É uma chamada de violência doméstica.

O miúdo está aterrorizado.

Eva, que está há quase quarenta anos casada com Big John McNabb — ela mede um metro e sessenta; ele, um metro e noventa e três — sabe o que é porque o viveu na própria pele. John já não lhe bate, mas fica agressivo quando se embebeda e, desde que se reformou, está quase sempre bêbado. Agora, limita-se a atirar copos e garrafas e a abrir buracos na parede com o punho.

Portanto, Eva sabe um pouco sobre violência doméstica.

Claro que esta chamada é diferente.

São todas más, mas esta é pior.

Percebe pela voz do menino, pelos gritos de fundo, pelos barulhos e pelos golpes surdos que ouve através do telefone. Esta começa mal e a única coisa que pode fazer é tentar que não acabe

pior.

— Querido — diz, carinhosamente —, ouves-me? Ouves-me, querido?

— Sim.

A voz do menino treme.

— Muito bem — replica Eva. — Como te chamas?

— Jason.

— Jason, sou a Eva. — Dizer-lhe o seu nome é infringir o protocolo, mas que se lixe o protocolo, pensa Eva. — Ouve-me, Jason, a polícia vai a caminho, vão chegar em breve, mas, até chegarem… Têm máquina de secar roupa em casa, *cher*?

— Sim.

— Muito bem, Jason, querido, quero que te escondas dentro da máquina de secar, está bem? Podes fazer-me esse favor, querido?

— Sim.

— Muito bem. Fá-lo agora. Eu não desligo.

Ouve o menino a mexer-se. Ouve mais gritos, mais barulhos e mais insultos. Depois, pergunta:

— Estás na máquina de secar, Jason?

— Sim.

— Muito bem — diz Eva. — Agora, quero que feches a porta. Consegues fechá-la? Não tenhas medo, meu amor, estou aqui.

— Já a fechei.

— Ótimo. Agora, vais ficar aí quietinho e tu e eu vamos conversar um pouco até a polícia chegar. Está bem?

— Está bem.

— De certeza que gostas de videojogos. De quais gostas mais?

Eva passa os dedos pelo cabelo curto e preto — o seu único sinal de nervosismo — e ouve o menino a falar do *Fortnite*, do *Overwatch* e do *Black Ops III*. Ao olhar para o ecrã que tem à sua frente, vê como a luz intermitente que representa o carro patrulha se dirige para Algiers, o bairro onde o rapaz vive.

Danny está num carro de patrulha nessa zona, no Distrito 4, mas não será ele a atender a chamada.

Eva alegra-se.

É muito protetora com os dois filhos, mas Danny é o mais novo, o mais sensível dos dois e o mais terno (Jimmy tem a sensibilidade de um punho de aço), e não quer que veja o que é provável que o agente que vá àquela casa terá de ver.

O carro de patrulha já está perto, a um quarteirão, e seguem-se outras duas unidades (nenhuma delas é a de Danny). Avisou as três de que há crianças envolvidas.

Todos os agentes do distrito sabem que, se Eva McNabb disser que têm de se apressar, mais vale fazê-lo ou terão de a enfrentar, algo que nenhum deles quer.

Eva ouve as sirenes pelo telefone.

Depois, o tiro.

A bala passa perto da cabeça de Jimmy, bate na divisória metálica e, ao ricochetear aleatoriamente, faz Angelo cair com a cara no chão da coberta.

Por um instante, Jimmy pensa que o colega está ferido, mas Angelo rebola, encosta-se à divisória e faz-lhe um gesto com o polegar: Tudo bem.

Mesmo assim, é má notícia que os hondurenhos tencionem resolver aquilo com tiros. As balas

ricocheteiam no aço com um barulho horripilante, saltam como bolas num tambor grande da lotaria enquanto Jimmy e a sua equipa se escondem numa passagem estreita.

«Talvez devesse ter trazido os SWAT», pensa Jimmy.

Os tiros procedem de uma escotilha aberta, a menos de dez metros deles, no fundo da passagem. Alguém tem de ser o primeiro a atravessar a escotilha, pensa Jimmy. «Ou também poderíamos fazer marcha-atrás e sair deste barco com o rabo entre as pernas.»

«Vou ter de ser eu a entrar», pensa. Desprende uma das granadas atordoantes que tem no cinto e atira-a para a escotilha. Sem voltas nem efeitos: Uma bola rápida e limpa para o meio.

Brilha uma chama branca. Com um pouco de sorte, terá deixado os homens do outro lado momentaneamente cegos.

Jimmy atira-se para a frente a disparar.

Disparam do outro lado, mas ouve passos que se afastam à frente dele pela coberta de ferro.

— Polícia de Nova Orleães! Larguem as armas! — grita, para cumprir o regulamento.

Agora, ouve um retumbar de passos à frente e atrás dele e não tem de se virar para saber que Angelo, Wilmer e Harold estão mesmo atrás dele. À frente dele, vê um homem e, então, o homem desaparece sem mais nem menos e Jimmy apercebe-se de que desceu por uma escadaria.

Chega ao topo da escadaria a tempo de ver que o homem desce os degraus depressa. Ele, não. Apoia uma mão no corrimão, dá um salto e aterra à frente do homem.

O homem vai levantar a arma, mas Jimmy adianta-se e, com um gancho de esquerda, deixa-o deitado na coberta, inconsciente. Pisa-lhe a cara como gorjeta, para que aprenda o que acontece quando se aponta uma arma a um polícia da Brigada de Narcóticos.

Depois, fica tudo preto.

Danny McNabb tem o turno da noite.

Não é que o incomode. No turno da noite, há mais ação e um patrulheiro com dois anos de experiência precisa de ação se quiser fazer carreira. Além disso, gosta da zona que lhe foi atribuída no Distrito 34: Algiers, porque Algiers, embora faça oficialmente parte de Nova Orleães, é um mundo à parte.

O Oeste Selvagem, chamam-lhe.

Lá, ninguém se aborrece e Danny gosta de estar ocupado, mas está há imensas horas sentado no carro e começa a ter dores nas pernas, que são muito compridas.

Se o irmão Jimmy é um touro, ele é um cavalo de corridas.

Alto, esbelto e magricela.

Ainda se lembra do dia em que ultrapassou Jimmy em altura. A mãe marcou com o lápis até onde as suas cabeças chegavam na ombreira da porta do armário do seu quarto. Jimmy ficou lixado e insistiu em lutar com ele. («Talvez sejas mais alto, mas não és mais forte do que eu.») Não chegaram aos murros, pois, Eva não os deixou.

Nessa noite, foram para o campo de basebol jogar e, ao regressar, Jimmy disse, muito sério:

— Embora sejas mais alto agora, continuas a ser o mais novo. Sempre serás. Entendido?

— Sim, está bem — concedeu Danny. — Mas sou mais bonito.

— Certo — confirmou Jimmy. — É uma pena que tenhas uma pila tão pequena.

— Queres medi-la?

— Que sorte — troçou Jimmy —, que me tenha calhado um irmão maricas.

Quando Danny contou essa história a Roxanne, disse «homossexual» em vez de «maricas». Assim, não tinha tanta graça, mas Roxanne é lésbica e Danny sabia que não ia gostar da palavra «maricas». De todos os modos, sabia que o irmão não o dissera com má intenção. Jimmy não

odeia os homossexuais, odeia todos por igual.

Danny perguntou-lho uma vez, depois de o irmão começar com um dos seus sermões.

— Odeias todos?

— Deixa-me pensar… — disse Jimmy. — Homossexuais, lésbicas, heterossexuais, negros, hispanos, brancos… Asiáticos, se houvesse algum por aqui… Sim, acho que odeio todos por igual. Tal como tu farás depois de passares mais alguns anos neste ofício.

Os pais diziam o mesmo. O pior de ser polícia é que acabam por odiar todos os outros, menos os colegas. Danny não acredita, de todos os modos. Pensa que os polícias têm más experiências com as pessoas, mais nada. Que veem muitas coisas más e que se esquecem de que há bem no mundo.

Eva não queria que fosse polícia.

— O teu marido é polícia — redarguiu Danny. — E o teu outro filho também.

— Mas tu és diferente.

— Diferente, porquê?

— Digo-o no bom sentido — replicou Eva. — Não quero que acabes como o teu pai.

Furioso, amargurado e bêbado.

E ressentido com o seu trabalho.

«Mas esse é ele», pensava Danny. «Não sou eu.»

«Eu nunca vou ser assim.»

Agora, tem uma vida ótima.

Um trabalho bom, um apartamento bonito em Channel e uma namorada que ama. Jolene é enfermeira e trabalha no turno da noite em Touro, portanto, até os seus horários coincidem. E é um amor, com o cabelo comprido e preto, os olhos azuis e um sentido de humor um bocadinho retorcido.

A vida sorri-lhe.

O carro de patrulha está estacionado em Vernet, junto do parque McDonough, à frente da igreja do Sagrado Nome de Maria, porque o padre da paróquia se queixou ao capitão do distrito de que os pervertidos rondam pelo parque de madrugada.

Quem havia de falar de pervertidos, precisamente um padre, pensa Danny.

Eva obrigava-o a ir à missa até fazer treze anos, embora ela nunca fosse. Jimmy e ele estudaram em escolas católicas, estiveram no liceu Archbishop Rummel e Jimmy costumava dizer que havia dois tipos de miúdos na escola católica: «Os que correm depressa e os que acabam lixados.» Eles eram dos que corriam depressa.

A questão é que Roxanne e ele estiveram aqui estacionados toda a merda da semana para contentar o padre e não viram um único «pervertido». Danny aborrece-se imenso.

Sentado no escuro.

Apagaram as luzes.

Agora, Jimmy só vê luzes vermelhas que atravessam um fundo preto, como numa daquelas salas ridículas de *laser tag*, só que isto é real: As balas são reais e a morte, também.

Um ponto cai por cima do seu peito e atira-se para o chão.

— Para baixo! Para baixo! Baixem-se! — grita.

Ouve os seus rapazes a atirar-se para o chão.

Os pontos vermelhos procuram-nos.

Jimmy pega na lanterna, acende-a e rebola para a esquerda. Ouvem-se tiros, aponta para a chama de uma arma e dispara. Angelo e Wilmer fazem o mesmo e Jimmy ouve a detonação da

espingarda de Harold.

Depois, ouve uma queixa e um gemido de dor.

— Isto não vos ajuda! — grita. — Larguem as armas! Diz-lhes, Wilmer!

Wilmer traduz a mensagem para o espanhol.

Respondem com mais tiros.

Foda-se, pensa Jimmy.

Que bela merda.

Então, ouve o ruído de um motor a arrancar.

O que…?

Acendem-se umas luzes.

Ao olhar para a esquerda, vê Harold sentado num empilhador cujas forquilhas seguram duas caixas grandes. Harold levanta-as como um escudo e grita:

— Venham!

Os outros saltam para o empilhador como soldados para um tanque e começam a disparar por trás das caixas enquanto Harold se dirige diretamente para os atacantes que, iluminados pelos faróis do veículo, recuam para uma divisória metálica. Não há outro sítio para onde ir.

São quatro, mais outros dois feridos que tentam afastar-se de rastos para que o empilhador não lhes acerte.

Que se lixem, pensa Jimmy.

Se saírem com vida, ainda bem.

Se não… Nada.

De todos os modos, são baratas.

Jimmy inclina-se para fora e vê que um dos homens recua, levantando uma *AK* como se não soubesse o que fazer.

Harold decide por ele. Atropela-o com o empilhador e encurrala-o contra a divisória. Os outros três largam as armas e levantam as mãos.

Jimmy sai com um salto e dá uma bofetada a um, com força.

— Podiam ter feito isto há vinte minutos e teríamos poupado os desgostos.

Angelo encontra um interruptor e acende a luz.

— Ena, ena — troça Jimmy.

O que tem à sua frente é meta.

Pacotes retangulares empilhados desde o chão até ao teto, embrulhados em plástico preto.

— Tem de haver três toneladas, pelo menos — comenta Angelo.

Facilmente, calcula Jimmy.

Perdas de alguns milhões de dólares para Oscar Diaz. Com razão, tinham começado os tiros.

Oscar não vai ficar contente.

Wilmer e Angelo estão a atar as mãos dos detidos com cordas de plástico. Harold ainda tem o da *AK* encurralado contra a parede, embora a arma tenha caído com um estrondo.

Jimmy aproxima-se dele.

— Meteste-te numa boa confusão, eh?

O miúdo da *AK* retorce-se.

— O que vamos fazer contigo? — pergunta Jimmy. — Alguma vez viste como uma carraça rebenta? Já sabes, quando se enchem de sangue e as apertas e, puf, explodem. Se pedir ao meu amigo Harold para carregar no acelerador… Puf.

— Não, por favor.

— Não, por favor? — repete Jimmy. — Ias matar-me, homem.

— Queres que dê o aviso? — pergunta Angelo. — Estes tipos podem morrer com perda de sangue.

— Espera um momento — pede Jimmy.

Harold e ele levam o da *AK* para cima, para a coberta.

O rio continua turvo, mas tem muita corrente.

— Como te chamas? — pergunta Jimmy ao da *AK*.

— Carlos.

— Sabes nadar, Carlos?

— Um pouco.

— Espero que sim. — Levanta Carlos por cima do corrimão. — Diz ao Oscar Diaz que o Jimmy McNabb lhe manda cumprimentos.

Atira-o pela amurada.

— Já podemos avisar.

Meia hora depois, o barco parece uma sopa de letras.

NOPD, SWAT, DEA, HP, EMT… Até a polícia estatal da Luisiana apareceu. Aquele poderia ser o maior contrabando de droga expropriado na história de Nova Orleães e, claro, todos querem um pedaço do bolo.

O maior contrabando de meta, de certeza.

No cais, começa a congregar-se a imprensa.

Jimmy acende um cigarro e dá lume a Angelo.

Angelo leva o cigarro à boca e pergunta:

— O que é que o chefe disse?

— Grandes artigos, notícia bomba, nenhuma baixa… — murmura Jimmy. — O que é que o Landreau haveria de dizer? Parabéns.

— Mas está irritado.

Sim, Landreau está irritado, pensa Jimmy. Os SWAT estão irritados, a DEA está irritada, a polícia portuária também…

Contudo, Jimmy não se preocupa, pois sabe que Oscar Diaz está lixado.

Está e não porque o rato encharcado que tem à sua frente está a sujar-lhe o chão.

O bloco de apartamentos é do outro lado do rio, em Algiers Point e, do terraço das suas águas-furtadas, Oscar consegue ver o Mississípi e, mais à frente, o centro de Nova Orleães desde o Bairro Francês até Marigny e Bywater. Mas Oscar não repara nisso, tem o olhar fixo em Carlos, que acabou de lhe trazer a notícia de que perdeu mais dinheiro do que o apartamento lhe custou.

Muito mais, de facto.

Porque não foi apenas dinheiro que perdeu.

Aquela seria a sua grande oportunidade de subir da patente média dos traficantes de drogas para o degrau superior. Seria o golpe decisivo: Transferir essa quantidade de mercadoria pelo rio, até Saint Louis e Chicago, e demonstrar que Nova Orleães, na Luisiana, podia ser um meio de transporte de primeira ordem. Usar o rio e o porto para trazer a droga, pô-la em camiões e distribuí-la pela estrada. Se conseguisse, os de Sinaloa confiar-lhe-iam um carregamento muito maior, meta suficiente para tentar introduzir-se no mercado de Los Angeles e de Nova Iorque.

Agora, os de Sinaloa vão pensar que é um merdas. E que Nova Orleães é um sítio perigoso. Vai ter de lhes ligar e de lhes dizer que perdeu o carregamento e sabe que será a última vez que

quererão atender.

Portanto, perdeu a droga, o dinheiro e a oportunidade de ser promovido. Vai passar pelo menos mais cinco anos a vender merda àqueles parvalhões dos pântanos.

Volta a entrar na sala de estar e para à frente do aquário, um tanque Red Sea Reefer de 360 litros que contém os seus grandes amores: O seu precioso mero neptuno de cor amarela brilhante (custou-lhe 6000 dólares), o seu pequeno *bladefin basslet*, vermelho e prateado (10 000), o seu peixe-anjo clarion dourado com riscas azul-elétrico (este não lhe custou nada, foi um presente do cartel) e a sua aquisição mais recente, de que está muito orgulhoso: um anjo-rainha de 30 000 dólares, muito caro porque estas belezas habitam em grutas nas profundidades marinhas.

Oscar dedicou muito tempo, dinheiro e carinho ao aquário, com os seus corais bonitos e muito caros. Abre a tampa, atira uns flocos de comida seca e, depois, abre um recipiente de plástico com pedacinhos de amêijoas frescas e também os atira lá para dentro.

— Estás a enervar os meus peixes — diz a Carlos. — São muito sensíveis e estás a deixá-los nervosos.

— Lamento muito.

— Relaxa! — ordena Oscar. — Vamos ver, quem te disse para me mandares cumprimentos?

— Disse que se chamava Jimmy McNabb — responde Carlos.

— Da DEA?

— Não, da polícia local. Divisão de Narcóticos.

— E atirou-te ao rio para que me desses a mensagem.

— Sim.

Oscar vira-se para Rico.

— Leva o Carlos e mata-o.

Carlos fica pálido.

— É uma brincadeira. — Oscar dá uma gargalhada. Depois, olha para Rico. — Faz com que tome um duche quente e vista roupa limpa. A merda do rio é um nojo. *Entendido*, Rico?

Rico entendeu. Deve levar Carlos e matá-lo.

Quando se vão embora, Oscar sai para o terraço e observa a cidade.

Jimmy McNabb.

«Bom, Jimmy McNabb, acabaste de fazer com que isto seja pessoal.

Tu é que quiseste. Tiraste-me uma coisa e, agora, também vou tirar-te uma.

Algo que seja importante.»

O agente que respondeu à chamada de violência doméstica vai ver Eva depois.

Eva ouve tudo pelo rádio, mas o homem quer mostrar-lhe respeito pessoalmente.

— Era o que pensavas. O homem deu um tiro à mulher e, depois, matou-se.

— E o menino?

— Encontrámo-lo dentro da máquina de secar roupa — diz o agente. — Está bem.

Tão bem como pode estar um menino pequeno que acabou de ouvir como o pai matava a mãe aos tiros, pensa Eva.

— Ainda bem que se matou — replica. — Assim, poupamos um julgamento.

— Podes ter a certeza.

— E o menino vai para os serviços sociais — acrescenta Eva.

Sente vontade de chorar, mas não chora.

Pelo menos, à frente do polícia.

Rico ouve Oscar com atenção e, depois, abana a cabeça.

— Não podes tocar num polícia.

Oscar fica a pensar por um instante. Depois, pergunta:

— Quem diz que não posso?

Danny e Roxanne continuam junto do parque, a terceira noite consecutiva que passam à espera do pervertido que não aparece.

— Muito bem — diz Danny, depois de pensar durante um bom bocado. — Vou para a cama com a Rachel, caso-me com a Monica e mato a Phoebe.

— Pobre Rachel — troça Roxanne. — É sempre seduzida e nunca se casa.

— Nem pensar, casou-se com o Ross em Las Vegas, lembras-te?

— Sim, mas estavam bêbados.

— Mesmo assim — replica Danny. — E tu?

— Mato a Monica, caso-me com a Rachel e vou para a cama com a Phoebe.

— Que rápido.

— Pensei muito nisso — acrescenta Roxanne. — Sempre quis ir para a cama com a Phoebe. Desde a primeira temporada.

— Meu Deus, mas devias ter sete anos.

— Era uma lésbica precoce. Brincava com Barbies.

— Todas as meninas da tua idade brincam com Barbies.

— Não, Danny. Brincava mesmo com as minhas Barbies.

— Ah…

Subitamente, o sangue e os miolos de Roxanne salpicam a cara de Danny.

Acontece tudo muito depressa.

Uma mão agarra-a pelo cabelo curto e puxa-a com força.

A janela do lado de Danny parte-se em pedaços.

Danny leva a mão à pistola, mas já lhe taparam o nariz e a boca com um pano. Esperneia para tentar soltar-se, mas não consegue.

Já está inconsciente quando o tiram do carro.

As sirenes parecem cães a uivar.

Primeiro uma, depois outra, depois quatro, cinco, uma dúzia à medida que as unidades se dirigem para o parque McDonough. Chegam de todo o lado em Algiers, da esquadra do Distrito 4 e do outro lado do rio, do Distrito 8.

Respondendo a um código 10-13.

Agente precisa de atenção médica.

É um som terrível.

Um coro de alarme que ecoa em Algiers.

* * *

A festa é no Sweeny’s, claro.

Onde mais haveria de ser? Jimmy começou a ir lá quando era um rapazinho, literalmente: Tinha onze ou doze anos quando entrou pela primeira vez no bar para ir buscar o pai.

Ou, pelo menos, para ir buscar o cheque do salário antes de o gastar em bebida.

Agora, é ele que o frequenta e o seu velho bebe em casa.

Portanto, na noite depois do grande golpe, era lógico que se juntassem no Sweeny's para celebrar.

A equipa está toda presente, claro — Angelo, Wilmer e Harold —, para além de todos os rapazes e raparigas da Brigada de Narcóticos, meia dúzia de agentes dos Serviços Secretos e alguns agentes e detetives das esquadras do distrito 4, 8 e 6 (a do bairro).

Landreau passou por lá para beber um copo. Até vieram alguns promotores municipais e federais e dois tipos da delegação da DEA que ofereceram chapéus de cobói aos agentes e fizeram um brinde: «Ao McNabb, que continue a ser duro, mesmo que seja tão frouxo.»

Porém, a maioria dos convidados foi-se embora cedo e já só resta a equipa, alguns agentes dos Narcóticos e alguns que trabalharam com eles em algum momento da sua carreira. Os poucos civis que há no local sabem que devem meter-se nos seus assuntos e ouvir a conversa barulhenta dos polícias sem abrir a boca.

— Portanto, estava ali deitado a cagar-me nas calças — conta Jimmy —, e a pensar que estava lixado quando aparece o Harold sentado num empilhador…

Começam a ouvir-se vivas.

— Harold! Harold! Harold!

Harold está no pequeno palco com um microfone na mão, a tentar contar piadas.

— Vou ao proctólogo, dá uma olhadela ao meu ânus e pergunta: «Jimmy McNabb?»

— Amo-te, Harold! — exclama Jimmy, um pouco bêbado. — É um amor cristão e heterossexual.

— Harold, Harold, Harold!

Harold dá umas palmadinhas ao microfone.

— Isto está ligado?

— Como Jesus Cristo amava…

— Judas — conclui Wilmer.

— Não, o outro.

— Pedro.

— Pedro, Pablo ou… O que quer que seja — diz Jimmy. — Enfim… Onde ia?

— Todos os agentes da polícia querem ter um comandante íntegro, valoroso e capaz — diz Harold, do palco. — Nós temos o Jimmy McNabb, mas como eu digo: «Não há mal que dure cem anos.»

Angelo levanta-se com as pernas trémulas e esmurra a mesa.

— O Angelo quer sexo! Quem quer ter sexo com o Angelo?

— O Jimmy quer! — exclama Wilmer.

Lucy Wilmette, uma veterana do Distrito 8, levanta a mão.

— Eu quero ter sexo com o Angelo.

— Isto torna-se interessante — diz ele. — Quem mais?

— Como assim? — grita Lucy. — Meu Deus, Angelo!

Eva vê os pontos de luz intermitente no ecrã.

Como um enxame de abelhas a voltar à colmeia.

Segue as comunicações por rádio.

«Uma agente ferida… Está deitada na rua… Precisamos de uma ambulância… Confirmado, precisamos de uma ambulância… Patrulha a dirigir-se para o local… À escuta, vamos para lá… Já estamos aqui… Unidade 240 D… Onde está o outro agente? Porque não responde? Ouviram-se tiros… Há uma testemunha presencial… Meu Deus, é quase uma criança… Meu Deus, onde

está essa ambulância? Está a perder muito sangue… Não lhe encontro o pulso… Sean, morreu… Onde está o parceiro dela? Merda, onde está o parceiro?!»

Unidade 240 D.

O carro de Danny.

Com a mão esquerda, Eva marca o número de Jimmy no telemóvel.

Vai para o correio de voz.

Está na festa.

No Sweeny's.

Atende, Jimmy!

É o teu irmão.

— Este é um desses polícias que dizes que são intocáveis? — pergunta Oscar.

Danny está algemado a uma cadeira de aço atarraxada ao chão de cimento, numa nave industrial dos portos de Algiers Point. Tem os tornozelos amarrados às pernas da cadeira.

— Acorda-o! — ordena Oscar.

Rico esbofeteia Danny até voltar a si.

— O irmão mais novo do Jimmy McNabb — afirma Oscar.

Danny pestaneja, vê a cara redonda de um hispano à frente dele.

— Quem és tu?

— Sou a pessoa que vai magoar-te — declara Oscar.

Liga a máquina de soldar.

A chama brilha, azulada.

Jimmy levanta um copo grande de cerveja.

— Um brinde! A que continuemos a dar-lhes o seu castigo!

Verte a cerveja diretamente na boca.

— Jimmy! Jimmy! Jimmy!

Pousa o copo vazio na mesa, limpa a boca com a mão e diz:

— Não, a sério…

— A sério — repete Wilmer.

— A que continuemos a limpar as ruas de drogas e armas e a mandar os maus para a prisão! Ao melhor grupo de polícias do mundo! Adoro-vos, gente. A todos. São os meus irmãos e irmãs e adoro-vos.

Deixa-se cair na cadeira.

— O Jimmy McNabb estava a ser simpático? — pergunta Lucy.

— É o álcool a falar — replica Wilmer.

Gibson, um sargento da esquadra do Distrito 4, entra no Sweeny's e vê que a festa está no seu apogeu. Ao procurar entre as pessoas, distingue Jimmy McNabb no palco, a cantar uma versão horrível de *karaoke* de *Thunder Road*.

Gibson procura Angelo Carter e encontra-o junto do bar.

— Posso falar contigo por um instante? — pergunta. — Lá fora?

— Meu Deus! — exclama Angelo. — O Danny?

A notícia tira-lhe a bebedeira de repente. Conhece Danny desde que era um pirralho: O chato do irmão mais novo que andava sempre por aí, idolatrando Jimmy, ansioso por se tornar polícia.

E está morto agora?

— É uma merda! — exclama Gibson. — Encontrámos o cadáver dele nos portos de Algiers Point. Torturaram-no.

Queimaram-no vivo.

Partiram-lhe todos os ossos do corpo.

— Temos de contar ao Jimmy — diz Gibson.

— Vai enlouquecer — avisa Angelo.

Jimmy McNabb não ama ninguém no mundo, exceto os colegas e a família. Quando descobrir que mataram Danny, ficará violento.

Destruirá o local.

Magoará os outros e a si próprio.

Têm de ter muito cuidado.

— Vamos fazer uma coisa — sugere Angelo.

Angelo entra pela porta primeiro.

Seguem-se Wilmer, Harold, Gibson, três dos agentes mais musculados que Angelo encontrou na 6ª e Sondra D, uma prostituta que tira partido da sua semelhança notável com Marilyn Monroe, cobrando mil dólares por noite. Quando Angelo lhe ligou, estava no Hotel Roosevelt, prestes a prestar os seus serviços a um bombeiro de visita na cidade.

No bar, para tudo.

Tudo costuma parar quando Sondra entra numa divisão.

Vestido prateado de lantejoulas.

Cabelo loiro.

— Jimmy! — grita Angelo. — Alguém veio ver-te.

Jimmy olha do palco e sorri.

Sondra olha e diz:

— Sou a sargento Sondra, dos… Assuntos Internos.

Todos desatam a rir-se.

Incluindo Jimmy.

— Portaste-te muito mal — continua Sondra, imitando o tom de Marilyn. Tira umas algemas do decote e abana-as com a mão direita. — E, agora, estás detido.

Harold e Wilmer sobem para o palco, agarram Jimmy pelos cotovelos e aproximam-no de Sondra.

— Vira-te! — ordena ela. — Põe as mãos atrás das costas.

— Vais algemar-me? — pergunta Jimmy.

— Para começar…

— Faz o que a senhora te pede — encoraja Angelo.

Jimmy encolhe os ombros.

— Está bem.

Vira-se, põe as mãos atrás das costas e Sondra algema-o.

Angelo verifica se as algemas estão bem fechadas. Depois, inclina Jimmy suavemente por cima do bar, apoia-se ao seu lado e diz:

— Jimmy, tenho de te dizer uma coisa.

As pessoas que trabalhavam na esquadra contaram depois que os gritos de Eva se ouviam fora do edifício.

Talvez fosse verdade, talvez não.

O que se sabe com certeza é que, depois daquela noite, quando falava, já só lhe saía um sussurro rouco da garganta.

Jimmy enlouquece.

Brandindo a cabeça como um maço, afasta Angelo com um golpe, desvia-se para o outro lado e bate a Wilmer. Dá coices como uma mula e derruba um agente de uniforme.

Depois, começa a dar cabeçadas contra o bar.

Uma, duas vezes.

Três.

Com todas as suas forças.

Angelo tenta segurá-lo pelos ombros, mas Jimmy, com a cabeça a jorrar sangue, endireita-se de repente, vira-se e empurra-o contra uma mesa. Voam garrafas e copos e Angelo cai ao chão.

Jimmy vira-se e dá um pontapé no estômago de um polícia.

Vira-se e dá um pontapé no joelho de outro.

Um polícia corre para o agarrar, mas Jimmy dá-lhe uma cabeçada na cana do nariz e o polícia larga-o.

Harold agarra-o por trás, prende-o com os braços e levanta-o. Jimmy prende o pé esquerdo no seu tornozelo e crava o calcanhar direito no sexo do seu colega. Harold não o solta, mas afrouxa os braços o suficiente para que Jimmy estique o braço, encaixe a mão por baixo do queixo e empurre. Qualquer outro teria cedido por medo de que lhe partisse o pescoço, mas Harold é feito de outra massa, tem o pescoço de um touro e aguenta.

— Não quero magoar-te, Jimmy.

Jimmy dá-lhe duas joelhadas nos testículos.

Lá, não há músculos.

Harold larga-o.

Jimmy derruba outra mesa, mais duas cadeiras, atira-se contra a parede, bate-lhe com a cabeça e, depois, com o joelho, deixando uma marca na parede.

Angelo bate-lhe na cabeça com um cassetete emprestado.

Um golpe hábil, certeiro.

Jimmy desliza pela parede, inconsciente.

Entre os quatro, tiram-no do bar e põe-no num carro de patrulha.

Levam-no para a 6ª e prendem-no numa cela.

Embora o capitão Landreau não goste de Jimmy McNabb, também não gosta de ver um dos seus homens sentado no chão de uma cela com as costas coladas à parede.

— Tirem-no daí! — ordena. — Imediatamente.

Abrem a porta. Jimmy levanta-se e sai pelo seu próprio pé.

A equipa está à espera dele, mas Jimmy vê dois agentes de uniforme a olhar para o telemóvel com um ar de horror. Ao ver Jimmy, param e escondem o telemóvel.

— O que se passa? — pergunta. — O que estão a ver?

— É melhor não veres — diz Angelo.

— O que estão a ver? — pergunta Jimmy a um dos agentes, um novato assustado.

O novato não responde.

— Perguntei que merda estão a ver.

O rapaz vira-se para Angelo como se se perguntasse: «O que faço? Foda-se, é o Jimmy

McNabb.»

— Porque olhas para ele? — pergunta Jimmy. — Estou a falar contigo. Dá-me a merda do telemóvel.

— É melhor não veres, Jimmy — insiste Angelo.

— Eu decido isso — replica Jimmy. — Dá-mo de uma vez, merda! — grita para o novato.

O novato dá-lhe o telemóvel.

Jimmy vê a imagem congelada do vídeo e carrega no botão para o ver.

Vê…

Danny aos gritos.

A cadeira a que está preso salta como um coelhinho mecânico.

— Olha como salta! — troça alguém.

— Pega-lhe fogo outra vez — diz outra pessoa.

— Talvez morra — acrescenta outra.

— Não deixem que morra ainda — pede o que falou em segundo lugar.

Um corte no vídeo. Uma pausa e depois…

Danny com a cabeça baixa.

O corpo queimado.

E partido.

Todos os ossos fraturados.

— Gravaste tudo? — pergunta o de antes.

— Vai tornar-se viral — diz outra pessoa, uma nova.

— Grava isto também. Um belo lançamento.

Um taco de basebol, um golpe na cabeça.

Outro corte e depois…

O corpo queimado de Danny em posição fetal. Deitado entre as ervas daninhas e o lixo da margem do rio, com as mãos, queimadas e pretas como garras, perto da cara.

Uma legenda percorre a parte inferior do ecrã:

«Cumprimentos do Oscar.»

Jimmy McNabb sempre pensou que partir o coração era uma metáfora.

Agora, sabe que não.

O seu coração está partido.

E ele também.

* * *

Enterram Danny entre as sepulturas do cemitério de Lafayette Nº 1, no distrito de Garden.

As horas do velório, com o caixão fechado, foram brutais.

Não haverá funeral irlandês. Ninguém tem vontade de se rir e de contar histórias. Não há razão para se rir e a vida de Danny foi tão curta que há poucas histórias para contar. Além disso, John McNabb já está bêbado, como sempre, só que mais furioso, mais amargo, mais estúpido e mais silencioso, se for possível.

Não é nenhum consolo para a esposa e para o outro filho.

Claro que nada pode consolá-los.

Polícias com uniforme de gala e luvas brancas — Jimmy entre eles — levam o caixão até à

sepultura.

Ouve-se a salva de espingardas, a gaita-de-foles toca *Amazing Grace*.

Eva não chora.

Vestida de preto e muito pequena, mais pequena do que de costume, está sentada na cadeira e olha em frente.

Aceita a bandeira dobrada e pousa-a no colo.

Jolene chora: Tremem-lhe os ombros e soluça, abraçada pelos pais.

A gaita-de-foles toca *Danny Boy*.

A casa — uma casa típica de Nova Orleães, estreita e comprida — não fica longe de Annunciation e da Segunda Avenida. À frente, há um jardinzinho de terra e erva espaçada e uma cerca de arame que ladeia a calçada gretada.

Jimmy atravessa a porta e entra na sala de estar.

O seu velho está sentado numa poltrona.

Com o copo na mão esquerda, olha pela janela e nem se apercebe de que Jimmy está ali.

Quase não trocaram uma palavra desde que… Mais ou menos desde os dezoito anos, quando se tornou finalmente maior do que ele. Jimmy empurrou o porco do pai contra a parede da cozinha e disse:

— Se voltares a bater na mãe, mato-te.

Big John riu-se e respondeu:

— Não te preocupes com isso. Se voltar a bater-lhe, será ela a matar-me.

Eva comprara uma *Glock 19* pequenina e dissera ao marido:

— Se voltares a levantar-me a mão, mando-te para o outro lado.

Big John acreditou.

Depois disso, só dá murros nas paredes e nas portas.

Jimmy passa ao seu lado agora, atravessa o quarto dos pais e entra no quarto que partilhava com Danny antes.

Uma dor de merda, estar neste quarto.

Lembra-se de como tapava os ouvidos de Danny quando Big John e Eva discutiam. E Danny dizia:

— O John está outra vez a bater à Eva, não está?

— Não — respondia ele. — Só estão a brincar.

Mas Danny sabia.

Jimmy tentava protegê-lo, como fazia sempre, mas não podia protegê-lo daquilo.

«E também não conseguiste protegê-lo quando mais precisava de ti», pensa, enquanto dá uma olhadela ao quarto: As luvas de basebol velhas, o póster da Jessica Alba com o canto levantado e a fita-cola amarelada a aparecer por trás, a janela por onde Danny e ele fugiam de noite para ir ao parque, onde tinham escondido umas cervejas.

Quando entra na cozinha, Eva está junto da bancada a servir-se de uma chávena de café forte misturado com álcool.

Ao lume, ferve uma panela de *gumbo* de frango.

Antes, Jimmy costumava brincar e dizer que, desde que se lembrava, havia sempre a mesma panela de *gumbo* ao lume e que Eva se limitava a entrar de vez em quando na cozinha para lhe pôr mais água e mais ingredientes.

A mãe trocou o vestido preto por uma blusa azul-escura e umas calças de ganga. Oferece a cafeteira a Jimmy e ele abana a cabeça.

— Uma bebida, então?

— Não.

— Tens de ir visitar a Jolene — diz Eva. — Está devastada.

— Está bem, vou visitá-la.

Eva olha para ele de cima a baixo, uma longa avaliação. Depois, diz:

— Quando eras criança, estavas sempre zangado, Jimmy. E, agora que és um homem, continuas zangado.

Encolhe os ombros.

Ela tem razão.

— Odeias por odiar — acrescenta.

Outra vez o mesmo, pensa Jimmy.

— Tentei tirar-te esse ódio à força de carinho — diz Eva —, mas consumia-te por dentro. Talvez tenha sido por causa do teu pai, por minha causa ou porque é a tua natureza, mas não havia forma de te fazer mudar.

Jimmy não diz nada.

Conhece Eva, sabe que não acabou.

— O Danny não era assim — continua a mãe. — Quando era pequeno, era um querido e continuou a sê-lo quando se tornou um homem. Era o melhor de todos nós.

— Eu sei.

Outro olhar longo, outro escrutínio. Depois, Eva agarra-o pelos pulsos.

— Quero que cedas a tudo o que tentei tirar-te com carinho. Quero que cedas ao teu ódio. Quero que vingues o teu irmão.

Olha para a cara arroxeada e ferida do filho.

Os seus olhos pretos e inchados.

— Vais fazê-lo por mim? — pergunta. — Fá-lo por mim. Pensa no Danny. Pensa no teu maninho.

Jimmy assente em silêncio.

— E mata-os a todos — pede Eva. — Mata todos os que mataram o meu Danny.

— Vou fazê-lo.

Eva solta-lhe os pulsos.

— E magoa-os — acrescenta.

O apartamento é no Bairro Francês, no primeiro andar de um edifício velho de Dauphine Street.

O dono é um traficante de marijuana que está a cumprir oito anos em Avoyelles. Está em Avoyelles e não em Angola porque McNabb falou com o juiz, que lhe devia um favor. Portanto, a equipa dispõe de uma casa de segurança no Bairro Francês, perto das discotecas, dos bares de copos e das enchentes de mulheres que vêm para Nova Orleães para fazer turismo. E aproveitaram-no ao máximo.

Contudo, eram outros tempos, tempos melhores.

Agora, Jimmy está parado no meio da sala de estar.

— No vídeo, ouvem-se quatro vozes — declara. — Uma delas é do Oscar Diaz, está claro. Não identificámos as outras três.

— O miúdo que atiraste ao rio apareceu morto — informa Angelo. — Uma bala na nuca. Portanto, não vamos encontrar ajuda por aí.

— E os outros detidos? — pergunta Jimmy.

— Apunhalaram um em Orleães — diz Wilmer, o hondurenho, referindo-se à prisão central de

Nova Orleães. — Perdeu muito sangue e morreu antes de os guardas chegarem. Os outros saíram sob fiança.

— Deves estar a brincar…

— Desapareceram — insiste Wilmer. — Certamente, têm mais medo do Oscar do que de nós.

— E o Oscar?

— Procurei no Barrio Lempira. — O Barrio Lempira é o maior bairro hondurenho da cidade. — Estive em St. Teresa. Ninguém sabe onde se esconde.

— Ou sabem e não querem denunciá-lo — indica Angelo.

Wilmer abana a cabeça.

— Não. Perguntei a amigos, primos e família. Todos estão zangados com o que aconteceu com o Danny. Esse filho da mãe do Oscar é um recém-chegado. Nem família, nem nada. Ninguém o conhece.

— Alguém tem de o conhecer — afirma Jimmy. — Alguém tem de conhecer alguém que o conheça. Volta para o bairro. Pressiona-os.

— Vai ser quase impossível encontrar esses quatro homens — avisa Harold.

— Não preciso de encontrar os quatro — replica Jimmy. — Só tenho de encontrar o primeiro.

Jimmy e Angelo vão de carro até Metairie, do outro lado da autoestrada 61, em Jefferson Parish.

Um bairro residencial verde e frondoso.

— Antes, não deixavam que os negros comprassem casas aqui — comenta Angelo. — Se vinhas para Metairie, tinhas de limpar sanitas.

— E o que mudou? — pergunta Jimmy.

— O Katrina. As pessoas precisavam de moradias e o mercado não conseguiu resistir.

— Gostarias de viver aqui?

— Foda-se, nem pensar!

— E, então, porque te importas?

— Não me importo — responde Angelo. — Falei por falar.

Segue Northline para Nassau Drive, um arco de mansões com grandes pradarias de relva e piscinas, ladeado pelo clube de golfe.

A casa de telhado vermelho de Charlie Corello fica à frente do sexto *tee*. Angelo estaciona na curva do caminho da entrada, vão a pé até à porta e tocam à campainha. A empregada abre-lhes a porta e leva-os para a piscina, situada num pátio rodeado por um muro.

Corello, com o peito nu, muito moreno e cheio de protetor solar, está sentado a uma mesa de ferro forjado, por baixo de uma sombrinha, a beber chá com gelo e a olhar para o seu portátil. Levanta-se e põe uma mão no ombro de Jimmy.

— Os meus pêsames, Jimmy.

— Obrigado.

Aponta para duas cadeiras.

— Sentem-se. Fico contente por te ver, Angelo. Querem beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Agora, Charlie tem o cabelo — uma rede espessa na cabeça e no peito — branco como a neve e engordou vários quilos desde a última vez que se viram, há quase cinco anos. O avô foi, em tempos, o chefe de Nova Orleães. Da Luisiana, melhor dizendo. Para dizer a verdade, controlava grande parte dos Estados Unidos.

Há quem diga que foi o avô de Charlie que mandou matar o presidente.

A família Corello já não é o que era, mas Charlie continua a ter muita influência em Nova

Orleães. Drogas, prostituição, extorsão, segurança… As franquias típicas da máfia.

Todos pagam para que Charlie continue sentado por baixo de uma sombrinha junto do clube de golfe.

— Como é que está a Eva? — pergunta.

— Como era de esperar.

— Dá-lhe lembranças da minha parte.

— Vou fazê-lo.

— Como posso ajudar-te?

— Fazes negócios com algum hondurenho? — pergunta Jimmy.

— Isto é uma conversa extraoficial? Não tenho de te revistar para verificar se não tens um microfone?

— Tu já me conheces.

Charlie conhece-o, realmente. Jimmy e ele fizeram negócios juntos, nos tempos em que Jimmy era patrulheiro e mais tarde também, quando trabalhava como infiltrado na brigada antidrogas. Jimmy recebia um envelope no Natal e Charlie fazia com que os seus homens não maltratassem as raparigas nem vendessem droga a menores.

Ambos cumpriam a sua parte.

Jimmy não aceitou nenhum envelope desde que está nos Narcóticos e, embora tenha detido alguns colaboradores de Charlie, não quis segui-los até Metairie.

— Compro mercadoria a alguns hondurenhos — responde Charlie —, mas nunca a esse parvalhão do Diaz.

— Então, não sabes como encontrá-lo.

— Vou pedir aos meus homens para estarem atentos. Se descobrirem alguma coisa, serás o primeiro a saber.

— Agradeço-te — diz Jimmy. — Queria avisar-te de uma coisa. Tenciono pressionar os traficantes e, desta vez, vou chegar até ao fim, mesmo que o rasto me leve até Jefferson Parish. *Capisce*, Carlo?

— Não me ameaces, Jimmy — avisa Charlie. — Conhecemo-nos há muito tempo, tu e eu. Os nossos pais já tinham acordos. Vens ter comigo como amigo.

— Como amigo, digo-te que havia quatro homens nessa divisão. E que vou atrás de todos eles.

Charlie bebe um gole de chá e dá uma olhadela ao campo de golfe, onde quatro bêbados dão tombos no sexto *green*.

— Vou arranjar-te um nome — declara, ao fixar novamente o olhar em Jimmy.

Wilmer e Harold entram na casa de jogo clandestino do Barrio Lempira com o distintivo policial à sua frente.

Embora seja pleno dia, há uma dúzia de pessoas acotoveladas no balcão ou sentadas às mesas. A maioria é masculina. Todos são hondurenhos. Nenhum se alegra ao ver a polícia.

— Boa-tarde! — exclama Wilmer. — Isto é uma visita cordial do Departamento de Polícia de Nova Orleães!

Queixas, blasfémias.

Um homem corre para a porta de trás, mas Harold, que é muito ágil, apesar de ser tão grande, agarra-o pela camisa e atira-o contra a parede.

— Esvaziem os bolsos! — ordena Wilmer. — Ponham tudo em cima do balcão ou da mesa! Se encontrar alguma coisa nos vossos bolsos, vou enfiá-la pela vossa garganta ou pelo rabo, conforme me apetecer. *¡Háganlo!*

Os clientes procuram nos bolsos, tiram notas amarrotadas, moedas, chaves, telemóveis, saquinhos de marijuana, comprimidos, uma seringa e uma colherinha.

Harold revista o que agarrou, encontra uma navalha e um saquinho de marijuana, um rolo de notas e um pouco de cristal.

— Ena, ena, o que temos aqui?

— Isso não é meu.

— Sim e é a primeira vez que me dizem isso. — Tira-lhe a carteira do bolso de trás e encontra uma carta de condução. — Se te procurar, Mendez, Mauricio, vou encontrar uma ordem de detenção em vigor? Não me mintas.

— Não.

— Disse para não me mentires.

Atrás do balcão, o dono do bar lança um olhar retorcido a Wilmer. Ele apercebe-se.

— Tu, *cabrón*, estás a olhar de lado? Tens alguma coisa a dizer?

O dono resmunga baixinho: «O teu próprio povo» ou algo do estilo.

Wilmer aproxima-se, agarra-o pela camisa e puxa-o. Quase o deita por cima do balcão.

— Vamos ver se está claro. Vocês não são o meu povo. O meu povo tem trabalho. Está a trabalhar, não a beber num bar de merda a meio da tarde. — Aproxima-se um pouco mais do dono do bar. — Queres dizer-me mais alguma coisa, chefe, ou preferes conservar todos os dentes?

O homem baixa o olhar e fixa-o no balcão.

Wilmer inclina-se e sussurra:

— Todos os dias, *cabrón*, vou voltar todos os dias até estas *cucarachas* deixarem de vir. E o inspetor de saúde e o de proteção contra incêndios também virão diariamente e, com uma nota de vinte, não vais conseguir evitá-los.

— O que queres? Dinheiro?

— Queres que te dê uma bofetada, não é? — replica Wilmer. — Não quero dinheiro, *cabrón*, quero nomes. Quero que me dês o nome de alguém que conheça o Oscar Diaz ou de alguém que conheça alguém que saiba de alguém que o conhece.

Larga o dono e enfrenta um homem jovem sentado num banco.

— Vou revistar-te, *m'ijo*.

— Não sou teu filho.

— E como sabes? — replica Wilmer. — Mexo-me muito. As mãos em cima do balcão.

O jovem põe as mãos em cima do balcão. Wilmer revista-o e encontra um saquinho de marijuana no bolso das calças de ganga.

— O que disse? Eh? O que disse?

Tira erva do saco e aproxima-a da boca do rapaz.

— *Bon appétit*.

O rapaz abana a cabeça e fecha a boca com força.

— Preferes que ta enfie pelo *culo*, então? — pergunta Wilmer. — Porque vou fazê-lo. E, depois, vou levar-te para a esquadra. Agora, come.

O rapaz põe a erva na boca.

Wilmer dirige-se ao resto dos ocupantes do bar.

— Voltem a guardar as chaves e o dinheiro nos bolsos! Vou ficar com o resto. Todos ouviram o que aconteceu a esse polícia jovem. É uma vergonha para o meu povo. Será melhor que alguém venha ver-me com um nome ou ficarão sem sítio onde passar a tarde. Onde quer que estejam, eu estarei!

— O que queres que façamos com este? — pergunta Harold.

— Trá-lo.

Levam o homem para o carro e empurram-no para o banco de trás. Harold procura o seu nome na base de dados e encontra várias ordens de detenção em vigor por infringir a liberdade condicional e posse de drogas com intenção de as vender.

— Não te disse para não me mentires?

— Sim, está bem, tenho algumas ordens de detenção — concede Mauricio.

— Essa é a tua menor preocupação agora — declara Wilmer. — Vamos levar-te a ver o Jimmy McNabb.

Os dois carros estão estacionados num beco de Algiers.

Jimmy tem Mauricio encostado contra o para-choques.

Angelo está sentado no capô, a olhar para o telemóvel de Mauricio.

— Qual é a tua palavra-passe?

— Não tenho de te dizer — queixa-se Mauricio. — Conheço os meus direitos.

— O rapaz conhece os seus direitos, Jimmy.

— Conta-me mais — pede Jimmy a Mauricio.

— O quê?

— Sobre os teus direitos. Fala-me deles.

— Tenho o direito de ficar em silêncio…

— E…

— Tenho o direito de ter um advogado. Se não puder pagar um, vão atribuir-mo.

— Consegues pagar um advogado? — pergunta Jimmy.

— Não.

— Então, vou atribuir-te um: Eu. Como teu advogado, aconselho-te que nos dês a tua palavra-passe ou vou dizer ao Harold para te segurar a mão contra a porta e vou fechá-la com força. Será melhor se aceitares o meu conselho, Mauricio.

— Não farias isso.

— Com que mão te masturbas, Mauricio? — pergunta Angelo. — Seja qual for, dá-lhe a outra, porque vai fazê-lo, podes ter a certeza.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis — diz o jovem.

— A sério? — pergunta Jimmy.

— É fácil de recordar.

— Isso é o que me incomoda nos drogados — queixa-se Jimmy. — Que sejam todos tão lerdos.

— Funciona — diz Angelo e começa a inspecionar o conteúdo do telemóvel. — Pelos vistos, a palavra que este parvalhão do Mauricio usa para se referir à meta é *taquitos*. «Tenho o *dinero*. Vou passar por aí para ir buscar um quarto de *taquitos*.»

— Tenho bastante fome, apetecem-me uns *taquitos* — diz Jimmy. — Mauricio, não te importas que mandemos uma mensagem ao teu traficante para nos encontrarmos com ele, pois não? Isso não violaria os teus direitos?

Mauricio torce o nariz.

— Suponho que não tenha escolha.

— O tipo pergunta se pode ser no sítio de sempre — diz Angelo. — Onde é?

Mauricio não responde.

— Abre a porta do carro! — ordena Jimmy.

Mauricio dá-lhes uma morada em Slidell Street, em Algiers.

— E o nome? — pergunta Jimmy.

Fidel.

Quando vão caminho de Algiers, o telemóvel de Jimmy toca.

— McNabb.

— Não me conheces — diz um homem. — Trabalho para o Charlie. O tipo que procuras chama-se Jose Quintero. Esteve lá.

— Sabes onde posso encontrá-lo?

— Não, lamento muito.

— Agradece ao Charlie da minha parte — pede Jimmy. — Como amigo.

Wilmer bate à porta de Fidel.

— ¿Quién *es?*

— *Es* Mauricio.

Abre-se a porta, mas com a corrente posta.

Harold acaba de a abrir com um pontapé.

Jimmy entra enquanto Fidel tenta levantar-se. Jimmy não deixa. Com um pontapé no queixo, deita-o ao chão e fica inconsciente.

Quando volta a si, Fidel vê Jimmy e Wilmer sentados no sofá, a beber uma cerveja. Angelo está entre ele e a divisão do lado. Harold bloqueia a porta da entrada.

Por cima da mesa baixa, há uma pistola, uma velharia de calibre 25.

— É hora de espevitar — declara Jimmy. — Aqui, há meta suficiente para que te deem entre quinze e trinta anos da prisão. Mas, além disso, Fidel, estás a dois quarteirões de uma escola, portanto, podes ter direito a prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

— Foram vocês que puseram aí a droga!

— Sim, sim, eu experimentaria dizer isso ao júri, para ver o que pensa — troça Jimmy. — Ou podemos ir-nos embora e fingir que nada disto aconteceu.

— O que querem? — pergunta Fidel.

— Jose Quintero.

— Prefiro ir para a prisão.

— Bom, já tinha pensado nisso — replica Jimmy. — Havia a possibilidade de teres mais medo do que o Oscar possa fazer-te, a ti ou à tua família. A pistola que há em cima da mesa já tem as tuas impressões digitais. Posso dar-te um tiro na cabeça e pôr-te a pistola na mão quando estiveres morto.

— Não serias capaz.

— Sou o irmão do Danny McNabb.

Fidel esbugalhou os olhos.

— Vejo que o nome te é familiar — acrescenta Jimmy. — Continuas a pensar que não sou capaz de o fazer?

— Juro que não toquei no seu irmão — diz Fidel. — Só segurei a máquina de filmar.

— Só? — pergunta Jimmy. — Maldito imbecil, nem sequer sabia que estavas lá.

— Juro!

— Bom, se não fizeste mais nada, diz-me onde podemos encontrar o Quintero.

Fidel diz-lhes.

Jimmy agarra na 25 da mesa e dá-lhe um tiro na cabeça.

— Pena, outro ajuste de contas — diz.

Saem da casa.

Menos um.

Jolene vive em Constance Street, na zona de Irish Channel, a uma distância curta do hospital onde trabalha. Sai para abrir a porta de robe, limpando o cabelo com uma toalha.

É a típica *cajun*: Cabelo comprido, preto e lustroso e uns olhos que Jimmy juraria que são de cor violeta.

Está tão bonita como sempre.

— Acabei de sair do duche — indica. — Entra.

Jimmy entra.

A primeira divisão que encontra é uma cozinha pequena.

— A Eva pediu-me para vir ver como estás — declara.

Ela ri-se.

— Como achas que estou? Estou devastada. Destruída. Queres uma bebida ou alguma coisa?

— São dez da manhã.

— Sim, sim, tenho relógio, Jimmy. — Abre o armário por cima do lava-loiça e pega numa garrafa de *Jim Beam*. — Saí do trabalho há duas horas. Esta noite, houve confusão nas urgências. Dois apunhalamentos, um tiroteio, uma menina de dois anos com um traumatismo severo graças ao namorado da mãe… Queres uma bebida ou quê?

— Sim, está bem.

Jolene serve dois dedos de *bourbon* num copo baixo e outros dois para ela num frasco velho de doce. Passa-lhe o dele e senta-se à mesa da cozinha.

Jimmy senta-se à frente dela.

— Achas que o Danny chegou a descobrir o que fizemos? — pergunta Jolene.

— Parámos muito antes de começares a sair com ele.

— Namorados de liceu.

— Fomos? — pergunta Jimmy.

— Não, nem pensar, só queríamos ter sexo — diz Jolene. — E não acabou no liceu, Jimmy.

— Não acho que o Danny soubesse. Se não, não teria…

Para aí.

— Não teria querido pô-la onde o irmão mais velho já a tinha posto? — pergunta ela.

— Foda-se, Jolene.

Ela bebe e, depois, replica:

— O Danny queria ser como tu, sabes? E alegro-me por… por não ser. Terias vindo ao nosso casamento, Jimmy?

— Teria sido o padrinho.

— Terias esperado ao lado do Danny enquanto me dirigia para o altar de braço dado com o meu pai? — pergunta ela. — Ter-me-ias entregado ao teu irmão?

— Sim.

Não teria sido a primeira vez. Jimmy ainda se lembra do dia em que ela e Danny se conheceram, na festa do irmão no Sweeny's. Foi um desses amores à primeira vista. Jimmy viu-o nos olhos de Danny e nos dela. Olhou para ela como se lhe dissesse: «*Olé*, querida, fá-lo. De todos os modos, a nossa relação nunca foi séria.»

— Tu e eu somos uma merda — declara Jolene. — Escória branca de Nova Orleães. O Danny, não. O Danny era melhor.

— Sim.

Acaba a bebida com um gole. Levanta-se da cadeira.

— Fode-me, Jimmy.

— O quê?

Senta-se em cima dele e puxa o cinto do robe, que se abre.

— Que me fodas. Quero que me fodam com raiva.

— Para.

Baixa a mão e abre-lhe a braguilha.

— O que se passa? Não consegues? Agora, sentes-te culpado?

— Vai-te lixar.

— Esse é o meu Jimmy.

Penetra-a de repente.

Sem contemplações.

Pega nela ao colo sem se afastar, apoia-a contra a parede e continua. A mesa sacode-se. O frasco de doce cai ao chão e parte-se.

Jolene agarra-o com força, crava-lhe as unhas e grita ao chegar ao orgasmo.

Jimmy segura-a contra a parede enquanto ela soluça com a cara colada ao seu pescoço.

Quando finalmente a põe no chão, diz:

— Tem cuidado. Estás descalça. Não te cortes nos vidros partidos.

Quando chega à esquadra, Landreau manda-o ir ao seu escritório.

— Senta-te — diz.

— Prefiro estar de pé, obrigado.

— Como queiras… O departamento de Homicídios encontrou um traficante morto em Slidell. Parece um suicídio, mas talvez não tenha sido voluntário.

— Ah…

— Tu não sabes nada sobre isto, pois não? — pergunta Landreau. — Um tal Fidel Mantilla?

— Deve ser um ajuste de contas — sugere Jimmy. — E se deu cabo dele próprio, melhor. Menos um animal.

Menos um animal.

Landreau fica a olhar para a mesa por uns segundos. Depois, pergunta:

— Como estás, Jimmy?

— Bem.

— Por causa da morte do teu irmão, digo.

— Por causa do assassinato do meu irmão, quererás dizer.

— Sim, está bem.

— Estou bem. — Fica a olhar para Landreau, que o observa fixamente.

Sabe que Jimmy matou Mantilla.

Mas também sabe que não pode prová-lo.

— Bom, se descobrires alguma coisa — acrescenta —, avisa os Homicídios.

— Muito bem — acede Jimmy.

Nessa noite, o seu telemóvel toca.

É Angelo.

Têm Quintero.

Jimmy diz-lhe que vai a caminho.

Encontra-se com eles no Barrio Lempira, na fábrica de reciclagem de que um sócio de Charlie Corello é dono, entre as ruas Willow e Erato.

Angelo abre o porta-bagagens do carro.

Quintero está lá dentro, com os pulsos e os tornozelos atados e uma mordaça na boca. É um tipo magro, jovem e com o cabelo comprido e preto.

— Tirem-no daí! — ordena Jimmy.

Harold e Wilmer agarram Quintero, tiram-no do porta-bagagens e põem-no de pé à frente de Jimmy.

— Sou o irmão do Danny McNabb — apresenta-se Jimmy. — Só para que saibas que isto não é uma brincadeira.

Os olhos de Quintero refletem o medo que seria de esperar.

Levam-no de rastos para o fundo do solar, onde há um compactador de lixo junto da cerca, uma máquina grande, feia e verde. Jimmy encontra uma caixa de latas, atira-a para dentro do compactador.

— Olha para isto, Jose.

Carrega no botão da máquina.

O compactador esmaga as latas, aplana-as. Um barulho horripilante, um rangido metálico que dura dez longos segundos.

— Para dentro — diz Jimmy.

Harold e Wilmer põem Quintero, que se retorce, geme e luta, no compactador.

— Sei que estavas presente quando torturaram o Danny — diz Jimmy. — Sei que o Diaz e outro também estavam lá. Mas sei que não deste a ordem, portanto, vou dar-te uma oportunidade. Quero um nome e um lugar.

Tira-lhe a mordaça.

— Não sei onde está o Diaz — diz Quintero.

Começa a chorar.

— Diz-me como se chama o outro! — ordena Jimmy. — É a tua última oportunidade.

— Rico — diz Jose. — Rico Pineda.

— Onde está?

— Não sei.

— Adeus — diz Jimmy.

— Tem uma namorada preta! — grita Quintero. — A Keisha. É bailarina no Golden Door. Na Nona.

— Conhece-lo? — pergunta Jimmy a Angelo.

— Sim.

Jimmy abana a cabeça.

— Sabes? Parece-me que estás a mentir. Não acredito que estivesses lá. Acho que estás a inventar isso para salvar a pele. *Adiós*, Jose.

— Não! — grita Quintero. — Estava lá! Juro-o!

— Prova-o.

Quintero está a hiperventilar, custa-lhe a respirar.

— O teu irmão tinha uma medalha, não era? Uma medalha de um santo.

— De que santo? — pergunta Jimmy.

— São Judas!

— Parece que estás a dizer a verdade, afinal de contas — diz Jimmy. — Pelos vistos, estavas lá.

Carrega no botão da máquina.
Quintero grita.

Jimmy volta a entrar no carro.
Menos dois, pensa.

Sentado junto do bar, Angelo vê Keisha a rebolar no palco.
É linda.
E jovem, dezanove anitos.
Mais jovem do que Rico que, segundo a base de dados, tem trinta e oito e antecedentes penais. Chegou depois do Katrina para trabalhar a engessar paredes e descobriu que era mais lucrativo dedicar-se ao roubo e à extorsão. Saiu em liberdade há apenas um ano, depois de cumprir cinco em Angola e, aparentemente, começou a trabalhar como valentão para Diaz.
Jimmy queria ir atrás dele, mas Angelo convenceu-o do contrário.
— Tu és branco — avisou.
— Não me digas.
— Sim. Um polícia branco num bar de alterne da Nona? Não durarias dois segundos. Deixa-me tratar disto.
Sorri para Keisha, que se aproxima dele sem parar de rebolar e se baixa. Põe-lhe uma nota de cinco dólares na tanga e ela afasta-se a dançar, mas Angelo não desvia o olhar, nem olha para as outras raparigas. Quando acaba a canção, Keisha sai do palco e aproxima-se do seu banco.
— Queres ir para a sala VIP, lindo? — pergunta.
— Quanto me custaria?
— Cinquenta mais a gorjeta, se te fizer feliz.
— Achas que consegues fazer-me feliz? — pergunta Angelo.
— Muitíssimo, se formos para um reservado — afirma Keisha.
— Vamos, então. — Tira três notas de vinte do bolso. — Pago adiantado.
Leva-o para cima, para a sala VIP, fá-lo sentar-se e começa a rebolar em cima dele.
— És muito grande — diz.
— E vou ser ainda maior, querida — declara Angelo. — Falaste de um reservado.
— São outros cem.
Dá-lhe o dinheiro. Ela levanta-se, leva-o para um reservado tapado por uma cortina e faz-lhe gestos para que se aproxime. Angelo segue-a para um quarto e senta-se no banco. Keisha ajoelha-se à frente dele.
Angelo inclina-se, levanta-lhe o queixo e mostra-lhe o distintivo.
— Merda! — exclama ela. — Por favor, não podem deter-me outra vez.
— Não é isso, Keisha.
— Como sabes o meu nome?
— Sei muitas coisas sobre ti. Sei que te detiveram duas vezes, sei que vives na rua Egania e sei que tens um tipo escondido em tua casa, um tal Rico Pineda.
Tenta afastar-se, mas Angelo agarra-a pelo pulso.
— Vamos atrás dele. Se não colaborares, entraremos da pior maneira e acabará morto. Se colaborares, será tudo muito mais fácil e o teu amigo não morrerá.
— Não posso fazer isso. Amo-o.
— Mais do que a tua filha? Porque tens uma menina de três anos a viver com um delinquente. Há drogas nessa casa. Se aparecer lá como a Segurança Social, de certeza que levam a DeAnne e

te tiram a custódia.

— És um filho da puta.

— Sim e nunca te esqueças, menina — declara Angelo. — Se me ajudares, compro-te um bilhete de autocarro para que voltes com a DeAnne para Baton Rouge, para passar uma temporada com a avó. Mas tens de decidir agora mesmo, porque, seja como for, vamos atrás do Rico.

Solta-lhe o pulso.

Jimmy vira-se para olhar para Keisha, que está no banco de trás. São três da manhã e estão estacionados na rua, perto da casinha que arrenda.

— Diz-me outra vez o que vais fazer — pede ele.

— Vou entrar — repete Keisha. — Certamente, estará na cama, no quarto do fundo. Se não, levo-o para lá.

— E…

— Deixo a porta aberta quando entrar.

— Onde é que a DeAnne dorme? — pergunta Angelo.

— No sofá da sala de estar.

— Vamos tentar não a assustar — promete Angelo.

— Vamos dar-te cinco minutos — acrescenta Jimmy. — Depois, entramos.

— Keisha — diz Angelo —, se o avisares e fugir, há alguém à espera nas traseiras. Vai dar-lhe um tiro. E bem podes despedir-te da tua filha, porque não voltarás a vê-la.

— Sim, eu sei.

— Onde costuma guardar a arma? — pergunta Angelo.

— Debaixo da almofada.

— Se tentar agarrá-la, é um homem morto — avisa Jimmy.

— Não vou deixar — declara ela. — Mas…

— O quê? — pergunta Jimmy.

— Não vão magoá-lo, pois não?

— Não — responde Angelo. — Só queremos falar com ele.

Keisha sai do carro.

— Confias nela? — pergunta Jimmy.

— Foda-se, homem, nem sequer confio em ti.

— Lembra-te — declara Jimmy —, quero-o vivo.

Esperam cinco minutos e entram.

A porta está aberta.

Jimmy entra, vê a menina a dormir profundamente no sofá, abraçada a um elefante de peluche cor-de-rosa.

Com a pistola na mão, avança para o quarto do fundo.

Angelo também avança, colado à parede da frente.

Wilmer bloqueia a porta da rua. Harold está lá fora, nas traseiras.

A porta do quarto está entreaberta.

Jimmy abre-a suavemente.

Rico está deitado na cama, nu, um tipo grandalhão, gordo, com o peito e os braços tatuados. Dorme como um presidiário: Acorda com o menor ruído e leva a mão à pistola.

Mas Keisha agarra-a com força.

— Filha da puta!

— Vira-te — diz Jimmy. — As mãos atrás das costas.

Rico obedece sem desviar o olhar de Keisha. Enquanto Jimmy o algema, diz:

— Vou matar-te. E a essa miúda também.

— Cala-te! — ordena Angelo.

Revista as calças de Rico, agarra no telemóvel e, depois, tira a arma a Keisha.

Jimmy e ele levantam-no, agarrando-o pelos braços.

— Posso vestir-me, pelo menos? — pergunta Rico.

— Não vai ser preciso — responde Jimmy.

Levam-no para a sala de estar de rastos.

DeAnne endireitou-se, agarra-se ao elefante enquanto as lágrimas lhe correm pela cara. Está aterrorizada.

— Não faz mal, querida — tranquiliza-a Angelo. — É apenas um pesadelo. Volta a dormir.

Entre Jimmy e Wilmer, levam Rico para o carro. Angelo fica para trás e dá duas notas de cem dólares a Keisha.

— Há um autocarro que sai dentro de uma hora — informa. — Agarra na menina e entra nele.

«Que o dia não te encontre em Nova Orleães.»

— Para onde me levam? — pergunta Rico, quando o põem aos empurrões no banco de trás.

— Para onde levaste o meu irmão — responde Jimmy.

O armazém velho é no rio, em Arabi, quase confinando com Chalmette.

Está abandonado desde o furacão.

Rico tem as mãos algemadas atrás das costas, em torno de um pilar de aço. Olha para Jimmy e pergunta:

— Bom e agora?

— Reconheço a tua voz, do vídeo — declara Jimmy. — Falavas do meu irmão. «Olha como salta», dizias. Parecia-te engraçado.

— E era — replica Rico. — Fartei-me de rir. Sei que vais matar-me, portanto, mata-me. Estás à espera de quê?

Jimmy põe uma soqueira na mão direita e diz:

— Quem quiser ir-se embora, vá. Não o terei em conta.

Ninguém se mexe.

Harold senta-se em cima de um monte de caixas.

Wilmer apoia-se contra outro pilar.

Angelo acende um cigarro.

Jimmy põe outra soqueira na mão esquerda, respira fundo e começa a bater em Rico.

Como se treinasse com um saco de boxe, só que com um ser humano.

Afunda-lhe os punhos nas costelas — o direito, o esquerdo — com força suficiente para as partir. Depois, afasta-se e dá-lhe um murro diretamente no fígado.

Rico uiva.

Jimmy mexe o ombro esquerdo, lança um gancho na maçã do rosto e, depois, um murro no queixo. Depois, esmaga-lhe a cana do nariz com um golpe.

O sangue salpica-lhe a cara, mas ele não nota.

Sua imenso, suspira, afasta-se e volta a esmurrar-lhe as costelas. Vira-se e dá-lhe murros nos rins, fá-lo virar-se outra vez e dá-lhe um golpe feroz nos testículos.

Rico crava o queixo no peito.

O sangue corre-lhe pelas tatuagens.

— Já é suficiente — diz Angelo.

— Não, não é suficiente — contradiz Jimmy, resfolegando. — Nem pensar.

— Precisamos que fale. — Angelo interpõe-se entre Jimmy e Rico. — Diz-nos onde podemos encontrar o Oscar.

— Não podem — replica Rico.

Wilmer levanta-se das caixas.

— Deixa-me experimentar. — Aproxima-se de Rico e diz-lhe ao ouvido, em espanhol: — Esse tipo que está a bater-te, é *El Cadejo*.

El Cadejo é uma lenda do folclore hondurenho a respeito de um cão preto criado por Satanás e de um cão branco criado por Deus.

— O cão preto e o branco estão sempre a lutar dentro dele — prossegue Wilmer. — Agora, o cão preto está a ganhar, o que não é bom para ti. Se quiseres que o cão branco ganhe, diz-nos o que queremos saber.

— Também lutam dentro de mim.

— Eu sei — responde Wilmer. — Fizeste uma coisa muito má e vais morrer por isso. Vais morrer e vais para o inferno. Mas talvez Deus te perdoe, se deixares que o cão branco ganhe.

— Não há nenhum Deus.

— Mais te vale que haja, *mano*. Porque a alternativa é o cão preto.

Rico volta a baixar a cabeça. Geme de dor. Depois, levanta os olhos e diz:

— Que se fodam todos.

— Agora, vão-se embora! — ordena Jimmy.

A equipa sai.

Jimmy dá uma volta pela nave e encontra uma tubagem de ferro de perto de um metro no chão. Agarra-a, pesa-a e volta para ao pé de Rico.

— Partiram todos os ossos do meu irmão antes de o queimar vivo — diz. — Tenho más notícias, Rico. O cão preto ganhou.

Bate-lhe até não conseguir continuar a segurar a tubagem.

Menos três.

Resta um.

— Falou? — pergunta Angelo.

— Não.

Enquanto se afastam no carro, Angelo pergunta:

— Alguma vez pensas se estamos a fazer o correto?

— Não. — Passados uns minutos, Jimmy acrescenta: — Merecem.

— Não me preocupo com eles — declara Angelo —, mas contigo.

— És muito amável.

— Com o que estás a transformar-te — acrescenta Angelo e espera um bom bocado antes de perguntar: — Achas mesmo que o Danny quereria isto?

— Não sei — responde Jimmy. — Não posso perguntar-lhe, pois não? — Percorrem mais alguns quarteirões. Depois, diz: — Quebraram alguma coisa dentro de mim, eu sei. Se queres sair deste comboio, Angelo, só tens de saltar fora. Não vamos deixar de ser amigos por isso.

— Tu não és meu amigo, és meu colega — replica Angelo. — E vou até à última paragem.

«Talvez esta seja a última paragem», pensa Jimmy. «O Rico não falou e já não temos forma de

localizar o Oscar Diaz.

Lixei tudo, perdi a cabeça e, agora, não posso vingar o meu irmão.

Acabou-se.»

Dois agentes de homicídios — Garofalo e Perez — observam o cadáver preso ao pilar. O homem — ou o que resta dele — morreu com uma sova.

Para o dizer de algum modo.

Os ossos dos braços e das pernas atravessam-lhe a carne. A cara, à força de golpes, transformou-se numa espécie de massa de argila.

— Não é o típico ajuste de contas entre traficantes — comenta Garofalo. — Isto é algo pessoal.

Ambos estão a pensar o mesmo.

Jimmy McNabb.

Jimmy bebe sem parar.

Bebe para afogar uma dor que resiste a permanecer submersa. As lembranças de Danny afloram à superfície como esses fragmentos de coisas partidas que se viam pelas ruas depois do furacão.

Danny a cantar a canção que se ouvia do coro da igreja de Gracia e Gloria a entoar um dia que foram por Third Street.

Ambos deitados nas suas respetivas camas, de noite, quando ouviam os golpes que o velho dava contra os móveis ao chegar do trabalho e Danny olhava para ele, assustado, e ele dizia «Calma, não faz mal, eu estou aqui.»

«Vou proteger-te.»

Ou Danny e ele a discutir sobre *po'boys*, que sandes era melhor, se a de vitela ou a de ostras, e Danny a dizer: «As ostras parecem ranho e de certeza que sabem ao mesmo.»

— Claro e tu sabes muito bem a que sabe o ranho, porque o comes sem parar, idiota.

— Pelo menos, como os meus macacos, não os dos outros.

E riam-se sem parar até o refrigerante lhes sair pelo nariz.

Agora, sentado na poltrona, no seu apartamento de Channel, Jimmy olha para as mãos. Estão inchadas e feridas e os nós dos dedos estão roxos.

A dor faz-lhe bem.

Gostaria que fosse pior.

Quer sofrer.

Espalha-se o rumor pelo vestiário.

Dizem que McNabb está a ajustar contas com os que mataram o seu irmão.

— Isso são tolices — diz um agente.

— Sim? — pergunta outro. — Olha. No vídeo, havia quatro tipos. Um deles era o Diaz. Talvez os outros dois fossem o Mantilla e o Pineda.

— Na outra noite, recebemos uma chamada — indica outro. — Alguém ouviu gritos na fábrica de reciclagem que há em Willow.

— Esse é um bairro hondurenho.

Continuam a falar até Angelo entrar.

— Querem dizer alguma coisa, rapazes? — pergunta.

Faz-se o silêncio.

— Não? Não têm nada para dizer?

Não, nada.

— Muito bem — diz Angelo. — Continuem assim.

Continuam assim até pegar nas suas coisas e sair.

* * *

Jimmy acorda ao ouvir que batem à porta.

Continua na poltrona.

Leva a mão à pistola, esconde-a atrás das costas, aproxima-se da porta e abre.

— *Señor* McNabb.

É um tipo de mais de quarenta anos, hispano, de compleição robusta. Bem vestido, com calças de linho beges e camisa azul com o colarinho desabotoado.

— O que quer? — pergunta Jimmy.

— Falar de um assunto, se possível, em privado — replica o desconhecido. — Posso entrar?

Jimmy deixa-o entrar e certifica-se de que vê a pistola.

— Garanto-lhe que isso não vai ser necessário.

— Quem é?

— Não precisa de saber o meu nome.

— E o que sabe sobre o que preciso ou não? — pergunta Jimmy.

— Sei que precisa de saber onde está o Oscar Diaz — declara o homem. — Vim de Culiacán, em Sinaloa, para lhe dar essa informação.

— E porque é que o cartel haveria de fazer isso?

— O Diaz abusou ao assassinar um agente da polícia americano nos Estados Unidos. E de uma forma tão sádica, além disso. Nós gostaríamos de fazer negócios aqui e queríamos fazê-los da maneira normal, com a oposição lógica da polícia, mas sem rancores ou rixas desnecessárias.

— Se tivessem tanta vontade de se livrar do Diaz — indica Jimmy —, fá-lo-iam sozinhos.

— Podemos fazê-lo, se preferir, mas pensávamos que quereria fazê-lo pessoalmente. Nós entendemos estas coisas de *sangre*, da família. E confiamos nas suas capacidades. O Diaz é o último da lista, não é assim? O Mantilla, o Quintero, o Pineda…

— O que querem em troca?

— Como dizia, uma relação normal — indica o mexicano.

— A do costume.

— A do costume.

— Onde está?

O mexicano entrega uma folha de papel com a morada de uma torre de apartamentos de Alfiers Point.

— O Diaz está nas águas-furtadas, com o seu exército. Está assustado e desesperado.

— Mesmo assim, se o apanhar com droga, vou detê-lo — garante Jimmy.

— Não esperava menos, mas dedico-me à gestão, nunca toco na mercadoria. Boa caça, *señor* McNabb. Espero que consiga o seu propósito. O Diaz é um merdas.

Fecha a porta ao sair.

Landreau olha para Hendricks, o chefe de Homicídios, do seu lado da mesa.

— Temos um problema — diz Hendricks.

— E quando não temos?

— Um dos teus homens é suspeito de três homicídios.

— O McNabb.

— Ninguém tem mais vontade do que eu de deter os assassinos da Roxanne Pulaski e do Danny McNabb — garante Hendricks —, mas um polícia dos narcóticos não pode andar por aí a fazer justiça com as suas próprias mãos.

— Tens provas?

— Se as tivesse, o McNabb já estaria preso. Juntamente com o resto da sua equipa.

— Se conseguires prová-lo, podes prendê-los — declara Landreau. — Enquanto isso…

Hendricks levanta-se.

— Somos amigos, Adam. Sempre trabalhámos bem juntos. Só queria avisar-te. O chefe vai reformar-se no ano que vem. Dizem por aí que estás entre os candidatos para o substituir e não gostaria que uma coisa destas…

— Agradeço o teu interesse, Chris.

Hendricks vai-se embora.

Landreau dá um toque a outra das suas equipas e ordena que vigiem McNabb, que não o percam de vista.

A torre de apartamentos de Algiers Point tem dez andares e dá para o rio.

Angelo conseguiu os planos no departamento de urbanismo e a equipa está na casa de segurança a dar-lhe uma olhadela.

Vestíbulo no andar de baixo, sem porteiro, mas com câmaras de segurança.

— O Diaz deve ter monitores no apartamento — comenta Jimmy —, portanto, vai ver-nos a entrar.

Há dois elevadores, mas só o da direita sobe até às águas-furtadas. Para o acionar, é preciso um cartão.

— Conseguimos fazê-lo? — pergunta a Harold.

— Claro, com uma aparafusadora.

O elevador sobe diretamente para as águas-furtadas.

— É bom, quando levas as compras — comenta Angelo.

O outro elevador só sobe até ao nono andar.

— Tem de haver escadas interiores — diz Jimmy —, é obrigatório.

— Aqui estão. — Wilmer aponta para a escada.

Os planos mostram duas escadas que vão desde o terraço até à cave, uma no lado oeste do edifício e outra no este. Também há escadas de emergência exteriores, de modo que têm de escolher entre subir por dentro ou por fora.

— Por fora, seria mais fácil — afirma Angelo. — Podemos subir até às águas-furtadas. Há um terraço.

Com efeito, nas plantas, aparece um terraço que rodeia as águas-furtadas por três dos seus lados, com vistas panorâmicas de Algiers, da cidade e do rio.

— Não tinhas um terraço na Nona? — pergunta Jimmy a Angelo.

— Um «alpendre», era o que lhe chamávamos. Depois do Katrina, também tinha vista para o rio. Vista subaquática.

— O Diaz deve ter o terraço vigiado — indica Wilmer. — Se subirmos pela escada de incêndios, vai ver-nos depressa.

«Todos vão ver-nos, foda-se», pensa Jimmy. Os helicópteros da polícia vão aparecer com as suas câmaras antes de chegarmos ao sexto andar ou haverá algum vizinho amável com um

telemóvel.

E não quer ver esses vídeos no julgamento. Se sobreviverem à rusga, é muito provável que os processem por assassinato.

— Temos de ir por dentro — declara.

O que traz outros problemas. O edifício tem uma taxa de ocupação de noventa por cento, portanto, haverá civis na entrada, no elevador e nos corredores. Não só serão testemunhas do que acontecer, como podem correr perigo e Jimmy não quer «vítimas colaterais».

Seria perfeito se aparecessem lá com uma força conjunta de ativos da DEA, de US Marshals, de SWAT e de polícia local, se isolassem o edifício, desalojassem os civis e os helicópteros depositassem os homens no terraço e ficassem a sobrevoar a zona para os apoiar.

«É o que devíamos fazer», pensa Jimmy.

Landreau não conseguiria encontrar nenhum problema e os outros corpos policiais ficariam contentes por participar na operação. Seria uma manchete no telejornal das dez e o chefe e o presidente da câmara ficariam muito contentes.

O problema é que Landreau quereria pedir uma ordem judicial, o que traria certas questões incómodas sobre como tinham descoberto onde estava Diaz e como tinham conseguido «indícios» de que fora ele que mandara assassinar os dois agentes.

«Bom, senhor juiz, recorri aos meus contactos da máfia e, depois, pus um homem num compactador de lixo e…»

E mesmo que conseguissem fazer com que autorizassem a rusga, o objetivo seria deter Diaz e tirá-lo do edifício à frente das câmaras com os braços ao alto: Outro sucesso das forças policiais. O que quer é que Diaz saia morto do edifício e quer ser ele a matá-lo. E ainda que, certamente, Landreau o deixasse entrar primeiro, não quer arriscar que um francoatirador da SWAT liquide limpamente Diaz com um tiro na cabeça.

Não vai ser limpo nem rápido, nem mais ninguém vai matá-lo, só Jimmy McNabb.

A questão é como consegui-lo.

— Tem de haver um monta-cargas — declara Angelo. — Os ricos precisam sempre que lhes tragam coisas e não querem que os mensageiros sujem o elevador principal. Digamos que o Diaz precisa, sei lá, que lhe tragam um sofá de marca de cinquenta mil dólares…

Encontram o monta-cargas nas plantas, no lado norte do edifício. Sobe até ao terraço e a entrada fica fora das águas-furtadas.

— Também precisará de cartão — avisa Wilmer.

— Isso não é problema — afirma Harold. — Mas vai deixar-nos fora das águas-furtadas. Dá para a porta da cozinha, que deve estar fechada.

— Uma carga de explosivos? — pergunta Jimmy.

— É melhor rebentar a fechadura com um tiro de espingarda — sugere Harold.

— Podemos fazer-nos passar por operários de manutenção do ar condicionado — sugere Jimmy.

Têm os uniformes de outros trabalhos de vigilância e, em Nova Orleães, ninguém nega a entrada a um operário de ar condicionado.

— Com fato-macaco, não verão as armas e podemos vestir os coletes por baixo.

Decidem que Jimmy e Harold subirão no monta-cargas, Harold rebentará a porta e Jimmy entrará primeiro. Wilmer subirá pela escada interior no caso de Diaz tentar fugir por aí e Angelo encarregar-se-á de cobrir a saída de emergência.

— Vão ver-te — avisa Jimmy.

— Um só homem num edifício desse tamanho? — pergunta Angelo. — Talvez não.

— O Diaz terá guardas noutros apartamentos, por todo o edifício — avisa Wilmer. — Vão sair como moscas. E se houver tiros noutros apartamentos, o Diaz estará avisado quando chegarem ao andar de cima.

— Se algum de vocês não quiser vir, entendo perfeitamente — diz Jimmy. — Se entrarmos, não há nenhuma garantia de que vamos sair. E, mesmo que saiamos, vai ser lixado continuar a trabalhar na polícia.

Todos sabem.

Sabem que não há garantias.

Sabem que perderão o trabalho e o distintivo policial e que talvez acabem na prisão.

Que podem acabar em Angola ou numa caixa de pinho.

— Angelo?

— Já sabes o que penso, Jimmy.

— Wilmer?

— É uma questão de honra — declara o hondurenho.

— Harold?

De todos eles, Harold é o mais respeitoso com a lei, o que tem mais probabilidades de querer livrar-se do assunto. Levanta-se, retira um painel do teto e tira um arsenal: Uma *HK MP5K*, uma metralhadora *Steyr*, uma *Glock* de 9 mm, uma espingarda semiautomática *Benelli M-4 Super 90*, um lança-granadas portátil *GS-777* e uma mina antipessoal *M-16*.

Armas tiradas dos *narcos* ao longo dos anos e que não tinham entregado. Guardavam-nas na casa de segurança para o caso de algum dia terem de resolver um assunto aos tiros sem deixar rastos legais. Para o caso de precisarem de um arsenal que o departamento de polícia não podia proporcionar-lhes.

«O Diaz tem um exército?», pensa Jimmy, enquanto observa as evoluções de Harold.

«Muito bem.

Nós somos um exército.»

Vestem uniformes de técnicos de ar condicionado, põem as armas em sacos de desporto e vão para os carros.

Landreau recebe o aviso.

— Estão a sair do Bairro Francês.

— Mantenham-me informado.

É uma daquelas noites…

Uma daquelas noites quentes em Nova Orleães, quentes como uma panela de pressão quando a tampa aguenta com muita dificuldade por cima da panela. Pode rebentar a qualquer momento, explodir e adeus. Só é preciso um olhar de lado, uma palavra mal dita para que alguém atire ou saque a navalha.

É uma daquelas noites em que é melhor manter os olhos fixos no chão, os ouvidos bem abertos e a boca fechada. E, mesmo assim, pode acabar muito mal.

A equipa de Jimmy vai de St. Philip para Decatur e de Decatur para Canal.

De Canal para Tchoupitoulas.

E, depois para a ponte, até ao outro lado do rio.

— Vão para Algiers.

Estacionam em Patterson, a um quarteirão da torre de apartamentos e esperam que Harold regresse.

Demora vinte minutos. Quando regressa ao carro, diz-lhes que não teve problemas para chegar à cave e desligar o ar condicionado.

— Alguém te viu? — pergunta Jimmy.

— As câmaras.

— O Gustafson entrou num edifício e voltou a sair.

— Entrou e saiu, mais nada? — pergunta Landreau.

— Esteve uns quinze minutos lá dentro.

«Mas que merda…?», pensa Landreau.

— Não os percam de vista.

Passam a bola.

Por tradição ou por superstição, não importa a razão: A questão é que é o que fazem.

Passar a bola como estrelas do basebol dentro do campo.

— Estão a jogar basebol.

— O quê? — pergunta Landreau.

— Estão a fazer passes.

Landreau sabe que isso significa que vão entrar.

Jimmy deixa cair a bola.

Para tudo. Ficam imóveis.

Jimmy apanha a bola, põe-na na luva e põe a luva por baixo do braço.

— Merda. *Laissez les bon temps rouler*.

Começam a dirigir-se para o edifício.

Oscar Diaz sua como um porco.

— O que se passa com o *pinche* ar?! — grita.

— Já avisei — responde Jorge.

Jorge é o substituto de Rico. Não é tão duro como ele, mas sabe muito mais sobre tecnologia e isso é uma grande vantagem.

— Liga outra vez!

Não é apenas o facto de o calor ser incómodo, a temperatura pode enervar os seus peixes que são muito sensíveis a qualquer mudança no ambiente.

— Não, já estão aqui — diz Jorge, ao olhar para os monitores. — Três trabalhadores com fato-macaco.

— O McNabb, o Suazo e o Gustafson entraram. O Carter ficou lá fora. Estão vestidos como técnicos de ar condicionado.

Landreau fica a pensar.

— Chefe, quer que os detenhamos?

Landreau não responde logo. «O Jimmy McNabb está prestes a cometer um suicídio, literal ou metaforicamente», pensa «e vai arrastar-me com ele. Se deixar que faça o que quer, acabarei a trabalhar como guarda no centro comercial de alguma vila do Alabama. Isso, se tiver sorte.»

— Esperem.

Liga ao comandante de divisão da 4ª, em Algiers.

— Quero que isolem o edifício — diz. — Ninguém pode entrar ou sair. E nada de sirenes.

— O que…?

— O McNabb vai atrás do assassino do irmão.

Eva vê os pontos de luz intermitente a avançar para Algiers Point.

Parecem todos os carros de patrulha da 4ª.

Ouve as comunicações por rádio. «Isolar o edifício… Ninguém entra ou sai… O homem que matou o Danny… A Roxanne…»

Sente uma pressão no peito e não consegue respirar.

«O Jimmy McNabb…»

Hendricks irrompe no escritório de Landreau.

— Mas que merda estás a fazer?!

— Não te metas nisto.

— Estás a tornar-te cúmplice de assassinato!

— Prende-me.

— Vou mandar os meus homens — avisa Hendricks.

— Os da Quarta não vão deixar-vos passar — avisa Landreau.

— Enlouqueceste! Vou avisar o chefe.

Não é necessário.

O chefe aparece à porta.

— Pode saber-se o que está a acontecer aqui?

Hendricks explica.

O chefe ouve, assente com a cabeça. Depois, diz:

— O sujeito desse edifício matou uma das minhas agentes a sangue-frio e torturou outro colega até à morte. Portanto, vamos fazer o seguinte: O cordão fica onde está, os rádios estragaram-se e tu vais para casa, beber uma cerveja e ver um jogo.

— Tencionas lavar as mãos?!

— Não me faças lavar as tuas também — ameaça o chefe. — Porque, se o fizer, vou usar um sabão muito grosseiro. Espero que nos tenhamos entendido.

O chefe sai do escritório.

O vigia do telhado não acredita no que os olhos veem.

É como se todos os carros da polícia da cidade se dirigissem para ali. Depois, a corrente de carros bifurca-se como a água ao chocar contra uma rocha e forma redemoinhos em torno do edifício.

«Estamos rodeados», pensa o vigia.

Agarra no telefone e liga para baixo.

— Que merda é esta? Como é que não podemos sair? — grita Oscar.

Jorge está farto, não aguenta mais.

— O que não entendes?! Estamos rodeados! Dentro de cinco minutos, vai estar aqui toda a merda da polícia de Nova Orleães!!!

O *bladefin basslet*, muito sensível ao barulho, começa a mexer-se como uma seta pelo aquário.

O anjo-rainha refugia-se na sua gruta.

— Não tenciono ir para a prisão — avisa Oscar. — Já estive na prisão, nas Honduras, e não foi agradável. Avisa os rapazes. Vamos enfrentá-los. Viste *O Preço do Poder*?

«Sim, vi essa merda de filme», pensa Jorge.

— Foda-se, Oscar, é um filme!

— Liga, digo-te! Que disparem para matar!

Jorge faz a chamada. Ou as chamadas, no plural, porque têm pessoas no quarto andar, no sexto e um esquadrão inteiro no nono.

Oscar arranca as almofadas do sofá *Henredon* cinzento e pega numa *AK-47*. Não tenciona desistir facilmente.

Então, volta a ligar o vigia de cima.

— O que foi?! — grita Jorge.

— Não vão entrar — avisa o vigia.

— Mas que merda?

— Não vão entrar — repete o vigia. — Ficaram à volta dos carros, a olhar para o outro lado.

Oscar sai para o terraço.

Vê os carros de patrulha em redor do edifício.

«Que merda estão a fazer?», questiona-se.

Porque ficam ali?

Jimmy entra no monta-cargas.

Harold tira uma aparafusadora a pilhas da sua caixa de ferramentas e abre o painel do elevador. Dá uma olhadela ao interior, corta um cabo e toca noutro como se fizesse uma ligação direta num carro.

Jimmy carrega no botão das águas-furtadas e o elevador começa a andar.

Jorge lembra-se dos técnicos do ar condicionado. Aproxima-se do monitor, escolhe a câmara do monta-cargas e vê os dois operários e o painel desmantelado.

— Oscar, vem ver isto.

Diaz aproxima-se e observa.

Vê um homem que se parece muito com o polícia que fizeram saltar como um coelho mecânico.

Jimmy McNabb.

Agora, entende.

Jorge já está ao telefone.

A porta do elevador abre-se suavemente no quarto andar.

Harold tem a espingarda apoiada na anca.

Com um tiro, atira o pistoleiro contra a parede.

A porta fecha-se.

— Subindo — diz Jimmy.

Wilmer começa a subir pela escada, com a *Steyr* ao alto.

Nos três primeiros lances está tudo calmo, mas Wilmer ouve uma porta a abrir-se mais acima, no quarto andar.

Passos no patamar.

Dá mais alguns passos. Depois, pergunta:

— ¿*Está bien* Oscar? O Oscar está bem?

Um tipo aparece no patamar com uma *Glock* de 9 mm na mão.

Wilmer é o primeiro a disparar.

E o último.

Angelo está na escada de incêndios.

Quando ouve os tiros da *Steyr* dentro do edifício, compreende que começou o evento.

A cena que se desenvolve lá fora é alucinante. Ao ver o cordão de carros de patrulha, pensara que iam estragar-lhes a festa, mas, depois, os agentes ficaram onde estavam, sentados dentro dos seus carros ou de pé, lá fora. Alguns habitantes do edifício, receando que se preparasse algo grande, começaram a sair e os polícias acompanharam-nos para fora do cordão.

Mas ninguém entra.

Vão deixar que Jimmy faça o que foi fazer.

Angelo continua a subir.

Está no sexto andar quando disparam.

O elevador volta a abrir-se no sexto andar.

O guarda de Oscar não vê ninguém lá dentro, portanto, espreita.

Jimmy mata-o com um tiro.

A porta choca contra o cadáver ao fechar-se.

Jimmy afasta-o aos pontapés e a porta fecha-se.

O barulho é ensurdecedor.

Os tiros ecoam na escada, desde o sexto andar. Wilmer está no chão, de barriga para baixo. Arrasta-se como uma larva.

Não tem para onde ir, só para cima.

Dispara, arrasta-se, dispara. Aponta para as paredes para que as balas ricocheteiem e dobrem a esquina.

Parece boa ideia, porque os tiros cessam.

Angelo jaz em posição fetal, aninhando-se contra o corrimão da escada de incêndios.

O *narco* sai pela janela para lhe dar o tiro de graça.

Angelo dispara por baixo do braço e mata-o.

Depois, levanta-se e continua a subir, agradecendo a Deus e a Jimmy por ter feito com que vestisse o colete.

No sétimo andar, o elevador não se abre.

Jimmy e Harold saem no oitavo.

Chegaram à conclusão de que o elevador era um caixão vertical em movimento para duas pessoas.

De modo que, ao chegar ao nono andar, a porta começa a abrir-se e os rapazes de Oscar enchem-no de balas com as suas *AK* e as suas *MAC*, mas não veem nenhum corpo humano.

O que veem é uma mina *M-16* de fragmentação que rebenta nesse instante, atirando sobre eles vários milhares de fragmentos de metralha.

Wilmer está preso entre o oitavo e o nono.

Acertaram-lhe duas vezes no colete e uma na mão esquerda e é só uma questão de tempo — e não muito — até lhe acertarem na cabeça. Os canalhas provocam-no, além disso, gritam: ¡Vamos, *sube, cabrón!* ¡¿Por *qué no subes?*

Então, ouve outra voz. A de Jimmy.

— Wilmer! Estás aí?! Desce um andar! Vamos!

Rebola pela escada, deixando um rasto de sangue atrás dele. Ouve Jimmy a gritar:

— Cobre-te!

Tapa a cabeça com os braços.

De pé na entrada do nono andar, Harold apoia o lança-granadas no ombro. Aponta para baixo na escada e aperta o gatilho.

A explosão é horrenda, mas os tiros cessam.

Ouvem-se gemidos, nenhum grito.

— Wilmer! Estás bem?! — grita Jimmy.

Wilmer não ouve nada.

Apenas um assobio ensurdecedor.

Levanta-se e passa por cima de um monte de cadáveres, a caminho do nono andar. As escadas escorregam, cheias de sangue e de outras coisas.

Jimmy e Harold puxam-no e fazem-no atravessar a porta.

— Estás ferido — observa Jimmy.

— Escadas ou elevador? — pergunta Wilmer.

— Não acho que o elevador funcione. Fica nas escadas e, se alguém descer, dispara.

— Quero…

— Eu sei — diz Jimmy. — Mas fica nas escadas.

Harold e ele começam a subir para as águas-furtadas.

Os rádios estão em silêncio, mas o posto telefónico de Eva pisca como uma árvore de Natal cheia de cocaína. Cidadãos que ligam preocupados. Tiros… Uma explosão… Gritos… O que se passa? Outra explosão.

E Eva deseja com toda a sua alma não ter mandado Jimmy para esta missão, para esta cruzada.

«Não lhe chegava ter perdido um filho?», pensa. Tinha de mandar outro para a morte?

A mãe, que era jogadora, ensinara-lhe desde criança que o azar não se remedeia aumentando a aposta. O que está perdido nunca se recupera.

Eva para de atender as chamadas e começa a rezar.

«Por favor, meu Deus, por favor, Virgem Santa, por favor, São Judas, padroeiro das causas perdidas, por favor, devolvam-me o meu filho a salvo.»

As explosões sacudiram Oscar, literalmente.

As paredes tremeram, um *tsunami* em miniatura sacudiu o aquário e o mero neptuno, aterrorizado, dá voltas como um louco.

Jorge não está muito atrás. Vê as imagens do monitor — os restos dos seus homens espalhados pelas paredes, pedaços de carne que caem do teto, como substituições soltas de um corpo humano, e diz:

— Vou entregar-me.

— E uma merda! — exclama Oscar.

— Uma merda para ti.

Dirige-se para a porta. Oscar dá-lhe tiros nas costas, meio carregador de uma vez. Depois, olha para os outros oito homens que se reuniram nas águas-furtadas para o último assalto.

— Mais alguém quer entregar-se?

Não, ninguém.

— Nós somos nove e eles são quatro — diz. — Só há três formas de entrar aqui. Tratamos desses *pendejos* aqui em cima, descemos para a cave e vamo-nos embora o mais depressa possível. Ainda não está tudo perdido. Dividam-se, cubram a porta da entrada, a de trás e a do terraço.

Para no meio da sala de estar.

«Se Jimmy McNabb vier atrás de mim, terá de os enfrentar primeiro.»

Dois deles, não.

Os dois *narcos* que cobrem o terraço decidem descer pela escada de incêndios, esperar até Oscar não os ver, levantar as mãos e arriscar-se a entregar-se à polícia.

Encontram Angelo no oitavo andar.

Disparam todos ao mesmo tempo.

Harold para ao lado da porta traseira e aponta a espingarda para a fechadura, num ângulo de quarenta e cinco graus.

Jimmy encosta-se à parede, do lado da fechadura, pronto para entrar.

Sempre o primeiro a entrar, não é?

Harold rebenta a fechadura com um tiro e salta para trás.

A porta abre-se.

De dentro, vem uma chuva de tiros.

Desta vez, Jimmy não entra primeiro.

Manda umas granadas à frente.

Dois lançamentos certeiros através da porta.

Primeiro, uma granada atordoante para os deixar cegos.

Depois, uma de fragmentação para acabar com eles.

Então, entra.

Eva costumava dizer, quando os meninos deixavam a cozinha desarrumada, que parecia que tinha passado um furacão.

O furacão atingiu totalmente esta cozinha.

Os azulejos salpicados de sangue.

O frigorífico de aço inoxidável manchado.

A porta do forno a cair de uma dobradiça, retorcida, como um queixo partido.

Três mortos ou quase. Dois no chão, um deles apoiado na bancada. Um sobrevivente esconde-se atrás de uma mesa de madeira maciça, no meio do chão. Levanta-se para disparar para Jimmy, falha e acerta em Harold.

Na testa.

O homem perde a força nas pernas, cai com a cara na mesa e escorrega, morrendo pelo caminho.

A vingança tem sempre um preço.

Jimmy vira-se, esmaga o crânio do narcotraficante com a culatra da *HK* e atravessa a cozinha. Harold morreu e já não pode fazer nada por ele, exceto chorá-lo depois.

Agora, não há tempo para a tristeza nem para o arrependimento.

Isso é para depois, depois.

Apoia a *HK* no ombro e dispara até esvaziar o carregador.

Angelo limpa o sangue dos olhos.

As feridas da cabeça sangram imenso.

Uma bala arranhou-lhe a testa e abriu-lhe um sulco profundo na pele. Vai ficar com uma cicatriz muito feia, mas está vivo, não como o tipo que lhe deu o tiro e o seu colega que, agora, pendem do corrimão da escada de incêndios como roupa estendida num subúrbio.

Enjoado e atordoado com o golpe na cabeça, Angelo continua a subir.

Ficar na escada?

Nem pensar, Wilmer não fica na merda da escada.

Qué carajo.

Independentemente do que Jimmy disser.

Branco ou preto, não deixa de ser um cão.

Com a pistola na mão boa (a esquerda), sobe até à entrada das águas-furtadas.

Vê a porta aberta.

Ouve os tiros e entra.

Jimmy vira-se.

Não devia haver ninguém atrás dele.

Dispara.

Não acerta na cabeça de Wilmer por alguns centímetros.

Wilmer sorri, aliviado.

Então, uma bala acerta-lhe no pescoço, outra na boca e uma terceira entre os olhos e, assim, sem mais nem menos, Wilmer abandona este mundo.

Jimmy vira-se e dispara.

O atirador estrebucha e cai.

Não há tempo para o arrependimento nem para a tristeza.

Depois, depois, depois.

Jimmy entra na sala de estar.

Dispara à altura da anca, da direita para a esquerda, enchendo a divisão: Cadeiras, sofás, mesas, janelas, um aquário… Trezentos e sessenta litros de água entornam-se, os peixes retorcem-se no tapete.

Quando esvazia o carregador, deixa cair a *HK*, pega na *Glock* de 9 mm e estuda a divisão.

Onde está Oscar?

Deitado atrás do sofá, Oscar vê o seu precioso anjo-rainha a morrer, cujas bonitas escamas azuis cintilam.

Está ultrajado.

Quer levantar-se e fulminar o homem que matou os seus peixes e lhe destruiu a vida. Isso é o que quer, mas Oscar Diaz é um covarde, de modo que o que faz é arrastar-se de barriga para

baixo para o terraço.

Jimmy vê-o no instante em que está a atravessar a porta destruída.

Aproxima-se e põe-lhe um pé nos rins.

— Onde vais, Oscar? — Jimmy McNabb é um gigante e o seu pé pesa. Levanta-o e volta a pisar a coluna de Oscar várias vezes, como se quisesse parti-la. — Não, amigo, tu e eu temos um encontro. Tínhamos combinado.

Pisa-lhe as costas, as pernas, os tornozelos e os pés.

— Isto é pelo Danny. Pelo meu irmão. Pela minha mãe. Pelo meu velho.

A voz de Eva…

«Quero que cedas a tudo o que tentei tirar-te com carinho. Quero que cedas ao teu ódio. Quero que vingues o teu irmão.»

Oscar geme de dor. Ainda segura a *AK*, mas Jimmy pisa-lhe os dedos, partindo alguns, torcendo-os e magoando outros. Enquanto lhe pisa a mão, com a outra perna, dá-lhe um pontapé na cara.

«Vais fazê-lo por mim? Fá-lo por mim. Pensa no Danny. Pensa no teu maninho.»

Jimmy dá-lhe um pontapé na boca, parte-lhe os dentes.

«E mata-os a todos. Mata todos os que mataram o meu Danny.»

Pisa-lhe o crânio.

«Vou fazê-lo.»

Dá-lhe um pontapé na têmpora.

«E magoa-os.»

Para de lhe dar pontapés.

— Isto não acabou, Oscar. Vais estar consciente, vais continuar acordado. Vou pegar-te fogo e vou atirar-te para a sarjeta como o que és: Lixo. Vou queimar-te como queimaste…

Um golpe direto na nuca empurra-o para a frente, afastando-o de Oscar. Depois, um braço rodeia-lhe o pescoço e outro segura-o por trás. Entre os dois, oprimem-lhe a garganta como uma tenaz.

O tipo que estava caído por cima da bancada da cozinha.

Jimmy não consegue respirar.

Está prestes a desmaiar.

Larga a pistola, dá um golpe para trás e crava os dedos nos olhos do seu adversário. O homem afrouxa os braços o suficiente para que Jimmy respire e ponha uma mão dentro da tenaz formada pelos braços do narcotraficante. Consegue aliviar a pressão na sua artéria carótida enquanto se precipita, cambaleando para a beira do terraço.

O tipo chega-se para trás com todas as suas forças, tentando partir-lhe o pescoço, mas Jimmy agarra-lhe um dedo com a mão esquerda e parte-lho. O homem grita, Jimmy vira-se, ainda ofegante. Vira-se de frente para ele e levanta-o. Atira-o por cima do muro e o homem esperneia, abanando os braços, grita no ar enquanto cai do topo do edifício.

Jimmy ofega, tentando recuperar a respiração.

Com os olhos cheios de lágrimas, vê Oscar de pé a avançar aos tropeções para a escada de incêndio, mas Angelo interpõe-se no seu caminho, aparece no topo da escada com a cara ensanguentada e as pernas trémulas.

Oscar dispara.

A bala acerta por baixo do colete de Angelo, na coxa, e a artéria femoral abre-se como uma mangueira. Oscar passa por cima dele e alcança a escada e, agora, Jimmy tem de escolher.

Matar Oscar ou salvar Angelo.

— Vai atrás dele! — grita Angelo.

Jimmy baixa-se ao seu lado.

— Vai atrás dele — repete Angelo, num tom mais fraco.

— Não. Fico contigo.

Pressiona com força a ferida para parar a hemorragia. Com a outra mão, procura entre a roupa em busca do telemóvel e liga para a esquadra.

* * *

Eva ouve:

— Um agente ferido. Morgan Avenue, 2203, Algiers, nas águas-furtadas. Mandem uma ambulância.

Manda uma ambulância e, depois, dá graças a Deus.

— Calma, estou aqui — diz Jimmy. — Aguenta, vais sair desta.

— Vai fugir.

— Não quero saber disso, merda.

Porque, às vezes, estamos quebrados, tão quebrados que não nos conhecemos e, depois, de repente, voltamos a nós e somos mais fortes do que antes, tão fortes que agarramos em toda essa raiva e esse ódio e tapamos a hemorragia.

Tornamo-nos mais forte nas partes fraturadas.

Oscar consegue descer pela escada de incêndios.

Com os pés magoados e partidos, balança, saltando para o rio.

A noite de Nova Orleães ilumina-se quando cinquenta e oito polícias disparam.

Jimmy McNabb fica no terraço enquanto o pessoal de emergências põe Angelo na maca.

Dizem que, certamente, sairá desta.

Não como Harold, nem como Wilmer.

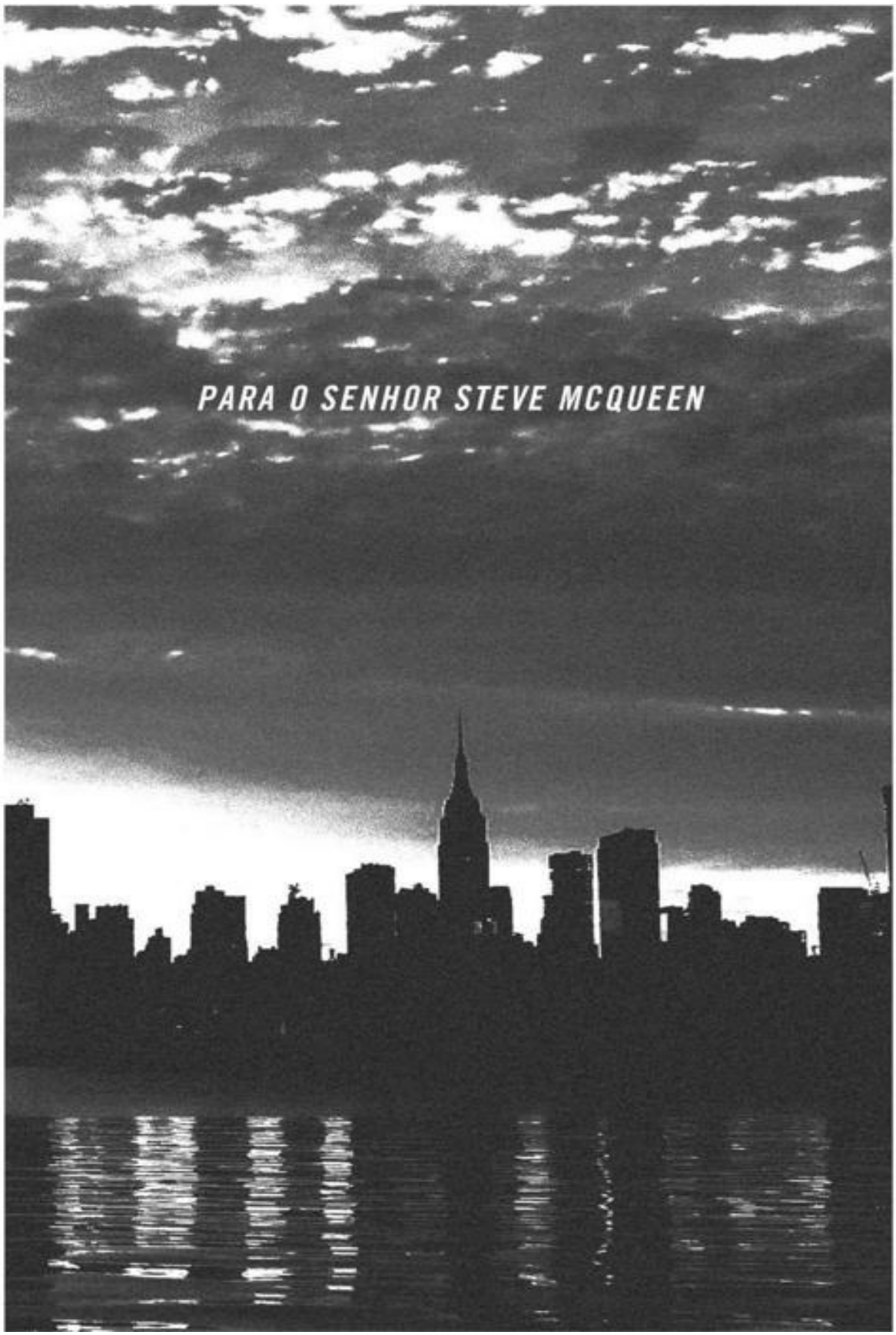
Eles morreram, como Danny, e Jimmy não sabe se valeu a pena. Vira-se e observa a cidade.

Até com luz da lua se vê a sujidade do rio.

Eva não precisa que lhe digam que o mundo está quebrado.

Conhece a vida, conhece o mundo.

Sabe que, independentemente do que se fizer, se sai quebrado.


PARA O SENHOR STEVE MCQUEEN

CRIME 101

Crime 101: Mantenha as coisas simples.

• • •

A estrada 101.

A Pacific Coast Highway.

A PCH, para abreviar.

Encostada à costa da Califórnia como uma fileira de gemas a um pescoço elegante.

Davis ama esta estrada como um homem ama uma mulher.

Poderia percorrê-la dia e noite, a todas as horas.

• • •

Vai sentado ao volante de um *Mustang Shelby* GT500 preto, com *aileron* traseiro, *flap* Gurney, 558 cavalos de potência e motor de 691 NM.

Regra básica do crime: Se tiver de fugir, que seja depressa.

Dirige-se para o norte por uma faixa costeira enquanto o sol se põe por cima do oceano como uma laranja vermelha cativa entre as nuvens.

À sua esquerda, as ondas quebram na praia de Torrey Pines. À sua direita, as vias do comboio atravessam o riacho de Los Penasquitos e a estrada de Carmel Valley percorre o promontório que ladeia a margem norte da lagoa, onde há uma velha oficina mecânica com as melhores vistas do litoral e uma pizaria que existe desde que Davis se lembra.

A estrada 101, como uma mulher volúvel, muda de nome com frequência. Agora, é North Torrey Pines Road e, uns metros mais à frente, é South Camino del Mar.

Para Davis, é sempre a 101.

Seguindo um *Mercedes* 500 SL branco pela ladeira, entra na vila Del Mar.

Viu Ben Haddad a sair da loja de La Jolla com uma mala na mão.

Vira-o a sair dezenas de vezes da loja de Sam Kassem e, mesmo assim, olhou para o *iPad* que tinha apoiado no colo: As fotografias de Haddad tiradas na exposição anual de ourivesaria de Las Vegas. Davis tem fotografias de Haddad na exposição de Las Vegas, na de Tucson e na «Feira das Gemas» em Del Mar.

Na última, Haddad aparece sentado numa cadeira do restaurante Red Tracton’s com Kassem e as esposas de ambos. Sorriem para a máquina fotográfica, levantando os seus copos de *Martíni*.

A fotografia foi publicada na página de Internet da feira.

Davis sabe que Haddad tem sessenta e quatro anos, que é casado e que tem três filhas, a mais

nova das quais está no primeiro ano de curso na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Sabe que gosta de basebol, que joga golfe principalmente para fazer vida social e que não deixou de fumar, apesar dos avisos do médico e da esposa. Sabe que tem seguro contra tudo e que nunca tem armas.

Agora, Davis deixa que alguns carros se interponham entre o *Mercedes* e ele, no caso de Haddad ter um «carro de seguimento». Seria a primeira vez, mas nunca se sabe. Além disso, não é preciso ir colado ao *Mercedes*: Sabe para onde se dirige.

Viu a mensagem de correio eletrónico que Kassem trocou com John Houghton, o dono de uma ourivesaria de Del Mar: Ben dirige-se para lá.

O *Mercedes* vira à direita, para a ourivesaria de Houghton.

Depois, Haddad faz o que costuma fazer, o que acha que um mensageiro que transporta joias deve fazer sempre, por prudência: Em vez de estacionar à frente, na rua, entra no pequeno estacionamento das traseiras.

Davis conhece a rotina porque, entre os representantes e comerciantes de alta ourivesaria, é conhecido que os grupos de assaltantes vigiam a fachada dos estabelecimentos. É por isso que estaciona nas traseiras e liga para Houghton para dizer que vai entrar, para que Houghton lhe abra a porta da frente.

É uma anomalia, os interesses contrapostos de comerciantes e ourives: O comerciante quer proteger a mercadoria e o ourives, a loja. O ouvires guarda a mercadoria mais valiosa nas traseiras da loja, afastada da parte da frente do estabelecimento e guardada a boa cobrança. Nas traseiras da loja, também está o cofre.

No caso de um grupo de assaltantes ter seguido o comerciante (ou um comercial que esteja a fazer a sua ronda de visitas), o dono da ourivesaria não quer deixá-lo entrar pela porta traseira, por onde os ladrões podiam aproveitar e levar os artigos mais caros ou obrigá-lo a abrir o cofre.

Daí que o comerciante estacione nas traseiras e, depois, vá a pé até à entrada da frente.

Esse é o filão.

A greta.

O ponto fraco que Davis procura sempre.

E, se não acontecer, não o faz.

Isso é uma regra básica do crime.

Isso e o cigarro.

Davis ouve o que Haddad diz a Houghton ao telefone. «Vou fumar um cigarro e já entro.»

Porque levou o carro familiar e não quer que Diana sinta o cheiro a tabaco e faça uma cena. E, a não ser que Diana tenha ido a alguma reunião do clube ou uma coisa dessas, este é o último cigarro que vai fumar hoje, porque esta é a última paragem do seu percurso.

Portanto, o que é que Haddad faz?

O que faz sempre…

Dá um toque a Houghton para o avisar de que já está lá e vai fumar um cigarrinho.

Contudo, só o leva algumas vezes à boca, não vai fumá-lo todo, portanto, Davis só disporá de um minuto antes de Houghton começar a questionar-se porque o comerciante demora tanto e sair para ver o que se passa. Houghton também tem seguro contra tudo, mas, ao contrário de Haddad, tem uma arma: Uma *EAA Witness* de 10 milímetros.

Um minuto, no entanto, é tempo suficiente.

Regra básica do crime: Se não conseguir fazê-lo depressa, não o faça.

Haddad sai do carro, acende o cigarro, leva-o algumas vezes à boca e pisa a beata.

Davis carrega no acelerador.

Agarra na pistola *SIG Sauer* modelo P239 que tem na consola central e segura-a com a mão direita enquanto vira o volante com a esquerda.

Vai contando os segundos na sua mente enquanto entra no estacionamento e sai do carro. Vestiu-se de preto: Camisola leve preta, calças de ganga pretas, sapatos pretos, luvas pretas e boné preto sem emblemas ou logótipos.

Segura a pistola por baixo da cintura e aproxima-se de Haddad por trás enquanto está a esmagar a beata na calçada. Aponta para trás da orelha e diz:

— Não olhes para trás.

Sem se virar, Haddad passa-lhe a mala de amostras.

— Pega nela e vai-te embora — diz.

Seguro contra tudo.

Não vale a pena.

Agarra na mala e vai com Deus.

Só que Davis diz:

— As bagatelas da mala não me interessam, Ben. Interessa-me o «género» que tens nos tornozelos. Os papéis.

Haddad hesita. É aqui que tudo pode correr mal. Que a brincadeira pode passar de oito anos a prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

Contudo, Davis não vai permitir que as coisas corram mal.

— Quero que voltes para casa para estares com a Diana — declara. — E quero que leves a Leah ao altar dentro de… Quanto? Três semanas?

Haddad também quer acompanhar a filha ao altar. Baixa-se, tira o velcro das capas que tem presas nos tornozelos e passa-as a Davis por cima do ombro.

— O telemóvel! — ordena Davis.

Só conseguirá ganhar uns segundos, mas esses segundos podem ser cruciais.

Haddad passa-lhe o telemóvel. Davis extrai a bateria, atira-a para entre os arbustos das traseiras do estacionamento e devolve-lhe o telemóvel. Não vai deixá-lo sem os seus contactos e as suas fotografias familiares. Não tem de ser imbecil.

— Se te virares — avisa —, ponho-te uma bala nos miolos. Não sei quanto a ti, mas eu não arriscaria isso por uma companhia de seguros.

Haddad não se vira.

Davis volta para o carro e arranca.

Tempo decorrido: 47 segundos.

Percorre apenas três quarteirões no sentido norte e, depois, entra no estacionamento subterrâneo de uma urbanização de apartamentos de férias. O seu lugar é o 182. Arrendou-o por um mês e tem dois lugares.

No outro lugar, há um *Camaro* ZL1 prateado.

Motor V-8 de 6,2 litros.

Com compressor Eaton de quatro tempos e suspensão eletromagnética.

O estacionamento está meio cheio.

Como de costume, Davis vê carros, mas não pessoas.

Sai, retira rapidamente as matrículas roubadas do *Mustang* e substitui-as pelas verdadeiras. Tira os documentos das capas, guarda-os no bolso do casaco e atira as capas para o lixo. Depois, tira a *SIG* do *Mustang*, entra no *Camaro* e volta para a 101.

Se estão à procura do carro do assalto, procurarão um *Mustang* preto que, agora, está literalmente escondido. E vazio, sem nada que o vincule a ele.

Mesmo que encontrassem o carro, não descobririam nada.

Comprou-o a dinheiro e registou-o com nome falso. A única coisa que encontrariam seria uma caixa postal em San Luis Obispo onde não tenciona voltar.

Perderia o carro, claro, mas, mesmo assim, sairia a ganhar.

De todos os modos, na prisão, não pode conduzir-se.

Segue pela 101 em direção norte.

Atravessa Del Mar e deixa para trás o hipódromo.

Deixa para trás o letreiro de néon cor-de-rosa que proclama Solana Beach junto de Fletcher Cove, o bar Tidewater, a pizaria Port, a loja de surfe de Mitch e o concessionário de motas Moreland. Desce a ladeira até ao trecho comprido de praia de Cardiff e, depois, sobe, atravessa Swami's e Encinitas, passa junto de Moonlight Beach, deixa para trás o velho teatro La Paloma, passa por baixo do cartaz arqueado por cima da 101 e que anuncia Encinitas.

Depois, segue em paralelo às vias do comboio e aos eucaliptos da buliçosa Leucadia, chega à antiquada Carlsbad, passa junto da central elétrica cuja velha chaminé evoca ecos de Springsteen e William Blake.

Segue a 101 tão longe como pode e, depois, vira para o este em Oceanside Alameda e segue a 5 Norte para atravessar Camp Pendleton, a base de Corpo de Marines que obstrui a artéria principal como uma rolha. Deixa a 5 assim que pode, perto de Los Cristianitos, em San Clemente, atravessa a ziguezaguear a antiga vila de surfe, desce por Capistrano Beach e volta a subir, atravessando Dana Point, Laguna Niguel e South Laguna até entrar finalmente em Laguna Beach.

Nunca se cansa deste caminho, do oceano constante e sempre cambiante, dos pontos de referência das paisagens, os seus deuses do lugar.

Vira para o estacionamento de outro complexo de apartamentos, na margem direita da 101, com vista para Main Beach e para o Museu de Arte de Laguna.

Carrega no botão colado à pala do carro, abre-se a porta metálica e Davis atravessa o estacionamento subterrâneo até aos dois lugares que lhe atribuíram, assinalados na parede com o número 4.

Ao seu lado, há um *Dodge Challenger* SRT-8 de 2011, preto.

Motor Hemi V-8.

Com *aileron* na frente e sistema de distribuição variável.

Davis gosta de carros americanos, rápidos e potentes.

Sai do *Camaro*, dirige-se para o elevador estreito, sobe até ao segundo andar e entra no apartamento 4.

É o apartamento típico: Um espaço diáfano com cozinha americana e bancada de pequeno-almoço de um lado e sala de estar com portas de vidro que dão para um terraço com uma mesa, cadeiras e uma churrasqueira a gás. Pelo lado sul, seguindo o corredor, há um quarto de hóspedes, duas casas de banho e um quarto maior com vista para o oceano.

Se comprasse o apartamento, custar-lhe-ia mais de um milhão de dólares.

Mas Davis não compra, não é dono de nenhuma das suas casas.

Arrenda.

Apartamentos de férias mobilados, prontos para usar. Têm de tudo: Televisão, aparelhagem, panelas e frigideiras, pratos, copos, chávenas, cafeteira, torradeira, talheres, toalhas, panos de cozinha e até sabonete.

Davis arrenda-os com nomes diferentes e paga sempre em dinheiro.

E adiantado.

Regra básica do crime: As pessoas que recebem o seu dinheiro não costumam fazer perguntas.

A questão é que há urbanizações de apartamentos ao longo da 101.

As pessoas compram os apartamentos, mas, geralmente, não vivem neles durante todo o ano. Muitos servem como ponto de reunião da família no verão ou para que as pessoas de estados mais frios venham passar o inverno. Durante o resto do tempo, estão vazios e muitos proprietários arrendam-nos e tentam pagar a hipoteca com a renda.

Como é um verdadeiro aborrecimento tratar desse assunto pessoalmente, a maioria usa os serviços de agências imobiliárias que recebem uma percentagem.

Arrendam-nos ao mês, à semana e até ao dia, se forem muito perto da praia, e a única coisa que tem de fazer é conseguir que uma daquelas agências imobiliárias acredite que vai pagar-lhes para poder mudar de apartamento com a frequência que quiser.

A população destas urbanizações costuma ser transitória e anónima. Alguns vêm refugiar-se dos invernos gélidos do Minnesota ou do Wisconsin e, outros, esperam que se completem os trâmites de compra e venda de uma casa. Alguns divorciaram-se recentemente e estão «em transição». E outros gostam simplesmente de viver na praia. Vêm e vão. Podem passar anos sem conhecer um vizinho ou, no máximo, dizer olá a algum no estacionamento ou na piscina.

Davis prefere-o assim. Lida com cinco agências diferentes, usando nomes diferentes. Nunca fica em lado nenhum durante mais de alguns meses e poucas vezes volta ao mesmo apartamento.

Aprendeu uma coisa: Quem vive em todo o lado, não vive em nenhum.

A sua casa é a 101.

Aproxima-se do frigorífico e agarra numa garrafa de *Pellegrino*. Depois, senta-se no sofá, tira os papéis do bolso e abre-os.

Cinco pacotinhos de papel branco e fino dobrados com esmero. Dentro de cada papel branco, há uma lâmina de papel azul fino. E, dentro de cada papel azul, há um diamante esmeralda.

Valor total: Um milhão e meio de dólares.

Davis levanta-se, sai para o terraço e observa o oceano e a 101.

• • •

No estacionamento traseiro da ourivesaria Houghton, o tenente Ronald — Lou — Lubesnick olha para Ben Haddad.

— O que tento dizer — repete —, é que faz o trajeto da loja do Sammy em La Jolla dúzias de vezes por mês. Quase sempre, com artigos no valor de alguns milhares de dólares. E assaltam-no exatamente na noite em que tem um milhão e meio em pedras preciosas?

Lou encolhe os ombros.

McGuire, o seu parceiro, sorri. Lou é famoso pela sua forma de encolher os ombros. Na Unidade de Roubos e Assaltos dizem que Lou é capaz de revelar mais coisas com os ombros do que com a boca. E fala pelos cotovelos.

Como agora, que está a dizer:

— Digo-o porque se nota à légua que isto foi um trabalho interno. Ou vai dizer-me que esse homem teve sorte e ponto final?

— Por mim, não soube de nada — repete Haddad, teimosamente.

Voltam a examinar o que aconteceu.

Houghton tinha um cliente que queria dar uma olhadela a umas pedras que o ourives não tinha na loja, mas Sammy Kassem tinha. Sammy escolheu um mostruário de cinco gemas da sua loja em La Jolla para mostrar ao cliente. Haddad levou-as até lá e um indivíduo assaltou-o no

estacionamento. O ladrão sabia, aparentemente, que a mala era para despistar e que Haddad tinha os diamantes numas capas especiais presas aos tornozelos.

Haddad não consegue descrever o assaltante, nem dizer o número de matrícula do carro, nem o modelo, a cor ou mesmo a marca.

— Apareceu de repente — diz. — E disse-me para não me virar.

— Fez o correto — tranquiliza-o Lou, que prefere, de longe, investigar um roubo a um assassinato.

Trabalhou cinco anos na Brigada de Homicídios de San Diego, até pedir a transferência. O pior de tudo era informar as famílias.

— Deu-lhe a impressão de que era mais ou menos da sua estatura? — pergunta.

— Talvez mais alto.

— E o sotaque?

— Não tinha sotaque.

— Todos têm sotaque — insiste Lou. — Quer dizer que não era preto ou hispano?

— Sim, isso.

McGuire sabe onde o parceiro quer chegar. Quase todos os roubos a comerciantes de ourivesarias do país são cometidos por grupos de colombianos vinculados aos cartéis da droga. Há quase um ano, acampavam à vontade na Costa Este, como crianças de dez anos a brincar num parque infantil. Se se mudaram para a Costa Oeste, é um problema.

Lou Lubesnick e Bill McGuire formam um par estranho. Lou mede um metro e setenta e sete, tem o cabelo preto azeviche intercalado de cabelos brancos e uma barriga que começa a transbordar por cima do cinto. McGuire mede um metro e noventa e três e é enxuto, ruivo e sardento, como um cabide de arame.

Juntos, parecem mais um dueto cómico do que dois polícias, mas, na prisão, há muitas pessoas que não acharam piada ao dueto de Lubesnick e McGuire, sobretudo, desde que Lou gere a Unidade de Roubos e Assaltos, com outros cinco investigadores veteranos às suas ordens.

Naquele momento, parte da equipa está à procura no bairro para ver se algum habitante viu alguma coisa, enquanto os outros inspecionam o estacionamento em busca de pegadas ou rastos de pneus.

Lou fixa a sua atenção em Houghton.

— Viu se havia alguém a rondar por aqui? A vigiar a loja?

— Acho que o teria mencionado — responde o ourives.

Lou é imune ao sarcasmo: Passa-lhe ao lado.

— Algum cliente que tenha entrado e dado uma olhadela e se tenha ido embora sem comprar nada?

— Isso acontece diariamente — responde Houghton. — Com os tempos atuais, são quase todos mirones.

Diz «mirones» com desprezo.

— Mas ninguém em particular? — insiste Lou.

Houghton abana a cabeça, o que não é um movimento simples, porque tem a cabeça grande e rechonchuda. A pele é branca como o leite; outra façanha, tendo em conta que a loja é a uns escassos duzentos metros da praia.

— Quero ver as cassetes da câmara de segurança — declara Lou.

Entram e dão uma olhadela às cassetes, que já não são «cassetes», mas um arquivo informático, como tudo nestes tempos. Houghton tem câmaras que vigiam a porta da frente e a traseira e o interior da loja, mas não o estacionamento das traseiras.

— E porquê? — pergunta Lou.

— Porque, lá, nunca acontece nada.

Lou encolhe os ombros.

Hoje, aconteceu alguma coisa.

Lou olha para baixo e vê a beata. Olha para Haddad.

— É sua?

— Tem de o pôr no relatório? — pergunta Haddad.

O polícia abana a cabeça.

Ele também é casado.

McGuire senta-se no banco do passageiro do carro de Lou.

— Aposto vinte dólares em como o Sammy põe essas pedras no Brasil em menos de dois meses.

— Pensaríamos isso se não fosse árabe? — Talvez Lou não seja a único polícia de San Diego que é sócio da União Americana pelas Liberdades Civis, mas é o único que o reconhece. — Não podes dizer-me que não temos preconceitos.

— Quem sabia da entrega? — pergunta McGuire. — O Sammy, o Haddad e o Houghton. Podia ter sido o Houghton. Ele próprio o disse: O negócio está mau. Talvez tenha dado a informação aos ladrões e fique com uma fatia.

— Os ladrões, no plural?

Os grupos de assaltantes não trabalham assim, pensa Lou. Esses não planeiam nada: Partem o vidro do carro, põem a mão e agarram na mercadoria. Metade das vezes, dão uma sova ao comerciante, apunhalam-no ou dão-lhe um tiro.

São violentos.

Este homem devolveu o telemóvel a Haddad.

— Não comeces — pede McGuire.

— Não começo com o quê? — pergunta Lou, embora já saiba.

— Com a tua teoria do Cavaleiro Solitário.

Lou é o único que acha que um só indivíduo perpetrou uma série de assaltos de alto nível a ourivesarias: Onze golpes em quatro anos.

O seu método é coerente: Assalta sempre comerciantes ou comerciais que têm artigos de grande valor.

É eficaz: Age tão depressa que, mesmo que haja testemunhas, nunca sabem que merda viram.

E paciente: A mercadoria demora meses a aparecer no mercado negro, se é que aparece. De modo que o miúdo não tem pressa para receber.

É, além disso, discreto: Os vendedores habituais não sabem nada sobre ele.

E limpo: Derrama-se mais sangue num só jogo de futebol do que em todos os seus roubos juntos.

Ao princípio, ninguém acreditava que os assaltos estavam relacionados. Não os vincularam porque estavam espalhados por diferentes jurisdições: San Diego, Los Angeles, o condado de Orange, o de Mendocino… E a informação não se partilhava.

A crença generalizada era que se tratava de um grupo. (Os procuradores adoram os gangues porque geram artigos e fotografias bonitas de capa.)

Foi Lou que, ao examinar os relatórios das companhias de seguros, estabeleceu o vínculo e que formulou a hipótese de enfrentarem um só sujeito.

— Um lobo solitário — disse ao chefe, quando o mencionou pela primeira vez.

— Se quiseres chamar-lhe assim.

— Que tolice!

— Se fosse um gangue — argumentou Lou —, já teriam alguma pista: Algum dos seus membros teria começado a gabar-se num bar, teria contado à ex ou teria sido detido por outra coisa e teria tentado fazer um acordo com as autoridades.

Contudo, se era um só indivíduo e sabia manter a boca fechada e não se metia em confusões…

Um tipo assim não vai dar nenhuma pista para ajudar a apanhá-lo.

É uma regra básica do crime.

Lou costuma ser objeto de brincadeiras por causa da sua teoria do «Cavaleiro Solitário». É gozado pelos chefes, pelas companhias de seguros e até pelos próprios colegas da unidade, que dizem que «está apaixonado», que está «louco» por John Robie, o Gato, o personagem desse filme antigo sobre um ladrão de joias.

Como se chamava?

Ladrão de Casaca, isso.

Sim, pensa Lou. Ladrão.

Não vários.

Um, no singular.

— Mesmo que isto seja realmente um assalto — diz McGuire, agora —, e não estou a dizer que é, certamente, foram os colombianos. Digo-o porque são quase sempre eles.

— E como sabemos? — quer saber Lou.

McGuire detesta que o parceiro entre em modo de rabino.

— Como sabemos, o quê?

— Como sabemos que são quase sempre os colombianos — esclarece Lou. E, depois, como McGuire receava, responde à sua própria pergunta. — Porque os detivemos.

— E?

Porque não detivemos este tipo, pensa Lou.

• • •

Davis entra no The Cliffs vestido com um fato *Hugo Boss* de três botões, uma gabardina de lã preta, uma camisa branca (feita à medida, mas sem as iniciais bordadas) e botões de punho.

E sapatos *Oxford* pretos de atacadores.

Tem pouca roupa, mas toda boa.

Clássica.

Versátil.

E um pouco retro.

Como ele.

Tem o cabelo castanho bem curto, como nos anos sessenta antes de aparecerem os Beatles, como se acabasse de sair do Corpo de Paz ou de um comício eleitoral do Kennedy.

Ou de um filme de Steve McQueen.

Davis viu todos os filmes de Steve McQueen; a maioria, muitas vezes. Seria Steve McQueen se não fosse porque Steve McQueen já era Steve McQueen e nunca haverá outro como ele.

Porém, para Davis, McQueen era a personificação do estilo californiano.

Se a 101 fosse um ator, seria Steve McQueen.

A mulher de cabelo castanho é a mais atraente do restaurante.

O que é dizer pouco.

Porque todas as mulheres — cerca de doze — que bebem vinho branco ou *Martíni* seco ao balcão do local luxuoso são lindas: Esbeltas, magras, atléticas, praticantes devotas do ioga, da bicicleta elíptica e do *spinning*, de outra forma, não entram ali.

Davis aproxima-se dela e replica:

— Deve ser muito cansativo ser sempre a mais bonita numa sala cheia de gente.

Ela vira-se e pergunta:

— Onde estiveste?

— Reservei mesa aqui — indica Davis. — Parece-te bem ou preferes ir para outro sítio?

— Como sabes que não estou à espera de alguém? — quer saber Traci.

— Não sei. Só espero que seja assim.

— E, se não for assim, vais convidar alguma destas ordinárias esqueléticas — replica, sem rasto de rancor.

— Odeio comer sozinho.

Alguns segundos depois, Derry, o supervisor, aproxima-se.

— Senhor Delaney, a sua mesa está pronta — informa. — Boa-noite, Traci!

Davis dá-lhe um aperto de mão com uma nota de cinquenta dólares incluída e vão para a mesa.

Traci janta à base de entradas: De verduras, de peixe, de frango. Nada que possa acrescentar gordura àquele corpo.

— Bom, onde te meteste? — pergunta, enquanto leva à boca um bocado de frango *satay*. — Quanto tempo passou? Dois meses ou uma coisa dessas?

— Uma coisa dessas — concede Davis. — Estive fora, a trabalhar como consultor.

— E como correu?

— Bem.

Traci sabe que Michael não gosta de falar de trabalho. Gosta de falar de música, de cinema, de desportos, de notícias da atualidade, de carros, de arte, de surfe, de ioga, de triatlos, de comida, de bicicletas… mas de trabalho, não. Portanto, Traci muda de assunto e começa a falar do triatlo de *sprint* para o qual está a treinar.

Quando lhes trazem a conta, Davis introduz algumas notas de vinte na capa.

— Porque pagas sempre com dinheiro? — pergunta ela.

— Odeio pagar.

— Tanto como comer sozinho?

— Quase.

— Também odeias dormir sozinho? — quer saber Traci, com um olhar que alguns tipos pagariam mil paus para ver, mesmo que fosse apenas uma vez na vida.

Lou alegra-se por o The Daily Grin estar aberto.

Guy não tem horário fixo.

A carrinha de cachorros quentes, estacionada num terreno baldio na esquina das Colinas Santa Fé com a 101, chama-se The Daily Grind, mas algum engraçado tirou o «D» do cartaz e ficou apenas Grin[1].

Lou para o *Honda Civic* no descampado estreito.

As pessoas estão sempre a gozar com ele por causa do carro.

— Porque não compras um carro novo? — perguntou McGuire, uma vez (e não foi a única).

— Porquê? — quer saber Lou.

— Porque o teu tem doze anos.

— Tal como a tua filha e não vais trocá-la por outra, pois não?

— A Lindsay não tem trezentos e vinte mil quilómetros.

— Trezentos e oitenta e um mil. E acho que consigo chegar aos quatrocentos mil. Porque estas porcarias, se lhes puseres gasolina, funcionam para sempre.

Contudo, é um pouco indecoroso — sustenta McGuire — que um tenente da polícia de San Diego conduza um automóvel que já só serve para usar num anúncio da Domino's Piza. E o interior também não está impoluto, que se diga: Os bancos estão desgastados e descoloridos, há migalhas incrustadas nas costuras (do sem-fim de refeições peripatéticas de Lou: o In-N-Out Burger, o Rubios's, o Jack in the Box…) e o tabliê é pré-histórico: Nem mãos-livres, nem rádio Sirius ou navegador.

— Passei toda a vida a viver em San Diego — garante Lou. — Sei chegar onde tenho de ir.

— Sim e se tiveres de sair de San Diego? Ir de viagem? — quer saber McGuire.

— Neste carro?

Angie recusa-se a entrar no *Civic*. Das poucas vezes que saem juntos, vão no seu *Prius*.

Agora, Lou aproxima-se da carrinha e dá uma olhadela à pergunta de cultura geral escrita à mão no quadro.

— Alasca — diz.

— O quê?

— A resposta para a pergunta. «Que estado tem maior superfície de rios e lagos?» O que ganhei?

— Mostarda grátis com o teu cachorro.

— Hoje é o meu dia de sorte. Dá-me um cachorro com chili e com angioplastia incluída.

— Olha, nunca tinha ouvido isso.

— E uma *Coca-Cola* — acrescenta Lou. — Não, uma *Coca-Cola* light. Não, uma normal.

No fim, que merda importa? Está a tentar perder barriga e tencionava jantar em casa, mas Angie ligou-lhe para lhe dizer que ia sair com uma amiga.

Agarra no seu cachorro e aproxima-se de um extremo da carrinha, onde estão os condimentos. Sepulta o cachorro em cebola, porque, no fim, que merda importa?

É nisso que está a pensar — alegremente — quando o telemóvel toca. É McGuire.

— Apetece-te beber uma cerveja? — pergunta o parceiro.

— Esta noite, não.

— Lou?

— Sim?

— Não o faças — pede McGuire.

— O quê?

— Já sabes.

Sim, sabe.

Tal como sabe que vai fazê-lo.

«Não o faças», pensa, quando chega a Del Mar.

Por uma vez, McGuire tem razão: Não devia fazê-lo.

Mas fá-lo na mesma. Desvia-se da 101 na Décima e estaciona na rua, um pouco mais abaixo, de onde consegue ver a porta da frente. Os malditos advogados conseguem pagar uma casa em Del Mar. Pelo contrário, os polícias com vinte e tal anos de serviço vivem em Mission Hills.

Del Mar é uma daquelas populações costeiras da Califórnia que tentam gabar-se, construindo

edifícios de estilo Tudor providos de vigas, de cumeeiras e até de falsos telhados de palha, às vezes.

Lou quase tem a impressão de que, a qualquer momento, vai ver uma placa a garantir que Shakespeare dormiu aqui uma vez. A verdade é que o diverte sempre, mesmo que, daquela vez em que entrou num restaurante e pediu pudim de manteiga com passas e papa ao estilo inglês, o empregado e Angie não tivessem achado graça.

— E umas salsichas com puré de batata? — perguntou.

— E se te comportares como uma pessoa adulta? — replicou Angie.

O que foi uma hipocrisia da sua parte, porque uma das coisas de que se queixa por sistema é de que se comporte como um velho, quer dizer, como uma pessoa da sua idade.

Lou tem uma casa bonita num bairro agradável, mas, aparentemente, Angie não está contente com isso. Porque o seu carro — o maldito *Prius* que quis comprar — está estacionado à frente da casa do advogado. Já nem sequer se incomodada em ser discreta.

Lou fantasia com bater à porta, pôr o distintivo na cara do advogado e perguntar: «Pode saber-se que merda fazes com a minha mulher?», e a palavra «merda» não é um deslize, é de propósito. Contudo, agora, não pode ser suspenso do emprego, perder o salário e ser investigado: E seria preciso.

Portanto, fica sentado no carro.

Fê-lo mil vezes, a vigiar as outras pessoas.

Embora nunca tenha pensado que se veria nessa situação.

Angie sai de casa do advogado às dez e dez da noite.

Lou toma nota disso, como se importasse, como se fosse prestar declarações num julgamento cheio de linguagem policial: «O suspeito abandonou o recinto às 22h10.»

Deixa que se afaste um pouco e, depois, segue-a para o este pela 56 e a 163 e, depois, por Friar's Road, até chegar a casa. Para a alguns quarteirões de distância e espera uns minutos depois de ela entrar em casa.

Então, estaciona e entra.

Quando atravessa a porta, está sentada na sala de estar a beber um copo de vinho tinto e a ler uma revista. Lou não estranha que esse tipo queira ir para a cama com ela: Continua a ser muito bonita, embora já tenha passado os quarenta: Pernas esbeltas, um bom par de mamas, cabelo ruivo.

Faz exercício.

— Como foi o jantar? — pergunta Lou, ao sentar-se na poltrona à frente dela.

— Bom.

— Com quem saíste?

— Já te disse, com a Claire.

— Claro… — responde ele, esforçando-se para não saltar da poltrona. — E desde quando é que a Claire vive no número 805 da Décima rua de Del Mar?

Angie abana a cabeça.

— Polícias.

Isso fá-lo saltar. Percebe que se levanta como se uma onda o impulsionasse para cima e, de repente, grita-lhe na cara:

— Que merda estás a fazer, Angie?!

Ela não se intimida.

Foi uma das coisas que o atraiu nela há mil anos, na Universidade Estatal de San Diego.

Fica ali sentada, tranquila, olhando para ele nos olhos sem dizer nada. Devia ter sido assassina profissional, pensa Lou, porque não mexeria uma sobrancelha na sala de interrogatórios. Ao ver um vídeo em que aparecesse a matar um tipo, olharia para o polícia que tivesse à frente e diria com descaramento: «E então?»

— Vi-te a sair da casa dele — indica Lou.

— Não me surpreende — responde ela.

Como se fosse culpa dele. Como se fosse um estúpido que faz uma figura ridícula, escondido no carro enquanto a esposa lhe põe os cornos. Que é exatamente como se sente.

— Ama-lo? — pergunta.

Não consegue dizer o nome do tipo. Se o dissesse, seria tudo demasiado real.

— Não te amo — responde ela.

— Quero o divórcio.

— Não, Lou. Eu quero o divórcio.

Porque ela tem sempre de ganhar, não é? Nem sequer pode ceder-lhe aquele momento.

Traci levanta-se cedo e vai-se embora.

É treinadora pessoal e tem vários clientes que passam pelo ginásio antes de ir para o trabalho, portanto, o seu dia começa às cinco da manhã. Davis dá-lhe um beijo de despedida e volta a dormir.

Levanta-se por volta das oito, veste umas calças de ganga e uma camisola *Killer Dana* com capuz, mói café para a cafeteira francesa, sai para o terraço e observa o oceano.

Liga o *iPad* e apaga todas as fotografias de Haddad e das mensagens que Sam Kassem e John Houghton trocaram.

Há meses que pirateou a conta de correio eletrónico de Sam e, depois, seguiu-a como um corretor de Bolsa segue os vaivéns do mercado. Conhece o negócio de Sam como se estivesse a pensar em comprá-lo. Foi assim que descobriu que Sam tinha o costume de transferir a mercadoria de uma loja para outra usando o seu cunhado, Ben Haddad, como mensageiro.

Normalmente, eram entregas de alguns milhares de dólares em mercadoria: Trinta ou quarenta mil dólares, no máximo, muito abaixo da equação de risco e recompensa de Davis.

Descartou dezenas de potenciais alvos porque a loja era numa rua muito transitada, demasiado perto de uma esquadra ou demasiado longe de um estacionamento subterrâneo onde guardar o carro. Ou porque os comerciantes estavam armados ou tinham um carro de seguimento e o contrabando não valia a pena.

Davis tem critério.

Regras de atuação.

Regras que nunca infringe.

Regra básica do crime: As leis são para ser infringidas com regras que têm de se cumprir rigorosamente.

Outra regra básica do crime: Chegar antes do outro.

Davis conduz em direção ao norte: Passa por Point Reef, El Morro Canyon, Corona Del Mar e Newport Beach, até chegar a Huntington Beach.

Encontra lugar para estacionar perto do porto e fica à espera no carro.

Chega sempre cedo aos encontros. Não ao ponto de encontro, mas às imediações. À distância exata para se certificar de que vai encontrar a pessoa que quer e não um pelotão inteiro. E

estaciona sempre num sítio onde haja pelo menos duas vias de saída.

A vista é bonita: O lance comprido de praia e o porto que entra no oceano. Hoje, não há animação: O mar está revolto e só há um punhado de pescadores e turistas no porto.

Vê que Money chega ao porto, que o percorre até meio e se apoia no corrimão do lado norte. Davis dá uma olhadela para a frente e para trás, verifica que ninguém segue Money nem o vigia, que os turistas e os idosos são o que parecem ser e não outra coisa. Não há ninguém que aproxime a mão da boca para falar, que fale para o colarinho da camisa ou que fale para um livro ou para uma revista.

Portanto, Davis sai do carro, avança pelo porto e para junto do corrimão, ao lado de Money.

Money é alto, de cabelo loiro, com uma pera extravagante, mas bem cortada. Colete cinzento e calças de ganga. Camisa azul sem gravata. Chamam-lhe Money, dinheiro, porque é a isso que se dedica: A transformar mercadoria roubada em dinheiro.

— Outro dia no paraíso — diz.

— É por isso que vivemos aqui — declara Davis e desliza discretamente os papéis com os diamantes no bolso do casaco. — Milhão e meio.

Não é apenas uma questão de confiança, embora Davis trabalhe com ele há anos. Também é uma questão de negócios: Money nunca o denunciaria porque Davis o faz ganhar dinheiro. Os seus clientes contam-se pelos dedos de uma mão, mas, entre eles, estão alguns dos melhores ladrões do mundo. Escolhe, com supremo cuidado, os vendedores onde põe a mercadoria e é impecável com as contas.

Descontando a comissão de Money, Davis vai ganhar um milhão limpo.

Além disso, Money encarrega-se de tudo: De vender as pedras, de branquear os lucros e de criar contas em paraísos fiscais usando nomes diferentes. Não sabe o verdadeiro nome de Davis nem onde vive ou que carro tem.

— Vou voltar a precisar de ti dentro de algumas semanas — informa Davis.

— Tens ideia da quantia? — pergunta Money.

— Mais do que desta vez.

Money sorri.

— Já está perto, então — declara.

Perto de poder reformar-se.

Esse é o acordo.

Davis tem uma quantia em mente. A quantia de dinheiro de que precisa para viver bem, mas sem muitos luxos.

Depois, acabou.

Tenciona reformar-se jovem.

Regra básica do crime: Quem sabe reformar-se a tempo, acaba na praia. Quem não sabe, numa cela.

Então, Money pergunta:

— Esse trabalho que vais fazer, não será no sul, pois não?

— Porque perguntas?

— Por uma coisa que ouvi.

Davis espera que continue.

— Pelos vistos, há um agente em San Diego que tem uma paixoneta por ti — continua Money. — Tem uma teoria. A teoria do Salteador da 101.

Davis sente uma sacudidela elétrica.

— Identificaram-me?

— Não, nada disso — responde Money. — É apenas uma teoria.

Sim, mas é acertada, pensa Davis.

— Como se chama esse agente?

— Lubesnick. Tenente Ronald Lubesnick. É muito bom.

— Como descobriste?

— Descobrir é o meu trabalho — indica Money. — A questão é que seria melhor não te aproximares de San Diego durante uma temporada.

Money desfruta da vista por mais um instante e, depois, afasta-se. É sempre o primeiro a ir-se embora e Davis espera sempre e dá um passeio antes de voltar para o carro.

• • •

Regra básica do crime: «Confiar» é um verbo que os prisioneiros usam com frequência e quase sempre no passado; «Confiava nele», por exemplo.

• • •

Money entra no seu *Jaguar*, vai até ao Hyatt Regency e espera no estacionamento.

Quinze minutos depois, Ormon abre a porta do passageiro e senta-se ao seu lado.

Tem o cabelo amarelo.

Amarelo, não loiro.

É baixo — um metro e sessenta e sete ou sessenta e oito — e magro.

Pouco mais de trinta anos.

Casaco de motoqueiro de pele preta, calças de ganga pretas, *Doc Martens* pretas.

— Então, era esse, eh? — pergunta. — O que estava contigo no porto.

— Era esse.

— Disse alguma coisa sobre outro trabalho?

— Vai fazer outro golpe dentro de algumas semanas — responde Money.

— Disse-te onde?

Money limita-se a olhar fixamente para ele.

— Mas vais avisar-me — insiste Ormon.

Money assente em silêncio.

Porque Ormon não é Davis, mas também não está prestes a reformar-se.

Money vê muito futebol. Sabe como é o jogo. E sabe que deve trocar uma estrela veterana quando ainda lhe dão alguma coisa por ela.

• • •

A loja principal de Sam Kassem é em El Cajon, ou «Al Cajon», como os habitantes chamam a esse bairro do leste de San Diego desde que começou a chegar a imigração iraquiana.

Lou nunca esquecerá a vez em que entrou numa loja da avenida para comprar uma *Coca-Cola* e viu uma cabra a pender de cabeça para baixo dentro do frigorífico.

— Tens uma cabra no frigorífico — disse ao dono caldeu da loja quando foi pagar.

Nos bairros periféricos de San Diego, cada vez há mais bazares, lojas de bebidas e outros

pequenos comércios cujos proprietários são caldeus, cristãos iraquianos chegados durante a guerra.

— É para o casamento da minha filha — respondeu o dono, ao dar-lhe o troco. — Que tenha um dia ótimo.

Agora, Lou para no estacionamento de Sam.

Kassem tem ourivesarias de luxo nos distritos mais ricos da região: Em La Jolla, em Fashion Valley, em Newport Beach, em Beverly Hills… Mas a sua base continua a ser aqui, neste bairro velho que o acolheu quando chegou do Iraque.

Lou respeita isso.

— Porque haveria de deixar que me roubem? — pergunta Sam, quando entra.

Lou senta-se à frente dele, do outro lado da mesa, no escritório das traseiras da loja. De vez em quando, Sam olha para trás para dar uma olhadela à loja através de um espelho falso.

— Sim, porque haveria de se deixar roubar? — replica Lou, retribuindo a pergunta como Angie costuma fazer. — Porque não usa um serviço de transportes normal?

— O Haddad é meu cunhado.

Lou deixa que a pergunta tácita ecoe no ar.

— A companhia de seguros já me perguntou isso — diz Sam.

— Aposto que sim.

Lou sente um certo carinho por Sam. Atraente e distinto, o iraquiano veste-se sempre impecavelmente e tem um cabelo grisalho e espesso. Chegou de Bagdad, abriu uma ourivesaria e, vinte e tal anos depois, tem sete lojas no sul da Califórnia. A história dele é a típica do imigrante americano que Lou adora.

Os bisavôs de Lou vieram de uma povoaçãozinha da Polónia e trabalharam nos barcos de atum de San Diego. O avô abriu uma loja de sandes e o pai foi professor de literatura na UCSD.

— O Ben estava aterrorizado, garanto-lhe — acrescenta Sam. — Ontem à noite, a Diana teve de lhe dar um… Como se diz? Um ansiolítico.

— Isso deixa-nos atordoados — observa Lou.

Agora, é Sam que encolhe os ombros.

— Bom, então, como…?

— Como é que o ladrão sabia o que o Ben tinha? — pergunta Sam, acabando a frase por ele. — Diga-me o senhor, que é o detetive.

— Quem sabia dessa entrega?

— Eu, o Ben e o Houghton.

— Confia no Houghton?

— Há vinte anos que trabalho com ele.

«E estou casado há quase tanto tempo», pensa Lou.

— Conte-me o assunto desde o começo.

Sam suspira, mas começa a explicar-lhe como começou tudo. Houghton entrou em contacto com ele…

— Como? — pergunta Lou.

— Ligou-me. Disse que tinha um cliente habitual que estava à procura de um tipo concreto de pedra, com corte de lágrima e seis quilates, no mínimo. Perguntou-me se tinha alguma assim.

— E tinha.

— Claro que sim — confirma Sam. — Tinha cinco que podiam servir.

— E então…

— Disse ao Houghton e pediu-me umas fotografias, portanto, enviei-lhas.

— Como?

— Por correio eletrónico. E, depois, pediu-me para o Ben lhas levar.

— E faz essas coisas? Só porque confia nele?

— São vinte anos.

Sim, sim, pensa Lou.

— E depois…

— Depois, o Ben passou por aqui quando estava a fazer a sua rota de visitas — explica Sam. — Eu já tinha as pedras embrulhadas nos seus papelitos, o Ben levou-as e eu avisei o Houghton de que se dirigia para lá.

— Por telefone ou por correio eletrónico?

— Por correio eletrónico. Depois, o Ben ligou-me a tremer. Pensei que ia ter um enfarte.

Ou seja, o assaltante pirateou o correio eletrónico de Sam, conclui Lou.

Levanta-se da cadeira.

— Contrate uma empresa de transportes. Uma dessas com carro blindado.

— Sabe quanto custa isso?

— Menos de um milhão e meio de dólares, calculo eu.

O trabalhador da companhia de seguros quer falar com Lou.

Claro que sim, tratando-se de um assalto de tanto valor.

Encontram-se num restaurante mexicano da parte velha de El Cajon. Lou certifica-se de que Mercer paga. Sentam-se lá fora, numa mesa de piquenique, e Mercer diz:

— Tem de ter sido alguém de dentro.

A fraude mais velha do mundo, pensa Lou. O dono da loja organiza um assalto ao seu próprio estabelecimento, faz com que a companhia de seguros lhe pague o que foi roubado, volta a comprar a mercadoria ao ladrão a preço vantajoso e, depois, vende-a no mercado negro.

Saem todos a ganhar, menos a companhia de seguros e todos odeiam as companhias de seguros.

— Antes de pôr a mão no fogo, vamos considerar a possibilidade de não ter sido um autogolo. Vamos supor que se trata de um profissional como Deus manda, que conhece o seu ofício e que se prepara como é devido.

Mercer tira o pacote do seu segundo *taco*, olha para Lou e pergunta:

— Vais começar outra vez com a tua teoria do Super-homem?

— É o mesmo *modus operandi*.

— Suponhamos que tens razão — concede Mercer. — Mesmo assim, o teu cavaleiro solitário poderia ter usado alguém de dentro, uma fonte para obter informação. Acho que deviam investigar um pouco mais o Sam e a sua família extensa.

— Sabes o que acho? — pergunta Lou. — Acho que queres escapar-te para não pagares ao Kassem e usar-me como escudo e, por mim, podes ir à merda, porque não tenciono interpor a minha unidade entre ti e o teu cliente.

— Só estava a fazer uma sugestão.

— Não a faças. Se tiveres informação útil, dá-ma e poderei usá-la. Se realmente queres ajudar, faz com que a companhia de seguros ofereça uma recompensa, para pressionar esse tipo. Mas não me digas como tenho de fazer o meu trabalho, Bill.

Mercer amarrota o pacote e atira-o para o lixo.

— Isso quer dizer que não vai haver recompensa? — pergunta Lou.

— O Sam e o Haddad vão ter de se submeter ao polígrafo — indica Mercer.

Lou não se surpreende. A companhia de seguros tem o direito de exigir o que se denomina um «exame sob juramento» e a interrogar o assegurado, que, no caso de mentir, estaria a cometer perjúrio.

É o passo lógico.

Se Sam e Haddad não passarem no teste do polígrafo, a companhia de seguros terá fundamentos legais para se recusar a pagar a indemnização. Mercer não pode obrigar Houghton a passar pelo detetor de mentiras porque não o roubaram, nem exigiu indemnização.

Lou, no entanto, está convencido de que Sam e Haddad vão passar no teste. Sam é um empresário muito ardiloso, mas honrado e trabalhador, e Lou está convencido de que as companhias de seguros têm preconceitos contra as pessoas do Médio Oriente porque, na década dos noventa, os comerciantes de tapetes iranianos as espremeram até as deixar secas.

E, descartados os caldeus, tudo apontará para Houghton.

Isso, se tiver sido um trabalho feito de dentro, pensa Lou.

Que, até certo ponto, teve de ser, se o tipo estava a ler as mensagens de Houghton e de Sam.

• • •

Davis passa pela peixaria do porto de Dana Point, pergunta o que há fresco e compra duas solhas. Depois, passa por Trader Joe’s e compra uma garrafa de azeite importado com limão.

Compra os espargos na Von’s, tal como o chocolate preto (com 85 por cento de cacau), as natas e as framboesas frescas para a mousse.

Esta noite, vai fazer o jantar a Traci.

• • •

Lou junta a sua equipa na sala de pessoal, para junto do quadro branco, onde escreveu a lista de todos os assaltos a comerciantes de joias perpetrados na Califórnia nos últimos quatro anos, e acaba de anotar o último.

— Quero apanhar este tipo — anuncia.

Os colegas, que pensam que não há nenhum «tipo», deixam escapar um gemido de aborrecimento, embora abafado. Sabem, além disso, onde Lou quer chegar e vai ser uma merda, porque, dos onze roubos anotados no quadro, só três pertencem à sua jurisdição.

Lou crava o dedo no quadro.

— E, para o apanhar, não podemos investigar apenas este assalto. Temos de investigar todos estes para encontrar padrões recorrentes.

Outro gemido de aborrecimento.

Lou e os seus padrões recorrentes.

• • •

Regra básica do crime: Uma série de atos cria um padrão.

• • •

Lou sabe que há duas formas de resolver um caso:

A primeira é através de um delator.

Ou seja, alguém fala demasiado.

Pode usar-se toda a parafernália forense existente — essas coisas são para o júri —, mas a maioria dos crimes resolve-se porque alguém fala demasiado.

A segunda é seguir os padrões recorrentes.

Tratando-se de um delinquente em série e à falta de um delator, não há outra forma de resolver o caso. Um delinquente inteligente pode deixar pistas ínfimas, mas não consegue evitar deixar os seus padrões à vista, tal como é impossível não deixar rastos ao andar na praia.

E os padrões significam sempre alguma coisa.

O problema é que os investigadores também têm padrões recorrentes — modos de trabalhar, forma de pensar e agir — e esses padrões de conduta, às vezes, impedem-nos de ver os do delinquente, de considerar os factos de outra perspetiva e de discernir padrões novos a partir dos que já conhecem e esperam.

É como olhar para um quadro que está pendurado na nossa sala há vinte anos: Vemos o que sempre vimos. Se não vimos, nunca veremos.

Tal como no casamento, pensa Lou.

Agora, pressiona a sua equipa para que volte a considerar os factos.

— Hoje, só quero que pensem, mais nada — declara. — Sánchez, dá uma olhadela a todos os roubos por resolver a ourivesarias da Califórnia nos últimos cinco anos e elimina os que não encaixam com a hipótese do assaltante solitário. Rhodes, para de franzir o sobrolho e dá uma olhadela às vítimas: O que têm em comum. Ng, vais tratar do *modus operandi*, da ação: O que faz ou não. Geary, trata da geografia: Quero um mapa. McGuire, se o Geary vai encarregar-se do espaço, tu vais encarregar-te do tempo. Tem de haver um padrão no tempo que deixa passar entre um assalto e outro.

— E o que vais fazer, chefe? — pergunta McGuire.

— Eu vou dar uma olhadela ao conjunto — esclarece Lou.

«Vou afastar-me para ver melhor o quadro.»

Lou gosta de ler. É assim, pelo menos, que Angie o descreve e talvez seja um dos principais problemas da sua relação. Das poucas vezes que tem algum tempo livre, prefere sentar-se a ler. Ela, pelo contrário, gosta de sair. Lou costuma ceder e acabam por sair, mas Angie percebe o seu ressentimento e isso causa-lhe rancor.

— Estás a tornar-te igual ao teu pai — acusou, uma noite, quando saíram cedo de uma festa porque ele estava de mau humor.

«Isso acontece com todos, não é?», pensou Lou.

Talvez não aconteça com os advogados de Del Mar.

De qualquer modo, quando se reformar, tenciona passar o tempo a ler.

Livros de história, sobretudo. Não só porque gosta de história, mas porque acredita nela: Acredita que as respostas do presente podem encontrar-se, na sua maioria, no passado. E é o que faz agora: Junta um monte de relatórios antigos e começa a ler.

22 de abril de 2008. O dono de uma ourivesaria de Newport Beach envia um relógio personalizado no valor de 435 000 dólares a um cliente pela *FedEx*. Assaltam-no no seu próprio estacionamento quando entra no carro para se dirigir para o escritório da empresa de distribuição.

15 de setembro de 2008. Um comercial nova-iorquino chega ao aeroporto de São Francisco

com uma mala cheia de artigos de ourivesaria — diamantes, pedras de cores diferentes — para visitar vários clientes fixos da zona da Baía. Assaltam-no à ponta de pistola no estacionamento do seu hotel. O espólio ascende a 762 000 dólares.

11 de janeiro de 2009. Um comerciante de diamantes belga vende um inventário no valor de 960 000 dólares a uma ourivesaria de Malibu e recebe o pagamento em dinheiro. Antes de regressar ao aeroporto de Los Angeles, para num hotel da 101 para se encontrar com uma prostituta e, ao sair, depenam-no. (Pelo menos, o ladrão deixou-o divertir-se, pensa Lou.)

20 de março de 2009. Um ourives de Mendocino chega a um escritório da *FedEx* para ir buscar um pacote de pedras preciosas que lhe enviam de um estabelecimento de Tucson. Assaltam-no ao voltar para a loja. Espólio: 525 000 dólares.

17 de outubro de 2010. (Este é o favorito de Lou.) Um comerciante de ourivesaria local chega ao aeroporto Lindbergh de San Diego com uma mala de viagem cheia de relógios, anéis, pedras preciosas às cores e diamantes. Tem de depositar a mala no tapete rolante e, na fila, param-no e revistam-no. Quando chega ao outro lado do tapete, a mala desapareceu. Espólio: 828 000 dólares.

(Lou não sabe, no entanto, se deve acrescentar este à lista, porque não encaixa no padrão.)

14 de janeiro de 2015, San Luis Obispo. Um comerciante de diamantes sul-africano entra na ourivesaria de um cliente e quer que lhe paguem em Krugerrands, ou seja, em moedas de ouro puro. Pagam-lhe e, às quatro da madrugada, quando sai do hotel para apanhar o avião, é assaltado no estacionamento. Espólio: 943 000 dólares.

Maio de 2016. A dona de uma ourivesaria leva um mostruário de diamantes a uma cliente fixa no Rancho Santa Fé. A caminho do rancho, tem um furo e assaltam-na quando sai para mudar o pneu. Espólio: 654 000 dólares.

E, depois, há este: 27 de setembro de 2016. Um comerciante de diamantes brasileiro chega a Los Angeles com artigos no calor de 375 000 dólares, conforme declara às autoridades alfandegárias americanas. Aluga um carro em Álamo e segue a 101 para ir ver um ourives de Marina del Rey, a primeira paragem da sua rota de visitas. Encontra-se com o ourives no barco dele — de quinze metros de comprimento —, que está atracado no porto, porque… Enfim, porque sim. A questão é que o assaltante entra no barco, agarra na mala com as joias e desaparece. E o brasileiro está furioso porque não pode pedir indemnização ao seguro pelo roubo da parte da mercadoria que não declarou na alfândega e cujo valor, segundo se rumoreja, ascendia a mais de dois milhões de dólares.

3 de fevereiro de 2017. Um ourives de Newport Beach recebe uma chamada de um cliente habitual de Pelican Bay que lhe pede para ir a sua casa com um mostruário de colares de diamantes porque quer comprar um para a esposa para as suas bodas de prata. O ourives chega à casa e é assaltado quando está a tocar à campainha. O cliente e a esposa estavam a celebrar o seu aniversário em Paris e a chamada era uma armadilha. Espólio: Meio milhão de dólares, pouco mais ou menos.

18 de maio de 2017, San Rafael. O dono de uma ourivesaria de São Francisco transfere certos artigos que ainda não vendeu para o seu estabelecimento do condado de Marin. O mensageiro que leva os diamantes é assaltado ao chegar à loja. Espólio: 347 000 dólares.

E, agora, em 17 de outubro de 2018, em Del Mar, um milhão e meio de dólares em diamantes de Sam Kassem.

Se se trata de um só assaltante, sempre o mesmo, acumulou um lucro de 8,6 milhões de dólares nos últimos quatro anos. Uma bela quantia, mesmo depois de descontar os gastos e a comissão do vendedor.

Talvez os casos não estejam relacionados, pensa Lou. Essa é, pelo menos, a ideia generalizada, mas Lou não acredita: Há, claramente, um padrão.

O assaltante faz preparativos cuidadosos e é evidente que dispõe de informação interna porque nunca falha. Em cada golpe, consegue um espólio de centenas de milhares de dólares; de mais de um milhão, no último. Sabe sempre quem vai levar que mercadoria, o valor e para onde vai.

Encontrou o seu nicho, pensa Lou, um canto muito concreto do ecossistema criminal. Assalta os ourives no seu ponto mais fraco: A transferência de mercadorias.

É muito seletivo: Dois ou três golpes por ano, sempre muito lucrativos. Mais nada.

Conhece bem o terreno. O máximo que têm é uma imagem — completamente imprestável — tirada por uma câmara de vídeo em que aparece de costas: Um homem com capuz preto. Faz o golpe e, depois, desaparece sem mais nem menos.

Tenta diversificar as suas atividades: Nunca assalta duas vezes o mesmo ourives; nem sequer a mesma companhia de seguros. E, geograficamente, mexe-se muito: De um lado para o outro da costa californiana, entre diferentes jurisdições policiais.

Sempre perto de uma estrada, nunca em pleno centro urbano.

Ou seja, trata-se de um salteador de caminhos, conclui Lou.

Neste caso, de um caminho muito concreto.

A estrada 101.

Lou não sabe se quer escolher um chá com gelo ou um Arnold Palmer, um chá com gelo e limonada.

Por um lado, o Arnold Palmer sabe melhor, mas, por outro, a limonada tem açúcar, que se transforma em gordura, e o maldito advogado de Del Mar passa a vida a pedalar na sua bicicleta de 7000 dólares pela 101 e não tem gordura a mais.

Portanto, no fim, pede um chá com gelo.

E um hambúrguer de peru.

— Batatas fritas ou salada? — pergunta a empregada de mesa.

— Porque acha que pedi o hambúrguer de peru em vez de pedir um a sério? — pergunta Lou.

— Salada — conclui a empregada. — Que molho quer…?

Lou olha fixamente para ela.

— Sem molho, não é?

Lou assente em silêncio e a empregada de mesa afasta-se com o pedido.

A televisão por cima do balcão emite, com um zumbido monótono, um jogo de hóquei e Lou questiona-se quem vê hóquei em outubro.

Chegou à conclusão de que o próximo golpe do assaltante será na zona norte.

Esse é o padrão.

Então, Angie entra, senta-se à frente dele e diz:

— Imagino que já tenhas pedido.

Lou encolhe os ombros.

— Chegaste atrasada.

— Pelo menos, não pediste por mim — replica ela, enquanto dá uma olhadela ao menu.

Não, não pediu por ela, mas poderia tê-lo feito porque sabe perfeitamente o que vai pedir: Uma salada César com gambas e sem molho. Sente vontade de lhe dizer, mas, como não quer que se irrite, fecha a boca.

Angie, no entanto, vê a sua cara de satisfação quando pede uma salada César com gambas e sem molho.

— Estamos casados há demasiado tempo.

— Isso é o que tu pensas, aparentemente.

— Bom, quem vai sair de casa? — pergunta ela. — Tu ou eu?

— Eu.

— Devia ser eu. Sou a adúltera.

— Hester Prynne.

— O quê?

— Nada — responde Lou. — Não, vou eu. Será bom mudar de ares. Acho que estou um pouco estagnado.

— Sim, sim e dizes isso agora. Era preciso fazer isto, Lou? Ter uma aventura? Oxalá tivesse sabido antes.

— É a primeira?

— Acreditarias se te dissesse que sim?

— Claro. Afinal de contas, o que podes perder?

— O raciocínio típico de um polícia.

Lou encolhe os ombros. Para a incomodar, desta vez, porque, ultimamente, Angie começou a dizer que essa maneira que tem de encolher os ombros é ao mesmo tempo «muito de polícia» e muito «judia». Gostaria de saber se o advogado encolhe os ombros.

— Achas que estou na sala de interrogatórios ou quê? — acrescenta Angie. — Os teus colegas dizem sempre que és muito bom «na sala». Imagino que não se refiram ao quarto.

— Vou sair de casa — repete Lou.

— E para onde vais?

— Importa?

— Importa, sim, Lou.

— Estou a pensar em ir viver para a praia.

Angie desata a rir-se. Ao ver a cara dele, diz:

— Não te imagino na praia, Lou. Acho que és a pessoa menos adequada para a praia que conheço.

«É precisamente por isso que devia ir», pensa ele.

• • •

Davis tempera o peixe com pimenta preta recém-moída, sai para o terraço e dá uma olhadela ao fogo da churrasqueira.

Depois de verificar se a temperatura é a adequada, põe o peixe na churrasqueira e volta para dentro. Cobre o fundo de uma frigideira com um pouco de azeite com limão, parte os espargos ao meio, lava as metades superiores e deixa-as cair no azeite quente.

Traci observa a evolução.

— Quem se casar contigo terá sorte — comenta.

Davis doura os espargos, retira-os do lume, põe-nos num escorredor e cobre-os com uns cubinhos de gelo para evitar que continuem a cozer no seu próprio calor. Depois, volta a sair para o terraço e dá a volta ao peixe.

Olha para a 101 e vê um tipo de pé no parque, junto dos campos de basquetebol de Main Beach.

Um indivíduo baixo, com o cabelo de uma cor amarela estranha.

Isto inquieta-o, porque viu o mesmo tipo naquela tarde em Huntington Beach. E, quando

Davis vê uma pessoa que não conhece mais de uma vez no mesmo dia — e mais ainda se for em dois lugares diferentes —, quer saber a que se deve.

Regra básica do crime: Há um nome para designar quem acredita em coincidências: O réu.

Então, vê que o desconhecido olha para o seu terraço.

Foi Money? Denunciou-me?

Ou cometi algum erro?

É possível que seja um polícia, questiona-se Davis. Examina mentalmente os seus movimentos desde o assalto em Del Mar para ver se poderiam tê-lo seguido.

Não acredita, mas quem é este tipo?

«Não podes arriscar», pensa.

«Tens de ir.»

Ao voltar a entrar, diz:

— O jantar está quase pronto.

— Estou cheia de fome.

Davis agarra na garrafa de *Drouhin Chablis* que estava no balde de gelo, abre-a e serve dois copos.

Tira as tigelas de mousse de chocolate do frigorífico, põe uma colher de natas montadas em cada uma e enfeita as natas com umas framboesas.

— Fizeste isto? — pergunta Traci, quando põe as sobremesas na mesa. — Do zero?

— Não é assim tão difícil — responde Davis.

Com a colherinha suspensa por cima da tigela, ela diz:

— Não devia.

— É chocolate preto. Excelente para a saúde. Cheio de antioxidantes.

— Bom, sendo assim… — Traci come uma trinca. — Meu Deus, Michael! Um orgasmo numa colherinha.

Mais tarde, na cama, ele diz:

— Tenho de voltar a ir-me embora em breve.

Percebe que ela fica tensa entre os seus braços.

— Quando é «em breve»?

— Amanhã.

— Mas acabaste de chegar. Achava que ias ficar mais tempo.

— Eu também achava — concede Davis.

«Até ver que estão a vigiar-me.»

— Para onde vai a nossa relação? — pergunta ela, então.

— Nem todas as viagens têm de ter um destino — replica ele.

Às vezes, as pessoas conduzem por conduzir.

— Mas é bom saber para onde vamos — acrescenta Traci.

Não está a pedir-lhe um anel de noivado ou uma data de casamento, só uma ideia aproximada do rumo da sua relação. Há já quase dois anos que se veem intermitentemente e quer saber se pode levá-lo a sério ou não.

Davis gosta de jogar, mas joga sempre limpo. Uma das suas regras é nunca mentir a uma mulher. Portanto, diz:

— Estás à procura de ouro numa praia, Traci.

— Ouro? Eu? Estás a chamar-me caçadora de fortunas? — pergunta ela, com um relampejo no olhar.

— Não foi uma metáfora muito acertada — reconhece Davis, zangado consigo próprio por ter ferido os seus sentimentos. — O que tento dizer é que procuras alguma coisa onde não há nada.

— O que significa isso?

— Que desfruto muito de algumas coisas — responde Davis —, mas não sou muito dado ao amor.

— Entendido. Ou seja, o típico «não se trata de ti, mas de mim», mas com uma reviravolta mais original.

— Gosto muitíssimo de ti — afirma Davis.

— Sim. Bom, deixemo-lo assim — diz ela. E, mais tarde, acrescenta: — Acho que, da próxima vez que vieres cá, é melhor não me procurares, está bem?

Está bem.

É uma pena, mas está bem.

Afinal de contas, o seu número é o 101.

Não o 102.

• • •

A urbanização chama-se «Seaside Chateau», mas, quando a porta metálica da garagem subterrânea se abre, Lou pensa que, mais do que um *château* junto do mar, parece a prisão federal de Solana Beach.

É um lugar lúgubre, de paredes cinzentas e escuras.

Claro que é uma garagem subterrânea, pensa Lou, ao entrar. O que pode parecer? Shangri-la?

Encontra o seu lugar, o número 18. Na verdade, o aluguer inclui dois lugares de garagem, mas só vai precisar de um, porque duvida que Angie queira passar a noite com ele alguma vez.

Como lhe chamam na prisão? «Visitas conjugais»?

Estaciona junto de um *Dodge Challenger SRT8* preto de 2011 que parece impoluto. Abre a porta com muito cuidado para não o riscar. Tira a pasta e a mala de viagem do carro e encaminha-se para a entrada da urbanização: Outra porta metálica verde.

É deprimente e Lou questiona-se onde se meteu. Arrendou o apartamento sem o visitar primeiro, depois de ver umas fotografias na página de Internet da imobiliária. Nas fotografias, parecia bastante bonito, mas isso acontece sempre, não é?

McGuire deu uma gargalhada quando lhe disse que ia arrendar um apartamento na praia.

— Os divorciados de meia-idade querem sempre ir viver para a praia, para ver se conseguem seduzir alguma jovenzinha que gosta de surfe.

— Não estou divorciado nem penso nisso.

— De certeza que uma parte de ti pensa.

— Sim, mas o meu cérebro sabe que não vai acontecer.

Lou viu tipos assim. Começam por ir ao ginásio, vão branquear os dentes, compram roupa nova e até um carro desportivo e as raparigas jovens olham para eles como o que são: Personagens patéticas.

Ele não tem ilusões. Só pensou que seria bom mudar de ares. Ter a satisfação — se se quiser — de viver na praia durante uma temporada, até ver como as coisas se resolvem.

Se é que se resolvem.

Passou toda a sua vida em San Diego e nunca viveu na praia, portanto, se esta é a sua crise de meia-idade, muito bem, que seja. E se conhecer alguma mulher — não uma rapariguinha bonita de vinte anos, mas uma mulher atraente de mais de quarenta anos que, por acaso, se apaixone por

ele —, incrível também.

— Em Solana Beach há ginásios de ioga por todo o lado, portanto, a probabilidade de isso acontecer não é assim tão baixa — diz Lou.

— Sim, claro — troça McGuire. — Porque achas que as quarentonas e as cinquentonas bonitas se cuidam tanto? Porque só tiram o maiô para miúdos de vinte e três anos e cheios de músculos. São eles que desfrutam desses rabos tão torneados.

— Bom, a esperança é a última a morrer — disse Lou.

Nem todas podem ser mulheres que enganam os maridos com miúdos de vinte anos. Alguma terá de ser divorciada, sentir-se sozinha e procurar um tipo simpático para sair para jantar de vez em quando e, talvez, rebolar na cama.

«Rebolar na cama?», pensa Lou, ao empurrar a porta com a anca. «Meu Deus, vou acabar com uma octogenária.»

Um lance de degraus leva a uma zona comum: A piscina típica e o jacuzzi atrás de outra porta, um churrasco comunitário e algumas mesas por baixo de um telhado para os (poucos) dias em que chove.

Lou passa junto da piscina e encontra o apartamento, ou *château*, número 18 no primeiro andar, subindo outro lance de escadas. (Para um pedante como ele, o *château* ao pé da praia parece um contrassenso, sobretudo, no sul da Califórnia. Nunca viu um lugar menos francês.)

Às apalpadelas, procura a chave e abre a porta do apartamento.

E entende.

Entende porque as pessoas fazem isto, porque gastam uma fortuna — porque a renda vai custar-lhe um olho da cara — por ter «vista para o mar». Porque as janelas enormes dão para o oceano e para a praia e o céu, o mar e a espuma branca das ondas a quebrar na areia são como uma tela azul. Só pela vista, vale a pena gastar esse dinheiro.

A cozinha é pequena, mas parece recém-reformada, e há uma sala de estar com uma televisão de ecrã plano e um sofá. Lou entra no quarto. Também é pequeno, mas tem uma cama de largura muito otimista, suficientemente grande para duas pessoas, e uma casa de banho com duche e… banheira de hidromassagem? Será possível?

Deixa as malas no chão e, de repente, sente-se…

Completamente deprimido.

Duas malas no chão e uma caixa cheia de livros no banco traseiro do carro.

«Essa é a minha vida agora», pensa.

«Sou esse homem maduro patético prestes a divorciar-se que arrenda um apartamento na praia.»

• • •

Ormon encontra-se com Money no porto de Newport Beach.

— Entendo que o tenhas perdido — diz Money, sem parar de observar o mar azul. — O que não entendo é que aches que é problema meu.

Ormon tem a resposta preparada.

— É problema teu porque queres ganhar dinheiro e esse tipo vai deixar de te dar lucros. Pelo menos, a longo prazo. É por isso que precisas de mim. E eu preciso dele.

— Não sei onde está — responde Money, sinceramente.

— Há quinze anos que trabalhas com ele. Tens de saber alguma coisa.

Money esforça-se para recordar.

Não gosta de Ormon, que é um fulano violento, impulsivo e ambicioso. Prefere assaltantes mais maduros e sérios que não gostam de magoar as pessoas. Mas já não se fabricam desses. E este fulano violento, impulsivo e ambicioso está certo: Davis tem um prazo de validade iminente.

Portanto, Money dá-lhe um nome.

• • •

Sharon Coombs é do sul da Califórnia, não pode negá-lo.

Cabelo loiro com madeixas, muito curto. Trinta e tal anos, esbelta, com o corpo tonificado pelo ioga, as aulas de barre e o *spinning*. Alta, de seios cirurgicamente implantados, rabo firme e nariz (literalmente) esculpido. Tem os lábios finos, mas está a pensar em aumentá-los da próxima vez que lhe sobrar algum dinheiro.

Tem uma toalha pendurada ao pescoço quando desce as escadas depois de fazer ioga, entra no Coffee Company de Solana Beach, pede um café com leite de soja e sai para se sentar na esplanada.

Ao ver Lou sentado sozinho a uma mesa, descarta-o imediatamente como cliente e como amante e passa ao lado dele. Sharon é eficiente em todos os sentidos: No trabalho, no desporto e na sua vida sexual. Não vai perder nem um segundo com nada nem ninguém que não tenha potencial.

Além disso, está ali por negócios.

Portanto, aproxima-se de uma mesa ocupada por outro homem e pergunta:

— Este lugar está livre? Importa-se que me sente?

— Sente-se à vontade — responde Davis.

Que pergunta.

Senta-se, observa a 101 e diz:

— Acabei de conseguir uma apólice nova. Cinco milhões e meio.

Sharon é agente de seguros, trabalha para companhias que assinam apólices de responsabilidade civil «em excesso» com alto limite de cobertura.

Quem tiver, por exemplo, uma casa de cinco quartos na falésia de La Jolla Cove, com a garagem cheia de *Lamborghinis* e *Maseratis* e diamantes que custam mais do que todos os chalés de uma rua suburbana juntos, não liga para uma companhia de seguros pequena, daquelas que se anunciam na televisão, nem para um agente que «viu de tudo», porque nenhum deles vai aceitar esse nível de risco.

Liga para Sharon Coombs e ela entra em contacto com as companhias de seguros mais importantes, as que fazem os seguros da elite e que estão dispostas a fazer apólices com coberturas milionárias e a receber um preço astronómico por isso. Claro que, quem pode comprar uma mansão à frente praia, o *Lamborghini* e as pedras brutas, também pode fazer-lhes um seguro.

Às vezes, estas companhias, como corretores de apostas da máfia, transferem parte do risco para outras empresas e é isso que Sharon faz: Age como mediadora entre companhias de seguros. Às vezes, junta três ou quatro para cobrir uma apólice.

Para o fazer, tem de verificar o valor dos bens. Tem de saber o seu preço real, a sua localização e a sua procedência. Tem de se certificar de que não estão a enganá-la para que apoie um seguro de três milhões de dólares numa gema que vale dois para que depois finja o seu roubo, a atire ao mar e ganhe um milhão limpo.

Deve verificar, além disso, que toma as devidas precauções para proteger o bem. Se não

dispuser de um sistema de segurança adequado na mansão (ou se tiver o costume de fazer hambúrgueres no churrasco na sala de estar), se estacionar o *Maserati* na rua (ou se achar divertido participar com ele em corridas de destruição de carros), ou se guardar os diamantes num prato de rebuçados na bancada da cozinha (ou se os usar para um *after hours* e acabar com uma bebedeira do cálice sagrado), até Sharon vai achar difícil arranjar um seguro.

E Sharon verifica estas coisas: O seu negócio depende disso. Portanto, sabe o que tem, o que vale e onde está.

E como o proteger.

Sharon ganha comissões substanciosas.

Contudo, na 101, às vezes, não basta isso. É preciso dinheiro para viver nesta zona e mais dinheiro ainda para viver bem e Sharon gosta de viver bem. E sabe que, segundo os padrões do sul da Califórnia, está a um passo de perder tudo.

Para uma mulher de trinta e oito anos, é extremamente bonita. Contudo, não é o mesmo do que ter vinte e oito anos e ser extremamente bonita ou até apenas bonita. E há por aí algumas que, com vinte e quatro aninhos, não se importam de seduzir homens maduros, de entre quarenta e cinquenta e cinco anos.

Além disso, esses homens, se tiverem dinheiro suficiente e não deitarem tudo a perder, podem escolher à sua vontade. Eles também vão ao ginásio, fazem ioga, cuidam da dieta e até usam *botox*. Agora, há agentes de Bolsa de cinquenta e sete anos que comparam exfoliantes.

Sharon precisa de um bom golpe, um golpe definitivo.

Davis e ela conheceram-se há cinco anos na inauguração de uma galeria de arte, entre canapés e vinho medíocre servido em copinhos de plástico. Ele foi encantador e ela aceitou o seu convite para jantar. Davis abriu-lhe a porta do seu *Mustang Shelby* e levou-a ao Top of the Cove e, depois da sobremesa, Sharon levou-o para casa e tencionava ir para a cama com ele, mas ele recusou-se.

— Não é que não goste de ti — disse. — Nunca misturo o prazer com os negócios, é uma regra que tenho.

Regra básica do crime: Não pôr a pila onde não deve.

— Desculpa? — perguntou Sharon.

— Lidas com as companhias de seguros, não é? — acrescentou Davis. — Acho que tu e eu poderíamos fazer negócios. Podes ter sexo com qualquer um, mas eu posso fazer-te ganhar dinheiro.

Depois, explicou-lhe como.

Sharon dera-lhe três dicas naqueles cinco anos. Se tivessem sido mais, alguém teria descoberto o denominador comum e ela ter-se-ia metido em problemas.

Com a primeira, pagou as mamas novas. Com a segunda, a entrada do apartamento. E com a terceira, o *Lexus*.

Agora, quer mais um golpe.

O maior.

E o último.

Assim o diz a Davis.

— Mais um e paro.

Não lhe diz que tenciona fazer o mesmo. É outra regra básica do crime: Nunca dizer a ninguém o que não precisa de saber.

— De que se trata? — pergunta Davis.

— Um multimilionário iraniano, Arman, vem de Teerão para o casamento da sobrinha —

explica Sharon. — Está a comprar presentes para os noivos e para toda a família. Relógios, colares de diamantes, um anel para a noiva…

— Valor do seguro?

— Cinco milhões e meio.

Com isso, poderia reformar-me, pensa Davis. Mesmo descontando a comissão de Sharon, a de Money e o desconto do comprador, ficaria com dois milhões limpos.

Dinheiro de sobra para desaparecer do mapa.

— O comerciante chegará de avião de Nova Iorque — continua Sharon —, e a entrega será feita em L'Auberge, onde se celebra o casamento.

O hotel de luxo de Del Mar, pensa Davis.

Um problema.

Se o fizesse, seriam dois trabalhos seguidos em San Diego, na mesma jurisdição, e isso significaria infringir uma das suas regras de ouro.

Regra básica do crime: Quem passa duas vezes pelo bufete, acaba na cantina da prisão.

«Sobretudo, tendo em conta que esse polícia de San Diego… Como se chama? Lubesnick anda atrás de ti.»

Mas cinco milhões…

— A companhia de seguros exigiu que um guarda armado acompanhe o comerciante para fazer a entrega — informa Sharon. — Vão usar um serviço local de segurança, o guarda vai buscá-lo ao aeroporto, leva-o para L'Auberge e fica com ele até acabar a transação.

— E depois?

— Depois, as joias serão guardadas num cofre na suíte do Shahbazi. Haverá guardas armados no casamento e no copo-d'água. Israelitas.

Portanto, haverá duas oportunidades de fazer o golpe, pensa Davis: Quando o comerciante se mudar do aeroporto para o hotel ou no quarto de Shahbazi, depois de se efetuar a transação.

O guarda armado é um problema, no entanto. Não gosta da ideia de haver violência. Em toda a sua carreira, nunca o feriram nem feriu ninguém. É uma questão de orgulho pessoal, para além de uma exigência profissional.

Regra básica do crime: Se não poder fazê-lo sem apertar o gatilho, não devia fazê-lo.

Portanto, vai deixar passar esta oportunidade.

Mas, então, Sharon diz:

— Há mais uma coisa. O Shahbazi vai pagar em dinheiro.

Um sorrisinho aparece nos seus lábios. Sabe o mesmo que Davis: O vendedor não quer declarar a transação às finanças.

— Portanto, o vendedor terá a sua própria segurança — diz Davis.

Sharon encolhe os ombros.

— Nós não assegurámos o dinheiro.

De modo que cinco milhões e meio acabam de se transformar em onze, pensa Davis.

Metade, em dinheiro: Sem necessidade de pagar a vendedores ou comissões, para além da de Money para o branquear.

Com isso, dá para comprar uma casa ótima na praia.

Junto da 101.

• • •

Na praia, vive-se bastante bem, pensa Lou, enquanto come um *burrito* ao pequeno-almoço.

Ao princípio, surpreendeu-o, porque ele, que sempre comera um *bagel* com queijo de untar ao pequeno-almoço («Há algum estereótipo em que não encaixes?», perguntou-lhe Angie, uma manhã), nunca pensara em comer um *burrito* logo de manhã e, certamente, nunca pensara que poderia gostar de o fazer.

Contudo, como já não é o de antes, há algumas semanas, entrou no Coffee Company de Solana Beach, a apenas um quarteirão do seu apartamento, numa pequena zona comercial que há junto da 101, deu uma olhadela ao menu e disse «Que se lixe! Não comecei uma nova vida?» Decidiu arriscar e pediu um *burrito* para o pequeno-almoço.

E, agora, está viciado.

Bacon crocante, ovos mexidos, alface, tomate e molho… Está de chupar os dedos.

Quem teria imaginado?

Além disso, o ambiente é impossível de melhorar.

Já se habituou a pedir o café e o *burrito* e a sair para o pequeno pátio, ladeado em três dos seus lados por edifícios de dois andares que albergam, entre outras coisas, um ginásio de alpinismo, uma escola de barre, outra de ioga e uma clínica dermatológica que parece atender apenas mulheres que, à vista desarmada, não precisam de tratamentos.

Senta-se a uma das mesas de ferro forjado e deixa que o sol lhe bata na cara enquanto olha à sua volta — lá, todas as vistas são boas — enquanto as mulheres vêm e vão às suas aulas e consultas. Muitas delas param no café para beber um café ou um batido de frutas. Os clientes que não são mulheres atraentes são, na sua maioria, homens atraentes: Surfistas, alpinistas ou viciados no músculo, embora também haja uma mesa de ciclistas mais velhos que parecem reunir-se lá todas as manhãs, reformados que bebem café e comem uma tigela saudável de aveia antes de sair para pedalar.

Não, a vida na praia não é nada má.

Ao princípio, incomodava-o o zumbido constante do mar que, agora, se transformou numa canção de embalar que o embala até adormecer. Afeiçoou-se a levantar-se de manhã, fazer o primeiro café e sair para o terraço para olhar para o mar.

Depois, veste-se e passa pelo Coffee Company de Solana Beach antes de ir trabalhar. Há uma banca de imprensa no centro comercial e Lou introduz umas moedas para comprar um jornal a sério, dos de papel — o seu amado *Union Tribune* —, que lê enquanto toma o pequeno-almoço e observa as pessoas.

Às vezes, volta do trabalho a tempo para ver o sol a pôr-se no terraço do apartamento e é muito fixe, como dizem os jovens. Se não consegue acreditar no Deus Pai, pensa Lou — que, como judeu não praticante não sabe no que deve acreditar —, ver como o sol se põe por cima do oceano fá-lo acreditar em Deus como artista.

Os fins de semana, que receava que fossem maratonas angustiantes de solidão, não são assim tão maus. Costuma começá-los a ir um pouco mais tarde ao café e a ficar um bom bocado. Depois, dá um passeio pela 101 ou vai a Cedros District, onde há algumas lojas interessantes, mais cafés e uma boa livraria.

Ou dá um passeio pela praia, o que o surpreende tanto como o *burrito* ao pequeno-almoço, porque ele nunca foi muito de ir à praia. Não toma banho nem faz surfe e deitar-se a apanhar sol parece-lhe um aborrecimento.

— Os judeus são mais de deserto — explicou uma vez a McGuire, que também não é muito de praia porque tem pele de irlandês e acaba torrado como o bacon de um *burrito*.

— Mas há areia nos dois sítios, na praia e no deserto — respondeu o parceiro.

Lou não o achou um argumento convincente. Agora, pelo contrário, para chegar à praia, só tem de descer um lance de escadas ao sair do apartamento e, um dia, desceu e deu por si a andar pela areia. Sentiu o ar salubre e a brisa do mar na cara. E se as pessoas que frequentam o Coffee Company lhe parecem bonitas, as que frequentam a praia não são menos e, além disso, têm muito menos roupa.

E não se trata apenas dos corpos musculados.

Também começa a gostar da cena no seu conjunto: A água azul, o céu aberto, as famílias que vão divertir-se, os surfistas, os lançadores de disco… O quadro inteiro.

— Dentro de pouco, vou ver-te a comprar uma prancha de surfe — troçou McGuire.

Não, pensa Lou, agora. Embora talvez compre uma de *bodyboard*.

Parece divertido.

Portanto, os fins de semana não são assim tão maus. Até começa a desfrutar deles. Este lance da 101, desde Via de Valle até ao sul de Cardiff Beach, começa a ser o seu território. Gosta de voltar a casa de carro à noite e, aos fins de semana, vai ao Piza Port ou ao bar Chiefs, junto da estação de comboio, ver um jogo na televisão. Além disso, há sempre a carrinha dos cachorros quentes.

Sente a falta de Angie, mas não tanto como pensava, na verdade. Sente-se um pouco sozinho, sim, e o Seaside Chateau é um lugar solitário. Desde que se mudou, não deixa de o espantar que haja tantos carros na garagem e tão pouca gente na urbanização.

Têm de estar aí, pensa, se os carros estão, que vêm e vão, mas nunca vê as pessoas que os ocupam. Até onde pôde ver, os vizinhos podem classificar-se em vários grupos: Reformados que vivem lá a tempo inteiro; proprietários que, aparentemente, só vêm no verão; e inquilinos temporários, alguns deles turistas e, outros, pessoas como ele, que estão à espera de encontrar casa fixa ou acabaram de se divorciar e procuraram um apartamento através de uma imobiliária.

Sejam quem forem, os poucos que vê nesta época baixa não parecem ter muita vontade de conversar. Cumprimentam-no com um gesto se se encontrar com eles na piscina ou na garagem e é só isso.

Lou estranha que seja assim, mas, na verdade, não o incomoda. Está a desfrutar deste anonimato que lhe permite explorar a sua nova vida à vontade. Se o que queria era perder-se, pensa, vir para Seaside Chateau foi o correto.

A única coisa que realmente o incomoda é o assalto a Haddad, de que não tem uma só pista.

O caso está tão gelado como o coração de uma ex.

Ben Haddad e Sam Kassem superaram o teste do polígrafo, de modo que está descartado que o roubo foi uma fraude. Lou, que não queria que estivessem envolvidos, alegrou-se. John Houghton, o dono da ourivesaria de Del Mar, submeteu-se voluntariamente ao teste porque estava «farto dos parvalhões da companhia de seguros» e também o superou sem problemas.

Ou seja, a companhia de seguros não vai ter outro remédio senão pagar e ele está em branco, sem saber por onde seguir.

Está mais convencido do que nunca de que se trata de um só indivíduo, o «Salteador da 101», e de que é um assaltante muito cuidadoso, um ás no seu trabalho. Assaltou Haddad em menos de um minuto e desapareceu sem deixar rasto. Como se a terra o tivesse engolido ou houvesse algum metro que…

Algum estacionamento subterrâneo?

Pensa na imagem da sua garagem, idêntica à penitenciária federal de Solana Beach.

Se queria perder-se…

É isso que esse tipo está a fazer? Dar o golpe, entrar numa garagem subterrânea e mudar de

veículo?

Lou toma nota de que deve inspecionar as garagens próximas da ourivesaria de Houghton. Talvez alguém tenha visto alguma coisa.

Ou talvez ainda haja alguma coisa em alguma delas.

Está a pensar nisto quando vê que a mulher se levanta da mesa. Sabe que não tem nenhuma possibilidade — deixou-o bem claro com um apenas olhar de desdém —, mas também sabe que a conhece de algum lado.

Lou, que é da velha escola, tem um arquivo fotográfico na cabeça e, agora, começa a folheá-lo. Não é uma amiga de Angie (ou ter-se-ia aproximado para o cumprimentar, por curiosidade ou para se armar em boa), não é alguém que tenha prendido ou…

Interrogado.

Sim, é isso.

Interrogou-a há sete anos, por um roubo de diamantes. O caso da mulher que levava diamantes no valor de 645 000 dólares a um rancho de Santa Fé e foi assaltada quando furou um pneu. Não era a dona da ourivesaria nem a prejudicada, era a…

A agente de seguros e interrogara-a para verificar o valor da mercadoria roubada e as medidas de segurança que tinham tomado… Contudo, na verdade, não era uma empregada da companhia de seguros, mas…

Trabalhava por conta própria.

Sharon…

Sharon… Carter.

Não, Cole.

Não, Coombs.

Sharon Coombs.

E quem é o tipo, interroga-se Lou.

Dá a impressão de que acabaram de se conhecer, conversaram cinco minutos e ela agarrou no seu café com leite saudável e moderno e foi-se embora. Não trocaram números de telefone, que ele tenha visto. Mais uma tentativa fracassada de seduzir na 101, pensa Lou. Calibraram-se um ao outro, viram que a coisa não prometia e cada um seguiu para o seu lado.

Lou tem, no entanto, uma sensação no estômago — e não é o *burrito* —, algo que lhe diz que o que acabou de presenciar é outra coisa.

Porque não acredita nas coincidências.

É mais uma regra básica do crime: Quem acredita nas coincidências tem um nome: O réu.

Do interior do carro, Ormon vê que Coombs se afasta e entra no *Lexus*.

Davis conduz.

É o que faz sempre quando precisa de pensar.

Regra básica do crime: Se tem um mau pressentimento, o trabalho não corre bem.

Davis sabe, sabe, mas…

Não há «mas» que valham — pensa —, só a regra de ouro, as regras básicas, mas mesmo assim…

Esse golpe é o final, um golpe excecional pelo qual vale a pena abrir uma exceção e infringir as regras. É arriscado, sim, mas não é mais arriscado rejeitá-lo e fazer mais três ou quatro trabalhos para ganhar o mesmo dinheiro?

Compreende que vai fazê-lo. Ao passar junto da chaminé enorme de Carlsbad, sabe que vai infringir as regras e fazer este último golpe.

Agora, a questão é como.

«Há dois momentos em que posso fazê-lo», pensa Davis.

O primeiro, na suíte do hotel, quando o comerciante estiver a entregar a mercadoria. Haverá três pessoas no quarto: Shahbazi, o comerciante e o guarda. Teria de entrar na suíte (o que não é um problema), enfrentar três homens e agarrar nas joias e na massa e não tem mãos suficientes, literalmente, para agarrar nas duas coisas e segurar uma arma.

«Pensa bem.»

O comerciante entra, faz a transação e volta a sair com a massa. Pode assaltá-lo no corredor, incapacitá-lo e, depois, entrar e agarrar nas pedras. Tanto no corredor como no quarto, será um contra dois, dependendo do que o guarda fizer, escoltar a massa ou a mercadoria.

É melhor assim, embora não ideal.

«Pensa.

Onde está a falha essencial, o que estás a ignorar?»

Já está em Oceanside quando compreende.

Não tem de neutralizar o guarda, tem de ser o guarda.

Na 101, encontra sempre a resposta.

Nessa noite, quando Sharon sai do duche embrulhada numa toalha, há um homem sentado na sua cama. Na mão esquerda, apoiada no colo, tem a pequena *SIG Sauer* 380 que ela guarda na mesa de cabeceira.

— Não grites! — ordena.

Sharon sente uma pressão no peito. Falta-lhe o ar. Leva a mão ao pescoço e consegue dizer:

— Tenho herpes.

— Não sejas tão presunçosa — replica ele. — Não me interessa o que tens entre as pernas, mas o que tens entre as orelhas.

Ela treme, aterrorizada, e percebe que gosta de a ver tremer.

O homem aproxima o canhão da pistola de um lado da cabeça e coça o seu cabelo amarelo estranho.

— Tens uma coisa de valor aí dentro. Uma coisa que contaste ao Davis.

— Não sei a que se refere.

— Tenciono contar tudo o que sei sobre ti à polícia. Vais ganhar dez anos, mínimo, e essas lésbicas da prisão… Ufa, são quase todas mexicanas e, com uma *güera* como tu, vão ficar com água na boca.

«Não posso», pensa Sharon. «Não posso ir para a prisão.»

«Não tenciono ir.»

Ormon sorri.

— Sei o que estás a pensar, Sharon. Estás a pensar que vais fazer olhinhos de carneiro mal morto ao juiz e que uma branca como tu, do condado de Orange, ficará em liberdade condicional.

Isso, sim, era mais ou menos o que estava a pensar.

— Mas se isso acontecer, Sharon — continua ele —, se isso chegar a acontecer, virei procurar-te e encarregar-me de ti pessoalmente. Vou devastar-te e nenhum homem voltará a olhar para ti. Porque vai sentir nojo.

— Por favor…

— Não tens de suplicar. Só tens de optar pelo mais inteligente. Vou pagar-te o mesmo do que o Davis. Não vais perder um cêntimo e vais manter a tua cara bonita. Portanto, diz-me, o que escolhes?

Lou decide experimentar o ioga.

McGuire desata a rir-se quando lhe conta.

— O ioga? A sério? Mas tens a flexibilidade de um bloco de cimento.

— É por isso que quero fazer ioga.

— Além disso, a barriga pende-te por cima do cinto — acrescentou o parceiro.

— Sim, é por isso.

— Que tipo de ioga?

— Há vários?

— Claro. Há um em que aumentam o termóstato e suas como um porco, outro em que se fazem as posições todas…

— Que posições?

— Outro que se faz em câmara lenta — continuou McGuire. — Há o ioga com meditação, o ioga de rua… Até há um que se faz com cabras.

— Com cabras? E como é?

— Não sei — respondeu McGuire. — Nem quero saber. E tu não queres fazer ioga. O que queres é ter sexo.

— Também pode ter-se sexo enquanto se faz ioga?

— Qualquer homem heterossexual que vai ao ioga — disse McGuire —, vai conhecer mulheres, ver se consegue ter sexo. E os homossexuais também: Vão conhecer homens com quem ir para a cama. De facto, em hindi, ioga significa «sexo».

— Nem pensar…

— É como se fosse… — murmurou McGuire.

— E as mulheres? — perguntou Lou. — Também vão ao ioga para terem sexo?

— Espero que sim, para o teu bem.

Na verdade, Lou tem aspirações menos ambiciosas.

Se conseguir perder alguns quilos, ótimo.

E se se encontrar com Sharon Coombs, ainda melhor.

Portanto, agora, levanta o rabo, fazendo o que o monitor chama «o cão de barriga para baixo» e pensa que, se o ioga não tiver a ver com sexo, não será por causa do «cão de barriga para baixo», o «cão de barriga para cima» ou qualquer outro cão.

Para cúmulo, o rabo que sobe e desce à frente do dele é o de Sharon.

Para cima, para baixo, guerreiro um, guerreiro dois, saudação ao sol… Lou esbugalha os olhos tentando não olhar para o rabo de Coombs.

Para usar aquele maiô — conclui — devia ser preciso uma licença especial.

Quando acaba a aula, está suado, cansado e brincalhão. E Coombs nem olhou para ele. Porém, ao sair do vestiário, quando está a pendurar o distintivo no cinto, lança-lhe um olhar.

E, depois, outro.

E fala com ele.

— É a tua primeira aula?

— Nota-se, eh?

— Não, foste incrível.

— Obrigado, mesmo que seja mentira — agradece ele.

Olha realmente para os olhos dele e pergunta:

— Apetece-te um batido?

— Preferia uma sandes de *pastrami* — responde Lou. — Mas posso acompanhar-te e beber um café.

— Não gostas de batidos?

— Nem sequer gosto do nome.

Coombs desata a rir-se.

Enquanto descem as escadas, Lou já sabe que não está interessada nele.

É o distintivo policial.

Alguns minutos depois, estão sentados na esplanada do Coffee Company de Solana Beach.

— O que fazes, Lou? — pergunta Sharon, enquanto bebe uma beberagem verde que, segundo Lou, parece vómito passado pelo saco de um cortador de relva.

— Sou polícia. Imagino que não te lembres de mim.

Observa-o, perturbada.

— Foi há alguns anos — acrescenta ele. — Interroguei-te por causa do roubo de uns diamantes.

— Ena, lamento muito — desculpa-se ela. — E fui eu?

— Sabes? A verdade é que não cheguei a descobrir quem roubou essas pedras.

— Não? Que estranho.

— Estranho, porquê?

— Porque tenho a impressão de que és um desses homens que faz tudo bem.

McGuire tinha razão.

O ioga é puro sexo.

— Fazes tudo realmente bem — diz Sharon, um instante depois, deitada na cama de Lou enquanto observa o oceano pela janela.

— Também disseste que fazia bem ioga.

— Isso era mentira. Agora, estou a dizer a verdade. Como é que a tua mulher te deixou fugir?

— Gostava mais de um advogado.

— Que nojo…

— Penso o mesmo.

Ficam deitados durante alguns minutos, desfrutando do panorama espetacular e, depois, Lou pergunta:

— Ouve, Sharon, queres jantar comigo alguma vez?

— Não sei, Lou — responde ela. — Podemos ter sexo, mas jantar juntos… Isso é muito íntimo.

Lou não sabe se está a brincar ou não. Ter sexo é um encontro entre aparelhos genitais; jantar, um encontro entre duas mentes e tem a impressão de que, na 101, é mais frequente o primeiro.

Ela desliza pela cama e começa a fazer-lhe uma reanimação oral.

— Pareces muito otimista — comenta ele.

— Sou.

— Ouve, Sharon… Porque não me dizes o que realmente queres?

Ela levanta o olhar.

— Porque me contas isto? — pergunta Lou.

Sharon acaba de lhe confessar a sua participação num crime e a sua cumplicidade noutro. Podia ganhar entre doze e vinte anos de prisão.

— Porque tenho medo. — Parece realmente assustada. Talvez o facto de estar nua contribua para que pareça mais temerosa, mais vulnerável. — Vais proteger-me?

— Sim, vou proteger-te.

«Para isso, não era preciso ires para a cama comigo», pensa ele. «Ainda que, certamente, achasses que sim. Ou talvez o tenhas feito porque pensavas que conseguirias um acordo.»

— Dei-te informação — declara. — Portanto, não tenho de ir para a prisão?

— Acho que posso fazer alguma coisa — replica Lou. — O que disseste a esse tipo? O que te ameaçou?

— O mesmo que te disse.

De modo que «Davis», como Sharon o chama, vai roubar Shahbazi no quarto do hotel e, depois, o do cabelo amarelo vai assaltar Davis quando sair.

Só que Davis não sairá desse quarto, pensa Lou.

O guarda chama-se Nelson.

Robert David Nelson.

Bob.

Davis, que sabe o seu nome por Sharon, informou-se sobre ele: Foi polícia em Milwaukee e, ao pré-reformar-se, veio para San Diego pelo sol e pela boa vida. É casado e tem dois filhos já crescidos. Não há uma só mancha no seu relatório e é bom atirador.

Passou três dias a vigiar Nelson. Viu-o a acompanhar Ben Haddad numa transferência (ou seja, o bom Sammy castigara-o); viu-o a ir ao supermercado com a mulher, Linda; e viu-o ir ao ginásio e suar na bicicleta estática.

Depois, viu-o ir a um bar para beber uma cerveja.

E, mais tarde, a voltar para casa.

Portanto, não parece ter problemas com a bebida.

Nem uma amante.

Às nove e meia, já está na cama.

Não é um tipo que tenha intenções ocultas ou que vá fazer algo precipitado ou estúpido.

Isso é bom, Davis sabe.

Regra básica do crime: É sempre melhor enfrentar um inteligente do que um parvo.

Davis desapareceu.

Mas Ormon não se importa.

Não sabe onde está, mas sabe onde vai estar.

E quando.

O que é muito melhor.

McGuire atende o telefone.

— Lou…

— O que foi?

— É o Sam Kassem. Diz que, à frente da sua loja, há um tipo que lhe dá um mau pressentimento.

Vão para lá depressa. Só a unidade de Lou, em carros sem distintivos.

Se for o Salteador da 101, Lou não quer que os carros de patrulha o afugentem.

Contudo, não devia ser ele, pensa, com o estômago às voltas, enquanto vão para El Cajon. Ele não assalta duas vezes o mesmo ourives. E está a preparar-se para um golpe muito maior. Não vai arriscar-se a lixar tudo por uma bagatela.

O que se passa é que Sam ficou com medo desde que o assaltaram.

Lou fala ao telemóvel com os seus homens.

— Deem a volta ao quarteirão, mas não se aproximem demasiado. O McGuire e eu entramos.

McGuire para ao fundo do quarteirão e vê um *Camaro* de último modelo estacionado à frente da loja de Sam.

— Entrou — diz McGuire. — Temos de aproveitar enquanto está lá dentro.

Ena, homem, pensa Lou. Será que o homem perdeu a cabeça?

* * *

Lou sai do carro, pega na *Glock* 9 e esconde-a atrás das costas. Não usa a pistola em serviço há… há uma eternidade.

Nesse momento, um tipo sai a correr da loja com alguns relógios na mão e uma pistola na outra.

Lou põe-se em posição de disparar, aponta-lhe para o peito e grita:

— Polícia! Alto! Largue a arma!

Ouve McGuire gritar:

— Para o chão! Para o chão!

O assaltante fica quieto.

Hesita.

Toma uma decisão.

— Não o faças! — grita Lou. — Não o faças!

«Por favor, não o faças.»

Mas fá-lo.

Aponta-lhes a pistola.

Lou aperta o gatilho e continua a apertá-lo, várias vezes.

Tal como McGuire.

O tipo cai na calçada.

— É o teu homem — diz McGuire, de pé junto do cadáver.

— Não, não é ele — contradiz Lou, cansado de repente, agora que a onda de adrenalina desapareceu.

— Como sabes?

— Porque sei.

Um punhado de relógios em vez de dez milhões de dólares?

Ora… Nem é preciso citar uma regra básica do crime…

É aritmética elementar.

Enquanto olha pela janela para o Pacífico, que açoita as rochas lá em baixo, sente-se enojado e doente.

Nunca matara ninguém.

E é horrível.

Não porque vá haver uma investigação — de que sabe que sairá ileso — ou porque vai estar

isento de serviço até o assunto se esclarecer, mas porque tirou a vida a um ser humano. Não se tornou polícia para isso. Tornou-se polícia para ajudar as pessoas e uma pessoa morreu por uns relógios de merda.

Sente vontade de mandar tudo à merda.

Sabe o que devia fazer.

Sabe o que é o melhor.

Passou a vida a cumprir as regras.

Mas, mesmo assim, pensa nisso.

Contrariar-se, passar-se para o outro lado.

Porque o plano do assaltante tem um buraco na trama e ele encontrou-o.

Dez milhões em dinheiro e pedras preciosas?

É muita massa.

O suficiente para lhe mudar a vida.

Para deixar o trabalho e viver para sempre na praia.

Agora, entende que as pessoas escolham viver em sítios assim. Belas vistas, pessoas bonitas.

Entardeceres esplêndidos.

Brilhos desmedidos de vermelho, cor de laranja e violeta enquanto o mar passa de azul para cinzento e, depois, para preto.

Porque — pensa Lou —, se as pessoas iam desaparecer ao entardecer, teria de ser num entardecer como este.

É nisso que está a pensar quando tocam à campainha.

É Angie.

— Olá — cumprimenta.

Está muito bonita.

Mudou de penteado. O cabelo um pouco mais curto, algumas madeixas… Parece ter perdido alguns quilos.

— Para responder à pergunta que te ronda pela cabeça — diz —, aproveitei que alguém abria a porta de fora para entrar.

— Eu não disse nada.

— Posso entrar?

Lou afasta-se e deixa-a entrar.

Ela olha pela janela.

— Ena… Que coisa, Lou, tu a viver junto do mar. Suponho que isto seja o que chamam «mesmo à frente da praia».

— Sim, acho que sim.

— E consegues pagá-lo. Porque a renda deve ser…

«Não é assunto teu», pensa Lou.

— Vai ser uma temporada.

— E depois?

Encolhe os ombros.

— Logo vemos.

— Vejo que o espírito da praia te possuiu. Não terás começado a fazer surfe?

— Não, não comecei a fazer surfe — responde Lou. — Mas estou a pensar nisso. Queres um batido?

— Não, não quero um batido.

— E o que queres, Angie? Porque vieste?

Olha para ele por um instante.

— Vim ver se queres voltar para mim — esclarece, com os olhos cheios de lágrimas.

Ah…

Não esperava isso.

Era o que queria, mas não o esperava. «Claro que quero voltar para ti», pensa, mas ouve-se a dizer:

— A verdade, Angie, é que acho que não.

Porque é preciso contrariar-se.

Mais uma regra básica: Nunca ser previsível.

• • •

Davis nunca fica nervoso no dia em que vai fazer um golpe, só sente o aumento imprescindível de adrenalina. Esta manhã, pelo contrário, está inquieto, tem os nervos à flor de pele. Deve-se ao facto de ser o seu último trabalho ou a sentir que algo vai correr mal?

Ainda está a tempo, pensa, enquanto olha para o oceano pela janela.

Ainda pode desistir.

Entrar na 101 para o norte e desaparecer.

Esquecer este assunto.

De pé no seu terraço, a beber a primeira chávena de café do dia, Lou está a pensar mais ou menos no mesmo.

«Não o faças», pensa, enquanto veste o fato e ajusta a capa da *Glock*.

Vai para a garagem e entra no carro.

Ao lado do seu, estacionou um carro novo.

Um *Mustang* verde-escuro, com um ar um pouco retro.

Como o do filme, diz-se Lou. Como se intitulava?

Ah, sim, *Bullitt*.

Com Steve McQueen.

Davis entra no *Mustang* para ir para o aeroporto.

Um *Mustang Bullitt* de 2019.

Verde-escuro. (Claro.)

Motor V8 atmosférico de 5 litros e 460 CV.

Diferencial de deslizamento limitado Torsen 3.73.

Caixa de mudanças manual de seis velocidades com sistema de ajuste de revoluções.

E tubo de escape com saída dupla.

Lou vê o comerciante de joias a descer pela escada rolante.

Aproxima-se dele.

— Senhor Perez?

Perez assente.

Tem uma mala Halliburton na mão direita.

— O carro está lá fora — indica Lou e acompanha Perez à rua.

O comerciante dá um salto ao ver o *Civic* velho. Passa-se algo estranho. Vira-se para olhar para Lou, que lhe mostra o distintivo policial.

— Tem de entrar no carro, pode acreditar — afirma.

Perez senta-se no banco do passageiro e Lou ocupa o lugar do condutor.

— Há duas formas de resolver isto, senhor Perez. Posso detê-lo agora mesmo por transporte interestadual de bens sem declarar…

— Sou apenas um mensageiro — replica Perez. — Desconheço a procedência destes…

— Pode contar isso a qualquer procurador jovem e ambicioso, para ver se acredita — interrompe-o Lou. — Ou podemos resolver isto à minha maneira — acrescenta.

Perez opta pela opção número dois.

O buraco na trama.

Davis espera no estacionamento de recolhimento de passageiros do aeroporto.

Vê Nelson chegar, o guarda.

Chega cedo, como costuma acontecer com as escoltas, muito antes da hora em que se prevê que aterre o avião do comerciante. Não quer, claro está, que alguém que tem duas malas com joias avaliadas em cinco milhões de dólares espere na calçada, à frente do terminal.

Davis também tem os dados do voo.

Sharon deu-lhos: A informação do voo, o nome e até uma fotografia do correio, um tal Perez.

Vestiu-se para o papel. Fato preto, camisa branca, gravata vermelha e sapatos de couro pretos. As escoltas estão sempre impecavelmente vestidas, com o fato bem apertado, para dar uma impressão de profissionalismo ao cliente. Afinal de contas, ninguém quer que o homem que vai proteger a sua vida e o seu dinheiro pareça um palhaço, um hippie ou um motorista de um serviço de carros de aluguer.

Davis sabe: Roupa barata, trabalho barato.

Era por isso que McQueen andava sempre elegante.

Porque sabia o que Davis sabe, outra regra do crime: Vestir-se de acordo com o negócio.

O comerciante não trará bagagem. Irá diretamente do avião para a rua.

Cerca de seis minutos, a bom passo.

Davis dá uma olhadela à aplicação de seguimento de voos, no telemóvel. O avião aterrou. Sai do carro, aproxima-se do carro de Nelson — um *Lincoln* —, sorri e toca na janela do condutor.

Nelson abre-a.

Davis inclina-se para que Nelson veja a *SIG* que lhe aponta para a cara.

— Põe as mãos no volante, Bob.

Nelson obedece.

Segurando o telemóvel com a mão esquerda, Davis mostra-lhe uma imagem ao vivo da sua casa: Linda está a cortar a sebe da entrada.

— Vou explicar-te o que vamos fazer — diz. — Vais dar-me o teu telemóvel muito devagar. Depois, vais ficar aqui sentado durante duas horas, com a boca bem fechada. E, mais tarde, voltas para casa para estar com a Linda. Porque, se ficares duas horas aqui, a Linda continuará a estar em casa. Perderás o teu trabalho, claro, mas continuarás a ter a tua mulher e a tua pensão de Milwaukee. Entendido?

— Sim.

Davis acredita. Um tipo decente arriscaria a própria vida, mas não a da esposa.

— Muito bem. Dá-me o telemóvel.

Devagar, Nelson aproxima a mão da consola do carro e passa-lhe o telemóvel.

— Não magoes a minha mulher.

— Isso depende de ti.

Quando Davis volta a entrar no carro, o telemóvel de Nelson recebe uma mensagem.

«Já aterrei, vou para a saída.»

«Entendido, espero lá», responde Davis.

Ormon não está no aeroporto.

Preferiu evitar os preliminares.

Está em frente de L'Auberge, à espera que chegue a hora. Tem uma *MAC-10* por baixo do casaco vermelho de couro sintético, pronta para disparar.

E importa-se pouco com os danos colaterais. Por onze milhões? Ora essa! Estão a gozar?

Dá uma olhadela ao telemóvel.

O avião já aterrou.

Davis estará prestes a entrar em cena.

Para o seu… Como se diz? Para o seu ato final.

Davis está à espera quando o comerciante sai do terminal.

Sai do carro, faz-lhe um gesto e abre-lhe a porta de trás. O comerciante olha para o *Mustang* de soslaio.

— Prefiro um carro rápido, para o caso de ter de acelerar — comenta Davis.

O comerciante entra no carro.

Davis fecha a porta, dá a volta, volta a sentar-se ao volante, verifica o espelho retrovisor e põe o carro a trabalhar.

— Há trânsito na Cinco — diz —, portanto, pensei em seguir a Cento e Um, se achar bem.

— Sou de Nova Iorque — responde o comerciante. — Não sei qual é a Cinco ou a Cento e Um. Aqui, só há números. Vá pela rota mais rápida.

— Acho que será a Cento e Um.

Que idiotice, pensa Lou. Que homem parvo. Está obcecado com a 101 e é um dos melhores assaltantes, e dos mais inteligentes, que conheceu. Ou talvez seja uma viagem de despedida, um último trajeto pela sua estrada adorada.

«Claro que também poderia ser o meu último trajeto» — pensa Lou —, «se as coisas não correrem como planeei.»

— Este é o carro do *Bullitt*, não é? — pergunta.

«Conheço este homem», pensa Davis.

«Não é a primeira vez que o vejo.»

E, quando Davis vê uma pessoa que não conhece mais de uma vez — sobretudo se for em dois lugares diferentes —, quer saber a que se deve.

Regra básica do crime: Quem acredita nas coincidências tem um nome: O réu.

Contudo, não consegue lembrar-se.

Tanto faz, pensa. O que o manual exige é que pare, saia do carro e desapareça.

Mas não o faz.

— O *Bullitt* ou o *Tiro de Escape*? — pergunta Lou.

— Desculpe?

— Está claro que é um fã do McQueen. Que filme é melhor? O *Bullitt* ou o *Tiro de Escape*?

«Tenta fazer com que continue a falar», pensa Lou. Porque está a ficar nervoso. Nota-se. Já

olhou duas vezes pelo retrovisor, furtivamente, e Lou tem um pouco de medo de que o tenha reconhecido do café.

«Se me relacionar com Sharon Coombs, acabou-se, desaparecerá.»

É uma regra básica do crime.

— Eu prefiro o *Bullitt* — diz Davis. — Embora ambos sejam magníficos.

Aproveita a oportunidade para olhar pelo retrovisor, fixamente desta vez, para ver se descobre de onde conhece aquele homem.

— A perseguição de carros, eh? — pergunta o comerciante.

— Exato.

— Eu prefiro o *Tiro de Escape*. O personagem de McQueen.

— Doc McCoy.

— Doc McCoy.

Davis segue a Grand Avenue, dirige-se para o oeste atravessando Pacific Beach e, depois, vira para o norte em Mission Alameda, que é o nome que a 101 recebe neste bairro. Em Mission, segue o desvio da esquerda para La Jolla Alameda, sobe por Bird Rock e entra no luxuoso «Village».

E, então, lembra-se.

O café.

Estava sentado a uma mesa, à frente dele e de Sharon.

«Descobriu-me», pensa Lou. Nota-se pela forma como Davis o observa pelo espelho, em como as mãos se agarram ao volante.

Decide arriscar-se porque sabe que é melhor sabê-lo o quanto antes.

— Sabes qual é o meu filme favorito do McQueen?

— Qual?

— *O Caso de Thomas Crown* — responde Lou, com um sorriso.

— O McQueen era um ladrão de arte, não era? — pergunta Davis.

— Sim, é verdade. E a Faye Dunaway era agente de seguros.

«Desaparece», pensa Davis.

«Para o carro e desaparece.

Ou vira-te e dá-lhe um tiro na cara.»

Lou vê que Davis aproxima ligeiramente a mão da consola central.

Portanto, é aí que tem a pistola, pensa, e ele também desliza a mão por baixo do casaco para a aproximar da *Glock*.

Isto pode correr mal a qualquer momento.

Talvez seja por causa dos onze milhões, por ser o último golpe milionário ou talvez porque não gosta que pensem que é tolo. A questão é que Davis continua a conduzir e diz:

— Parece-me que não era agente de seguros. Acho que era investigadora.

— Sim, exato — concorda o comerciante.

Continuam por La Jolla Alameda, deixam para trás a baía, desviam-se para Prospect e, depois, para Torrey Pines, atravessam a universidade, passam pelo campo de golfe e descem pela longa

ladeira que desemboca bruscamente na praia de Torrey Pines. Depois, sobem pela encosta íngreme que leva a Del Mar.

Ambos sabem que vão levar aquilo até ao fim.

Quem vai desistir primeiro? É o que jogam na 101.

— Já quase chegámos — informa Davis.

Sim, é verdade, pensa Lou.

Quase chegámos a onde vamos.

Lou toca à campainha da suíte 243.

Davis está atrás dele, virado de costas, a olhar para o fundo do corredor.

Shahbazi abre a porta. Veste um fato de linho cinzento e uma camisa branca com o colarinho aberto.

— Senhor Perez?

— Sim.

— Entre, por favor.

Davis entra primeiro, dá uma olhadela ao quarto e indica a Lou com um gesto que entre.

Lou fecha a porta.

Davis já tem a *SIG Sauer* na mão.

— Não tem de haver feridos. A pistola, que tens por baixo do casaco, deixa-a na cama.

Shahbazi olha para Lou.

— Faça alguma coisa.

Lou pega na *Glock* e deposita-a suavemente na cama.

— Abre a mala, quero dar uma olhadela — declara Davis.

Lou põe a mala em cima da cama, vira a roda da combinação e abre-a. Pega na pistola e aponta para Davis.

Regra básica do crime: Ter sempre uma arma de substituição.

— Larga a arma! — ordena Lou. — Sou polícia. Ando à tua procura há muito tempo.

— Não vou para a prisão — declara Davis. — Estou disposto a disparar.

— Nunca mataste ninguém.

— Há sempre uma primeira vez. — Davis olha atentamente para ele. — Tu, pelo contrário, mataste.

— E odiei fazê-lo.

Davis sabe que está lixado. Infringiu as regras e já só pode fazer uma coisa: Voltar a cingir-se a elas.

Regra básica: Todos têm um preço.

— Proponho-te uma coisa — diz. — Levo as joias e deixo-te o dinheiro. Faz o que quiseres com ele.

Lou aponta para Shahbazi com a cabeça.

— E ele?

Todos têm um preço, pensa Davis. É uma regra básica.

— O que vai fazer? Denunciar o roubo de uma mala cheia de joias por declarar? Com cinco milhões, podes ir para onde quiseres.

Lou sente a pistola pesada nas mãos. Sente que começam a tremer.

— Lembras-te de como acaba o *Tiro de Escape*?

Davis parece perturbado.

— Sim. O Doc foge.

— Isso é no filme — responde Lou. — No livro, há um epílogo. O Doc desaparece, mas a coisa não acaba bem.

— Isso é um «não»? — pergunta Davis e o dedo fica tenso no gatilho.

A porta abre-se de repente.

Ormon tem a *MAC-10* ao alto, vê Lou primeiro e aponta para ele.

«Sou um homem morto», pensa Lou.

Mas a cabeça de Ormon rebenta.

Lou vira-se e vê que Davis disparou.

Davis volta a apontar para ele, mas não aperta o gatilho.

— Bom — diz Lou —, o que vamos fazer?

— Detenha-o! — grita Shahbazi.

— Cale-se! — ordena Lou. — A Sharon disse-me que este seria o teu último trabalho. Tens dinheiro suficiente poupado para viver?

— Não com muitos luxos.

— Mas para viver. Então, pega no teu carro e vai-te embora. E não voltes a San Diego.

— O quê?! — grita Shahbazi.

— Não lhe disse para se calar? — pergunta Lou e acrescenta, dirigindo-se a Davis: — Deixa-me expô-lo de outra forma. O que faria o Steve McQueen?

Davis sorri.

— Conduzir.

— Conduz — responde Lou. — É básico.

Básico, pensa Davis. Outra regra básica: Fazer sempre o que Steve McQueen faria.

Lou continua a apontar a arma enquanto sai pela porta.

— Vai deixar que esse ladrão fuja? — grita Shahbazi.

— O ladrão está no chão. O célebre Salteador da 101 — diz Lou, olhando para o rapazola do cabelo amarelo. Para ele, já acabou.

— Vou fazer com que o expulsem polícia!

— Não vai fazer nada de nada — replica Lou, que já começa a ouvir as sirenes. Tem de se apressar. — Quando a polícia chegar, vai ouvir atentamente o que eu lhes disser, vai assentir com a cabeça e vai dar-me razão em tudo. Depois, irá ao casamento da sua sobrinha e distribuirá os presentes, dando-se ares de grande senhor. Entendido?

Entendido.

Davis conduz.

Para o norte pela 101.

Atravessa Del Mar e deixa para trás o hipódromo.

Deixa para trás o letreiro de néon cor-de-rosa que proclama Solana Beach junto de Fletcher Cove, o bar Tidewater, a pizaria Port, a loja de surfe de Mitch e o concessionário de motas Moreland. Desce a ladeira até ao trecho comprido de praia de Cardiff e, depois, sobe, atravessa Swami's e Encinitas, passa junto de Moonlight Beach, deixa para trás o velho teatro La Paloma, passa por baixo do cartaz arqueado por cima da 101 e que anuncia Encinitas.

Depois, segue em paralelo às vias do comboio e aos eucaliptos da buliçosa Leucadia, chega à

antiquada Carlsbad, passa junto da central elétrica cuja velha chaminé evoca ecos de Springsteen e William Blake.

Uma paisagem que sabe que não voltará a ver.

Continua a conduzir todo o dia e toda a noite, parando apenas para pôr gasolina. Atravessa San Clemente, Laguna Beach, Newport Beach, Huntington Beach, Seal Beach, Long Beach, Redondo e Manhattan. Dá a volta a Marina del Rey, atravessa Santa Mónica, Malibu, Oxnard e Ventura.

Depois, desvia-se ligeiramente para o oeste, passa por Santa Bárbara, dirige-se para o norte até Pismo e Morro Bay. Quando amanhece, já está em Big Sul e, de lá, vai para Monterrey e Santa Cruz.

Chega a São Francisco, atravessando a ponte.

Stinson Beach, Nick's Cove, Adega Bay.

Jenner, Stewarts Point, Gualala.

Point Arena, Elk, Albion.

Little River, Mendocino.

Para ao chegar a Fort Bragg.

Uma casinha de estilo Craftsman a leste da estrada e a norte da vila. Comprou-a há anos e, para além de a manter limpa e em perfeito estado, não voltou.

Até agora.

Agora, será o seu lar.

Regra básica do crime: Se puder fugir, deve fugir.

Lou dá uma última trinca ao seu cachorro e limpa a mostarda dos lábios com o dorso da mão.

Atrás dele, o sinal luminoso de Solana Beach reluz, cor-de-rosa como o entardecer.

Acreditaram na história dele. E porque não haveriam de acreditar? Polícia lendário frustra um assalto a um ourives e mata o Salteador da 101. Os chefes não acharam graça à sua tática de lobo solitário ou à sua jactância, mas o que poderiam dizer? Resolvera uma dúzia de assaltos e livrara-se de dois delinquentes perigosos.

Bob Nelson estava disposto a fazer o que ele queria e confirmou que o agente Lubesnick ocupou o seu lugar naquele dia com o propósito rápido de armar uma cilada ao ladrão. Os chefes aceitaram-no, contrariados, mas não podiam despedir um empregado que contribuíra para frustrar um roubo milionário.

Quanto a Sharon Coombs, a última coisa que Lou soube dela foi que estava em Pittsburgh, a trabalhar como perita para uma companhia de seguros de automóveis.

E Angie?

Seguiram em frente com o divórcio e Lou pensa que está a sair com um assessor financeiro.

Ele continuou a viver em Solana Beach, não no apartamento à frente da praia, que não podia pagar a longo prazo, mas num do Seaside Chateau que não tem uma vista muito boa, mas é perto do mar. Gosta deste estilo de vida, gosta de ir ao Coffee Company de Solana Beach comer *burritos* ao pequeno-almoço e até vai à aula de ioga uma vez por semana.

Agora, Lou sai com o seu *Honda Civic* para a 101 e dirige-se para o norte. Deixa para trás o bar Tidewater, a pizaria Port, a loja de surfe de Mitch e o concessionário de motas Moreland.

Começou a amar esta estrada como um homem ama uma mulher.

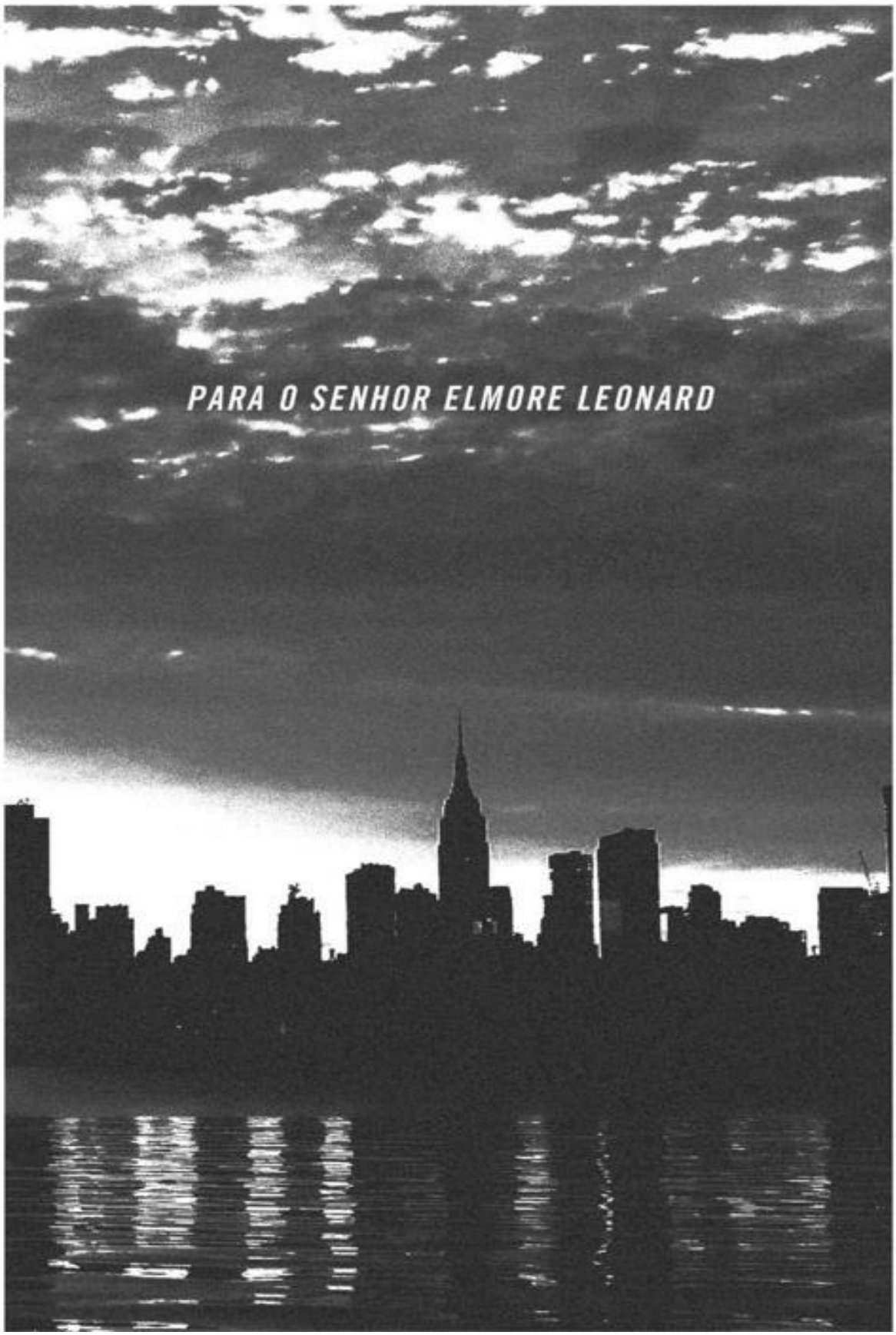
Poderia percorrê-la dia e noite, a todas as horas.

A sua nova matrícula é uma daquelas matrículas pretas californianas de estilo retro.

Diz:

Básico do crime.

[1] The Daily Grin, «o sorriso diário». The Daily Grind, «a labuta diária». (N. da. T.)


PARA O SENHOR ELMORE LEONARD

O JARDIM ZOOLÓGICO DE SAN DIEGO

Ninguém sabe de onde o chimpanzé tirou o revólver.

Isso, só por si, já é um problema.

Chris Shea não pensou, no entanto, que fosse problema dele quando o avisaram por rádio de que um chimpanzé fugira do famoso jardim zoológico de San Diego.

— Liguem para o Controlo de Animais — declarou, convencido de que a fuga de um macaco não era problema da polícia.

Contudo, o operador do serviço de emergências disse:

— Eh… Pelos vistos, o macaco está armado.

— Armado? Com o quê? Com um pau? — perguntou Chris.

Vira qualquer coisa no Animal Planet sobre os chimpanzés usarem paus como ferramentas ou armas e, aparentemente, era importante. Contudo, Chris não descobrira porquê, visto que se levantara para ir fazer uma sandes.

Ou eram os babuínos e vira-o no canal National Geographic?

— Segundo as declarações das testemunhas, o chimpanzé tem uma pistola — acrescentou o operador.

De certeza que não vira aquilo no Animal Planet.

— Que tipo de pistola?

— Um revólver.

Bom, sempre era qualquer coisa, pensou Chris. Podia ser pior: Uma *Glock* ou uma *SIG Sauer*.

— Onde está o chimpanzé agora?

O operador, sem se desviar do jargão policial, respondeu:

— O suspeito foi visto pela última vez a dirigir-se para este em The Prado.

Um problema. A avenida principal de Balboa Park faz parte da zona da Divisão Central que Chris patrulha, portanto, não tinha outro remédio senão atender a chamada. Era um problema, além disso, porque, numa noite quente de julho como aquela, haveria imensas pessoas a passear pelo parque, incluindo muitos turistas, e nem o comissário-chefe nem o presidente da câmara quereriam ver na CNN que um cidadão que estava de visita na «Melhor Cidade da América» foi abatido a tiros por um chimpanzé.

Agora, Chris está parado na rua junto de outros cinco polícias, a ver como o chimpanzé sobe pela fachada do Museu da Humanidade. «Exatamente o que precisava esta noite», pensa Chris: Um chimpanzé armado e, ainda por cima, irónico.

Porém, o pior de tudo é que Grosskopf está ali, a gritar pelo megafone:

— Larga a arma e desce!

Gosta de Grosskopf, esforça-se muito para cumprir o seu trabalho, mas não é muito inteligente.

— Richard…

— O que foi?

Grosskopf desvia o megafone, irritado.

— Não acho que entenda a nossa língua — diz Chris.

— E qual achas que entenderá? Alguma língua africana? Não havia um colega somali no Crime Organizado?

— Acho que não entende nenhuma língua, a não ser que saibas falar chimpanzé — troça Chris. E não acha que tenham nenhum chimpanzé na polícia. Alguns gorilas, talvez. Mas chimpanzés, não.

Segue-se uma breve discussão sobre se devem chamar a Caça e Pesca, mas um chimpanzé não pode enquadrar-se em nenhuma dessas duas categorias.

Harrison propõe que chamem os bombeiros.

— Salvam gatos que sobem para as árvores, não é?

Liga para os bombeiros, explica a situação, ouve por um segundo e, depois, desliga.

— O que disseram? — pergunta Chris.

— Para me lixar.

— Disseram-te isso?

— Bom, não com essas palavras — responde Harrison —, mas disseram-me que, se se tratar de salvar um animal de uma árvore ou de um edifício, então, podem fazê-lo, mas que, se o animal tiver uma arma de fogo em seu poder, é coisa nossa. Não sei, custava-me a entender com tanto riso.

Congregou-se uma multidão.

Chris olha para Harrison.

— Temos de afastar as pessoas. Isolar a zona.

— Porquê? — pergunta Harrison.

— E se o macaco disparar?

— Porque haveria de disparar?

— Não sei, porque é um macaco — indica Chris. — Vá lá, afasta as pessoas. Já.

A multidão começou a cantar em coro: «Não deem um tiro ao macaco, não deem um tiro ao macaco.»

— Não vamos dar um tiro ao macaco! — grita Chris, ainda que não tenha a certeza. Se apertar o gatilho, terão de disparar.

Uma mulher vestida com casaco de safari abre caminho entre a multidão e aproxima-se dele.

— Carolyn Voight — apresenta-se. — Do Departamento de Primatas do jardim zoológico.

— De onde é que o macaco tirou a pistola? — pergunta Chris.

— A culpa é da Associação Nacional de Armas — indica Voight.

É bonita. Alta, de olhos azuis, com o cabelo loiro apanhado num rabo de cavalo por baixo do boné do jardim zoológico.

— Sim, a sério… — diz Chris.

— Não sei. E também não sei como o *Champion* fugiu.

— O chimpanzé chama-se *Champion*? — pergunta Chris.

Carolyn encolhe os ombros, como se não tivesse sido ideia dela.

Grosskopf, que ouviu a conversa, faz outra tentativa de comunicar com o chimpanzé.

— *Champion*, larga a arma e desce! Ninguém tem de sair ferido!

Chris também não tem a certeza disso. O *Champion* pendurou-se numa câmara de segurança com uma mão (ou é uma garra?) e, com a outra, brande a pistola, que pode disparar facilmente.

— Trouxe uma espingarda de tranquilizantes? — pergunta a Carolyn.

— Não.

— Mas não é o que costumam fazer? — insiste Chris. — Disparar um dardo para os deixar inconscientes?

— Mesmo que pudéssemos fazê-lo — replica ela —, acabaria por se magoar ao cair.

— Avisamos os negociadores? — pergunta Grosskopf.

— Para negociarem? — quer saber Chris.

— Sim.

— Com um chimpanzé?

Ainda que, para dizer a verdade, pensa Chris, tenham negociado com muitos tipos que tinham menos coeficiente intelectual do que o amigo *Champion* que, pelo menos, conseguiu fugir de uma jaula.

— E o que poderíamos oferecer-lhe?

— Bananas? — propõe Grosskopf.

— A verdade é que isso é um mito — diz Carolyn. — O dos chimpanzés e das bananas. Um estereótipo.

Chris já está a ver os títulos nos jornais. «A polícia de San Diego negocia com um primata. O comissário-chefe compromete-se a fazer uma investigação exaustiva.»

— Tem ideia do que motivou a fuga? — pergunta Grosskopf a Voight, muito sério.

— O motivo poderia ser de índole sexual — responde ela.

— Sexual — repete Grosskopf.

— A *Alicia* rejeitou as suas aproximações amorosas há alguns dias — explica Voight —, e ele aceitou-o muito mal. Tivemos de os separar.

Isto melhora cada vez mais, pensa Chris. Agora, para além de estar armado, o macaco está apaixonado e está zangado porque o rejeitaram.

— A *Alicia* pediu uma ordem de afastamento? — pergunta a Carolyn.

— O quê? — inquire ela e, ao perceber que é uma brincadeira, acrescenta: — Não acho que a violência doméstica seja motivo de brincadeira.

— Eu também não — responde ele e, de repente, sente uma vontade louca de o sargento Villa se dignar a sair da esquadra e se encarregar da situação.

— Talvez possamos trazer a *Alicia*, para ver se desce — sugere Grosskopf.

— Ou seja, segundo tu — diz Chris —, o plano seria trazer outro chimpanzé e esperar que o macaco fugido, que está armado, desça da torre e tenha sexo com o chimpanzé fêmea, que não tem qualquer vontade, à frente de dezenas de habitantes e turistas.

— Não posso permitir isso — declara Carolyn. — E, além disso, a *Alicia* não está com o cio agora.

— O que significa isso? — pergunta Grosskopf.

— Não está de humor — responde Chris.

Não sei, talvez se sair para jantar e ver um filme… Ou talvez exista o «porno chimpanzé», embora tenha medo de perguntar, porque, se existir, prefere que essa ideia não se aloje na sua mente.

— O *Champion* tem acesso à televisão? — pergunta Grosskopf.

— Não me parece — responde Carolyn. — Porque pergunta?

— Para o caso de ter visto na televisão como se usa uma arma e de ter aprendido.

Chris está prestes a responder com um sarcasmo quando Carolyn diz:

— A verdade é que há uma televisão na barraca do guarda. Talvez tenha visto.

— Tem ligação por cabo? — insiste Grosskopf. — Porque, na HBO e no Cinemax, há coisas muito violentas. Se viu, por exemplo, *Game of Thrones*…

— Tem uma pistola, não uma espada de aço valiriano — replica Chris.

— Só digo que a violência gratuita…

O sargento Villa acabou de chegar. Sai do carro, avalia a situação e diz a Chris:

— Deem um tiro ao macaco.

— Bom, sargento — diz Harrison —, tecnicamente, não é um macaco, é um chimpanzé ou seja…

Cala-se ao ver o olhar de Villa.

— Sargento Villa — começa a dizer Chris —, esta é a Carolyn Voight, do jardim zoológico.

— Por favor, não disparem — suplica ela.

— Menina, esse chimpanzé tem uma arma letal em seu poder — indica Villa. — Não posso permitir que ponha a população em perigo.

— E se for buscar uma espingarda de tranquilizantes e nós montarmos uma rede? — sugere Chris. — O *Champion* adormece, cai para a rede e vamos todos para casa.

— Não há forma de lhe acertar com um dardo daqui — diz Carolyn.

Chris dá uma olhadela ao edifício.

— Posso escalar um pouco.

Villa agarra-o pelo cotovelo e afasta-se um pouco com ele.

— Shea, estás a gozar? Vais ter tanto trabalho por causa da merda de um macaco?

— Sim.

Villa olha para Carolyn.

— Porque será que tenho a sensação de que não é o macaco que te interessa?

— Isso é muito cínico, meu sargento.

Villa aproxima-se de Carolyn.

— Tem dez minutos para trazer a espingarda e montar a rede. Mas se o *Chita* sequer pensar em tocar no gatilho…

— *Chita*? Como assim? — pergunta ela.

— *Chita*, a do Tarzan. Não se chama assim?

Carolyn abana a cabeça.

— Dez minutos — repete Villa.

Carolyn vai-se embora apressadamente.

Chega uma carrinha de uma cadeia de televisão.

— Era só o que me faltava, que estes venham lixar-me a vida — resmunga Villa e diz a Chris. — Vai falar com eles.

— Eu? Porquê?

— Porque não os suporto.

Um repórter sai da carrinha e aproxima-se deles, seguido por um técnico que segura uma câmara por cima do ombro como se fosse um lança-granadas. Chris reconhece o repórter, do telejornal.

— Bob Chambers. Descobrimos que há um chimpanzé à solta.

Chris aponta para o Museu do Homem, onde o *Champion* continua pendurado enquanto gesticula com a outra mão e grita. Como se dissesse em símio «Vão-se lixar!», pensa Chris.

— Merda — diz Chambers. — É uma pistola?

— Receio que sim.

— O seu nome? — pergunta Chambers.

— Shea. Agente Christopher Shea.

— Gravando — diz o operador de câmara.

— Estou junto do agente Christopher Shea à frente da fachada do Museu do Homem de Balboa Park, em cuja fachada está um chimpanzé armado com uma pistola. Agente Shea, o que está a acontecer?

— O que acabou de dizer — responde Chris.

A câmara foca a multidão enquanto Chambers acrescenta:

— Congregaram-se numerosos manifestantes e cantam uma ordem em coro: «Não deem um tiro ao chimpanzé.»

— Bom, não são manifestantes, exatamente — particulariza Chris.

— Não? E o que são?

«Pessoas que não têm nada melhor para fazer do que dar um passeio pelo parque a estas horas da noite», pensa Chris, mas responde:

— São transeuntes. Quero dizer que, na verdade, não estão a manifestar-se.

— Estão a exigir que não deem um tiro ao chimpanzé.

— Não tencionamos fazê-lo. A não ser que…

— O quê?

— Que ele dispare primeiro — diz Chris.

— São diretrizes oficiais do Departamento de Polícia de San Diego? — pergunta Chambers.

— Não acho que haja uma diretriz oficial sobre macacos armados. Porque não é algo que…

— Então, não têm diretrizes?

Chris lixou tudo e sabe. Então, ouve uma voz que diz:

— Bom, há o Regulamento King Kong, que prevê apoio aéreo, mas só no caso de símios gigantes. E, como podem ver, neste caso, trata-se de um símio de tamanho padrão, portanto…

A câmara vira-se para a pessoa que acabou de falar e Chris vê que é Lou Lubesnick. O tenente Lubesnick — o inspetor lendário da Unidade de Roubos e Assaltos que é visto como um herói — é, pelos vistos, uma daquelas pessoas que não têm nada melhor para fazer àquelas horas da noite senão dar um passeio por Balboa Park. Além disso, veste uma camisa havaiana de cores vistosas, calças muito largas e aquilo é…? É, sim.

O tenente Lubesnick calçou uns *Crocs*.

Cor de laranja.

Com meias brancas.

— Vá lá, Bob, deixa o miúdo em paz — diz.

— Podes fazer umas declarações, Lou?

— Claro que sim. — Lubesnick olha para a câmara e diz: — Bob, a política do Departamento de Polícia é administrar qualquer situação usando apenas a força na medida em que seja necessária e dando prioridade absoluta à segurança dos habitantes de San Diego e dos turistas que visitam a nossa bela cidade.

— Têm alguma ideia de como a pistola chegou às mãos do chimpanzé?

— Ainda estamos a investigar — afirma Lubesnick —, de modo que não posso dar mais detalhes. Basta dizer que estamos a fazer o possível e que confio plenamente que conseguiremos a resposta para essa questão num tempo razoável.

— Obrigado, tenente.

— Não tem de quê.

Chambers e o operador de câmara afastam-se para procurar um enquadramento de onde se veja melhor o *Champion*, que continua a gritar, encarrapitado no edifício.

Lubesnick aproxima-se de Shea.

— A chave para falar com os meios de comunicação social é dizer uma paspalhice atrás de

outra, quantas mais melhor. Como te chamas?

— Shea, senhor.

— Shea, a partir de agora, tenta fazer com que o teu sargento lide com a imprensa.

As pessoas começam a gritar quando o *Champion* se atira do edifício e aterra numa palmeira.

Sem largar a pistola.

Impressionante, pensa Chris.

— Se me desculpar…

Aproxima-se do tronco da palmeira e olha para cima, calculando se consegue subir. Passa todos os sábados de manhã a fazer alpinismo no ginásio, portanto, acha que tem possibilidades de conseguir. Mais do que subir pela fachada do edifício, pelo menos. De modo que as coisas estão a melhorar.

Até, de repente, tudo mudar.

Chegam os SWAT.

Saem em pelotão de uma carrinha blindada e o comandante, vestido de preto, com colete de *kevlar* e capacete de combate, começa a espalhar os homens pelos edifícios próximos para que procurem posições para disparar.

O que, até agora, era uma farsa está a transformar-se numa potencial tragicomédia.

O comandante dos SWAT começa a falar, muito sério, com Villa que, mais do que sério, parece vexado.

Chegam mais ativos da polícia e mandam retirar o público para trás das barricadas. Ótimo, pensa Chris. Assim, a multidão estará um pouco afastada quando os tiros das armas automáticas e os projéteis das espingardas de precisão devastarem o chimpanzé.

À frente das câmaras de televisão.

«Avisamos os telespetadores de que as imagens que vão emitir-se podem ferir a vossa sensibilidade. Se forem uns pais de merda que ainda tiverem os filhos acordados a estas horas, talvez devam afastá-los da televisão enquanto uma equipa SWAT enche o George, o Curioso, de balas.»

Chris aproxima-se de Villa.

— Consigo subir para essa palmeira.

— Já é um pouco tarde para isso — diz o comandante dos SWAT.

— Sargento — diz Chris a Villa —, quer mesmo que estes tipos matem esse animal à frente de todas estas pessoas e da imprensa?

— Não caias — responde Villa.

Nesse momento, Carolyn volta com a espingarda de dardos tranquilizantes que, na verdade, é uma pistola injetora de uso veterinário muito parecida com uma *MAC 10*. Chris sente alegria ao ver que pode dispará-la com uma só mão.

Vários trabalhadores do jardim zoológico começam a montar a rede em redor da árvore.

— O seu agente vai interpor-se na nossa linha de tiro — queixa-se o comandante dos SWAT.

É precisamente disso que se trata, pensa Chris para si, mas não o diz em voz alta, porque é inteligente e sabe o que é bom para ele. Afinal de contas, tem aspirações: Quer deixar de ser patrulheiro e entrar na Unidade de Roubos e Assaltos, onde talvez chegue a inspetor.

Adora ser polícia, mesmo patrulheiro, porque é muito gratificante ajudar os outros. É uma profissão muito física e ativa e, todas as noites, acontece algo diferente. (Normalmente, não tão diferente como o de esta noite, claro, mas mesmo assim.)

— Se se puser no meio e o animal o matar — diz o SWAT —, não quero saber de nada.

— Eu devia subir — diz Carolyn. — É responsabilidade minha.

— Consigo fazê-lo. — Chris pendura a pistola veterinária às costas, aproxima-se da palmeira e começa a rebolar os ombros e a abanar-se.

A multidão aplaude.

Chris rodeia o tronco com as pernas e começa a impulsionar-se para cima com as mãos. O tronco da palmeira é quase vertical e a sua posição é muito precária, mas já é demasiado tarde para se arrepender. O público grita «Vai polícia, vai polícia!», as câmaras estão a filmar e Chris sabe que vai acontecer uma de duas coisas: Ou acaba por se transformar num herói ou num fantoche.

Ao olhar para cima, vê que o *Champion* o observa atentamente com cara de preocupação ou, pelo menos, é o que Chris quer acreditar. Talvez seja um ar de desprezo, mas prefere pensar que não.

Quando calcula que subiu o suficiente para disparar, agarra na pistola, respira fundo e aponta para o ombro esquerdo do *Champion*. Então, torna-se evidente que o chimpanzé, viu, com efeito, televisão, porque faz o que os delinquentes costumam fazer nas séries policiais: Larga a arma.

Três metros mais abaixo, a arma acerta em cheio na cara de Chris, que se desequilibra e cai.

Para a rede.

O público grita e, depois, volta a lançar vivas quando o *Champion* se precipita para a rede com os braços ao alto, conforme afirmariam as testemunhas presenciais mais tarde (Chris não pôde constatá-lo porque, naquele momento, estava semi-inconsciente).

Villa olha para ele com cara de poucos amigos.

— O que não entendeste quando te disse para não caíres? — pergunta.

— Portanto, um chimpanzé atirou-te uma pistola à cara — diz a enfermeira das urgências, entre cética e brincalhona.

— Sim.

— Enquanto subias para uma árvore.

— Exato.

— Isso é coisa para o YouTube.

Espero que não, pensa Chris.

Mas é uma esperança vã: O vídeo já se tornou viral em vinte versões diferentes, algumas com um tema musical incluído, como *Welcome to the Jungle*.

— Tenho o nariz partido? — pergunta.

— Ui, sim.

— E um traumatismo craniano?

— Não sei.

— Tenho o nariz partido?

— E um traumatismo craniano, sim — confirma a enfermeira. — Há alguém que possa levar-te a casa?

— Como cheguei aqui?

— Numa ambulância.

— E a ambulância não pode levar-me a casa?

— Claro — responde ela. — Podemos chamar uma da Uber. Quem é a mulher do fato de safari que parece tão preocupada?

— Não me lembro do seu nome.

— Não te lembras do teu — replica a enfermeira e aproxima-se de Carolyn. — Podes levá-lo a

casa?

— É o mínimo que posso fazer.

— Sim, bom, quanto menos fizer para o consolar, melhor — responde a enfermeira. — Agora, o que precisa é de muita tranquilidade.

— Não deviam verificar se não tem… Não sei… Uma lesão cerebral? — pergunta Carolyn.

— É polícia. Já tem uma lesão cerebral. Se desmaiar, começar a vomitar ou pensar que é o Jay Z ou uma coisa dessas, liga para as urgências. Se não, dá-lhe um paracetamol, põe-lhe um saco de gelo e deixa-o descansar. E, depois, se fores mais inteligente do que pareces, foge.

— Isso estaria muito mal — replica Carolyn.

— Achas? — pergunta a enfermeira. — Imagino que trabalhes no jardim zoológico.

— Sim, na casa dos primatas.

— Boa experiência para sair com um polícia — replica a enfermeira. — A maioria está um passo atrás na escala evolutiva. Saí com vários, incluindo o meu ex-marido. E é má ideia.

— Tenho o nariz partido? — pergunta Chris.

Chris tem um apartamento de um só quarto numa zona de bangalós de Kansas Street, depois de University Avenue, em North Park. Parece-lhe uma sorte ter um apartamento aqui, visto que estão a aumentar as rendas em San Diego (como se tomassem *Viagra*) e o bairro mudou muito. Antes, era quase um gueto e, agora, com a gentrificação, está na moda.

Muitos polícias não podem viver em San Diego e têm de fazer, todos os dias, um trajeto de hora e meia de Escondido, Temecula ou até Riverside.

Normalmente, os polícias não gostam de viver perto da zona que patrulham, mas Chris, pelo contrário, gosta de viver em North Park. Tem cafés, restaurantes bons onde pode ir almoçar aos fins de semana com o seu grupo de amigos, bares bons quando quer beber uma cerveja e ainda parece um bairro em vez de uma atração turística, embora cada vez haja mais pessoas que arrendam as suas casas pela Airbnb.

Quase todas as pessoas da sua rua e, certamente, os vizinhos do seu prédio, sabem que Chris é polícia e a maioria gosta que seja, mesmo que não queiram admiti-lo. Chris pensa que se sentem mais seguros tendo um polícia na vizinhança e, de facto, mais de uma vez, bateram à sua porta quando houve algum caso de violência doméstica ou um roubo no bairro.

Sabem, fundamentalmente, que Chris é um bom rapaz.

E é verdade.

Carolyn começou a compreendê-lo assim que o ajudou a entrar pela porta e a sentar-se no sofá da sua sala de estar minúscula.

Já gostava dele, claro, porque salvou o *Champion* de uma execução sumária, mas quando, depois de o ajudar a pôr-se à vontade, entra na cozinha — tão estreita que é quase um corredor — para lhe preparar um saco de gelo, começa a gostar ainda mais dele.

Primeiro, por causa das fotografias emolduradas das paredes.

Chris com os pais.

Chris com uma mulher que parece ser a irmã e duas meninas pequenas que devem ser as suas sobrinhas e que olham para ele com adoração.

Chris com um sorriso grande, inclinado junto de uma senhora idosa numa cadeira de rodas que, certamente, é a avó.

Portanto, é um homem muito familiar.

Depois, há o diploma de honra por ter trabalhado como voluntário numa ONG que organiza atividades desportivas para deficientes; uma fotografia de Chris numa cadeira de rodas num

torneio de basebol de praia; outra em que aparece entre um grupo de amigos, todos com ar de ser pessoas normais, felizes e asquerosamente saudáveis, recém-saídas de uma sessão de *crossfit*; e outra dele numa mesa de jardim, sentado ao lado de uma mulher muito atraente, (observa Carolyn com um pouco de ciúmes, embora tenha vergonha de o reconhecer).

«Para», pensa.

Chris Shea é demasiado perfeito.

De certeza que tem algum defeito grave.

Ou é um mulherengo (e tem físico para isso, certamente), está divorciado e tem alguns filhos, é homossexual e não saiu do armário ou está perdidamente apaixonado por uma dançarina de *striptease* que, além disso, consome drogas.

A cozinha está limpa e arrumada.

Não há pratos sujos no lava-loiça nem no escorredor, nem panelas ou frigideiras gordurosas na vitrocerâmica.

Embora não seja preciso abrir o frigorífico para tirar o gelo, abre-o na mesma, mas não encontra nenhuma pista. Um pacote de leite, seis garrafas de *Modelo* e um *tupperware* de plástico que parece conter sobras (Carolyn abre-o; sim, esparguete à bolonhesa. Também cozinha?)

No congelador, também não encontra indícios do lado escuro e sinistro de Chris Shea. (E o que esperavas, questiona-se. Membros humanos?) Alguns pratos congelados, um pacote grande de gelado de cereja Ben and Jerry e vários *tupperwares* etiquetados (Meu Deus!): Massa com atum, molho marinara e chili.

Ou seja, ou a mãe lhe faz os pratos e lhos traz — o que é muito mau sinal — ou ele faz a comida com antecedência e congela-a. E, além disso, põe-lhe etiquetas, porque a letra parece de homem.

Envergonhada, Carolyn lembra-se do seu congelador, que contém… gelo.

E, falando de gelo, procura um pano de cozinha, segura-o por baixo do dispensador do frigorífico e fecha-o para o pôr no nariz de Chris. Ao voltar para a sala de estar, senta-se ao seu lado e põe-lhe o gelo na cara com muito cuidado.

— Dói-te? — pergunta.

— Sim.

— Tens paracetamol?

— Acho que não — responde Chris. — Não costuma doer-me a cabeça.

Faltaria mais, pensa Voight, um pouco farta da sua perfeição.

— Importas-te que dê uma olhadela na casa de banho?

— Não, claro.

Carolyn vai ver.

Na casa de banho, também não encontra provas de culpa.

Para começar, está limpa (não como as casas de banho dos seus ex-namorados) e o único enfeite que há não é um póster de uma modelo da *Victoria's Secret*, mas de um *Mustang* antigo. E, além disso, junto da sanita, há um piaçaba.

Agora, tem a certeza de que é homossexual.

No armário por cima do lavatório, atrás do espelho, também não há nada ofensivo. Nem Vicodin nem Oxycontin nem antibióticos que denunciem uma infeção venérea recente (nem uma sinusite; meu Deus, filha, acalma-te), nem um pacote de preservativos.

Mas também não há paracetamol.

Nem sequer uma aspirina.

Um tubo de pasta de dentes (Ultra Branco), desodorizante e uns frascos de vitaminas que abre para verificar se realmente são vitaminas.

São.

Volta para a sala de estar.

— Não houve sorte com o paracetamol — diz. — Ai, espera. Talvez tenha um na mala.

Rebusca na mala e encontra um comprimido enterrado numa dobra do fundo, por baixo de um lenço de papel e de algo que, em tempos, deve ter sido uma bolacha salgada. Limpa o comprimido com a manga e dá-o a Chris.

— Toma este. Não acho que vás ficar viciado.

— És médica?

— Bom, médica, não. Mas tenho um doutoramento em Zoologia.

Ele engole o comprimido e fecha os olhos.

— Queres ver televisão ou algo parecido? — pergunta Carolyn.

— Não vejo muita televisão.

É claro que não, pensa Carolyn, enquanto procura o comando à distância.

Ela, pelo contrário, vê muita televisão.

E da pior, além disso: Um monte de lixo televisivo.

Vê, entre outras coisas, *The Bachelor*, *The Bachelorette*, *Bachelors in Paradise* (ou seja, qualquer programa sobre solteiros), *Casados à Primeira Vista*, *90 dias para Casar* e uma composição de *Real Housewives* nas suas diferentes versões geográficas. Vê todos esses programas e séries de televisão porque não tem vida fora do trabalho — sabe muito bem — e porque observar a vida amorosa de outras pessoas é muito menos doloroso do que refletir na dela. Ou, melhor dizendo, na falta dela.

Não voltou a sair com ninguém desde que acabou com Jon.

Que a enganava.

E que, além disso, não estava com ela pelas razões certas.

Esse falso, esse cretino vaidoso e armado em esperto que escrevia o seu nome sem «H», que pedia sempre doses pequenas nos restaurantes, que bebia o café com leite de soja e ia para todo o lado de bicicleta. Professor associado de Literatura Comparada na USCD e o seu par ideal. Não era isso? Tão culto, tão intelectual. Sabia de vinhos e via-se a partilhar a vida com Carolyn no futuro. O presente, pelo contrário, preferia dedicá-lo a comparar algo mais do que literatura com uma aluna de doutoramento. De doutoramento, já formada, argumentou, pomposamente, em sua defesa.

Porque o contrário teria sido pouco ético, já se sabe.

A questão é que partiu o coração de Carolyn e ela tem vergonha de o ter partido, porque não valia (nem vale) a pena.

Portanto, talvez um aspirante a *hipster* pretensioso e tolo não seja o melhor para ela, mesmo que seja muito culto, pensa, enquanto dá uma olhadela à lista de canais da televisão. Talvez — independentemente do que a enfermeira das urgências diz —, precise mais de um polícia que bebe leite de vaca, vai ao ginásio, tem a casa completamente arrumada e, além disso, adora a avó.

«E que bela história para contar aos nossos netos quando nos perguntarem como nos conhecemos!»

«Ena! Onde vais tão depressa? Acalma-te, acabaram de se conhecer!»

No fim, encontra um episódio de uma série de polícias.

Chris acorda na cama.

Dói-lhe a cara quando se levanta. Entra na casa de banho a arrastar os pés e olha-se ao espelho. Tem os olhos inchados e arroxeados e o osso do nariz um pouco esmagado.

Entra no duche e deixa que a água quente escorra pelo corpo. Limpa-se, veste uma camisola e umas calças de ganga e entra na cozinha. Há um bilhete apoiado contra a cafeteira:

> «Deitei-te na cama. Espero que estejas melhor. Obrigada por salvares o *Champion*.
>
> Cumprimentos,
>
> Carolyn Voight
>
> P.S.: Posso convidar-te para almoçar para te agradecer: 619-555-1212.»

O quê?

Faz café e liga o portátil.

Erro crasso.

Apareceu no *San Diego Union Tribune*: «UM POLÍCIA É FERIDO AO TENTAR APANHAR UM CHIMPANZÉ ARMADO.»

E há uma fotografia dele a cair da palmeira.

Ótimo.

Entra no Twitter e descobre que o Twitter só fala dele: O *Champion* e ele estão a conquistar a Internet.

Leva o café para a sala de estar, liga a televisão e vê uma repórter bonita à frente do Museu do Homem a descrever o que se passou ontem à noite e, depois, um vídeo em que se vê o *Champion* a brandir a pistola à frente da multidão, a chegada dos SWAT e ele a escalar a palmeira… e a cair.

Desliga a televisão quando ouve a jornalista a dizer: «Este vídeo está a causar sensação no YouTube.»

Ao ligar para a esquadra, dizem-lhe que tem de tirar obrigatoriamente uma baixa de setenta e duas horas. Melhor, assim terá tempo para aceitar o convite de Voight.

«Quer mesmo agradecer-me?», interroga-se. «Porque, na verdade, não é preciso: A única coisa que fiz foi cair da árvore e o *Champ* praticamente entregou-se sozinho. Ou está a convidar-me para sair?

Além disso, quero sair com ela?»

É muito simpática e muito bonita. E está claro que é inteligente (não me disse ontem à noite que é doutora?), mas se calhar é demasiado inteligente para se interessar por um polícia que só tem um curso em Criminologia.

O que é que um polícia e uma cuidadora de animais de um jardim zoológico têm em comum?

Muito, na verdade, pensa, depois de refletir um pouco.

E decide ligar-lhe quando parar de parecer um guaxinim que acabou de operar o nariz.

Enquanto isso, começa a pensar na pergunta chave: De onde é que o chimpanzé tirou o revólver?

As possibilidades são finitas e todas elas foram debatidas até à exaustão na rede.

Alguns optam por uma teoria da conspiração e afirmam que algum defensor fanático dos direitos dos animais atirou a pistola para o recinto do símio. Algum membro da Frente de

Libertação de Primatas, talvez, pensa Chris, cético.

Outros dizem que deve ter sido algum maluco ou um brincalhão que queria ver o que acontecia se desse uma pistola a um chimpanzé. Como era de esperar, a coisa adquire aspetos políticos, como tudo nestes tempos. Os loucos da direita dizem que é coisa de Hillary Clinton, que tentava fazer campanha a favor do controlo de armas e, ao mesmo tempo, distrair a atenção pública das suas 33 000 mensagens perdidas e os loucos da esquerda culpam a Associação Nacional das Armas, que também queria demonstrar não sei o quê sobre o controlo de armas e, ao mesmo tempo, distrair a atenção pública de… Enfim, de tudo o que diz respeito a Trump.

Para Chris, são apenas paspalhices. Está convencido de que a verdadeira explicação tem de ser mais prosaica. Mas tem de descobrir qual é.

Afinal de contas, que descerebrado pensa em livrar-se de um revólver atirando-o para um jardim zoológico?

Hollis Bamburger está muito contente.

Ao ver o Twitter no telemóvel, vê que finalmente se tornou viral. No Twitter, no YouTube, no Facebook… Em todo o lado. O chimpanzé com o revólver está em altas.

«O revólver, não. O meu revólver», particulariza Hollis.

Ao longo dos seus vinte e três anos de vida, Hollis Bamburger sempre quis ser especial por alguma razão. Não foi especial em casa, onde era apenas mais um dos seis filhos que a mãe, viciada em metadona, teve com três homens diferentes. Nem na escola ou no liceu, pois desistiu depois de tentar acabar, sem sucesso, o último ano de ensino obrigatório. Também não era especial no Centro de Internamento para Infratores Menores de East Mesa — conhecido como Birdland por causa da sua localização, não dos seus habitantes[2] —, onde passou uma temporada por absentismo escolar e uma invasão de propriedade. Nem na prisão de Chino, para onde foi aos dezoito anos por assaltar uma loja de bebidas.

Se perguntassem por Hollis Bamburger a alguma pessoa desses centros penitenciários, certamente, faria um ar de não saber de quem se trata, ainda que, nos seus arquivos, haja um relatório de Hollis: De um miúdo branco, fraco e definhado cuja única evolução parece ser um catálogo crescente de tatuagens mal feitas que começaram nos braços e, agora, lhe sobem pelo pescoço.

Que merda, até se perguntarem aos seus familiares Hollis, certamente, agirão como se não soubessem de quem se trata.

A irmã mais nova, Lavonne, disse-o uma vez a um agente da liberdade condicional:

— O Hollis não tem nada de especial — disse. Depois, ficou a pensar um pouco e acrescentou: — Bom, sim, é muito tolo.

Triste, na verdade.

Hollis só se destacava pela sua forma espetacular de lixar tudo. Tanto que, no liceu de Clark, começaram a chamar «bamburguer» a qualquer ato de idiotice de proporções descomunais: Se tapassem a sanita com um monte de papel higiénico para inundar a casa de banho, isso era um *bamburguer*; Se copiassem um trabalho inteiro da Internet e o entregassem com o cabeçalho da Wikipédia, um *bamburguer*; Se abrissem o carro de um professor e adormecessem lá dentro, um *bamburguer*. Mas até essa distinção desapareceu com o passar dos anos e Hollis ficou… sem nada.

Agora, pelo contrário…

Agora, Hollis é finalmente especial por alguma razão. É o responsável pelos vídeos do «*Champ*, o chimpanzé pistoleiro», que todos estão a ver.

Pessoas de África, da China, da Europa e de França estão a ver a sua obra de arte. Riem-se do chimpanzé e perdem a cabeça quando o polícia cai para a rede. Isso é o melhor, quando o macaco envergonha o polícia.

Hollis odeia polícias. Embora odeie ainda mais os funcionários das prisões. São uns imbecis tão bestas e tão burros que nem para polícias servem.

Contudo, agora, Hollis está tão contente que o ódio não o corrói. O fulgor incandescente da sua fama levou toda a escuridão de repente.

Mostra o telemóvel a Lee.

— Homem, olha isto!

Lee Caswell, que tem vinte anos e é muito mais alto do que Hollis, tem treze quilos a mais e duas condenações, olha para o vídeo e, depois, devolve-lhe o telemóvel.

— Sou famoso — diz Hollis.

— Tu, não. O macaco — corrige Lee.

— Sim, mas fui eu que lhe dei a arma.

— Sim, mas não podes dizer a ninguém — replica Lee.

O que é um verdadeiro pontapé nas gónadas.

Hollis, que não se apercebera, cai num abismo de desespero. Finalmente, com vinte e três anos, fez algo especial e não pode contar a ninguém. O mundo inteiro está a ver a sua façanha e nunca ninguém saberá que é obra de Hollis Bamburger.

Sente-se devastado. A alegria efémera desaparece.

— E, ainda por cima, ficaste sem a arma — acrescenta Lee.

— Mas disseste-me para me livrar dela — replica Hollis. Ou choraminga, melhor dizendo.

— Mas não assim! — grita Lee. Grita muito com Hollis, desde sempre, desde que começou a partilhar a cela com ele em Chino. — Achas que tem graça?! — começa a gritar outra vez. — Primeiro, ficámos sem arma! E, ainda por cima, envergonhaste um polícia! Achas que a polícia esquece essas coisas?!

Lee sabe por experiência que pode mentir a um polícia e pensa que é normal; pode resistir e esquece; mas, se o envergonhar, odeia-o para sempre.

— Têm a pistola — acrescenta. — Estarão a seguir essa pista.

— Mas não vão encontrar-nos pela pistola.

— Não vão encontrar-te, queres dizer — replica Lee.

É verdade, pensa Hollis. Foi ele que comprou a pistola a um mexicano num descampado da Trinta e Dois, não muito longe do hotel velho em que vivem agora.

Montalbo garantira-lhe que a pistola estava limpa.

— E se o polícia descobrir que a pistola era do mexicano? — pergunta Lee. — E se o mexicano lhes contar que ta vendeu?

— Dei-lhe um nome falso — alega Hollis.

— Ah, sim? E também te disfarçaste para que não te reconhecesse?

Hollis não pensara nisso.

— E a tatuagem do pescoço? — acrescenta Lee.

Hollis tem uma tatuagem no pescoço com o nome HOLLIS. Queria que também escrevessem BAMBURGUER, mas não tem o pescoço assim tão comprido.

— Quantos Hollis achas que têm nos arquivos? — pergunta o companheiro.

— Não muitos, certamente — reconhece Hollis.

Infelizmente.

— Portanto, quando fores comprar outra pistola — diz Lee —, tapa o pescoço, merda.

— E porque tenho de comprar outra? — pergunta Hollis (ou choraminga), mas encolhe o pescoço quando vê que Lee fica vermelho e olha para ele com uma expressão ameaçadora.

— Porque foste tu que a deitaste fora — esclarece. — E não podemos fazer um assalto com a pila, pois não? Com a tua não, pelo menos.

Esse comentário não era necessário, na opinião de Hollis.

Agora, sente-se desgraçado.

Este seria o seu momento de triunfo, algo muito, muito especial. E, de repente, transformou-se num…

Num *bamburger*.

Quando Chris volta para o trabalho, a reação dos seus colegas é a que seria de esperar.

Ou seja, brutal.

«Eh, Tarzan!», cumprimentam-no, ou «Olá, King-Kong!», e coçam os sovacos, fazendo barulhos simiescos. Chris perde a conta das vezes que lhe dizem para não «fazer macacadas» no seu turno.

Herrera mostra-lhe, no telemóvel, um vídeo em que aparece a cair da palmeira com uma legenda que diz: «Nenhum chimpanzé sofreu danos na rodagem deste filme.»

O seu cacifo está decorado com cachos de bananas.

Quando o abre, encontra uma edição de bolso de *My Friends the Wild Chimpanzees* de Jane Goodall, um DVD do *Planeta dos Macacos*, um póster do King-Kong, uma fotografia de Michael Jackson com o seu chimpanzé, o *Bubbles*, várias máscaras de macaco, um disfarce completo de gorila pendurado num cabide e uma lata de refrigerante Grape com o «G» e o «R» riscados[3].

Num pedaço de fita-cola colado no cacifo, diz: «Chris Shea, o Coco.»

— «Coco» porquê? — pergunta.

— Porque os cocos caem das palmeiras — responde Harrison.

O tenente Brown quer vê-lo.

— Agora, és famoso. Uma celebridade.

— Só quero fazer o meu trabalho, senhor — diz Chris.

— Ligaram-nos da televisão — explica Brown. — Querem entrevistar-te num programa de máxima audiência e que apareças com o *Champion*. O departamento de Relações Públicas quer que vás.

— Não quero, senhor.

— Disse-lhes que nem pensar — acrescenta Brown. — Já se riram bastante de ti. Um polícia a cair de uma palmeira quando tentava apanhar um macaco… Está em todas as redes sociais.

Chris começa a ter vontade de vomitar.

— E, além disso, ganhaste alguns inimigos no departamento — afirma Brown.

— Que inimigos? — pergunta Chris, sentindo-se cada vez pior. — Quem? Porquê?

— Os SWAT pensam que os fizeste ficar mal.

«Bom, para isso, não precisam da minha ajuda», pensa Chris, mas tem a sensatez de não o dizer em voz alta. Só quer sair do escritório do tenente o mais depressa possível e sem ouvir mais nenhuma palavra sobre como afundou a carreira.

— Sentes-te com forças para fazer o teu turno? — pergunta Brown.

— Claro.

— Bom, vai-te embora — diz Brown. — Mas faz-me um favor. Se uma orca fugir do aquário, não te atires para a água, está bem?

Está bem, pensa Chris.

Desanimado, sai do escritório. Já nunca o aceitarão no departamento de Roubos.

Lou Lubesnick não quererá associar-se com um tolo como ele.

Chris veste o equipamento.

E há muito para vestir.

Primeiro, a «blindagem suave» ou «colete antibalas» (embora Chris saiba que a parte de «antibalas» é um mito: Não há nenhum colete que consiga repelir as balas; no máximo, resiste), com painéis laterais e frontais. Chris prefere não usar os painéis traseiros, porque pesam muito e, assim, tem mais liberdade de movimentos. Depois, tem a lanterna, um aerossol (basicamente, gás lacrimogéneo), o cassetete *PR-24*, as algemas e o rádio.

O cinto com a capa da *Glock* de 9 milímetros e munição de substituição.

O distintivo policial no bolso esquerdo do colete e a chapa de identificação, dourada com letras pretas, no bolso direito.

A Divisão Central abrange os distritos de Balboa Park, Barrio Logan, Core-Columbia, Cortez, East Village, the Gaslamp, Golden Hill, Grant Hill, Harborview, Horton Plaza, Little Italy, Logan Heights, Marina, Park West, Petco, Sherman Heights, South Park e Stockton.

Ou seja, se, em San Diego, acontecer algo violento, macabro, relacionado com a máfia, imprevisto ou apenas estranho, é muito provável que envolva a Divisão Central.

É por isso que Chris gosta tanto de patrulhar esta zona.

Esta noite, enquanto circula pela Quinta Avenida a oeste do parque, vê, a passear pela calçada, um homem preto de um metro e noventa que segura a trela de um homem branco choroso que não passará de um metro e sessenta. O primeiro veste uma máscara do Super-homem com capa incluída; o segundo, só uma tanga de lamé dourado e uma coleira de cão.

Tudo lhe pareceria bem se não fosse porque o Super-homem açoita o seu acompanhante com um chicote prateado de nove cordas. Chris para o carro, sai e faz-lhes gestos para que parem.

— Mas o que é isto? A Comic-Con homossexual ou quê? — pergunta Chris ao flagelado.

— Veio… a minha casa — balbucia o outro, num tom ofegante —, obrigou-me a vestir… isto… Pôs-me esta coleira… E passeou-me pela rua, açoitando-me.

— Porque não pediu ajuda? — pergunta Chris.

— Porque… — O homem interrompe-se para soluçar e, depois, sorve profundamente pelo nariz. — Porque… estou a gostar.

— É o meu escravo — diz o Super-homem.

— E o senhor é o Super-homem? — pergunta Chris.

— O que se passa? Um homem preto não pode ser o Super-homem? Quem disse que o Super-homem tem de ser branco?

— Mas era branco — diz Chris e, depois, arrepende-se de ter falado. — Na banda desenhada, digo. O Super-homem era branco.

— E nos filmes também — responde o preto e começa a contar pelos dedos. — O Christopher Reeve, o Dean Cain, o Henry Cavill e esse filho da mãe do Tyler Hoechlin, do *7th Heaven*. Onze Super-homens, todos brancos. É uma conspiração.

— Sim, claro…

— Qual era o problema com o Jim Brown? — acrescenta o homem. — Ou o Idris Elba? Ou o Denzel Washington?

— Vejo-os nesse papel — responde Chris.

— E o Batman é o mesmo: O Adam West, o George Clooney, o Ben Affleck, até o Michael

Keaton! Porque não podia ser o Jim Brown, o Idris Elba…?

— Ou o Denzel Washington — conclui Chris.

— Exato. — O Super-homem vira-se para o escravo e declara: — Da próxima vez, eu sou o Batman e tu és o Robin.

— Porque não posso ser o Batman e tu, o Robin?

— Porque seria ridículo.

Estão completamente drogados, pensa Chris. Não sabe o que consumiram, mas deve ser droga da boa.

— Sim, sim — diz. — Não podem fazer estas coisas na via pública.

— Porquê? — pergunta o Super-homem.

— Vá lá, homem.

— Temos o direito de expressar a nossa sexualidade — declara o escravo.

— Não, na via pública, não — responde Chris. — Olhe, Spartacus, tento fazer com que isto não se descontrole. Vão para casa. Vistam-se. Se voltarem a sair à rua assim esta noite, tenho de vos deter.

— Porquê? — pergunta o Super-homem.

— Por perturbar a ordem pública — indica Chris. — Por conduta indecente…

— Está a chamar-nos indecentes? — quer saber o escravo.

— Só reage assim porque sou preto e homossexual — acrescenta o Super-homem. — Porque nos odeia.

Chris vê que começa a perder o controlo. Do outro lado da rua, as pessoas começam a parar para observar e é apenas uma questão de minutos até passar outro carro de patrulha. Poderia ser Harrison ou, pior ainda, Grosskopf ou até Villa, que odeia os homossexuais e os pretos e mais ainda os homossexuais pretos e de certeza que também os super-heróis, porque Villa odeia praticamente todos. E, então, o Super-homem e Spartacus acabarão num calabouço e terá de preencher imensa papelada.

«Porém, se tiver de pôr as algemas a este homem, vou precisar de reforços, porque se o Super-homem, tão grandalhão e tão drogado, quiser dar-me uma sova, vai fazê-lo.»

— Olhem — diz, fazendo uma última tentativa —, não me façam usar a *kryptonite*.

O Super-homem observa-o com precaução.

— Tem *kryptonite*?

Chris assente.

— No carro.

O Super-homem não parece muito convencido.

— Vermelha ou verde?

— As duas, é claro.

— A vermelha enlouquece-me — responde o Super-homem.

«Sim, sim», pensa Chris, «é exatamente isso que te enlouquece.»

— Mas a verde podia matá-lo, não é?

— Bom, mostre-me — pede o Super-homem, num tom desafiante.

Chris abana a cabeça.

— Se lhe mostrar, tenho de o prender. É o que diz o regulamento policial.

— Todos os polícias têm *kryptonite*?

— Só os bons — responde Chris, coisa que é verdade, até certo ponto. — Portanto, o que preferem? Vão para casa ou tenho de agir como o Brainiac?

Spartacus, que aparentemente não conhece Jim Croce[4], puxa a capa do Super-homem.

— Vamos para casa.

Chris vê-o a afastar-se pela rua, levando a trela do Super-homem.

É uma imagem bastante triste.

Bela noitinha e belo turno.

São sempre piores no verão, quando o ar condicionado falha ou não existe e as pessoas vão para a rua ou para o parque porque não há quem pare na cama.

Há muito mau humor e pouca paciência. As discussões transformam-se rapidamente em murros e os muros transformam-se em navalhas e, depois, passam para as armas, assim, sem mais nem menos. Num segundo de ofuscação mental, tudo muda para sempre. As pessoas morrem, ficam marcadas ou mutiladas para sempre ou acabam por passar os que deveriam ser os seus melhores anos no purgatório do sistema de prisões.

Se, ao calor do verão, se juntar o álcool e as drogas, obtém-se uma substância inflamável que rebenta com a mínima faísca.

De modo que, depois do seu encontro inofensivo com o Super-homem e Spartacus, Chris tem de ir a correr responder a uma chama de violência doméstica em Golden Hill, onde um senhor bêbado e de meia-idade deu uma sova à esposa, também bêbada e de meia-idade que, em resposta aos golpes, partiu uma garrafa de Heineken na bancada da cozinha e cortou a cara do marido. Quando Chris chega, Grosskopf e Harrison já têm o casal algemado. O marido, logicamente, grita de dor e a mulher, apesar de ter os olhos tão inchados que mal consegue abri-los, grita para Grosskopf:

— Deixem-no em paz! Não fez nada!

— Senhora, não volte a dizer isso — avisa Chris —, ou não vai poder alegar que foi em defesa própria.

Tanto faz.

— Não o magoem! Amo-o!

O sentimento não é recíproco.

— A puta tirou-me um olho!

— O seu olho continua no seu lugar — responde Chris.

Outra questão é durante quanto tempo continuará lá.

— Vamos levar os dois para a esquadra — diz Harrison.

— Porquê?! — quer saber a mulher.

— Fala a sério, senhora? — pergunta Harrison.

Chegam os paramédicos. Grosskopf escolta o marido para a rua, algema-o à maca e fiscaliza a operação enquanto o põem na ambulância. Está irritado porque vai ter de ir para as urgências.

Harrison e Chris acompanham a mulher ao carro de Harrison e fazem-na entrar no banco de trás.

— É a terceira vez que temos de vir a sua casa por coisas assim — indica Chris.

— E para quê? — replica ela.

— Isso é o que queria dizer — indica Chris. — Quando falar com os inspetores, diga-lhes que receava pela sua vida.

— Amo-o.

— Muito bem — concede Chris, ao fechar a porta do carro.

— Porque tentas ajudá-la? — pergunta Harrison.

— Viste a cara dela?

— Está mais segura na prisão — responde Harrison.

Sim, certamente, pensa Chris.

A chamada seguinte da noite é um assalto a uma loja de bebidas na esquina da Vinte e Oito com a B, em Golden Hill.

Chris chega logo depois de Grosskopf.

O empregado já conhece a rotina porque, nesta zona, há roubos constantes.

— Mais ou menos um metro e setenta e cinco, camisa de ganga, calças com muitos bolsos e botas de montanha. Parecia branco.

— Como «parecia» branco? — pergunta Grosskopf.

— Não lhe vi a cara — responde o empregado. — Usava uma máscara. Uma daquelas de esqui.

O ladrão pôs-lhe a pistola na cara e disse-lhe para abrir a caixa. O empregado fez o que devia e deixou que levasse o dinheiro. O ladrão levou cerca de cento e vinte dólares em dinheiro, várias garrafinhas de vodca e uma bebida energética.

O empregado viu-o a virar à esquerda — ou seja, para o norte —, ao «abandonar o recinto».

Sem esperar que o interrogatório acabe, Chris volta a entrar no carro e dirige-se para norte pela Vinte e Oito, convencido de que o assaltante vai para o parque. Embora avise por rádio, espera encontrá-lo antes de chegarem outras unidades.

Depois do assunto do chimpanzé, seria ótimo resolver um assalto à mão armada.

Efetivamente, localiza um homem branco que anda a bom passo pela calçada que ladeia o parque pelo lado este. Mede mais ou menos um metro e setenta e cinco e veste-se tal como o empregado descreveu. Chris reduz a velocidade para o seguir a certa distância e, então, vê que o tipo começa a fazer o «passo do ganso», esse andar com as pernas rígidas que os delinquentes usam quando percebem que a polícia os segue.

— Pare! — ordena Chris, pelo megafone.

O tipo começa a correr.

Chris para o carro e vai atrás dele.

Sabe que devia ficar no carro e pedir reforços, mas, se o fizer, o tipo desaparecerá no parque, passarão o resto da noite à procura dele e, certamente, não o encontrarão.

Além disso, é divertido e não tenciona negá-lo.

Vê que o tipo põe a mão no bolso e atira alguma coisa para o matagal. Deve ser a pistola e a máscara, pensa Chris, mas não para para as apanhar. Ganha terreno ao tipo — que balança um pouco com as botas de montanha —, estica o braço e dá-lhe um bom empurrão.

O assaltante cai com a cara no chão e Chris precipita-se para cima dele.

— As mãos atrás das costas! — grita Chris.

Não é a primeira vez que este tipo é detido. Põe as mãos atrás das costas, Chris algema-o e levanta-o com um puxão.

— Porque não paraste quando te pedi? Porque desataste a correr?

— Porque tinha medo.

— De seres detido por roubo? — Chris vê as luzes de uma sirene onde deixou o carro: Deve ser Grosskopf. — Acabaste de assaltar uma loja de bebidas.

— Eu? Nem pensar!

— Sim, claro. E o que deitaste fora lá atrás?

— Nada!

— Tiraste alguma coisa do bolso e atiraste-a para o matagal. Vais mesmo obrigar-me a escavar para a encontrar? — Chris empurra-o contra uma árvore. — Tens alguma coisa com bico

nos bolsos? Algo que possa picar-me?

— Não.

Grosskopf aproxima-se.

— Parece o que procurávamos.

Chris procura num bolso do suspeito e pega num maço de notas.

— Então, não roubaste a loja, eh? E de onde tiraste isto?

— É meu.

Chris também encontra as garrafinhas de vodca.

— Também são tuas? Vamos ver, documentação.

— Deixei a carteira em casa.

Chris aponta a lanterna para a cara do homem. Tem cerca de quarenta anos e aspeto de ter tido uma vida difícil. Chris calcula que já esteve preso. De certeza que, se lhe virem os braços, encontrarão tatuagens da prisão feitas da pior forma.

— Vais dizer-me como te chamas? — pergunta.

— Richard.

— Richard quê?

— Holder.

— Estás a meter-me comigo agora… — diz Chris.

— Não, não estou.

— Os teus pais odiavam-te ou quê?

Chris procura Holder na base de dados e descobre, sem nenhuma surpresa, que Richard James Holder têm um relatório mais comprido do que uma canção dos Queen. Roubo, assalto à mão armada, drogas… Cumpriu várias condenações em Victorville e Donovan.

Embora Chris não esteja há muito tempo na polícia — só três anos —, já sabe como são os Richards deste mundo e conhece o segredo que guardam, um segredo tão profundo que nem sequer eles o conhecem.

O que mais desejam no mundo é voltar para a prisão.

O único lugar do mundo onde se sentem bem.

A única coisa que Chris tem de fazer é proporcionar-lhe uma desculpa para que a aceite.

Grosskopf aproxima-se do carro.

— Vais levá-lo ou preferes que eu o leve?

— Tenho uma ideia melhor — responde Chris.

Se levarem o tipo diretamente para a esquadra, só poderão acusá-lo de resistência à autoridade e, certamente, também de posse de bens roubados, mas é possível que não possam processá-lo por assalto à mão armada.

— Bom, Richard Holder — diz —, vamos voltar à loja de bebidas.

— Que loja? — quer saber Richard.

Chris leva-o para o carro de patrulha e fá-lo entrar. Mostra-o ao empregado e pergunta:

— Esta é a pessoa que o roubou?

— Sim.

— Não consegue identificar-me! — exclama Richard, indignado. — Usava uma máscara!

«Temos de adorar estes gajos», pensa Chris. «Temos mesmo. Não é de estranhar que o clube Mensa tenha tão pouco sucesso nas prisões.»

— Nem pensar, não usavas máscara — diz.

— Usava, pois! — grita Richard.

Chris olha para o empregado.

— Usava máscara?

— Não, senhor.

Richard volta a indignar-se.

— Mentira! Usava, pois.

— Prova-o! — exclama Chris.

— Está bem.

Voltam para o carro, chegam ao parque e vão até onde Richard atirou alguma coisa para o matagal. Richard aproxima-se de uma fila de arbustos e aponta com o queixo.

— Aí está.

Chris baixa-se e pega numa máscara de esqui.

— Isso não é teu.

— É, sim!

— Mas nem sequer é do teu tamanho.

— Ponha-ma e vai ver.

Chris passa-lhe a máscara de esqui pela cabeça. Entram no carro e voltam à loja de bebidas. Chris faz Richard entrar e pergunta:

— Bom, esta é a pessoa que o roubou?

— Sim — responde o empregado.

Richard baixa a cabeça.

— Está bem, apanharam-me.

Chris volta para o parque outra vez, sai e percorre o caminho pelo qual perseguiu Richard. Ilumina o matagal com a lanterna, perto de onde encontraram a máscara, e vê algo brilhante. Calça as luvas, baixa-se e pega numa *AMT Backup* de calibre 22 — uma pistola pequena, semiautomática — que guarda num saco de provas.

De volta ao carro, mostra-a a Richard.

— Esta foi a pistola que usaste para assaltar a loja de bebidas, Richard?

Richard pensa nisso e, depois, pergunta:

— Posso beber uma garrafinha de vodca?

— Sim, está bem. — Chris abre uma das garrafinhas e verte o seu conteúdo na boca aberta de Richard como se desse de comer a um passarinho.

Depois, Richard diz:

— Sim, essa é a pistola.

Chris leva-o para a esquadra para que o prendam. Está a acabar os trâmites quando recebe o aviso de que o tenente Brown quer vê-lo. Entra no escritório à espera que o chefe o felicite por ter retirado uma arma e um assaltante reincidente da circulação.

Mas não.

Nada disso.

— Queres lixar a vida de todos? — grita Brown.

— O que fiz agora?

— É o que não fizeste — indica o tenente. — Não trouxeste o suspeito diretamente para o entregar à Unidade de Roubos e Assaltos. O caso era deles.

— Mas consegui uma confissão e tenho a pistola…

— E ligaram-me do departamento de Roubos para me perguntar porque um dos meus agentes está a deixá-los ficar mal — replica Brown. — A partir de agora, eles encarregam-se disto.

— Sim, claro…

— Ah, portanto, achas bem? Alegro-me. Faz o teu trabalho e não te metas no dos outros. E se

voltar a ouvir o teu nome esta noite, Shea, vou irritar-me a sério. Vá, vai-te embora.

* * *

Não passou meia hora desde que se foi embora quando recebe outra chamada. Desta vez, uma luta num bar de Gaslamp que se espalhou para a calçada.

O bairro de Gaslamp — ou apenas Lamp —, situado na zona velha, junto do porto, é o bairro chinês original de San Diego. Desde a fundação da cidade, foi zona de bares, prostíbulos e bares de alterne. Conforme se conta, os líderes municipais tentaram «limpá-lo» em 1915, expulsando todas as prostitutas, mas tiveram de as convidar a regressar quando a marinha ameaçou não voltar a mandar os seus barcos para o porto, o que teria destruído a economia local.

Agora, está bastante limpo e transformou-se num destino turístico, mas continua a ser uma zona a que as pessoas vão para se drogar a um bom peço.

Quando Chris chega, a rua já é um festival de luzes, entre as sirenes dos carros de patrulha e os telemóveis que os viandantes seguram ao alto, ansiosos por levar uma lembrança da sua noite de lutas em Lamp.

Jantar, copos, um espetáculo ao vivo…

No meio da calçada, neste caso.

A polícia já tem quase tudo sob controlo: Empurraram os pugilistas contra a parede e estão a pôr-lhes as algemas. Villa mandou alguns agentes para afastar os mirones, mas a parte principal do espetáculo — dois homens que rolam pelo chão de cimento — continua no seu apogeu.

É uma espécie de jiu-jitsu, mas muito trôpego, pensa Chris, quando abre caminho entre a multidão.

Um dos adversários é, evidentemente, o porteiro do local. Usa o uniforme oficial do seu grémio: *T-shirt* preta e muito justa no peito e nos bíceps. O outro é um descerebrado com a cabeça rapada e *t-shirt* dos Tapout. Ou seja, um fã das artes marciais mistas que, depois de beber algumas cervejas, acha que, porque gosta de ver combates e vai ao ginásio algumas vezes por semana, sabe lutar e pode trocar golpes com quem lhos devolva. Que é exatamente o que o porteiro está a fazer, a dar-lhe cotoveladas na cara enquanto o segura contra o chão.

— Controla as pessoas! — ordena Villa a Chris, que se vira e continua a vigiar os mirones.

E ainda bem, porque, nesse momento, um tipo enorme, totalmente bêbado, aparece pela calçada a dar murros no ar, pronto para se envolver na luta.

Chris para-o.

— Quieto aí!

— E uma merda! — grita o tipo. — Esse é o meu amigo!

O bêbado deve medir um metro e noventa e pesar mais de cem quilos e é puro músculo. Pelo aspeto que tem, até poderia ser lutador profissional. De qualquer modo, Chris não tem vontade de descobrir.

— Não se envolva — diz.

— É o meu colega! — grita o bêbado. — Podem dar-me um tiro por o defender, não me importo!

— Não nos tente — pede Chris. — Afaste-se.

— Vão-se lixar!

O bêbado corre e bate no ombro esquerdo de Chris. Chris vira-se, aproveitando o impulso, estica a perna e dá-lhe um pontapé nas costas com todas as suas forças. Caem juntos na calçada. Chris aterra em cima do bêbado e tenta agarrar-lhe a mão direita e torcer-lhe o braço atrás das

costas.

Mas não consegue, o bêbado é demasiado forte.

De repente, aquilo transforma-se num *rodeo* e a única coisa que Chris pode fazer é tentar aguentar até algum colega o ajudar. Perez aparece ao seu lado e puxa o braço esquerdo do bêbado para trás como se fosse a pá de uma máquina de remar, mas o bêbado — que, para além de ser um animal, está anestesiado — ajoelha-se e levanta-se com Chris ainda pendurado às suas costas.

Chris agarra-lhe bem as costas, quase como se fosse luta livre. Rodeia-lhe a cintura com as pernas e tenta fazer-lhe uma chave ao pescoço, o que causa a raiva do público, mas não parece afetar o bêbado, que começa a virar-se sobre si próprio enquanto Perez pega no seu *Taser* e espera pelo momento para lhe dar uma descarga sem magoar Chris.

— Eh, é o tipo do macaco! — grita alguém. — É o tipo do macaco!

Perez dispara o *Taser*.

Chris sente que o bêbado treme.

Ou que se sacode.

Mas não cai.

Villa também lhe dá uma descarga.

E Herrera.

O bêbado esbugalha os olhos e cai, cheio de picadas, com cabos a pender por todo o lado como um transístor antigo.

Depois, finalmente, cai no chão.

Com a cara.

Como uma árvore destruída.

Com Chris ainda em cima dele.

A aterragem é dura.

Chris sente que o impacto lhe sacode o peito e a coluna. E a cabeça, que lhe rebenta de dor porque ainda sente os efeitos do golpe no nariz e do traumatismo craniano.

Fica cego por um segundo, mas não desmaia.

Solta o bêbado, que continua a tremer e vê que o espetáculo principal acabou: O porteiro está de pé e o adversário está algemado. Herrera e Perez aproximam-se depressa, algemam o bêbado atrás das costas e põem-no de pé.

Não se apressam a tirar-lhe os dardos do *Taser*.

— Estás bem? — pergunta Perez a Chris.

— Sim, estou bem.

Herrera está a recitar os seus direitos ao bêbado. Se não houvesse tantas pessoas à volta, Perez e ele, certamente, pegariam nos cassetetes e acabariam com ele às pauladas, porque não gostam de brincadeiras e Villa far-se-ia de tolo e iria dar uma volta ao quarteirão.

Mas não. O sargento olha para Chris e diz:

— Lutas tão mal como escalas.

Chris não sabe o que dizer, portanto, não diz nada.

O bêbado tem a cara arranhada e manchada de sangue.

— O Perez pode encarregar-se da papelada — diz Villa. — Leva este às urgências. O que acontecer pelo caminho, não me diz respeito.

Chris, Herrera e Perez escoltam o bêbado até ao carro de Chris e empurram-no para a parte de trás. Herrera estranha um pouco que Chris lhe ponha o cinto de segurança, porque outra opção é não o pôr, carregar no acelerador e fazer uma travagem que o atira contra o vidro de separação.

E é tentador, pensa Chris.

É claro que é.

Mas senta-se ao volante, conduz até ao hospital e leva o bêbado às urgências.

A enfermeira que o atende é a mesma que o atendeu há quatro noites.

— Isto é um pretexto para voltar a ver-me? Porque não saio com polícias.

— Eu também não — responde Chris.

A enfermeira dá uma olhadela ao bêbado, vê que não é grave e, depois, pergunta a Chris:

— E tu? Estás bem?

— Estou bem, sim.

— E a rapariga do jardim zoológico? Vais sair com ela?

— Não, acho que não.

— Então, ainda és mais parvo do que pareces — replica a enfermeira.

«Não sei», pensa Chris. «Já pareço bastante tolo. Primeiro, faço uma figura ridícula com um macaco, depois os dos Roubos zangam-se comigo e, ainda por cima, um bêbado vence uma luta comigo. O meu sargento acha que passo a vida a lixar as coisas e talvez tenha razão.»

— Enfim, o que importa? — acrescenta a enfermeira. — Melhor para ela, certamente.

Certamente, concorda Chris.

Então, chamam-no de volta à esquadra.

O tenente Brown levanta o telemóvel e mostra-lhe o vídeo em que aparece pendurado nas costas do bêbado.

— O que te disse antes?

— Que não queria voltar a ouvir o meu nome esta noite.

— Estás a triunfar no YouTube — acrescenta Brown. — Era o que querias? Acumular seguidores?

— Não, senhor.

— Não gosto de ver os meus agentes nos meios de comunicação social, nas redes sociais ou em qualquer outro meio.

— Entendo, senhor.

— Sim? Não tenho assim tanta certeza. Achas que, amanhã, poderás vir trabalhar sem fazer um espetáculo e sem aborrecer ninguém?

— Sim, senhor.

— Veremos.

Põe o carro a trabalhar para ir para casa e dormir algumas horas. Será bom passar um bocado de tempo inconsciente, porque, agora, estar consciente é muito penoso.

«O meu sargento irritou-se comigo», pensa. «Os dos Roubos irritaram-se comigo — exatamente eles, os que menos queria que se irritassem comigo —, os meus erros tornaram-se virais. Vou passar a vida num carro de patrulha. Ou isso ou obrigam-me a demitir-me.»

A enfermeira tem razão.

«Sou um cretino.»

Pega no telemóvel.

— Sei que disseste que podíamos encontrar-nos para almoçar — diz —, mas queres encontrar-te para tomar o pequeno-almoço?

Sim, quer.

Encontram-se no Breakfast Republic, em University Avenue, um sítio com um nome muito a propósito.

É um local luminoso e alegre, com janelas grandes que dão para a rua, cadeiras de madeira amarelas e umas poltronas modernas em forma de ovos partidos.

Chris já está lá quando Carolyn chega. Está à espera educadamente à porta. Claro, pensa ela.

— Que surpresa tão agradável — diz.

Embora, com a surpresa, tenha tido muito pouco tempo para decidir o que vestir. Não queria aparecer vestida para um safari, claro, mas também não queria arranjar-se demasiado, não fosse notar-se que a sua intenção era tornar aquilo um encontro e não um gesto de gratidão.

Não ia ser ela a pôr essa carta na mesa, nem pensar.

Portanto, no fim, optou por uma blusa bonita de seda preta, umas calças de ganga mais justas do que o estritamente necessário e umas sandálias. E, em vez de fazer um rabo de cavalo como quando vai trabalhar, deixou o cabelo solto por cima dos ombros.

O regulamento interno do jardim zoológico exige que as empregadas se vistam com «a devida formalidade». Carolyn não quer ter um ar muito formal esta manhã, mas também não quer parecer uma ordinária, como se o pequeno-almoço fosse uma desculpa para ter sexo, portanto, maquilhou-se o suficiente.

— Fico contente por teres podido vir — diz Chris, ao abrir-lhe a porta.

«Isto é diferente», pensa Carolyn. O Professor Canalha nunca lhe abria a porta. Considerava-o um gesto condescendente, passivo-agressivo e paternalista que contribuía para perpetuar o patriarcado. Fazia-lhe um elogio ao não lhe abrir a porta.

Chris aproxima-se da supervisora e consegue que lhes deem uma mesa para dois junto da janela.

Afasta a cadeira para que Carolyn se sente.

O Professor Canalha nunca lhe afastava a cadeira. Considerava-o um gesto condescendente, paternalista e…

— Que amável — diz.

Chris olha para ela com curiosidade.

«O pobrezinho não entende porque lhe dou tanta importância», pensa Carolyn.

Chris senta-se à frente dela. Depois, faz-se um instante de silêncio incómodo, até dizer:

— Tens bom aspeto. Estás muito bonita.

«Ou seja, talvez seja realmente um encontro», pensa Carolyn.

Ou talvez só queira ser… amável.

— Já não pareces um guaxinim — indica ela e, depois, sente-se como uma idiota. «Já não pareces um guaxinim?»

— Ainda bem, suponho — diz Chris.

— Bom e como estás?

— Bem. Sim.

Carolyn conhece-o o suficiente para saber que isso significa que não quer falar do assunto. Não sabe porquê, mas gosta que seja assim. O Professor Canalha estava sempre disposto a falar de si próprio: Da sua carreira, das suas ideias, da sua roupa, dos seus medos, das suas ansiedades, da sua sinusite, dos seus sentimentos…

«Meu Deus, estava a sair com uma mulher sem saber», pensa Carolyn.

«Este rapaz caiu de uma palmeira, acabou de sair do trabalho e tem ar de ter passado uma noite de cão e a única coisa que diz é “bem, sim”. Certamente, não gosta de se queixar, embora isso possa ser bom ou mau. Porque talvez tenha de lhe tirar as palavras com saca-rolhas quando

chegar a casa…»

Quando chegar a casa?

«Para, linda.»

Por sorte, chega o empregado com os menus.

Chris pede uma omelete de frango e manga com salsicha, queijo *cheddar* e cebola e Carolyn pede umas panquecas com rodelas de ananás natural e creme de ananás.

— Bom, como está a correr o trabalho? — pergunta ela.

«Pode saber-se porque começo cada frase com «bom»? E, por favor, não me digas "bem, sim".»

Para alívio dela, Chris responde:

— A verdade é que me aconteceu uma coisa engraçada esta noite.

E conta-lhe uma história muito divertida sobre o Super-homem e Spartacus.

— Disseste-lhes mesmo que tinhas *kryptonite*? — pergunta Carolyn.

Chris encolhe os ombros.

— Não sabia o que fazer.

Trazem-lhes a comida.

Carolyn repara que ele espera com o garfo ao alto até ela dar a primeira trinca antes de começar a comer.

«Quero conhecer a mãe dele», pensa.

«Para… Para!»

— Como está isso? — pergunta ele.

— Muito bom — responde Carolyn. — Mas o aumento de açúcar vai ser brutal.

— Vai, não vai? — Prova a salsicha, bebe um gole de café e acrescenta: — Fala-me de ti.

Ela responde com a reposta típica:

— O que queres saber?

— De onde és. Onde estudaste, como começaste a trabalhar no jardim zoológico, o que gostas de fazer quando não estás a trabalhar…

Carolyn dá por si a desbobinar tudo: É de Madison, no Wisconsin; estudou lá e, depois, farta do frio e da neve, decidiu fazer um mestrado em Stanford e o doutoramento na Universidade da Califórnia, em San Diego. Foi assim que começou a trabalhar na casa dos primatas do jardim zoológico, que era o seu trabalho de sonho. Os pais são professores universitários no Wisconsin, o pai é professor de química e a mãe, de literatura francesa. Tem uma irmã com mais dois anos, casada e com filhos, e um irmão mais novo. Quando não está a trabalhar, gosta de sair para correr, ir ao cinema e à praia, as coisas habituais. E, então, percebe que está há, pelo menos, dez minutos a falar sem parar e que ele está ali sentado, a ouvir e que, certamente, nesses dez minutos, descobriu mais coisas sobre ela do que o Professor Canalha em três anos.

Sente que fica corada e, então, diz:

— Lamento muito. Não paro de falar.

— Eu pedi-te — indica Chris.

«Sim, é verdade», pensa Carolyn. «Pediste-me.»

— Bom, agora, é a tua vez.

— Não há muito para contar. — Chris volta a encolher os ombros. — Nasci e cresci aqui, na Terra Santa. O meu pai é engenheiro informático e a minha mãe é professora primária. Boa gente. Tenho duas irmãs mais velhas. Sou o mais novo da família. Estive na Universidade Estatal de San Diego. Sou polícia, que é o que sempre quis ser. E é só isso.

— Do que gostas de ser polícia? — pergunta Carolyn.

— Tudo. Estou sempre por aí, cada turno é diferente… E suponho que goste de ajudar as pessoas.

Sim, suponho que sim, pensa ela.

— E tu? Do que gostas no teu trabalho? — pergunta Chris.

— Adoro os animais. De certo modo, precisam de mim porque não podem falar. E são tão verdadeiros… Nunca fingem. Sabes? Às vezes, acho que gosto mais dos símios do que das pessoas.

Na verdade, gostaria de saber porque é assim. Deve-se ao facto de os símios não a rejeitarem? Não a enganarem? De lhe darem «amor incondicional»? Ou seria porque precisava que precisassem dela? Vai transformar-se numa daquelas mulheres maduras e solitárias que só sentem apego pelos animais?

— Embora, às vezes, me atirem caca — acrescenta.

— Os humanos fazem isso comigo — responde Chris.

— Bela merda!

Ambos se riem.

Acabaram de comer e, se isto era apenas um convite de cortesia para lhe agradecer pelo que fez, vão levantar-se e cada um seguirá o seu caminho.

Ela pede a conta, mas, quando lha trazem, Chris agarra-a.

— Era para te agradecer — indica Carolyn.

— E também ia ser um almoço, não um pequeno-almoço — declara ele. — Eu convidei-te.

Outra manifestação passiva-agressiva do patriarcado, começa a pensar Carolyn, e lembra-se de que o Professor Canalha não está presente para fazer esse comentário e de que, na verdade, não se incomoda que ele pague.

— Posso dar a gorjeta, pelo menos? — pergunta.

— Está bem.

— Cinco?

— É melhor dez, não é?

Carolyn deixa uma nota de dez dólares na mesa e levanta-se.

— Bom, foi…

— Sim, foi agradável.

«Agradável», pensa ela. O beijo da morte. «Agradável» é levar a avó a comer massa em Olive Garden ou…

— Apetece-te ir à praia? — pergunta Chris.

— Desculpa?

— Disseste que gostavas de ir à praia. Questionava-me se queres ir.

— Agora?

— Está um bom dia.

Sim, pensa Carolyn.

Está um bom dia, sim.

Hollis Bamburguer é parvo. Tão parvo que volta ao mesmo parque, para comprar uma pistola nova ao mesmo vendedor.

Bom, não, uma pistola usada.

Com um pouco de sorte, não a terão usado para cometer um crime. Hollis já tem bastante medo dos crimes que cometeu, quanto mais dos que os outros cometeram. Portanto, espera que a pistola que Montalbo lhe vende esteja limpa.

Encontram-se no mesmo descampado do que da outra vez.

— Preciso de uma arma — diz Hollis.

— Porque usas uma camisola de gola alta? — pergunta o mexicano. — Estão trinta e nove graus.

Hollis pensa depressa.

— Não tive tempo para lavar a roupa — responde.

— Tens um microfone escondido?

Hollis volta a pensar depressa.

— Não — diz. — Preciso de uma arma.

— Já te vendi uma — responde Montalbo.

— Preciso de outra.

— E porquê?

É uma boa pergunta, porque se o *güero* usou a arma para cometer um crime e a polícia seguir o seu rasto até quem lha vendeu, Montalbo poderia ver-se envolvido em qualquer merda que tenha feito. Que será, certamente, uma merda muito estúpida.

— Livrei-me dela — responde Hollis.

— Porquê?

— Por que achas?

Montalbo começa a ficar realmente nervoso, porque é possível que o *güero* tenha sido detido por alguma razão e tenha feito um acordo com a polícia e que o objetivo desse acordo seja um certo traficante de armas mexicano. E Montalbo sabe por experiência que há muito poucas coisas de que os polícias de San Diego gostem mais do que um traficante de armas mexicano. Até as tem classificadas por ordem: Primeiro, os dónutes Krispy Kreme; segundo, os *narcos* mexicanos; e terceiro, os traficantes de armas mexicanos.

— Não posso ajudar — diz. — Diz à polícia que não há acordo.

— Vá lá, homem.

— Desaparece daqui ou rebento-te.

Hollis dá uma olhadela à volta e vê que os colegas do mexicano estão a começar a rodeá-lo como lobos, uma conduta que conhece bem de quando estava em Chino. Tem medo, mas tem mais medo de se encontrar com Lee sem uma arma.

Lee não tolera bem a frustração.

Pensando depressa, Hollis encontra uma ideia fantástica.

— Pago-te uma percentagem do que conseguir.

— Que percentagem? — pergunta Montalbo.

Porque, por acaso, tem interesses contraditórios: Por um lado, não quer ser detido e, por outro, precisa do dinheiro. Tem um problema sério com o jogo ou, melhor dizendo, tem um problema sério porque não sabe jogar e deve dinheiro a Victor Lopez, um prestamista que está a ficar sem paciência. Montalbo deve-lhe alguns milhares de dólares, mas, se lhe pagar uma parte da dívida, talvez consiga ganhar tempo.

— Dez por cento — afirma Hollis.

— Talvez possa dar-te uma *SW39* automática — sugere Montalbo.

— Isso é uma velharia.

— Queres a arma ou não?

— Por quanto? — pergunta Hollis.

— Quinhentos.

A *Smith and Wesson* custa duzentos e cinquenta, no máximo.

— Dou-te trezentos — diz Hollis.

Se lhe der quinhentos, não ficará com um dólar do último golpe que fez e Lee vai zangar-se. Já vai ficar bastante irritado por ter de dar uma percentagem ao mexicano.

Lee tem pouca tolerância com o descontentamento.

Hollis, no entanto, pensa na solução perfeita: Pagará a Montalbo com a parte dele.

— Quatrocentos — diz Montalbo. — Mais dez por cento. É a minha última oferta.

— A arma está limpa? — pergunta Hollis.

— Como o hábito de uma freira — garante Montalbo, embora não saiba se está limpa ou não. Que ele saiba, podiam tê-la usado para matar Lincoln. — Dá-me o teu número — pede. — Mando-te uma mensagem quando a tiver.

— E as balas?

— Querias uma pistola — diz Montalbo. — Não disseste nada sobre balas.

— Para que serve uma pistola sem balas? — replica Hollis.

— Para pouca coisa, acho eu.

Hollis suspira.

— Quanto?

— Dez dólares por peça.

— Que fraude!

— Tenta fazer um golpe sem balas e vê como corre — declara Montalbo.

Hollis pensa nisso. A verdade é que já o fez sem balas, porque, normalmente, basta mostrar a pistola para abrirem a caixa.

Mas Lee não é partidário dessa filosofia. Segundo ele, a pistola descarregada só funciona para Dirty Harry.

Hollis dá o número a Montalbo.

Chris respira fundo e, contrariado, entra na chefia de polícia da Broadway.

Continua sem saber se foi boa ideia.

Carolyn achava que sim.

De facto, foi ela que o sugeriu.

Para surpresa de Chris, passaram toda a tarde a passear por Pacific Beach e deu por si a falar dos seus problemas no trabalho, o que o surpreendeu ainda mais.

— Porque é que os da divisão de Assaltos estariam zangados contigo por teres resolvido um roubo? — perguntou.

— Porque é o trabalho deles — respondeu ele. — E suponho que os tenha feito ficar mal. É, não sei, como se tu fosses ao departamento de répteis ou uma coisa dessas e resolvesses um problema com uma jiboia.

— Sim, não gostariam nada.

— Pois não? O pior de tudo é que essa é a unidade em que realmente me apetece trabalhar e, agora, estão irritados comigo.

— Vai falar com eles — propôs Carolyn.

— As coisas não funcionam assim. Só falamos quando se dirigem a nós.

— E como está a funcionar esse método?

Chris teve de reconhecer que não muito bem. E também teve de reconhecer que começava a gostar muitíssimo de Carolyn Voight. É inteligente, bonita e… simpática. «Embora talvez só esteja a ser simpática comigo porque tentei salvar o seu chimpanzé, porque a rapariga tem um doutoramento e, certamente, é demasiado inteligente para querer sair com um polícia. De certeza

que veio à praia porque se sentia culpada, por eu ter partido o nariz e isso.»

Ao fim da tarde, tinha muita vontade de voltar a convidá-la para sair, mas não queria que ela aceitasse por pena.

Portanto, não a convidou, mas decidiu seguir o seu conselho sobre ir falar com Lubesnick, porque, afinal, Carolyn tinha razão: O que podia perder?

Agora, mostra o distintivo, entra na unidade de Roubos e Assaltos e pergunta à rececionista se o tenente Lubesnick está.

— Quem pergunta por ele? — quer saber a rececionista.

— O agente Shea. Christopher Shea.

— Muito bem, agente Christopher Shea. Vou ver se pode atendê-lo.

Mas, nesse momento, a porta abre-se e Lubesnick sai. Ao ver Chris, diz:

— Conheço-te.

— Sim, senhor.

— Mas de onde?

— Eh… Conhecemo-nos em Balboa, no parque.

Lubesnick fica a olhar para ele por um segundo, depois, sorri de orelha a orelha e exclama:

— O Homem Macaco! Eh, rapazes, temos aqui uma celebridade!

Alguns inspetores levantam o olhar do seu trabalho e sorriem com um ar divertido ou olham para Chris com o sobrolho franzido. Sente que fica avermelhado. Espera poder trabalhar com estas pessoas algum dia.

— A verdade é — ouve-se dizer —, que não é sobre isso que queria falar, tenente.

— Está bem, entra, entra — convida Lubesnick. Olha para a rececionista e acrescenta, em voz baixa: — Dentro de dois minutos, liga-me e diz-me que há uma chamada que tenho de atender.

— Claro, Lou.

Lubesnick leva Chris para o seu escritório, indica-lhe que se sente e pergunta:

— E então?

— É por causa do assaltante que detive no outro dia. Queria desculpar-me. Não devia tê-lo feito.

— Vês futebol, Shea?

— Via até os Chargers saírem de San Diego.

— Então, saberás o que se passa quando um defesa deixa a sua zona e entra na de outro, não é? — pergunta Lubesnick. — A equipa rival marca um golo. Se fizesses o nosso trabalho, o que faríamos? Não teríamos nada para fazer.

— Entendo, senhor.

O tenente fica a olhar para ele por um instante.

— A verdade é que lidaste bem com esse tipo. Tiveste muita manha. O Brown disse-me que gostarias de trabalhar no departamento de Roubos.

— Adoraria, senhor.

— E achas que deixar-nos em mau lugar é a forma de o conseguir?

— Não queria deixar ninguém mal.

— Como também não querias cair de uma árvore? — pergunta Lubesnick. — Nem entrar num combate de luta livre em Lamp? Sim, já reparei em ti, Shea.

«O que pode ser bom ou mau», pensa Chris. «Bom, se reparou em mim porque pode querer ter-me na sua unidade e mau se o que quer é riscar-me para sempre da sua lista de possíveis candidatos.»

Ouve-se o intercomunicador.

— Lou, tens uma…

Lubesnick pisca o olho a Chris.

— Ellen, diz à pessoa que me liga que fingirei ligar-lhe depois.

— Entendido, chefe — responde Ellen. — Fingirei anotar o número.

Lubesnick larga o botão do intercomunicador e diz a Chris:

— Enfim, transmitirei as tuas desculpas sinceras à unidade e certificar-me-ei de que entendem que não tinhas má intenção. Agradeço-te por teres vindo. Diz muito sobre ti. Agora, vai-te embora.

Chris levanta-se.

— Obrigado, tenente.

— Sabes que ainda há uma questão para esclarecer, não é? — acrescenta Lubesnick. — De onde saiu essa pistola.

Ao sair da unidade, Chris repara nos olhares de gozo cravados nas suas costas, mas, na verdade, está a pensar em Lubesnick. O que é que o tenente queria dizer? Que devia seguir o rasto da arma? Ou não devia segui-lo? É tudo muito ambíguo, porque, evidentemente, Lubesnick veio dizer-lhe que não devia sair da sua faixa.

«Sim, mas o problema é que a faixa onde estou não é a que quero», pensa Chris. «E talvez o Lou Lubesnick tenha querido dizer que devo mudar de faixa.»

Carolyn está incomodada.

E irritada consigo própria por estar.

Porque Christopher Shea a deixou à porta de casa, agradeceu por uma tarde muito agradável e, depois, não a convidou para voltarem a ver-se.

Passou toda a noite zangada — e era sábado: Outra noite de sábado a ver Netflix sozinha; sem esgotamentos, sim, mas sozinha —, tomou um duche e, às onze (às onze, meu Deus!), já estava na cama. No dia seguinte, quando acordou, continuava zangada.

Saiu para correr, como todos os sábados, e nem assim lhe passou o aborrecimento.

Viu *90 Dias para Casar* zangada (talvez ela também devesse procurar um príncipe nigeriano com quem sair). E quando, na segunda-feira, se levantou para ir trabalhar, conseguira efetuar uma transição subtil, mas decisiva: Já não estava zangada com Christopher Shea, mas consigo própria.

«O que importa?», questionou-se.

«Se não lhe interesso, menos ele me interessa.

Quem acha que é?

Bom escalador não é, de certeza. E de certeza que também beija mal.»

Percebe que volta a estar zangada com Shea e, fazendo um esforço, reconduz outra vez o seu mal-estar.

«O que fiz?», interroga-se. «Ou o que não fiz?

Falei-lhe de mim, deixei que me contasse as suas mágoas (e contou-mas!), estava muito bonito a passear pela praia e achava que tinha deixado claro que me interessava.

O que quer que eu não tenho?»

— O que tenho de mal? — pergunta-se, em voz alta.

O *Champ* desconhece a resposta, mas estende-lhe a mão.

Chris descobre que a pistola estava registada em nome de um cidadão nada suspeito a que foi roubada quando lhe assaltaram a casa, um roubo que ele denunciou devidamente à polícia.

Portanto, por esse lado, não vai encontrar nenhuma pista.

Quando visita o Laboratório Forense, tem de ouvir várias brincadeiras sobre um simples patrulheiro como ele se interessar por estas coisas. Por sorte, o agente que está de guarda percebe que é o Homem Macaco, tem piedade dele e mostra-lhe os resultados dos testes.

— A verdade é que é o primeiro a perguntar — diz.

A arma em questão é uma *Colt Cobra Special* de calibre 38, de dupla ação, com punho de borracha Hogue.

O punho tem as impressões do *Champ* por todo o lado, mas nenhuma outra.

Ou seja, Chris tem de mudar de perspetiva e questionar-se o que aconteceu nas imediações do jardim zoológico nessa noite.

Vai aos Sistemas e à Base de Dados e pede uma cópia impressa de todas as chamadas da Divisão Central antes do incidente do chimpanzé.

— Um inspetor enviou-o? — pergunta Schneider, o agente dos Dados.

— Não.

— Então, não posso dar-lhe essa informação. Só posso dar-lha se for o inspetor que está a investigar o caso e o senhor é patrulheiro, não é?

— E se o Lubesnick me tiver enviado? — inquire Chris.

— Foi ele?

— Quer ligar-lhe e perguntar?

Está a arriscar e sabe. Se Schneider ligar para os Roubos e Lubesnick perguntar o que raios está a acontecer, bem pode despedir-se da sua carreira na polícia. Mas está quase certo de que Schneider não vai ligar, porque, se Lubesnick o enviou realmente, o tenente ficará furioso se lhe ligar.

— As chamadas da Central? — pergunta Schneider.

— Sim.

Alguns minutos depois, Chris tem à sua frente todas as chamadas que a Divisão Central recebeu antes de o *Champ* começar o espetáculo. Alguns problemas familiares, um tarado a exibir-se em Balboa Park e a luta inevitável em Lamp, mas nada sobre um assalto à mão armada ou uma arma de fogo.

Talvez, no fim, fosse um defensor dos animais, pensa Chris. Mas, depois, volta a pensar. O parque é no limite leste da Divisão Central, confinando com a Divisão de Mid City.

Ou seja, se aconteceu alguma coisa em North Park, por exemplo, o suspeito poderia ter entrado em Balboa com apenas uma corrida.

— Pode dar-me também os de Mid City? — pede a Schneider.

Schneider suspira com resignação e traz-lhe os dados de Mid City.

E aí está.

Ou, pelo menos, poderia estar, pensa Chris. Uma loja de bebidas situada entre a Trinta e Utah foi assaltada à mão armada hora e meia antes de ele responder à chamada do chimpanzé. A só oito quarteirões do limite leste do parque.

Segundo os registos, apareceram dois agentes — Herrera e Forsythe —, mas o assaltante já desaparecera quando chegaram.

De modo que o caso continua aberto.

A Unidade de Roubos encarregou-se dele, mas, por enquanto, não detiveram ninguém.

O registo de chamadas não mostra o que fizeram depois, essa informação está em poder do departamento de Roubos e Chris não se atreve a voltar e perguntar. Mas estranha que ninguém pareça ter-se interessado pela pistola.

Que não tenham ido perguntar se havia impressões digitais.

Chris acha que entende o motivo: O assunto do chimpanzé foi uma vergonha imensa para o departamento de polícia e, certamente, todos desejam que desapareça o quanto antes.

«Mas Lubesnick encorajou-me a investigar», pensa Chris.

«Porquê a mim e não aos seus homens?»

No dia seguinte, está de folga, portanto, espera que chegue o turno da noite e vai a Mid City.

Encontra Forsythe junto do cacifo, a preparar-se para começar o turno.

— Agente Forsythe, sou o Chris Shea, da Divisão Central.

— Sei quem é — responde Forsythe. — O homem do macaco. Queria alguma coisa?

— Atendeu uma chamada de roubo na Trinta na outra noite.

— E?

— Posso perguntar o que aconteceu?

— Pouca coisa — responde Forsythe. — Atendi a chamada e o Herrera chegou um segundo depois. O assaltante ameaçou o empregado com uma faca e o empregado deu-lhe a massa. Inspecionámos a zona, mas não o encontrámos. Passámos o caso aos Roubos.

— Era uma faca? A chamada dizia que era uma pistola.

— Sim, é verdade — confirma Fortsythe. — O homem da loja pensou que nos apressaríamos mais se dissesse que era uma pistola. Sabes como são estas coisas.

Sim, Chris sabe. As pessoas exageram sempre quando chamam a polícia, achando que, assim, chegarão mais depressa.

— Porque me perguntas isso? — quer saber Fortsythe. — Tens uma pista sobre esse tipo? Algum caso relacionado?

— Não.

— Porque estás num carro de patrulha, não estás? É por algum assunto pessoal?

«Parece que encontrei um osso duro de roer», pensa Chris.

— Não. Vivo no bairro. Tinha curiosidade.

É uma tolice e Forsythe sabe.

— Faz um favor a todos, incluindo a ti, e não sejas tão curioso. Não acho que seja bom para ti.

— Ah, não?

— Não — responde Forsythe. — Volta para a Central para perseguir macacos ou seja o que for que fazem por lá, mas não venhas meter-te onde não és chamado. E digo-o sem vontade de ofender, eh, Shea? Não leves a mal.

— Não, não faz mal.

Chris não leva a mal, mas vai à loja de bebidas falar com o empregado.

— Claro que era uma pistola — diz o empregado da loja de bebidas, um tipo loiro, de cinquenta e tal anos. — Acha que não distingo uma faca de uma pistola?

— Não, eu…

— Oiça o que lhe digo — acrescenta o empregado: — Era uma *Colt Cobra Special* de calibre 38.

A pistola que o *Champ* brandia.

— Automática, não é? — pergunta Chris.

O empregado olha para ele com desprezo.

— Mas que tipo de polícia é? Uma *Colt Cobra Special* de calibre 38 é um revólver. De dupla ação. Com canhão de duas polegadas e punho de borracha. Eu tenho armas.

— Já imaginava.

— Tenho uma aqui, por baixo do balcão. Uma *Glock* 9. Portanto, acha que vou deixar que um homem com uma faca me assalte? Se não peguei na pistola foi porque ele me apontou uma primeiro.

— Consegue descrever o suspeito?

— O suspeito? Não era um suspeito. Assaltou-me.

— Consegue descrevê-lo?

— Já o descrevi aos inspetores. Não falam entre si ou quê?

Pelos vistos, não, pensa Chris.

— Era branco — diz o empregado. — Cerca de um metro e sessenta. Cabelo castanho muito curto. Usava uma camisa havaiana, calças de ganga e uns *Keds*. Quer que lhe diga se tinha alguma marca distintiva?

— Claro.

— Uma tatuagem no pescoço. H-O-L.

— Hol?

— Era o que se via por cima do colarinho da camisa.

— E disse tudo isto aos inspetores.

— Claro.

— E a arma? — insiste Chris, embora já saiba a resposta.

Este homem adora demonstrar que sabe muito sobre armas.

— Claro.

— Então, os dois agentes que responderam à chamada anotaram a declaração…

— Quando voltaram — particulariza o empregado.

— Quando voltaram?

— De perseguir o assaltante. Porque, quando chegaram, tinha acabado de sair pela porta. Começou a correr e eles foram atrás dele. Para dizer a verdade, pensei que iam apanhá-lo.

Sim, eles também, pensou Chris.

Ou seja, está claro que a pistola que acabou nas mãos do *Champ* (ou nas suas garras?) é a mesma que foi usada no assalto à loja de bebidas.

A questão é como o *Champ* a apanhou.

E porque Forsythe lhe mentiu, se não era uma faca.

No seu turno seguinte, Chris está prestes a entrar no seu carro de patrulha quando o sargento Villa se aproxima e pergunta:

— Que merda fazias em Mid City?

— O Forsythe contou-lhe?

— Contou-me o Herrera. Estivemos juntos na Divisão Este. É boa pessoa. Tal como o Forsythe.

— Sargento…

— Não sei o que vais dizer-me, mas não o digas — interrompe Villa. — Não digas a ninguém.

O sargento acabara de lhe ordenar que calasse a boca e Chris fá-lo.

— É um bom tipo — acrescenta Villa. — E um bom polícia. Não sejas idiota.

«Incrível», pensa Chris, ao entrar no carro. «O meu sargento diz-me para fazer uma coisa e o tenente diz-me para fazer o contrário. O Villa pode tornar-me a vida impossível aqui e o Lubesnick pode impedir que consiga outro lugar.»

No entanto, a verdade é que não conseguiu juntar as coisas e esclarecer o que aconteceu à

pistola e é pouco provável que o consiga. Os inspetores da Unidade de Roubos e Assaltos não vão dar-lhe a informação e, além disso, não parecem ter nenhum interesse no caso. Herrera e Forsythe também não vão dizer-lhe nada, o suspeito fugiu e o *Champ* não fala.

E o departamento em geral parece preferir atirar terra sobre o assunto.

«Portanto, esquece o assunto», pensa Chris.

O problema é que, aparentemente, não consegue.

Lubesnick responde à oitava vez que lhe liga.

— Pode saber-se porque me incomodas tanto, Homem Macaco?

— Preciso de ver o relatório do assalto à loja de bebidas.

— Porquê?

— Não tinha interesse numa pistola? — Dá a morada a Lubesnick.

Faz-se um silêncio. Depois, o tenente diz:

— Já te ligo.

Para surpresa de Chris, liga-lhe, com efeito, cinco minutos depois.

— O caso é do inspetor Geary. É um bom investigador.

— Com certeza que sim, senhor, mas…

— Tudo o que disseres depois de «mas» significa que tudo o que disseste antes era falso — interrompe Lubesnick. — Mas… Se quiseres vir dar uma olhadela…

— Acho que seria preferível se pudesse ver o arquivo sem o inspetor Geary e os outros descobrirem.

— Ou seja, queres que faça a cama à minha própria equipa — conclui Lubesnick.

— Quero esclarecer a questão da pistola.

Outro silêncio. Depois:

— Lembras-te da Ellen, a rececionista? Encontra-te com ela no Starbucks de Broadway e Kettner dentro de uma hora. Não a faças esperar.

— Obrigado, senhor.

— Não me agradeças — replica Lubesnick. — Porque, se me lixares com isto, afundarei a tua carreira de tal forma que nem o James Cameron será capaz de a encontrar.

Chris vai a correr para o Starbucks. Já lá está quando Ellen entra. Ao vê-lo, entrega-lhe uma pasta castanha.

— Senta-te aqui a lê-lo! — ordena.

— E depois?

— Depois, devolve-mo. Tens dez minutos.

Aproxima-se do balcão e pede um café com leite. Não pergunta a Chris se quer alguma coisa.

Chris não demora dez minutos. O relatório é muito fino e diz mais ou menos o que esperava. Cita a declaração de Forsythe, segundo a qual, ao chegar ao local dos factos, o empregado lhe disse que o tinham assaltado com uma navalha. Que o assaltante já tinha fugido e que Forsythe e Herrera revistaram a zona, mas não o encontraram.

O inspetor Geary não encontrou mais pistas.

Ou seja — pensa Chris, ao devolver a pasta a Ellen — Geary apoiou os dois polícias de Mid City para esconder o que realmente se passou. E Lubesnick quer que faça as perguntas que ele não pode fazer aos homens dele.

— Sabes, é claro, que isto não aconteceu — diz Ellen.

— Sei, sim — confirma Chris e acrescenta: — Posso fazer uma pergunta?

— Podes tentar.

— Onde estava o Geary antes de entrar no departamento de Roubos?

— Na Divisão Este, acho.

Quer dizer, os antigos colegas da Divisão Este juntaram-se para esconder o que Herrera fez ou deixou de fazer nessa noite, pensa Chris.

E a única oportunidade que tem de descobrir o que se passou é encontrar um tipo que tem um «H», um «O» e um «L» tatuados no pescoço.

«Mas como raios vou encontrá-lo?»

Richard Holder, que se alegra inconscientemente por estar outra vez atrás das grades, alegra-se conscientemente por ter visitas.

Até descobrir que é um polícia.

— O que queres? — pergunta a Chris.

— Ajudar-te.

— É o que a polícia diz sempre. Ajudar-me como?

— Quem te vendeu a pistola? A pequena, a *AMT* de calibre 22.

— Boa pistola — diz Richard.

— Suponho que sim, para assaltar um pombo — troça Chris. — De onde a tiraste?

Richard abana a cabeça.

— Quem fala demasiado, paga por isso.

Chris ouviu aquela resposta mil vezes e tem a resposta perfeita. Normalmente, responderia que quem fala acaba por conseguir uma redução na pena, mas, como Holder é reincidente, opta por dizer:

— Quem fala demasiado, talvez possa escolher onde quer cumprir a pena.

Richard está interessado.

— Poderia ser? — pergunta. — Consegues fazer com que me mandem para Donovan?

De modo que Holder tem colegas e talvez algum namorado em Donovan, portanto, ir para lá seria como voltar para casa.

— O que posso fazer — diz Chris —, é escrever um relatório de cooperação para que o juiz veja o teu caso, recomendando que cumpras a pena em Donovan. Ou… posso escrever uma carta muito diferente a pedir que um delinquente reincidente como tu vá para Q.

Quer dizer, para San Quentin.

Chris vê que um brilho de angústia atravessa o semblante de Richard.

— Se me conseguires Donovan, digo-te quem me vendeu a pistola.

— Não, preciso de saber agora.

— E como sei que és de confiança?

— Dei-te a vodca, não foi? — replica Chris e, percebendo que está prestes a fechar o acordo, pressiona um pouco mais. — Olha, ambos sabemos que vão condenar-te, porque já confessaste e temos a pistola com as tuas impressões digitais. Já que vais para a prisão, pelo menos, seria bom ires para a prisão que queres.

— Não sei como o tipo se chama.

— Diz-me como é e onde posso encontrá-lo.

Num descampado da Trinta e Dois, diz-lhe Richard. Um mexicano alto e gordo, de trinta e tal anos, com pera e tatuagens de um gangue nos braços. Costuma usar um boné de basebol dos Raiders.

— Os Raiders — acrescenta, com um suspiro de desdém.

— Os Chargers saíram de San Diego.

— E partiram-me o coração.

— Como a mim — responde Chris. — Outra coisa: Nas tuas viagens para a prisão, alguma vez encontraste um homem branco, de um metro e sessenta, que tem umas letras tatuadas no pescoço? «H-O-L».

— O Hollis.

Chris encolhe os ombros.

— Talvez.

— Sim, de certeza que é ele — diz Richard. — Hollis Bamburguer. Claro, estivemos juntos em Chino.

— É Berger ou Burger?

— Burguer, com «U» acho.

— E esse tal Bamburguer conhece o homem da Trinta e Dois?

— Todos conhecem esse homem da Trinta e Dois.

Muito bem, pensa Chris. E, depois, pergunta:

— O que mais podes dizer-me sobre o Hollis Bamburguer?

Richard ri-se.

— Que é idiota.

E é Richard Holder a dizê-lo, «o que usava a máscara», pensa Chris.

Temos de os adorar, estes rapazes.

Chris vai no seu carro até ao descampado da Trinta e Dois e vê um grupo de latinos.

Eles também o veem.

Tanto faz que esteja vestido com roupa de rua e no seu carro privado: Percebem depressa que é polícia.

Questão de prática.

Olham para ele com má cara, sobretudo, um tipo alto e gordo com pera, tatuagens nos braços e boné dos Raiders.

Chris sai do carro, levanta as mãos à altura dos ombros para lhes indicar que vem em paz e aproxima-se do da pera.

— Só quero falar.

— Falar do quê? — pergunta o outro. — Do tempo? É um nojo. Dos Padres de San Diego? Que merda de equipa. Ou da tua irmã, a que me chupa a pila?

— E se for sobre um homem que tem as letras H-O-L tatuadas no pescoço?

Bingo!

O da pera tem olhos de burro, embora se faça de esperto. Denunciam-no depressa.

E ele sabe.

— O que se passa com ele?

— Vendeste-lhe uma arma? — pergunta Chris. — Uma *Colt Special*?

— Como se fosse dizer-to…

— Olha, já tenho o suficiente para prender o Bamburguer — declara Chris. — Se o encontrar sem a tua ajuda, vou fazer com que te denuncie e terei de te enfiar um taco de basebol inteiro pelo rabo acima, começando pelo lado mais grosso. Mas se o apanhar com a tua ajuda, talvez me esqueça de ti.

— Não sou um *dedo*! — exclama o mexicano.

Ou seja, não é um delator.

Chris percebe que fala a sério. Ameaçá-lo não vai servir de nada.

— Como te chamas? — pergunta. E, ao ver que o tipo se irrita, diz: — Vá lá, não podemos fazer isto calmamente? Ou tenho de procurar uma desculpa qualquer para te prender? De todas as formas, vou levar a minha avante.

— Malditos polícias…

— O que me dizes?

— Montalbo. Ric.

— Eu sou o Chris Shea. O agente Christopher Shea.

— Não és inspetor? — pergunta Montalbo.

— Ainda não. Bom, Ric, há acordo ou não?

Montalbo observa-o durante uns segundos. Depois, diz:

— Todos os dias, quando me levanto, faço-me a mesma pergunta. Sabes qual?

— Morro de vontade de saber.

— «O que é que os outros podem fazer por mim?» — indica Montalbo. — O que podes fazer por mim, Christopher?

— Tens alguma ideia? Estou disposto a ouvi-la.

Montalbo tem uma, de facto.

Ataca-o como uma chama deslumbrante.

A solução para todos os seus problemas.

— Há um tal Lopez — diz. — Se o prenderes no carro, tem um monte de *hierba* no porta-bagagens.

— Deves-lhe dinheiro? — pergunta Chris. — Ou atirou-se à tua namorada?

— Devo-lhe dinheiro — esclarece Montalbo. — A minha namorada é a mulher mais feliz do mundo.

— Sabes onde posso encontrar o Hollis Bamburguer?

— Posso dar-te algo ainda melhor.

Chris anota os dados de Lopez. Depois, Montalbo olha para ele com um ar estranho.

— Ena, conheço-te.

— Não me parece.

O mexicano sorri.

— És o do chimpanzé.

— Não, nem pensar.

— Sim, és tu — insiste Montalbo. — És o homem do macaco.

Chris pode ser o homem do macaco, mas não é parvo. Não vai cometer duas vezes o mesmo erro fazendo uma detenção que não lhe diz respeito.

Por isso, liga a um amigo da Divisão de Narcóticos com quem esteve no liceu (Chris estava no primeiro e ele, no último ano, mas jogavam basebol juntos).

— Dava-te jeito uma detenção? — pergunta.

— Homem, claro — responde o amigo. — O meu chefe anda a chatear-me.

Chris dá-lhe os dados de Victor Lopez: A marca do carro, a matrícula, os lugares onde costuma parar e a descrição completa. Esta vai ser a quinta vez que detêm Lopez, portanto, está claro que o juiz não vai fixar uma fiança que possa pagar, que é, sem dúvida, o que Montalbo pretende.

— Obrigado, Chris — agradece ao amigo. — Posso ajudar-te com alguma coisa?

— Sim, liga-me quando o prenderes.

— Está feito.

Não, ainda não, pensa Chris, não por completo.
Mas quase.

Hollis recebe uma mensagem.
«Tenho o que é teu. Vemo-nos esta noite às dez.»
«Fantástico», responde. «O mesmo sítio?»
«Não. Estacionamento do jardim zoológico.»

Muito bem.
Montalbo olha para Chris.
— Contente?
— Ainda não — responde Chris.

Chris tem sentimentos contraditórios.

Sabe que devia dirigir-se para a Unidade de Roubos e deixar a possível detenção nas suas mãos.

Uma operação como esta, de venda de armas, em que estão envolvidos delinquentes profissionais armados, costuma requerer ativos importantes: Agentes infiltrados, reforços, até uma equipa SWAT. Seguir em frente sozinho, sem autorização dos seus superiores ou plano tático, vai contra o procedimento em todos os sentidos.

No entanto, cumprir o procedimento tem os seus inconvenientes.

Para começar, teria de reconhecer que fez o que lhe disseram para não fazer: Investigar um caso que pertencia ao departamento de Roubos. Viu relatórios que não devia ver, interrogou testemunhas com que não devia falar, fez — sem autorização — uma oferta a um prisioneiro com quem nem sequer deveria ter falado e, por último, fez um acordo com um delinquente para orquestrar a detenção de outro delinquente em troca de armar uma cilada a um terceiro como parte de uma operação que não devia ter montado.

Ou seja, não há volta a dar.

Além disso, teria de contar tudo ao inspetor Geary, que está envolvido num problema que Chris tenta deslindar.

Portanto, a coisa não correria bem.

A outra opção seria contar ao tenente Lubesnick, que poderia passar por cima de Geary e proporcionar os ativos que fossem necessários para armar a cilada a Hollis, mas não sabe se quer que Lubesnick faça parte disto, pelo menos, até conseguir apresentar-lhe o caso numa bandeja de prata, se é que consegue.

Outra possibilidade é tentar fazer com que tudo fique dentro da Divisão Central.

Mas, nesse caso, teria de recorrer a Villa, que não acharia muita graça.

Ou poderia passar por cima de Villa e falar com o tenente Brown, que já lhe disse para ficar quieto e tentar não chamar a atenção e que, além disso, não gostaria nada se o assunto vergonhoso do chimpanzé voltasse a ser notícia.

Claro que tem sempre a possibilidade — pensa Chris — de parar agora e esquecer o assunto.

Mas não é isso que Lubesnick quer.

«Nem tu.

Começaste isto e tens de o acabar

Isso para não falar de que também te interessa afastar um assaltante à mão armada da circulação. Que é, no fim de tudo, a razão por que te pagam.»

Às dez menos um quarto dessa mesma noite, Chris para o carro num canto do estacionamento do jardim zoológico.

Lee conduz para o jardim zoológico.

— Repete — pede

— Já repeti — responde Hollis.

— Repete outra vez.

Lee suspira.

— Dou a massa ao mexicano. Ele dá-me a pistola. Aponto-lhe a pistola e digo-lhe para me devolver a massa.

É um plano perfeito, pensa Lee: Usar a pistola que o traficante de armas lhe vendeu para lhe roubar o dinheiro que pagou pela pistola. Porque, embora desconheça o conceito de simetria (e o de ironia), Lee aprecia inconscientemente a sua beleza.

Hollis não parece tão entusiasmado.

— Sabes que já não poderemos voltar a comprar outra pistola.

— Foi um erro comprar a segunda — indica Lee.

«E, além disso, que se lixe. Cobrar trezentos dólares mais uma percentagem por uma merda de arma, por uma *SW39*! Está a roubar-nos, merece que o roubemos. Justiça, é o que é.»

Porque Lee acredita na justiça.

E na Regra de Ouro.

Eles vão fazer ao mexicano o que o mexicano lhes fez, nem mais nem menos.

Lee percebe, no entanto, que Hollis tem medo. Primeiro, porque mexe o pé sem parar, como um coelho drogado até às orelhas. E, segundo, porque Hollis tem sempre medo.

— Não te preocupes, eu cubro-te as costas — tranquiliza-o.

— Eu sei.

Mas não parece muito convencido.

— Não te cobri sempre? — pergunta Lee, novamente, sem a menor intenção irónica.

A verdade é que sim, pensa Hollis.

No pátio da prisão, quando outro que não era Lee tentava bater-lhe, Lee dava conta dele.

«E se alguém que não era ele tentasse tornar-me a sua prostituta, o mesmo.»

Lee sempre o protegera.

Agora, Lee começa a ficar tonto. Tão emotivo que aparecem as lágrimas.

— És o meu irmão. Adoro-te. Aconteça o que acontecer, podes sempre contar comigo. Se esse cabrão tentar fazer-te alguma coisa, estou aqui para te defender.

«Defender-me como?», questiona-se Hollis. Porque Lee não tem pistola.

O colega assim o faz notar.

Lee pensa por um segundo, franzindo o sobrolho. Depois, a cara ilumina-se e replica:

— Mas tenho carro, não é? Se esse homem tentar alguma coisa, afasta-te e atropelo-o. Para de te preocupar, não vai acontecer nada.

Mas Hollis não deixa de se preocupar.

Porque não é parvo.

Encostado no banco, atrás do volante, Chris vê a carrinha *Toyota* branca que Montalbo conduz entrar no estacionamento.

O mexicano sai e apoia-se contra a porta da carrinha.

Um minuto depois, chega um *Nissan Sentra* verde com o para-choques dianteiro desprendido

no lado esquerdo e para a uns cinco metros de Montalbo.

Chris vê que Hollis Bamburguer sai pelo lado do passageiro e dá a volta ao carro. É outro que conduz e, de repente, Chris sente-se como um imbecil porque não previra esta eventualidade e, agora, vai ter de prender dois tipos em vez de um e sem reforços.

«Pelos vistos, o Hollis e eu somos igualmente tolos», pensa.

«Embora ainda possa voltar atrás. Sair daqui e deixar tudo isto nas mãos da Unidade de Roubos ou esquecer o assunto e ponto final.»

Sabe, no entanto, que Hollis e o colega vão comprar uma pistola porque estão a preparar alguma, certamente, outro roubo e, desta vez, alguém poderia sair maltratado.

«E não podes esquecer isso», pensa Chris.

«Meteste-te nisto sozinho e, agora, tens de o acabar.»

«Acaba o que começas» era a única coisa que o seu pai lhe dizia quando queria dar-lhe um sermão.

Portanto, agarra na pistola com a mão direita e apoia a esquerda no puxador da porta, pronto para sair quando vê que Hollis se aproxima de Montalbo.

Hollis entrega o dinheiro a Montalbo.

O mexicano procura na parte de trás da carrinha, tira uma pistola e passa-a a Hollis.

Hollis aponta para a cara de Montalbo e diz alguma coisa.

Montalbo dá-lhe um murro de esquerda no queixo.

Hollis cai como se lhe tivessem acertado com um machado.

Chris sai do carro e, com a pistola junto das costas, mostra o distintivo e grita:

— Polícia! Alto!

Montalbo, aparentemente, está tão ressentido com Hollis por ter tentado enganá-lo que não se apercebe. Agarra Hollis pela camisa e começa a esbofeteá-lo.

— Lee! — grita Hollis. — Lee! Ajuda!

Lee carrega no acelerador.

E sai do estacionamento a acelerar.

Chris aproxima-se.

— Polícia! Quietos!

Montalbo solta Hollis, volta a entrar na carrinha e arranca.

Hollis está de gatas.

Olha para cima, vê que Chris se aproxima, levanta-se a cambalear… e faz um *bamburguer*.

Levanta a pistola.

Chris para, aponta e grita:

— Não está carregada, Hollis!

Hollis surpreende-se por ele saber o seu nome, mas, se souber, de certeza que também sabe outras coisas, como o facto de o cabrão do mexicano lhe ter vendido uma pistola sem balas.

Larga-a.

E — maravilha de adrenalina — começa a correr.

Ou balança a coxear, torto, porque Montalbo lhe deu uma boa sova. Portanto, não chegou muito longe quando Chris se precipita para ele e o atira para o asfalto.

— Levanta as mãos! — ordena Chris.

Hollis levanta as mãos e diz a frase típica de quem lixa sempre as coisas:

— Eu não fiz nada!

— Acabaste de comprar uma arma ilegal! Estás detido. Tens o direito de ficar em silêncio, tens o direito de…

— Conheço os meus direitos — interrompe Hollis, quando Chris acaba de o algemar e o obriga a levantar-se. — Isto foi uma cilada.

— Também estás detido por assalto à mão armada.

— Também não fiz isso.

Chris leva-o para o carro.

— E por infringir o artigo 2876 do Código Penal.

— E o que é?

— Deixar uma arma de fogo onde possa ser agarrada por um chimpanzé.

Hollis esbugalha os olhos.

— Tu és esse polícia! O Homem Macaco!

— Acertaste em cheio — afirma Chris. Põe Hollis na parte de trás do carro e pergunta: — Porque fizeste isso, Hollis?

Hollis não diz nada.

— Vá lá — insiste Chris. — Apanhámos-te. O empregado da loja de bebidas vai identificar-te e também vai identificar a pistola. E vi-te a comprar esta porcaria. De todos os modos, vais ganhar alguns anos. Portanto, porque não me contas o que se passou nessa noite?

— Para quê? — pergunta Hollis.

Chris pensa um pouco, porque, de facto, Hollis não tem de lhe contar nada. Depois, diz:

— Hollis, sabes como são estas coisas. Conheces o sistema. Portanto, vou fazer uma pergunta. Isto é um carro policial? Fiz a chamada? Podia levar-te a dar um passeio de carro pelo desfiladeiro e aplicar-te o tratamento do banco de trás… — Depois acrescenta, levado por uma intuição: — Ou poderia levar-te para a esquadra de Mid City e dizer aos agentes Herrera e Forsythe para saírem e para verem o que tenho no carro, para o caso de quererem falar contigo. Porque, agora, ninguém sabe que estás detido.

Hollis parece assustado.

— Serias capaz de fazer isso?

Não, não seria capaz.

Chris nunca faria uma coisa assim, mas espera que Hollis não perceba.

— Outra opção — acrescenta —, é que me digas o que se passou nessa noite e que eu te leve para a minha esquadra, na Divisão Central, onde não há ninguém zangado contigo.

Hollis começa a contar:

— Está bem, assaltei essa loja — conta. — Mas a polícia chegou tão depressa que não tive tempo para entrar no carro. Portanto, comecei a correr e um dos polícias, o hispano, saiu do carro e perseguiu-me. Saltei a cerca do jardim zoológico pensando que não me seguiria, mas seguiu-me. E, como fiquei com falta de ar, apontei-lhe a pistola.

— E?

— Ele parou. — Hollis sorri, brincalhão. — E recuou. Portanto, esperei uns segundos e, depois, comecei a correr outra vez. Como não queria ter a pistola comigo, atirei-a para dentro de uma dessas… Como se chamam? Dessas cercas.

Ou seja, foi isso que aconteceu, pensa Chris. Herrera assustara-se e os antigos colegas do distrito esconderam o assunto.

— Estás a dizer-me a verdade, Hollis? — pergunta, embora já saiba que sim.

— Juro.

— Preciso de saber mais uma coisa. Quem conduzia o carro. Quem é e onde posso encontrá-lo?

— Não vou dizer-te.

— Porquê? Por lealdade? Como a que te demonstrou quando fugiu e te abandonou?

— Lee — diz Hollis. — Lee Caswell.

Diz-lhe, além disso, o nome do hotel.

Lee, certamente, é suficientemente inteligente para não voltar a aparecer lá, mas Chris tem o número de matrícula do seu carro. E uma história para contar a Lubesnick. Algum dia, mesmo que demore um pouco, entrará na Unidade de Roubos.

— Essa história que acabaste de me contar — diz —, não a contes a mais ninguém. Assaltaste a loja de bebidas com uma faca, entendido?

— Claro — confirma Hollis, contente por aceitar. Com uma faca, ganhará muito menos tempo do que com uma pistola.

Chris conduz até à esquadra da Divisão Central e acompanha Hollis para dentro.

— O que me trazes, Shea? — pergunta o sargento de guarda. — Pensava que, esta noite, não estavas de guarda.

— Não, não estou de guarda. Podes dar uma olhadela a este tipo? Tenho de falar com o Villa por um instante.

Vai procurar o sargento.

Ao ver quem lhe liga, Carolyn pensa em deixar que vá para o correio de voz.

Chris Shea deixou passar mais do que os três dias regulamentares sem lhe ligar e ela convenceu-se de que não lhe interessa, nem ele, a ela.

Mas, se não se interessa, porque lhe liga?

Finalmente, aceita a chamada e diz, num tom formal:

— Doutora Voight.

— Agente Shea.

— Ah, olá, Chris — diz, num tom que deve dizer: «Porque me ligas? Embora a verdade seja que tanto me faz.» E: «Estranho um pouco, depois de cinco dias.»

São muitas conotações para as encaixar em tão poucas sílabas, mas Carolyn consegue.

Os bons polícias conhecem bem os matizes verbais e Chris está impressionado com a sua perícia. Ela repara no tom de voz quando pergunta:

— Gostas de basebol?

— Suponho que sim.

Uma resposta perfeita: Ambígua e carente de entusiasmo, mas que, ao mesmo tempo, deixa uma porta aberta.

— O meu tenente tinha dois bilhetes ótimos para ver os Padres amanhã à tarde — diz Chris. — Jogam contra os Diamondbacks. Pensei que talvez quisesses ir.

Carolyn não consegue resistir à tentação.

— Com o teu tenente?

— Não, comigo — apressa-se a responder ele. — Deu-me os bilhetes.

— Um encontro, queres dizer?

Ou seja, vai obrigá-lo a fazer as coisas como Deus manda. Talvez não tenha fechado a porta por completo, mas, mesmo assim, Chris vai ter de tocar à campainha.

— Sim, um encontro. Estou a convidar-te para sair. Gostarias de ir ver um jogo de basebol?

— Amanhã à tarde não trabalho.

— Ótimo — diz Chris. — Então, queres?

Sim, quer. De facto, surpreende-se que queira tanto.

— Encontramo-nos lá?

— Não — nega ele. — É um encontro. Vou buscar-te. Se te parecer bem.

Sim, parece-lhe bem.

Na tarde seguinte, vai buscar Carolyn a casa e está muito bonito, embora esteja um pouco elegante para um jogo de basebol: Bermudas, uma camisa bonita por dentro da cintura das calças e um boné dos Padres. Ela também se arranjou um pouco mais do que devia: Blusa de ar campestre e umas calças de ganga *True Religion* que sabe que lhe fazem um rabo bonito.

Chris reservou lugar no estacionamento do Hotel Omni, a um passeio curto a pé do estádio Petco Park, mas, primeiro, passa por uma farmácia.

— Vamos precisar de protetor solar para os teus ombros — diz.

— Estou mal vestida? — pergunta ela.

— Não, estás muito bonita, mas não quero que te queimes.

Compra-lhe um frasco de fator 50 e vão a pé para o estádio.

— Alguma vez vieste ao basebol? — pergunta Chris.

— Não.

O Professor Canalha estava sempre a falar do basebol como metáfora, tinha uma *t-shirt* falsa dos Dodgers de Brooklyn, das antigas, e gabava-se de ter visitado todos os estádios de basebol do país, mas nunca foram ver um jogo juntos.

O estádio é lindo.

O verde da relva, cuidado com tanto esmero, é como uma esmeralda. O edifício de tijolo da Western Metal Supply, um armazém antigo, está integrado na parede do jardim esquerdo (até ela sabe que essa parte do campo se chama assim). Atrás do estádio, há arranha-céus de escritórios e torres de apartamentos e, mais à frente, vê-se o porto de San Diego.

— Ena! — exclama Carolyn.

Chris adora o seu olhar de entusiasmo.

— Tens de comprar um boné — declara.

— Sim?

— Claro!

Leva-a até uma banca e escolhe um boné azul com as siglas SD. Ela faz um rabo de cavalo, põe o boné e, embora não possa olhar-se ao espelho, sabe que fica lindamente.

Nota-o nos olhos de Chris.

Ele parece feliz e satisfeito.

— Os nossos lugares são junto da linha da primeira base — informa, com um entusiasmo que lhe parece quase infantil. — Perto da primeira fila.

— Incrível.

Vão para os seus lugares, na secção 109, fila 12.

— Ena! — exclama Carolyn. — Que bons lugares!

— Costumo sentar-me lá em cima, nas bancadas.

— Vens com frequência?

— Bom, trabalho à noite — responde Chris —, e os jogos costumam ser enquanto trabalho. Mas venho sempre que posso. — Fica calado por um segundo e, depois, acrescenta: — Talvez este seja o lugar de que mais gosto no mundo.

Carolyn sente que acaba de lhe confessar algo importante, algo muito íntimo.

— Queres um cachorro quente e uma cerveja? — pergunta Chris.

— Adoraria — responde ela e ri-se de si própria. — Receio que não seja muito feminina, digamos.

— Não, é fantástico. Já volto. Mostarda, *ketchup*, cebola e *pickles*?

— Sem *ketchup*.

Carolyn senta-se e observa o estádio: As bancadas que se enchem de gente, o ambiente geral de… De quê? De alegria que impregna o lugar. Então, Chris volta com dois copos de plástico cheios de cerveja espumosa e dois cachorros quentes.

— Obrigada.

— Não tens de quê.

Informou-se ontem à noite e descobriu que os Padres ocupam o último lugar da classificação e têm muito poucas possibilidades de mudar isso, o que não diminui o entusiasmo de Chris por estar no estádio.

— Devíamos pôr-te o protetor solar — sugere, quando acabam de comer. E acrescenta, com uma timidez repentina: — Quero dizer que devias pô-lo. Bom, já sabes…

— Não — responde ela e vira-lhe as costas. — Importas-te?

É tão amável, tão… respeitoso e, ao mesmo tempo, tão… consciencioso. Carolyn adora sentir como o creme aquece na sua pele, o toque das mãos de Chris…

— Vira-te para que to ponha no nariz — diz ele.

Carolyn vira-se e ergue o queixo. Ele põe uma gota de creme no dedo indicador e desliza o dedo suavemente pela cana do seu nariz. Depois, espalha o creme com delicadeza.

— Já está.

«Sim, com efeito, já está», pensa ela.

Talvez nunca se tenha sentido tão sensual.

— Ui — diz Chris, de repente.

— O que se passa?

Aponta discretamente para três homens que, com cervejas nas mãos, avançam trabalhosamente para os seus lugares duas filas mais atrás.

— Quem são? — pergunta Carolyn.

— O primeiro é o tenente Lubesnick — responde Chris. — Oxalá não me veja.

— Porquê?

— Porque acabou de ter uma deceção comigo.

— Ah…

— Deves conhecer quem está ao lado dele.

— Sim? — Carolyn olha para o indivíduo que acompanha Lubesnick: Um tipo grandalhão, de idade madura, de cara corada e cabelo castanho encaracolado.

— Claro, está sempre na televisão — diz Chris. — De certeza que, hoje, vai aparecer no ecrã do campo em algum momento. É o Duke Kasmajian, o rei das fianças. Não conheces «Chama o Duque»?

— Ah, sim.

— O outro, não o conheço.

O outro acompanhante de Lubesnick vira-se.

— Eu conheço — declara Carolyn. — É o professor Carey. Deu-me aulas na universidade. Literatura inglesa do século XVIII.

— E como foi?

— Tive um excelente, claro.

Carey vê-a, reconhece-a e cumprimenta com a mão.

Kasmajian e Lubesnick levantam o olhar para ver quem é.

O tenente vê Chris, torce o nariz e vira-lhe as costas.

Carolyn repara na cara de Chris.

Fica devastado.

Chris quer que a terra o engula quando vai à casa de banho livrar-se da cerveja que bebeu e encontra Lubesnick a fazer o mesmo.

Não sabe o que fazer.

Diz-lhe alguma coisa?

Não lhe diz nada?

Cumprimenta-o com um gesto?

Ou não?

Porque não pode fingir que não o vê, isso está claro.

Ou sim?

Lubesnick quebra o gelo, para o dizer de algum modo.

— Bom, Homem Macaco, falei com o teu tenente. Sobre ti.

Merda, pensa Chris. Está desejoso de sair dali, mas não pode: Não pode cortar a torneira (por assim dizer). Portanto, pergunta:

— Ah, sim?

— Acedeu a deixar que venhas trabalhar comigo durante dois meses, a partir do mês que vem. — Lubesnick sacode-a, fecha a braguilha e vai lavar as mãos. — Considera-o um período de teste. Se o fizeres bem, e acho que sim, passarás para a minha unidade de forma permanente. Parece-te bem?

Chris está espantado.

— Sim. Quer dizer, sim, senhor.

— Presta atenção ao que fazes. — Lubesnick arranca um pedaço de papel e limpa as mãos. — Fizeste o correto, miúdo. Podias ter pisado um colega para seres promovido e não o fizeste. Isso diz muito sobre ti. Começas na semana que vem. Compra um fato e uma gravata.

Atira o papel para o lixo e vai-se embora.

Era um teste, pensa Chris.

«Lubesnick estava a pôr-me à prova para ver o que fazia.

E passei.»

Ao começar a sétima parte, os Padres ganham por quatro a dois. Craig Stammen ocupa o montículo.

— Agora, pode acontecer algo lindo — comenta Chris.

— O quê? — pergunta Carolyn.

— O Stammen vai lançar uma reta descendente ao batedor, para tentar fazê-lo bater uma bola rasante. E, se o fizer, vais ver uma maravilha.

Efetivamente, ao segundo lançamento Stammen lança uma reta descendente e Descalso bate na bola com força, Fernando Tatís Jr., que começa a correr, apanha a bola e atira-a para a primeira base para o *out*.

— Nunca vi um jogador que jogue tão bem como ele — comenta Chris.

Tem razão, pensa Carolyn.

Foi uma jogada graciosa, até elegante.

Linda, sem dúvida.

— Está prestes a acontecer outra coisa linda — ouve-se dizer.

Então, inclina-se e beija-o.

Assim, a vida sorri para Chris Shea.

Começa a última semana na Divisão Central sentindo-se numa nuvem. O tenente Brown deixou-o em paz, a história do macaco faz parte do passado e, quando sai do trabalho, a namorada, uma rapariga linda, está à espera dele.

Até os Padres estão numa maré de sorte.

Falta meia hora — só meia hora — para acabar o seu último turno quando recebe outra chamada.

Um 10/35.

Um indivíduo armado e perigoso.

Neste caso, um homem com uma faca em Cabrillo Bridge, a ponte que atravessa a estrada 163 e une as duas metades de Balboa Park.

Chris chega primeiro e vê um sujeito que balança a arma no ar, não uma faca, mas um machete. Manda por rádio um 10/97 para avisar de que chegou e sai do carro. Não há mais ninguém na ponte. Se havia alguém àquelas horas da noite, desapareceu ao ver o homem do machete.

Parece ter cerca de quarenta anos. Tem o cabelo sujo e desgrenhado e a camisa amarrotada e prende as calças, muito largas, com um pedaço de corda que serve de cinto. Brande o machete, desenhando um grande oito, e repreende um adversário invisível aos gritos, pelo menos, para Chris. Porque é evidente que o homem vê o seu inimigo com toda a clareza.

Chris envia por rádio um 11/99 a pedir ajuda e pega na pistola, mas não a levanta. Segurando-a com a mão direita, estica o braço esquerdo com a palma para fora e avança devagar para o homem.

— Solte a faca!

O homem do machete vira a cabeça e observa-o com os olhos esbugalhados. Chris viu esse olhar cem vezes. Encontrou muitos psicóticos e ficam com um olhar característico quando não tomam a medicação.

«E, agora, o inimigo sou eu», pensa Chris.

O homem do machete dirige-se para ele devagar, brandindo a faca enorme e gritando:

— Conheço-te, Demónio!

Chris levanta a arma e aponta para o centro.

Está há três anos na polícia e é a primeira vez que aponta a pistola a alguém. Essa sensação repugna-o, a possibilidade espantosa e iminente de ter de apertar o gatilho para se defender.

Os civis andam sempre a interrogar-se porque os polícias não disparam contra o seu adversário na mão ou na perna quando se dão situações como esta, mas o público não sabe nada destas coisas, do aumento nauseabundo de adrenalina que se apodera deles, nem de como o coração acelera. As pessoas não entendem como é difícil acertar na mão de alguém ou mesmo na perna num momento de confronto, por mais que tenham treinado. Aponta para o centro — ou seja, para o peito — porque, se falhar, pode acabar morto.

Chris para, mas o homem do machete continua a avançar.

— Alto! — grita. — Não continues! Para aí!

Põe o dedo no gatilho.

O homem para.

Ainda bem, pensa Chris, mas continua a apontar-lhe para o peito.

— Larga o machete!

Mas o outro não o solta.

— Deixa-me em paz! — grita e, então, vira-se e começa a correr na direção contrária, para o corrimão norte da ponte, brandindo outra vez o machete e repreendendo o diabo.

«Adoraria poder deixar-te em paz», pensa Chris, «mas não posso, é o meu trabalho.» Avança com passo firme, mas lento, para o homem, que se vira e, ao vê-lo, recua até ao corrimão e passa uma perna por cima.

— Disse-te para me deixares em paz!

— Eu sei, mas não posso — responde Chris. — Deixa-me ajudar-te.

O homem olha para ele com tristeza.

— Já é demasiado tarde.

— Não, nunca é demasiado tarde. Vamos, deixa-me ajudar-te.

O homem do machete passa a outra perna por cima do corrimão e fica precariamente sentado em cima dele. Pode saltar a qualquer momento.

Ou cair, pensa Chris.

Em qualquer caso, cairá de uma altura de trinta e tal metros para uma estrada por onde passam carros em ambos os sentidos.

Chris está a cerca de três metros dele, suficientemente perto para se precipitar com um salto e agarrá-lo, se for necessário. Mas precisará das duas mãos, portanto, guarda a pistola. De todos os modos, o homem não pode brandir a faca naquela posição.

Volta a olhar para Chris e estica o braço para lhe indicar que não se aproxime.

— Tenho o diabo dentro de mim — diz. — Tenho de o matar.

— Não — nega Chris, enquanto se aproxima devagar. — Conheço um padre… Um exorcista. Podemos ir vê-lo. Vai ajudar-te.

O homem do machete pensa nisso. Olha para baixo, para a estrada, e volta a olhar para Chris.

— Estás a dizer-me a verdade?

— Sim, digo-te a verdade — confirma Chris.

Então, aparece o carro de patrulha de Grosskopf do outro lado da ponte e a luz vermelha da sirene envolve o homem do machete num resplendor demoníaco.

O homem vira-se e olha para Chris com recriminação.

Depois, salta do corrimão.

Chris precipita-se para ele.

Consegue agarrar-lhe a corda da cintura com a mão direita, mas o peso do homem e o seu impulso puxam-no por cima do corrimão.

Estica o braço e agarra-se a um barrote com a mão esquerda.

Agarra-se a ele com todas as suas forças.

Porque, desta vez, não cairá de uma altura de cinco metros para uma rede, mas de mais de trinta metros para uma estrada de betão com trânsito intenso.

Devia soltar o homem do machete, mas não o faz e sente que começa a escorregar-lhe a mão com que se agarra ao corrimão. Ardem-lhe os braços, os dedos intumescem-se e sabe que vai cair para o vazio, que vão cair os dois, o homem do machete e ele e, então…

Uma mão agarra-lhe o pulso.

Levanta o olhar e vê…

Batman.

Mede um metro e sessenta e é muito magro, mas é Batman, não há dúvida. Então, Robin, com o seu metro e noventa e os seus músculos, agarra o braço de Chris com firmeza e, entre os dois, puxam-no e ao homem do machete e passam-nos por cima do corrimão até os depositar outra vez na ponte.

— Merda, Batman, que acontecimento! — exclama Robin.

— Devíamos convidá-los para jantar — diz Carolyn.

— No mínimo — concede Chris.

Está a passear pelo jardim zoológico num sábado à tarde, depois da sua primeira semana na Unidade de Roubos e Assaltos, com a sua namorada linda, carinhosa, muito inteligente e encantadora, em vez de ser uma mancha no asfalto da 163, portanto, sim, deviam convidar os dois tipos que lhe salvaram a vida para uma boa dose de *tacos*.

— Farei vitela strogonoff — diz ela.

— Sim, muito melhor do que a minha ideia.

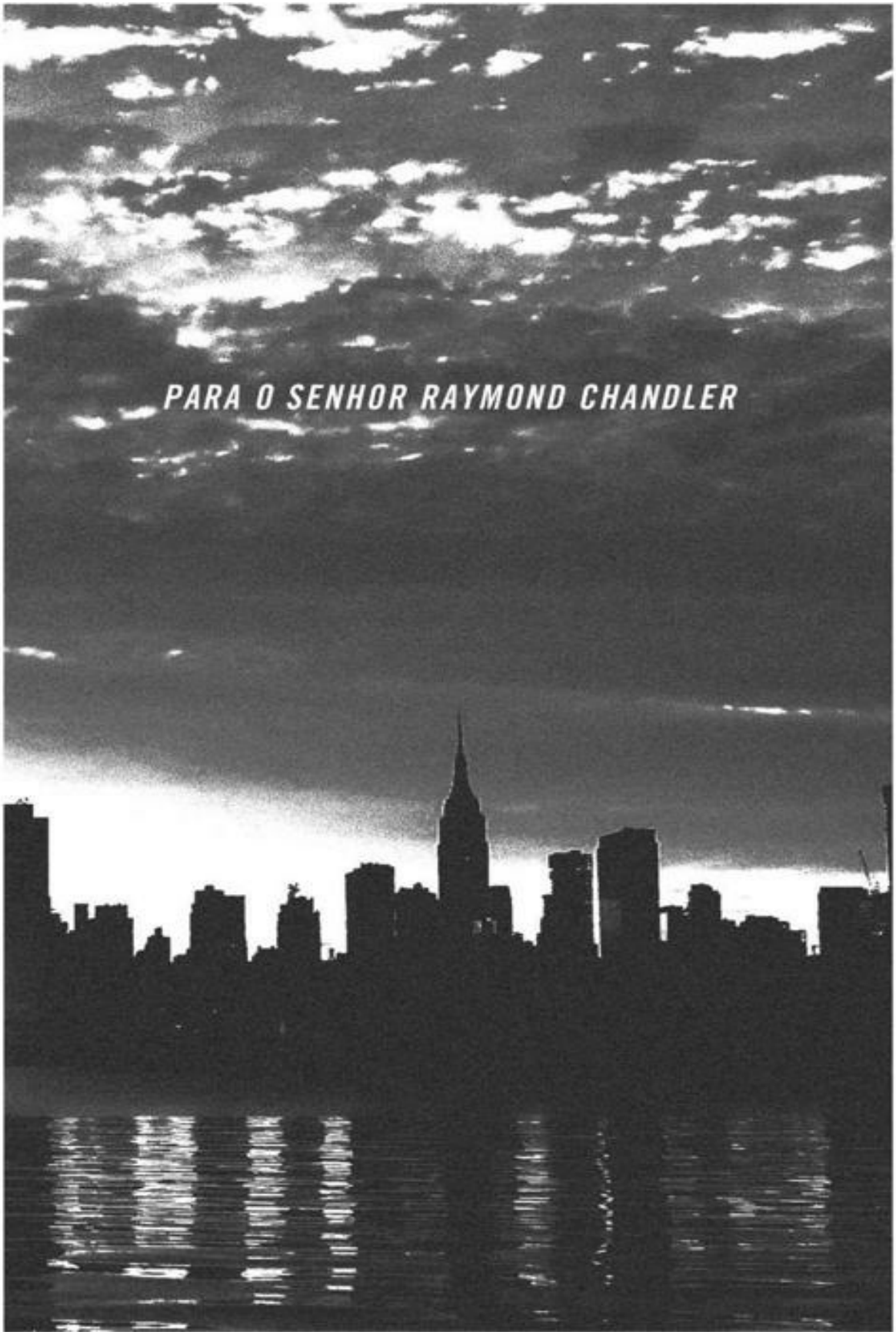
Param junto do recinto dos primatas.

O *Champ* observa-os e, ao reconhecer Carolyn, grita. Não parece reconhecê-lo.

Enfim, pensa Chris, este trabalho é ingrato.

Nunca ninguém descobre como o revólver chegou às mãos do chimpanzé.

[2] Birdland é um bairro de San Diego cujas ruas têm nomes de pássaro (bird, em inglês). (N. da T.)
[3] Ape, «símio». (N. da T.)
[4] Referência à canção *You don't meses around with Jim* do cantor Jim Croce, cuja letra diz: *You don't tug on Superman's cape*, «Não pode puxar a capa do Super-homem.» (N. da T.)


PARA O SENHOR RAYMOND CHANDLER

OCASO

Sentado no seu terraço, Duke Kasmajian mordisca um cigarro sem acender enquanto observa a praia, a que nunca vai.

— Demasiada areia — responde, quando lhe perguntam porquê.

É fatigante andar pela areia. Sobretudo, para quem mede um metro e setenta e dois, pesa cento e trinta quilos, tem os joelhos artríticos, a nova válvula cardíaca não tem garantia e, quando olha para trás, vê que os sessenta e cinco ficam cada vez mais longínquos. Se acrescentar a isso o facto de Duke gostar de sapatos caros e detestar que se encham de areia, compreende-se facilmente que prefira olhar para o oceano do terraço da sua casa em Bird Rock, embora o cardiologista diga que lhe faz bem andar.

Duke tem uma passadeira e uma elíptica *stepper* e não usa nenhuma das duas. São os bengaleiros mais caros do mundo.

Mas parou de fumar.

Também por ordem do médico.

Daí que não tenha acendido o cigarro.

Junto da mão esquerda, por cima de um banco, há um copo de uísque. Não tenciona parar de beber por nada do mundo: Nem porque o médico lhe pede, nem pelos seus filhos — que já são crescidos —, nem sequer pelos doze empregados que tem na sua agência de empréstimo de fianças, a maior de San Diego e talvez de toda a Califórnia.

O Duque é uma lenda em San Diego.

Aparece nos anúncios publicitários, na televisão local e nos anúncios da rádio.

«Se precisa de ajuda, ligue ao Duque.»

Patrocina equipas de basebol juvenil («Se o apanharam a roubar, ligue ao Duque»), torneios de basebol de praia para deficientes («Se fez o que não devia, ligue ao Duque») e uma casa de acolhimento para mulheres maltratadas vigiada pelos seus homens mais aguerridos (não faz publicidade sobre isso: Só um punhado de pessoas sabe da existência da casa e onde é).

Duke também não faz publicidade às matrículas universitárias que paga, às notas de vinte dólares que deixa nas bancas de limonada das crianças, às cestas natalícias que manda a famílias de polícias e bombeiros falecidos em ato de serviço e às contas médicas dos seus empregados que interceta no escritório de pagamentos do hospital.

Ninguém sabe de nada.

Ninguém tem de saber.

A única coisa que as pessoas têm de saber é que, se alguém precisar de uma fiança, só têm de ligar para a agência de Duke Kasmajian para que o Duque as tire de apuros. O Duque acredita na igualdade de oportunidades e não discrimina ninguém pela sua raça, género, orientação sexual, grau de culpa ou inocência e historial criminal. De facto, prefere os reincidentes porque são uma fonte de ganhos regulares e até oferece descontos aos «clientes habituais».

— Mas não fujam do Duque — avisa.

Que ninguém se deixe enganar pela sua cara redonda e afável, o seu cabelo encaracolado, suave e grisalho e esse sorriso rabugento e sempre retorcido à volta de um cigarro. Se recorrer a Duke Kasmajian e fugir, ele caça-o. Porque está a fugir com o dinheiro dele no bolso. Se desaparecer e levar a fiança, persegui-lo-á até o encontrar ou até um dos dois morrer.

Nunca se dará por vencido.

Tal como nunca deixará o seu amado uísque.

Nem os seus discos de vinil.

Que, conforme dizem os jovens, estão a voltar a estar na moda.

Que estupidez, pensa, enquanto ouve o sexteto de Jack Montrose a tocar *That Old Feeling* (Pacific Jazz Records, 1955): Os discos de vinil nunca estiveram fora de moda. A sua coleção do género musical conhecido como «jazz da Costa Oeste» ocupa grande parte do primeiro andar da casa e o seu sobrinho — o marido da filha da irmã, um bom rapaz, embora seja idiota — receia que o peso de tantos discos faça com que o chão se afunde.

Outra estupidez, na opinião de Duke.

A sua casa foi construída em 1926, quando as coisas eram construídas para que durassem.

Quando a maioria das pessoas da sua geração observa o oceano, na sua mente, ouve os Beach Boys, Jan and Dean, Dick Dale ou os Eagles, talvez. Essa é a sua banda sonora.

A de Duke, não.

Escolhe algo melhor.

Pacific Jazz Records.

Art Pepper, Stan Getz, Gerry Mulligan, Hampton Hawes, Shelly Manne, Chet Baker, Shorty Rogers, os Lighthouse All Stars de Howard Rumsey, Lennie Niehaus, Lee Konitz, Bud Shank, Clifford Brown, Cal Tjader, Dexter Gordon, Wardell Gray, Harold Land, Dave Brubeck, Paul Desmond, Jimmy Giuffre, Red Mitchell, Stan Kenton, Benny Carter…

Charlie Parker tocou aqui.

Tal como todos eles.

Bird tocou no antigo estádio de boxe de San Diego em 1953, há tanto tempo que nem sequer Duke andava por ali, mas, mesmo assim, é importante para ele, tal como é importante que Harold Land fosse de San Diego.

E este disco…

Jack Montrose no saxofone tenor, Conte Candoli no trompete, Bob Gordon no barítono, Paul Moer no piano, Ralph Pena no contrabaixo e Shelly Manne, claro, na bateria. Duke sabe tudo isto sem necessidade de olhar para a capa do disco. Memoriza quase todos estes dados porque é importante (é claro que é) saber quem toca em cada gravação. Os detalhes são vitais, são tudo, tal como no seu trabalho. Se não souber as coisas que se consideram de pouca importância, lixa tudo nas grandes. É por isso que Duke se lembra de quem toca em quase cada disco e, se não se lembrar, sempre pode olhar para as malditas capas, coisa que não pode fazer no *iPad*, no «MePod» ou seja como for que se chama aquela porcaria que o sobrinho está sempre a tentar vender-lhe.

— Vá lá, Duke — diz o rapaz —, assim, podes levar a tua música para todo o lado.

«Mas não quero levar a minha música para todo o lado», pensa Duke, agora. «Quero ouvi-la em minha casa enquanto bebo um uísque e em disco de vinil, como deve ser.

Sou da velha guarda.

Um dinossauro.»

E não só nisso, pensa, enquanto mordisca o cigarro e observa o Pacífico, porque o Estado da Califórnia acabou de aprovar uma lei que proíbe o pagamento de fianças em dinheiro, o que vai

deixar Duke sem negócio e os trabalhadores sem emprego.

Duke não está preocupado com ele próprio: Sabe que o dinheiro que tem vai durar-lhe mais do que a válvula do coração.

Contudo, o negócio que edificou, a vida que construiu, está prestes a extinguir-se.

E o que se extingue, desaparece: Não há forma de o recuperar.

A vida não é um vinil.

Não dá voltas e voltas e recomeça.

Duke sabe bem.

Quantas vezes é que Marie e ele se sentaram naquele mesmo terraço a ver o sol a pôr-se? Era quase um ritual diário: Marie saía com o uísque de Duke e um copo de vinho tinto para ela, ele escolhia algum álbum de jazz e, juntos, observavam os vermelhos e os cor de laranjas ardentes do entardecer e gozavam da pura quietude do crepúsculo oceânico.

Parecia que o mundo parava durante esses dez ou quinze minutos de encantamento.

Também apareciam outros casais para observar em silêncio. Até os surfistas paravam de tentar o assalto às ondas, viravam as pranchas para o sol poente e sentavam-se, sumidos num espanto mudo ou até transidos, talvez, por um sentimento de adoração.

Depois, quando Marie já estava muito doente e ambos sabiam que os seus entardeceres juntos estavam contados, embrulhava-a num casaco e numa manta, cobria-lhe a cabeça calva com um gorro, fazia-lhe um chá bem quente porque ela tinha sempre frio e sentavam-se a ver o ocaso, sabendo que também era o deles.

Agora, Duke senta-se sozinho a observá-lo, mas continua a servir um copo de vinho tinto para Marie e verte-o no matagal, por cima do corrimão, antes de voltar a entrar em casa.

É sempre bonito e triste, o ocaso.

Entra e, de muito má vontade, agarra no relatório de Maddux.

Terry Maddux é um descarado.

Baixo, com cara de bebé, bonito de morrer, com o cabelo loiro e despenteado, olhos de um azul deslumbrante e um sorriso capaz de seduzir uma pedra, Terry também é — pensa Duke, enquanto dá uma olhadela ao relatório — um drogado. Um ladrão, um drogado e, portanto, um embusteiro. Apesar de tudo, Duke sente carinho por ele.

Todos sentem carinho por Terry.

Tanto que Boone Daniels, um dos detetives privados de Duke, lhe deu a alcunha de TAT, «todos adoram o Terry». Porque, quando não está drogado, tem carisma e é simpático e amável até não puder mais. Antes, era o melhor surfista que alguma vez se viu.

Uma lenda.

Duke nunca usou uma prancha de surfe, mas aprecia a beleza quando a vê (ou a ouve) e ver Terry em cima de uma onda era pura beleza. Tinha elegância e estilo e montava as ondas como um grande trompetista que se deixa levar por um solo, que faz variações sobre um mesmo tema, que pega numa melodia antiga, a renova e a faz dele, criando arte.

Quebrando barreiras.

Conforme diz Boone — que também é surfista e um apaixonado pela história do surfe —, todas as grandes ondas da Costa Oeste levam, por assim dizer, ao Terry. Era apenas um pirralho — literalmente um pirralho — quando remava em cima da prancha na praia de Trestles. Não era muito mais velho quando foi o primeiro a enfrentar ondas gigantes em Todos Santos. E foi um dos primeiros a surfar em Mavericks.

Já era adulto quando, um dia, entrou num barco com uns amigos e foram à quebra lendária de

Cortez Reef, sessenta milhas mar adentro, e foi ele, Terry Maddux, o primeiro a atirar-se para essas águas frias e cheias de tubarões e a enfrentar as suas ondas de dezoito metros.

Tudo isso, com esse sorriso na cara.

Feliz, dizia Boone que era.

— Era feliz numa onda.

E também fora dela.

Terry gostava de festas, nunca esteve numa de que não gostasse.

Estava sempre envolvido em alguma farra, quer fosse a beber umas cervejas na praia ou uns copos num bar. Ria-se, brincava, bebia álcool e seduzia raparigas, muitas das quais acabavam por ir com ele para casa, para a carrinha onde vivia, sempre a andar de um lado para o outro na 101, enfrentando as ondas e propiciando festas sem acabar nenhuma.

Terry estava numa maré de sorte: O mundo inteiro adorava-o. As revistas de surfe, os fotógrafos, as marcas de roupa, todos o adoravam. Aparecia nas capas das revistas, em vídeos de surfe, tinha patrocinadores e promotores. Quando precisava de massa para financiar as suas ansiedades de surfe, a única coisa que tinha de fazer era vestir um fato de neopreno, usar um boné ou calçar uns ténis com um logótipo e já tinha dinheiro.

Dinheiro para surfar.

E para a farra.

Esse era o problema.

Terry gostava demasiado de festas.

Era como se procurasse uma onda cada vez maior. Primeiro, não lhe bastou a adrenalina do álcool e, depois, a marijuana também já não chegava. Depois, a coca deixou de servir e o speed também: Já não o drogavam o suficiente.

A heroína, sim.

A heroína é a onda gigante do mundo das drogas.

O maremoto definitivo.

E ninguém enfrenta essa onda, pois dá cabo de tudo.

Terry Maddux foi levado à frente, caiu da prancha, afundou-se e, depois de cair, foi cuspido para a praia.

Como os restos de um naufrágio.

Drogava-se e faltava aos torneios, aos eventos publicitários e às sessões de fotografias. Ao princípio, o mundo do surfe desculpava-o — «O Terry é assim», diziam: — desde que conseguisse continuar a surfar e estivesse bonito, ninguém achava mal.

Até já não conseguir surfar.

É o problema do surfe — explicou Boone a Duke, um dia: — para o fazer bem, é preciso estar em forma. E, para enfrentar ondas das grandes, tem de se estar muito em forma: Tem de remar, nadar e suster a respiração até três minutos, para o caso de algum desses colossos o afundar.

Tem de estar forte e a heroína debilita.

Enfraquece.

Precisa de uma concentração absoluta, obsessiva, para enfrentar uma dessas ondas, e a heroína desconcentra e desajusta.

E, além disso, emagrece.

Já não parece um modelo de revista ou de videoclipe.

A atitude que parecia tão atraente quando surfava bem, deixou de o ser quando as faculdades lhe falharam. O seu encanto transformou-se em manipulação, as suas histórias tornaram-se mentiras, as suas brincadeiras eram lábia, as tentativas de seduzir eram abordagens sinistras e as

explicações eram desculpas.

É o problema de envelhecer, pensa Duke, enquanto examina outra vez o relatório: As condutas que são engraçadas aos vinte anos tornam-se indecorosas aos trinta, patéticas aos quarenta e trágicas aos cinquenta.

Ninguém adora um pirralho de cinquenta e quatro anos.

Sobretudo, se for um ex-presidiário.

E triplo, além disso: Uma condenação por posse de drogas; outra por roubo e outra por posse de drogas com intenção de as vender.

E, ainda por cima, agora, infringiu a liberdade condicional.

Não apareceu para o julgamento.

Duke tem de o encontrar antes da polícia ou terá de pagar trezentos mil dólares. O que, de um ponto de vista económico, seria uma irresponsabilidade e ele não é um irresponsável. E menos ainda agora que enfrenta o fecho da empresa e tem de tentar resolver os assuntos pendentes antes de a nova lei entrar em vigor.

É por isso que liga a Boone.

O que Boone Daniels menos quer no mundo é mandar Terry Maddux para a prisão para sempre.

Era um dos seus ídolos.

Boone foi criado a ouvir falar das façanhas de Terry Maddux. Uma vez, quando era criança, foi a pedalar como um louco até Bird Rock porque lhe tinham dito que Terry andava por lá a surfar e esteve horas sentado na falésia com a esperança de ver o grande mito. Ainda se lembra de como Maddux o cumprimentou com a cabeça quando chegou com a sua prancha de surfe por baixo do braço.

No dia seguinte, Boone saiu para tentar imitar o que o vira a fazer.

Não conseguiu, claro, mas isso não importa.

Quando voltou a ver Terry Maddux, Boone era um polícia novato.

Dizem que não devemos conhecer os ídolos e talvez seja verdade. Maddux estava tão bêbado que mal conseguia segurar-se de pé, quanto mais enfrentar uma onda. O dono do bar queria que desaparecesse e Boone e um colega levaram-no para o carro de patrulha, onde vomitou nos sapatos de Boone e, depois, se desculpou com tanta humildade que Boone não pôde zangar-se com ele. Não o levaram para a esquadra — afinal, era o grande Terry Maddux —, mas para casa da sua namorada, porque não se lembrava de onde tinha a carrinha.

Três anos depois, numa manhã nublosa de inverno, Boone foi surfar na praia a que costumava ir, a norte de Crystal Pier, e viu Terry ali parado, a beber um café num copo de papel. Tinha ar de estar doente.

— Vais entrar? — perguntou Terry.

— Sim — respondeu Boone, um pouco espantado. — E tu?

Terry esboçou o seu sorriso famoso.

— Pelos vistos, perdi a minha prancha.

— Posso emprestar-te uma das minhas — ofereceu Boone.

— Sim? Isso seria ótimo.

Boone levou-o para a carrinha, abriu a porta de trás e mostrou-lhe a sua coleção de pranchas. Terry escolheu uma *tri-fin* de seis pés.

— De certeza que não te importas?

— Será uma honra para mim.

Terry estendeu-lhe a mão.

— Terry Maddux.

Evidentemente, não se lembrava de Boone e muito menos de lhe ter vomitado nos pés.

— Sim, eu sei — respondeu Boone e sentiu-se como um menino idiota à frente do seu ídolo. — Boone Daniels.

— É um prazer conhecer-te, Boone.

Entraram no mar e Boone apresentou-o ao resto dos membros da Patrulha do Amanhecer, o grupinho de habituais que ia surfar todas as manhãs naquela praia antes de ir trabalhar: Johnny Banzai, High Tide, Dave Love God, Hang Twelve e Sunny Day[5]. Quando Terry apanhou uma onda, Dave aproximou-se de Boone e perguntou:

— Conheces o Terry Maddux?!

Boone não lhe contou que tirara Maddux de rastos de um bar.

— Acabei de o conhecer agora.

— Essa prancha não é tua?

— Não sabe onde deixou a dele.

Aquela foi a primeira vez que Boone inventou uma desculpa para proteger Terry e acabaram por ser muitas, mas isso veio depois. Naquele momento, só estava a surfar com o seu ídolo.

E foi alucinante.

Embora tivesse perdido faculdades, Terry surfava com uma elegância etérea. Fazia com que os movimentos mais difíceis parecessem fáceis e com que os mais fáceis alcançassem a categoria de arte.

— Não sei como descrevê-lo — disse Boone a Duke, mais adiante, tentando expressar a emoção em termos que ele conseguisse entender. — Foi, não sei, como se um saxofonista jovem tocasse com o Miles Davis.

— Acho que te referes ao Charlie Parker — particularizou Duke —, mas fico com uma ideia.

Dizem que não devemos conhecer os nossos ídolos e deviam acrescentar: «E nunca se tornem amigos deles.»

Pelo menos, de alguém como Terry.

Porque Terry, como amigo, podia ser o homem mais simpático do mundo e, um instante depois, tentar roubar-lhe a namorada (embora com um encanto tão pueril que tanto a namorada como ele o perdoavam imediatamente) e, além disso, deixá-lo com a conta.

Era um desses amigos que começam a dormir no sofá noite após noite e a comer a comida dos outros.

Tudo isso era suportável, ainda que fosse cada mais incómodo.

O problema foi que começaram a acontecer outras coisas.

As notas amarrotadas que deixava na cómoda acabavam, de algum modo, no bolso de Terry. Encontrava-o aninhado não no sofá, mas na soleira da porta da rua, no meio de um charco de vómito; ou ligava-lhe para que lhe emprestasse o dinheiro da fiança porque fora detido, não por criar problemas num bar, mas por roubo.

Duke aceitou pagar a fiança e Boone agiu como fiador.

Daquela vez, não o condenaram, mas, da próxima vez, sim. Terry cumpriu um ano e meio na prisão e Boone teve de reconhecer, embora contrariado, que era um alívio que o seu ídolo não aparecesse em sua casa a todas as horas e deixasse de o incomodar com os seus movimentos e os seus problemas.

Foi a Boone, no entanto, que Terry ligou para que fosse buscá-lo quando saiu em liberdade.

Foi no seu sofá que dormiu até conseguir «organizar-se».

Foi a Boone que jurou que, desta vez, ia deixar o vício definitivamente.

E foi Boone que o encontrou caído no chão de sua casa com uma *overdose*.

Foi Boone que o levou ao hospital.

E que, da próxima vez que Terry lhe ligou para que lhe pagasse a fiança, engoliu em seco e disse que não.

Às vezes é preciso ser duro e essas merdas que se dizem.

E, agora, é a ele que Duke recorre para que encontre Terry.

— Deste a garantia? — pergunta Boone.

— Uma tal Samantha Harris pagou os dez mil — responde Duke —, mas, sim, fui fiador do resto. Não posso permitir-me perder esse dinheiro. E muito menos agora.

— Não, claro, entendo — diz Boone.

Duke vai ter de fechar o negócio, os seus empregados vão ficar sem trabalho e Boone vai perder uma boa parte dos seus ganhos. E, além disso, conhece Duke, sabe que não vai despedir os empregados sem lhes dar uma boa indemnização que os ajude a seguir em frente.

Terry não tem o direito de os deixar sem sustento.

— Dei-lhe todas as oportunidades que podia dar — acrescenta Duke.

— É verdade.

— Sei que são amigos, mas tu és o mais indicado para o encontrar.

Isso também é verdade, pensa Boone. Conhece o mundinho do surfe e sabe com quem Terry se relaciona: As pessoas que o idolatram e as pessoas que Terry lixou e, com frequência, são as mesmas. Sabe como Terry pensa, os sítios onde vai e os lugares onde já não é bem recebido, que é a maioria.

E Duke sabe que Boone tem categoria entre os surfistas. Que lhe contam coisas que não contariam a um caçador de recompensas, porque Boone não é um caçador de recompensas que surfa, é um surfista que, às vezes, segue delinquentes que infringem a liberdade condicional, um investigador privado que trabalha para Duke (cuja figura também é conhecida entre a comunidade de surfistas de San Diego) e um «xerife» muito respeitado no seu lance de praia: Um desses tipos que sabe manter a paz e governar com mão suave, mas firme.

Boone Daniels também é uma lenda por direito próprio.

Tal como a sua equipa, a Patrulha do Amanhecer, da qual vários membros também trabalham para Duke à procura de fugitivos da justiça, porque são pessoas fisicamente muito fortes que costumam conservar a calma em qualquer circunstância. Não perdem a cabeça nem são violentos quando não é preciso, mas também não fogem quando enfrentam um fugitivo agressivo.

Dave Love God (chamam-lhe assim, «Deus do amor», porque é nadador salvador) trabalha, às vezes, para Duke, quase sempre acompanhando por Boone. E o mesmo com High Tide, um empregado municipal samoano de cento e cinquenta quilos cuja aparência costuma bastar para persuadir os fugitivos mais recalcitrantes a entrar no carro sem armar confusão. Até Sunny Day, a única mulher do grupo, com o seu metro e oitenta e nem um grama de gordura, os ajuda, às vezes, se se tratar de uma delinquente em fuga. Johnny Banzai, o japonês-americano, não pode trabalhar para um agente de fianças nos seus tempos livres porque é inspetor da polícia e é proibido pelo regulamento, mas passa-lhes informação de vez em quando.

Portanto, quando Duke contrata Boone, sabe que também contratou o resto da Patrulha do Amanhecer.

E estão muito unidos, são uma equipa, como costuma acontecer com as pessoas que sabem que, em águas profundas, a vida depende dos seus companheiros.

— Talvez esteja no México — sugere Boone.

Um dos grandes problemas de ser agente de fianças em San Diego é que a fronteira é muito

perto e é fácil de atravessar. Mas, se se esconder no México, mais vale que se esconda bem, porque Duke tem relações excelentes com a polícia local de Tijuana e a polícia do estado de Baja que, mais de uma vez, apanharam um fugitivo, o puseram no porta-bagagens de um carro e o depositaram do outro lado da fronteira, onde esperava um dos homens de Duke: Livram-se de um delinquente, ganham uns trocos e estão de volta a casa à hora do jantar.

Terry Maddux sabe tudo isto.

Não vai ficar em Tijuana nem em Enseada, nem sequer em Todos Santos, sítios que conhece bem, porque também o conhecem e os dedos de Duke, embora curtos e gordos, chegam muito longe e alcançá-lo-iam em qualquer das casas de jogo clandestino que costuma frequentar. Não, se tiver atravessado a fronteira, tentará chegar o quanto antes a Guanajuato ou talvez até à Costa Rica.

Porém, para isso é preciso dinheiro e de certeza que Terry está falido.

— Porque não fazes uma visita à senhora Harris? — sugere Duke.

Normalmente, Duke ligaria a outro fiador da fiança, mas, neste caso, talvez seja preferível que Boone vá a sua casa e veja se Terry está lá. Porque, muitas vezes, a mesma pessoa que se deixa convencer para pagar a fiança também se deixa convencer para dar proteção a um fugitivo.

O fugitivo costuma usar a mesma tática: Recorre à culpa.

«Se me amas, vais fazer isto por mim.»

Duke sabe por experiência que as piores são as mães, que cedem quase sempre a esse argumento ou — se tentarem resistir — a outro muito parecido: «se me amasses, não me farias isto» (ou seja, pôr o filho na rua ou denunciá-lo à polícia).

Depois, vêm as namoradas. Das duas, uma: Ou são mulheres decentes que se apaixonam por um delinquente que acham que podem salvar ou também são delinquentes — normalmente, drogadas, tal como o namorado — e escondem-no por pura rotina. No entanto, normalmente, as raparigas pertencentes a esta segunda categoria não dispõem de dez mil dólares para pagar a fiança.

E, depois, há as esposas que, a não ser que também sejam companheiras de crime, costumam denunciar o cônjuge porque têm responsabilidades — filhos, renda, hipoteca — e não podem perder o dinheiro da fiança. Para muitas delas, é quase um alívio que apanhem o marido fugitivo: Desse modo, o caos cessa durante algum tempo.

Duke vê a morada da rapariga.

Apesar de ser uma relação breve de números e letras, as moradas revelam muitas coisas. E a história que esta conta em concreto — Coast Lane número 135, La Jolla — é muito interessante.

Primeiro, é uma morada da localidade costeira de La Jolla, uma das zonas mais caras do país. Segundo, Coast Boulevard é, como o seu próprio nome indica, mesmo à frente da praia e a diferença entre «ter vista para o mar» e estar «mesmo à frente da praia» faz com que o preço da moradia passe de seis zeros para sete.

Boone sabe perfeitamente onde fica a casa, mesmo ao lado de Nicholson Point, a sul de Tide Pools e a norte do Centro Médico de La Jolla.

Uma propriedade de primeira classe.

Ou seja, Samantha Harris tem dinheiro.

Isso é uma notícia boa e má ao mesmo tempo. A boa é que tem dinheiro para pagar a fiança e a má é que pode permitir-se perdê-lo. Certamente, não terá motivos económicos para entregar Terry e é assim que apanham a maior parte dos fugitivos. E, se tem uma casa no número 135 de Coast Lane, é possível que até esteja a financiar a sua fuga.

Porque, para fugir, é preciso dinheiro.

Boone pega na carrinha para ir a casa de Samantha Harris.

A carrinha é conhecida como Boonemóbil no ambiente surfista da zona de San Diego, mas não deixa de ser uma velharia. Com os seus vinte anos nas costas e a sua carroçaria enferrujada, cheia de pranchas, fatos de neopreno, barbatanas, óculos de mergulho, toalhas, sandálias e restos de comida comprada em bancas de *tacos* e restaurantes de comida rápida, o mínimo que pode dizer-se é que destoa neste bairro. Se vir o Boonemóbil estacionado na rua à frente do número 258 de Coast Boulevard, a primeira coisa que pensa é que o seu dono está ali para cortar a relva, arranjar uma goteira ou porque é um drogado que decidiu cometer um roubo.

A casa é de estilo neocolonial espanhol, com paredes de estuque cor-de-rosa e telhado de telhas azuis. O portão enorme de madeira lavrada é uma peça de antiquário.

Boone sai da carrinha, aproxima-se da porta, repara na câmara de segurança que, por sua vez, se vira para ele e toca à campainha.

Uma empregada vestida com um verdadeiro uniforme de criada abre a porta.

— Vim ver a senhora Harris.

— Está à sua espera?

Tem sotaque latino, talvez mexicano, hondurenho ou guatemalteco. Boone pensa que tem pouco mais de trinta anos.

— Não — responde. É precisamente disso que se trata.

— Se vem vender alguma coisa, a senhora não vai recebê-lo.

— Diga-lhe que venho por causa do Terry Maddux — pede Boone.

A empregada fecha a porta e desaparece durante um minuto, mais ou menos. Depois, volta a abrir e fá-lo entrar para uma sala cinco vezes maior do que a casinha onde Boone vive. Aponta para um sofá branco e diz:

— Espere aqui, por favor.

Uma janela enorme dá para o jardim, a piscina e, mais à frente, a praia. Boone nunca entendeu porque uma pessoa que vive a dois passos do mar quer uma piscina — uma coisa tão imóvel —, mas não lhe custa imaginar Terry ali, deitado numa espreguiçadeira, a beber alguma coisa com os óculos de sol na cara.

Samantha Harris aparece alguns minutos depois.

É bonita, com essa beleza tão específica das mulheres ricas de San Diego: Cabelo loiro puxado para trás, formando um capacete dourado, camisola preta — porque é inverno na Califórnia —, calças pretas e várias filas de pulseiras de ouro em ambos os pulsos. Esconde os olhos por trás de uns óculos de sol grandes.

Boone, que é detetive privado e foi polícia, sabe o que isso significa com demasiada frequência.

Samantha não anda com rodeios.

— O que se passa com o Terry?

— Desapareceu.

— E não é o que faz sempre? — Indica a Boone que se sente e senta-se numa poltrona fofa.

— Desta vez, infringiu a liberdade condicional — explica Boone.

— E o que é o senhor? Uma espécie de caçador de recompensas?

— Uma coisa dessas.

— Não está aqui.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

Ela sorri e abana a cabeça.

— Quando foi a última vez que o viu?

— É polícia, senhor…?

— Daniels.

— Senhor Daniels?

— Não — responde Boone.

— Então, não tenho de responder às suas perguntas.

— Não, mas interessa-lhe ajudar-nos a encontrá-lo. Se não, perderá os seus dez mil dólares.

Ela encolhe os ombros.

Boone sabe que as pulseiras que Samantha Harris usa valem mais de dez mil dólares. E que, conhecendo Terry, dez mil serão, provavelmente, a menor das contribuições que já fez para o Fundo TAT.

— Também interessa ao Terry — acrescenta.

— E porquê?

— É melhor para ele se o encontrarmos e não a polícia.

— Duvido muito — replica ela.

Boone está a fartar-se do ataque da Dama de Gelo de La Jolla. É uma das personagens femininas típicas de San Diego. Há a Surfista Relaxada, a Mamã Boa e a Dama de Gelo de La Jolla, cada uma delas cortadas pelo mesmo padrão. Samantha Harris desempenha magistralmente o seu papel, mas é um estereótipo velho.

Boone levanta-se e deixa um cartão de Kasmajian na mesinha que há junto da poltrona de Samantha.

— Duvide à vontade. Se puder dar-nos alguma informação, ligue para este número. Obrigado pelo seu tempo.

Começa a dirigir-se para a porta.

— Espere! — exclama e acrescenta: — Por favor.

Boone vira-se e olha para ela. Encolhe os ombros.

— Acha mesmo que poderiam magoá-lo? — pergunta ela.

— Talvez não queiram magoá-lo, mas todas as detenções têm os seus riscos. Sobretudo, tratando-se de uma pessoa tão instável como o Terry.

— Eu bem sei…

— Foi ele que lhe bateu? — pergunta Boone.

Samantha tira os óculos e mostra-lhe a nódoa negra do seu olho esquerdo.

— Provoquei-o.

— Nunca há desculpa para que um homem levante a mão a uma mulher, por muito zangado que esteja — indica Boone.

Quem o faz, perde imediatamente a dignidade.

— Acho que faz estas coisas quando se sente mal consigo próprio — argumenta ela.

— Tem muitos motivos para se sentir mal. Devia ajudar-nos a encontrá-lo antes de magoar outra pessoa.

— Outra mulher, quer dizer?

Agora, é Boone que encolhe os ombros.

— Sei que sai com outras — acrescenta ela —, mas garanto-lhe que não sei onde está. Há dois dias que não o vejo. Passou a noite aqui. Quase toda a noite, pelo menos. Quando acordei, já se tinha ido embora.

— O que levou?

Samantha Harris olha para ele como se o visse com novos olhos.

— Como sabe que levou alguma coisa?

— Conheço o Terry.

— Algum dinheiro, não muito. Um colar de diamantes. E um relógio.

— No valor de…?

— Cerca de quarenta mil dólares.

— Quanto dinheiro?

— Algumas notas de cem dólares, mais nada.

— Devia denunciá-lo — declara Boone.

— Não posso provar que foi ele.

— Poderá quando tentar vender as joias.

— Não quero que se meta em confusões por minha causa. Amo-o, senhor Daniels. Se voltasse, sei que o aceitaria. Triste, não é?

Sim, com efeito, pensa Boone.

«Às vezes, também me sinto assim.»

— Pode descrever-me o colar e o relógio?

— Tenho fotografias. Para o seguro.

— Se informar a companhia de seguros do seu desaparecimento, vão exigir que faça uma denúncia.

— Disse que ia informá-los do seu desaparecimento?

Samantha ausenta-se durante uns minutos e volta com umas fotografias que entrega a Boone.

— Devolvo-lhas depois — diz ele. — Importa-se que faça cópias?

— São cópias.

— Obrigado.

Boone volta a dirigir-se para a porta.

— Senhor Daniels…

— Sim?

— Se o encontrar, pode dizer-lhe que não estou zangada com ele?

Que coisa, pensa Boone, enquanto a empregada o acompanha à porta. Terry Maddux pode fazer-lhe a maior filha da putice do mundo e a única coisa que a preocupa é que não pense que está zangada com ele.

Como se tivesse de ser ela a pedir perdão.

Ao chegar à porta, pergunta à empregada:

— O meu nome é Boone. E o seu?

— Flor.

— Conhece o Terry?

Ela assente com um gesto.

— O que pensa dele?

— Que é um descarado.

Contudo, agora, esse descarado tem o bolso cheio, pensa Duke, quando desliga o telefone, depois de falar com Boone e de as fotografias das joias roubadas aparecerem no ecrã do seu telemóvel.

Terry tem «algum dinheiro» vivo (e quem sabe o que uma mulher como Samantha Harris acha que é «algum dinheiro») e algumas joias valiosas que tentará vender em algum lado. Com o que ganhar com elas, talvez decida ir para muito longe daqui, até mesmo para o estrangeiro.

Por precaução, Duke já tem pessoas na estação de autocarros, na de comboios e nos dois

terminais do aeroporto de San Diego. São pessoas de confiança e, se Terry aparecer por lá, vão avisá-lo logo.

Duke sai do seu escritório e dá as fotografias a Adriana.

Com cinquenta e tal anos, Adriana é o seu braço direito há duas décadas. Sem ela, não conseguiria ter gerido o seu negócio. Magra e de cabelo preto, veste-se como se ganhasse mais dinheiro do que ganha e gere o escritório com estilo, humor e firmeza.

— Manda isto aos de sempre — pede Duke.

Não é preciso explicar mais. Adriana vai enviar as fotografias para todas as joalharias e lojas de penhores da zona de San Diego para que estejam avisadas de que é mercadoria roubada, para o caso de aparecer alguém a tentar vendê-las. E vai pedir-lhes para avisarem imediatamente o escritório de Kasmajian.

Quase todas farão caso. É o mais legal e, além disso, muitas pessoas devem favores ao Duque.

Adriana está um pouco triste esta tarde.

Duke sabe porquê.

Este lugar não só foi o seu emprego durante muito tempo: Foi a sua vida inteira.

Duke também sabe que, se em algum momento não conseguir conter-se, irá à casa de banho chorar e, quando sair, terá recuperado a compostura.

— Não te preocupes, Ad — tranquiliza-a. — Vai correr tudo bem.

— É claro que sim.

— Quem está de guarda esta noite? — pergunta Duke.

— A Valeria.

— Se se souber alguma coisa disto, liga-me. Estarei em casa do Carey.

— Hoje é quinta-feira, onde mais haverias de estar? — inquire Adriana.

Todas as quintas-feiras há séculos, há um jogo de póquer em casa do doutor Carey. Os delinquentes e os casamentos vêm e vão, o jogo continua.

O Trio Estranho, como Adriana lhes chama: Duke, Neal Carey e Lou Lubesnick. Um agente de fianças, um professor de literatura inglesa e um polícia que jogam póquer, vão ao basebol e têm debates filosóficos intermináveis sobre assuntos absurdos, como a pertinência ética de voltar a encher o copo num restaurante de comida rápida, por exemplo.

— Aqui, diz que podes voltar a encher o copo de graça — argumentou Lou, numa das suas discussões compridíssimas.

— Sim, mas não eternamente — replicou Neal.

— Não há nenhuma regra que diga que há um limite de tempo.

— Talvez legalmente, não — concedeu Neal. — Mas há de um ponto ético.

Duke decidiu contrariá-lo nesse assunto porque Carey tem o costume incómodo de adotar uma postura de superioridade moral.

— Bom e, segundo tu, qual é o prazo de tempo em que é eticamente aceitável voltar a encher o copo?

Neal ficou a pensar por um instante e, depois, sentenciou:

— Ao sair do local, renuncias aos teus direitos de voltar a encher o copo.

— Sim, mas digamos que me esqueço de alguma coisa no carro e saio para ir buscá-la — sugeriu Lou. — Quando voltar, não posso encher o copo outra vez?

— Isso é diferente — disse Neal —, porque se trata da mesma visita ao estabelecimento.

— Mas saí do local.

— Temporariamente.

— Mas é sempre temporariamente, se voltar — arguiu Lou.

— Não, se for uma semana depois. Isso é outra visita.

— Ou seja, trata-se de um problema de tempo — disse Duke, para prolongar o debate.

— Exato — confirmou Neal.

Lou não mudou de ideias. Não porque tencionava voltar dentro de uma semana para encher o copo, mas por uma questão de princípios.

— No copo, não diz que há um limite de tempo.

— Então, não tem fim? — perguntou Duke.

— Não, enquanto o copo durar — declarou Lou. — E comprei o copo.

— Sim, mas isso dá-te o direito perpétuo sobre o líquido que pode conter? — perguntou Neal. — Na minha opinião, não.

— Mas o que conta para eles é o copo, não o líquido — argumentou Duke.

— Sim, mas, então, ficariam sem líquido — disse Neal.

— Tal como se passasse todo o santo dia aqui sentado a beber — indicou Lou. — Acharias mais ético se passasse o dia a encher o copo e a ocupar o lugar? Visto assim, estou a fazer-lhes um favor.

O debate durara meses, tal como a discussão sobre o *ketchup*, a mostarda e os guardanapos que o miúdo do balcão põe na bandeja. Ou seja: Se sobrarem guardanapos e pacotes de mostarda e *ketchup*, é lícito levá-los para casa?

— Paguei-os — argumentou Lou.

Neal continuava a pensar na ética.

— Pagaste *ketchup* e mostarda suficientes para pôr no teu hambúrguer e os guardanapos necessários para limpar a boca.

— Mas, se me dão a mais, não se importam que fique com eles — indicou Lou. — Além disso, não acho que a Saúde os deixe reutilizar os pacotes depois de serem manipulados pelo cliente.

— Ou seja, estás a fazer um serviço público — interveio Duke.

— Alguém tem de o fazer — declarou Lou.

Agora, Duke para à frente da casa de Carey, um bangaló em El Paseo Grande que compraram há vinte anos, quando o preço das propriedades ainda não disparara. O *Honda Civic* velho de Lubesnick já está lá.

As tentativas de Duke de convencer Lou a comprar um carro novo — ou seja, um decente — fracassaram estrepitosamente.

— És tenente do Departamento da Polícia de San Diego — disse, uma vez. — Podes comprar um carro novo.

— O facto de poder comprá-lo é irrelevante — replicou o amigo. — Também posso comprar um diadema engastado com pedras preciosas. Devia comprá-lo só por isso?

— O Duke não se referia a ser acessível ou não — interveio Neal. — Referia-se a tratar-se de uma necessidade que podes suprir.

— Isso depende do que entendes por «necessidade» — indicou Lou. — O meu carro leva-me do ponto «A» ao ponto «B» e, para isso, só preciso de um carro.

— Mas é uma velharia — arguiu Duke.

— O que é igualmente irrelevante ou mais do que o facto de poder comprar um carro novo — declarou Lou.

— Não necessariamente — respondeu Neal. — Se, na tua qualidade de tenente da polícia, a aparência do teu veículo significar a tua desonra e fizer com que percas prestígio, transforma-se

num inconveniente grave.

— Ou numa espécie de emblema pessoal — argumentou Lou. — Num símbolo encantador do facto de me recusar a ceder à exigência social de possuir objetos que, na verdade, são apenas uma marca de prestígio. Como o *Cadillac* do Duke.

— Eu tenho um *Cadillac* porque ocupo muito espaço.

— Tu tens um *Cadillac* porque és um nostálgico — corrigiu Neal —, e achas que te devolve a uma época que consideras muito superior à atual.

— É verdade que prefiro os tempos passados aos atuais — concordou Duke.

Como qualquer pessoa sensata que tenha ouvido Hank Mobley a tocar *No Room for Squares*.

— Acho que é mais uma questão de imagem — disse Lou. — Os delinquentes crónicos veem o Duke a passear no seu *Cadillac* enorme, livre como os pássaros, e acham que também pode libertá-los.

— E é verdade — concordou Duke.

— Ou seja, tenho razão — concluiu Lou que, depois, conseguiu escapar de todas as suas tentativas de o pressionar para que comprasse um carro novo.

Karen abre a porta.

Espantosamente atraente com sessenta e oito anos, alta e de pernas compridas, tem uma viseira por cima do cabelo branco e comprido.

— Boa-tarde, otário. Entra.

Neal Carey e Lou Lubesnick jogam mal póquer, talvez porque se concentram mais nos seus debates bizantinos do que nas cartas.

Karen, não.

Karen é uma jogadora implacável, de olhar frio, eficácia brutal e que não se preocupa com a ética. Só quer ganhar e, no fim do jogo, costuma ter um bom monte de fichas à frente dela. Às vezes, Duke tem de se recordar que a mulher de Neal não é de Las Vegas, embora seja do Nevada. É de uma vila mais a norte, da região dos ranchos.

— O outro inútil já está cá — informa Karen.

— O Lou ou o teu marido? — pergunta Duke.

— O que importa? — replica, enquanto o faz entrar. — Os dois.

A cozinha cheira muito bem. O famoso e temível creme de feijões de Karen ferve numa panela, há imensas queijadinhas numa travessa e o seu chili — ainda mais célebre e temível — coze a lume lento numa panela.

Da primeira vez que Duke provou o chili de Karen — uma receita que conseguiu, por muito improvável que pareça, num restaurante chinês de Austin, no Nevada —, avisou-o de que era picante. Duke sorriu, brincalhão, e pôs uma colher bem grande na boca. Depois, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, ficou vermelho como um tomate e sentiu que ardia até ao cabelo.

Agora, Duke levanta a tampa da panela e cheira a comida.

Sente algo diferente.

— Fi-lo com peru — indica Karen.

— Porquê? — pergunta Duke, indignado.

— Porque não quero que tenhas um ataque de coração na nossa mesa — replica ela.

— O meu coração funciona perfeitamente.

— Vamos tentar fazer com que continue assim.

Karen Carey é uma das melhores pessoas que Duke conhece. E das mais generosas. Quando Marie descobrira que tinha cancro, levava-lhes comida a casa; acompanhava Marie à quimioterapia quando ele não podia e segurava-lhe a cabeça enquanto vomitava.

Quando Marie faleceu, Karen, Neal, Lou e Angie ajudaram-no a seguir em frente. Convidavam-no para as suas casas ou passavam pela dele para beber um copo de vinho no terraço e cortar essas noites inacabáveis. Foi depois da morte de Marie que começaram a juntar-se às quintas-feiras à noite para jogar póquer e a comprar bilhetes para ir ver os Padres no estádio, apesar de Neal ser, desde sempre, um apaixonado pelos Yankees.

E já fora há… cinco anos, nada menos.

Duke não conseguiria ter superado nem um só ano sem eles (sobretudo, o primeiro, que foi horrível).

São muito importantes para ele, tal como esta casa. Passou tantas horas aqui… Primeiro, nos jantares de casais que Karen e Neal celebravam, antes de Marie morrer e de Lou e Angie se divorciarem. E, depois, nas quintas-feiras à noite ou quando vinha ver televisão ou ouvir música e Neal fingia que se interessava pelo jazz da Costa Oeste.

É uma casa cheia de livros. As paredes estão forradas de cima a baixo com estantes, ocupadas na sua maioria pelos livros de literatura inglesa de Neal (ou *brit lit*, como ele lhes chama), mas também por livros infantis de Karen, que era professora antes de se reformar. Há, além disso, uma pequena estante com os livros que Neal escreveu, volumes sisudos com títulos como *Tobias Smollett e o Nascimento do Herói Fictício Moderno*; *Samuel Johnson e o Despontar da Literatura* ou *Amazing Grace: A Poesia da Escravidão*. Livros que Duke aparenta ter lido enquanto Lou aparenta o contrário.

Pelos vistos, Neal é uma autoridade no seu campo.

Quando Duke entra na sala de jantar, Neal e Lou estão de pé junto da mesa, coberta por uma toalha de mesa de feltro verde. As cartas e as fichas já estão em cima da mesa.

— O que vais beber? — pergunta Neal.

— Sumo de toranja com um raminho de couve — responde Duke.

Neal serve-lhe um uísque escocês e brinda com ele com a sua garrafa de cerveja.

Com sessenta e cinco anos, Neal Carey tem o cabelo grisalho e castanho em partes iguais. Usa-o comprido até ao colarinho da camisa, como corresponde a essa imagem de aventureiro que cultiva para não cair no estereótipo do intelectual. A imagem de aventureiro não é uma pose, no entanto: Neal não fala muito da sua juventude, mas pelo pouco que contou ao longo dos anos, Duke sabe que teve uma infância difícil no Upper West Side de Nova Iorque, quando o Upper West Side ainda era um bairro conflituoso; que não conheceu o pai e que a mãe era uma drogada que se prostituía para manter o seu vício pela heroína.

Ao princípio, os alunos acham estranho que tenha sotaque nova-iorquino, que use um casaco preto de couro e diga «merda» com tanta frequência («Embora nunca tenham ouvido falar de Smollett, tem uma importância da merda e vou explicar-vos porquê»). Fora da sala de aula, no entanto, nunca usa esse termo e o seu sotaque nova-iorquino desaparece ou, pelo menos, atenua-se.

— Os alunos têm de poder imitar-me — explicou a Duke, uma vez.

Lou Lubesnick professa uma filosofia parecida: Para além de conduzir um carro sujo, tem uma pera a condizer com o seu cabelo preto e abundante, que penteia cuidadosamente para trás. Isto, no Departamento da Polícia de San Diego, onde impera um puritanismo rígido de classe média e até os pretos e os mexicanos ouvem música country. Num ambiente policial cheio de republicanos que pensam que os democratas são pouco menos do que comunistas, Lubesnick é sócio da União pelas Liberdades Civis, cujas cotas paga religiosamente.

Duke sabe que nem um nem o outro poderiam ter essa conduta iconoclasta se não fossem tão bons nos seus respetivos campos. A Unidade de Roubos que Lou gere tem uma das maiores

taxas de resolução de casos do país e a Universidade da Califórnia, em San Diego, tem medo de que Neal vá para a Columbia, onde estaria a poucas paragens de metro do estádio dos Yankees.

Entram na cozinha para «encher a chaleira», como Karen diz, e voltam para a sala de jantar para comer e jogar às cartas.

Duke surpreende-se ao descobrir que o chili de peru não é tão mau como esperava.

A senhora Carey joga póquer clássico de cinco cartas ou *stud* de sete cartas e não gosta de todos esses inventos modernos com jóqueres e cartas de desempate e tolices dessas, portanto, não esconde o seu desdém quando Lou dá as cartas e diz:

— Nove cartas, as melhores de cinco, os dois são jóqueres, a rainha vermelha serve de às e a última carta fica virada para baixo.

— Virada para baixo, Lou? Virada para baixo? — pergunta Karen. — Mas que parvoíce.

Karen dá-lhes uma sova — uma sova maior do que o normal — e, depois de jogarem dez rondas, diz:

— Duke, estás a jogar mal. Espero isso destes dois, mas tu costumas resistir um pouco mais.

— Talvez esteja distraído.

— Porquê? — pergunta Neal.

— Um fugitivo que pode custar-me um rim — diz Duke.

— Como se chama esse fugitivo? — pergunta Lou.

— Terry Maddux.

Lou apoia as cartas na mesa.

— Devias ter sido mais inteligente.

Duke assente.

— Fui um imprudente, reconheço-o.

— Conhece-lo? — pergunta Karen a Lou.

— Todos na polícia conhecem o Terry — responde ele. — De vez em quando, é detido. O que não entendo é porque este parvo lhe pagou a fiança.

— Precisamente por isso — responde Duke. — Porque sou um parvo, suponho.

— E quanto pode custar-te a parvoíce? — pergunta Neal.

— Trezentos mil.

— Ufa…

— Dei o caso ao Daniels — indica Duke. — De certeza que o encontramos.

Põe a mão no bolso da camisa e leva o cigarro à boca.

Boone passa a noite a circular pela 101.

Porque os fugitivos têm costumes curiosos: Ou vão para muito longe ou escondem-se em algum lugar e, quando optam pelo último, costuma ser perto de casa, em sítios que conhecem.

Terry é um surfista.

Conhece a 101.

E, agora, tem algum dinheiro, portanto, poderia estar escondido em algum hotel das centenas que há numa cidade turística como San Diego. Poderia estar no centro, em Gaslamp ou nos bairros do norte, mas Boone não acredita.

De certeza que está perto do oceano.

Os surfistas ficam nervosos quando não sentem o cheiro do mar.

É por isso que Boone vai de um lado para o outro com a carrinha pela 101, porque é possível que Terry espere até o sol se pôr para espreitar e procurar alguma coisa para comer e, se for assim, irá a alguma das muitas bancas de *tacos* que há por ali ou a algum restaurante de comida

rápida.

Terry Maddux tem duas necessidades contrapostas.

Como fugitivo, precisa de um lugar onde possa esconder-se.

E, como drogado, precisa de comprar droga.

A forma como drogados e traficantes se relacionam mudou. Antes, os traficantes paravam em certas esquinas, zonas de parques ou até de praias, à espera que chegassem compradores. Naqueles tempos, Boone podia rondar por esses sítios à procura do seu objetivo. Contudo, esses mercados da droga já não existem. Desde que apareceram os telemóveis e as redes sociais, os viciados fazem uma chamada ou mandam uma mensagem aos traficantes habituais e encontram-se em algum sítio fechado, onde ninguém os vê.

Portanto, Boone teve de adotar outra tática.

Recorreu a High Tide, o samoano e membro fundador da Patrulha do Amanhecer de Pacific Beach. High Tide foi criado em Oceanside, onde formava parte de um gangue e, embora seja literalmente um santo agora — da variante dos Últimos Dias —, continua a ter contactos nesse mundinho e Boone pediu-lhe para falar com eles e espalhar a notícia de que, se Terry aparecer e tentar comprar droga, o avisem ou Duke não voltará a pagar-lhes a fiança.

Enquanto espera até ter notícias de High Tide ou até Terry aparecer em alguma joalharia ou numa loja de penhores, Boone percorre a costa para o caso de o ver em algum lugar.

Dave Love God está com ele.

Se encontrarem Terry, precisarão de dois homens para o reduzir. E, além disso, têm de falar com imensas pessoas e metade, no mínimo, será composta por mulheres. As mulheres adoram Dave, talvez porque intuem que o sentimento é mútuo.

— Não gosto disto — comenta Dave.

— Eu também não — concorda Boone —, mas o Terry abusou. E nós comemos muitas vezes graças ao Duke.

Começam por Ocean Beak — ou «OB», como os habitantes lhe chamam — e, depois, vão para o norte, parando em hotéis e restaurantes de comida rápida. Alternam-se: Um deles espera no carro e o outro entra, mostra a fotografia de Terry e pergunta aos empregados da caixa e de mesa se o viram.

Ninguém viu Terry em OB ou, se se viram, não lhes dizem.

E o mesmo em Mission Beach.

Chegam a Pacific Beach (ou PB), a sua praia de sempre e, num pequeno hotel de Mission Boulevard, têm finalmente sorte.

Boone entra para falar com a rececionista, uma indiana de meia-idade que, casualmente, também é a dona. Mostra-lhe a fotografia e pergunta:

— Viu este homem?

— É da polícia?

— Não, senhora, mas ajo em nome deles.

— Aqui, respeitamos a privacidade dos nossos hóspedes.

— Então, aloja-se aqui?

— O que fez? — pergunta a mulher.

— Bateu a uma mulher, entre outras coisas — responde Boone.

Ela fica a pensar por um instante. Depois, diz:

— Chegou ontem à noite.

Boone sente que a adrenalina aumenta.

— Qual é o quarto? — pergunta. Dave está lá fora, no estacionamento, a vigiar para o caso de

Terry chegar e tentar fugir ao ver Boone.

— Quarto duzentos e oito.

— Sabe se está lá agora?

— Foi-se embora esta manhã. Bom, ao meio-dia. A hora de saída é ao meio-dia e tive de lhe dar um toque ao meio-dia e meia.

«O Terry saiu de casa da Samantha com as coisas que lhe roubou e veio esconder-se aqui», pensa Boone. Sabia que devia ficar apenas uma noite porque conhece o procedimento. Agora, andará à procura de outro sítio onde possa esconder-se até penhorar o relógio e o colar e conseguir dinheiro para fugir.

Isto é uma corrida.

— Pode dizer-me se estava sozinho? — pergunta, convencido de que a mulher sabe. O escritório do hotel está impecável. De certeza que a dona sabe quem entra e quem sai do seu negócio.

— Havia uma jovem — diz. — Veio depois e foi ter com ele ao quarto.

— Estava com ele quando se foi embora?

A mulher parece envergonhada.

— Sim.

Ou seja, Terry seduziu outra. Tem transporte e talvez um sítio onde possa esconder-se.

— Pode dizer-me que tipo de carro tinha a rapariga?

— Não sei muito de carros.

Boone agradece-lhe e volta para a carrinha.

— Estava aqui ao meio-dia, mas foi-se embora — informa Boone.

— E agora? — pergunta Dave.

— Temos de continuar a pressionar — afirma Boone. — De certeza que alguém vai avisá-lo de que andamos atrás dele. Se conseguirmos fazer com que continue a mexer-se, ainda podemos apanhá-lo.

Estão em Solana Beach quando o telemóvel toca.

É Tide.

Terry vai comprar droga.

Tide está à espera deles no estacionamento dos apartamentos Carlsbad, entre Washington Avenue e Chestnut, na zona de North County, a apenas três quarteirões de Tamarack Beach. Estacionou a carrinha do lado direito do edifício de dois andares, junto de uma franja estreita de matagal cruzada por um caminho de terra que ladeia as vias do comboio.

Boone estaciona ao seu lado.

Tide abre a janela.

— Conheces o Tommy Lafo?

Boone não o conhece.

— Melhor para ti — acrescenta Tide. — É um verme, um traficante de heroína.

— Vive aqui?

— Ele não, os avós.

— Estão em casa?

Isso poderia ser um problema. Não quer envolver um casal de idosos neste problema. Poderiam ser feridos.

Tide abana a cabeça.

— Estão em Palauli a visitar a família. Morreriam de vergonha se soubessem.

— Porque é que esse tal Lafo denunciou o Terry?

— Meteu-se numa confusão com os Irmãos Samoanos — explica Tide. — Engravidou a sobrinha de um chefe e estão à procura dele para lhe dar um castigo. Precisa de ajuda.

Veio ao lugar indicado, pensa Boone. High Tide deixou o gangue há anos, mas continua a ser um homem muito respeitado que age como mediador com os Filhos de Samoa, os Tonga Crips e outros gangues de ilhéus. Pode ajudar Tommy Lafo: Talvez um casamento, em vez de acabar morto num descampado.

— Seria melhor entrar já — diz Tide. — O Maddux vem para cá.

— Como vem? — pergunta Dave.

— Não disse. Não acho que soubesse.

— Certamente, virá com a rapariga de ontem à noite — comenta Boone.

Ele e Tide entram no edifício. Dave espera lá fora para vigiar a chegada de Terry e bloquear-lhe o caminho se tentar fugir. O edifício de apartamentos é uma construção tosca e anódina de blocos de cimento. Apanham o elevador para subir para o primeiro andar.

Tide bate à porta de Tommy.

Tommy Lafo tem pouco mais de vinte anos e é baixinho e fraco. Tem o cabelo, muito preto, apanhado num coque no cocuruto e tem os braços cobertos de tatuagens. As que tem no pescoço prolongam-se para debaixo da *t-shirt* preta. Parece nervoso.

E com razão, pensa Boone.

High Tide não é um homem de quem deva ser inimigo.

Tommy olha para ele e pergunta:

— O que se passa, *uce*?

— Não sou teu irmão, *pukio* — replica Tide. — Apresentar-te-ia, mas não mereces conhecer os meus amigos. O Maddux vem para cá?

— Chega em cinco minutos — informa Tommy. — Acabou de me mandar uma mensagem.

Tide dá uma olhadela ao pequeno apartamento: A sala de estar e a cozinha em que estão parados, uma porta aberta que dá para um quarto e outra porta que dá para uma casa de banho.

— Vamos esperar no quarto. Abre a porta ao Maddux e, depois, fecha-a. Onde tens a mercadoria?

Tommy aponta para uma mochila que deixou numa cadeira.

— Ali.

— Agarra no dinheiro que te der e pega na droga — continua Tide. — Como estará distraído com isso, nós saímos e apanhamo-lo. Tenta não estorvar, entendido?

— Claro.

— Se lixares isto — diz Tide, olhando para o rapaz —, *ou e fasioti oe*.

Tommy fica pálido.

Boone não fala samoano, mas tem a certeza de que Tide acabou de lhe dizer que o matará.

Entram no quarto, deixando a porta entreaberta.

O telemóvel de Boone vibra. Aproxima-o do ouvido e ouve Dave a dizer:

— O Terry acabou de sair do carro. Uma rapariga conduz, mas ela não saiu.

Boone desliga e faz um gesto a Tide. O samoano tira umas algemas de dentro da camisa.

Boone ouve o tinido do telemóvel de Tommy ao receber uma mensagem. Certamente, é Terry para o avisar que vai subir.

Passa um minuto.

Noventa segundos.

— O Lafo avisou-o — sussurra Boone.

Dave liga quando está a sair do quarto.

— Está no estacionamento, vai a correr para o carro. Vou apanhá-lo.

Boone sai a correr do apartamento, não espera pelo elevador, desce pela escada e ouve Dave a dizer ao telefone:

— A rapariga desapareceu. Estou a perseguir o Terry em direção a sul.

Ao chegar ao estacionamento, Boone vira à direita e vê que Dave atravessa um descampado a correr e entra num beco, entre uma barraca velha e outro edifício de apartamentos. Boone vai atrás dele. O beco estreita-se ao passar entre outros dois edifícios. Depois, Boone ouve que Dave grita «Ali!» e vê que Terry entra com um salto no jardim de uma casa.

Depois, perde-o de vista.

— À direita! — grita Dave. — À direita!

Boone atravessa o jardim atrás dele e sai para um caminho largo que desemboca num beco sem saída. Vê que Terry sai do beco, atravessando o matagal, e que se dirige para o sul pelo caminho de terra que ladeia as vias do comboio.

Dave vai atrás dele, a cerca de vinte metros de distância.

Terry tem tudo a perder, embora tenha vantagem: Um heroinómano de idade madura não tem hipótese contra um nadador salvador lendário de trinta e tal anos em excelente forma física. Dave Love God treina continuamente para salvar banhistas que lutam contra a maré, as correntes e a contracorrente e tem um *cardio* comparável com o de um desportista de primeiro nível.

Boone não, mas surfa pelo menos uma vez por dia e continua a estar em boa forma. Remar em cima da prancha parece fácil, como se o surfista deslizasse sem esforço pela superfície da água, mas quem não o fez, não imagina o tipo de esforço envolvido.

E Tide, com os seus cento e cinquenta quilos, não é atleta quando não está em cima da prancha, mas, mesmo assim, segue-os, soprando, irritado, com essa determinação inscrita no ADN das pessoas cujos antepassados percorriam milhares de quilómetros numa canoa por mar aberto.

Terry não vai fugir e cada vez tem menos sítios onde possa esconder-se porque a vegetação começa a desaparecer e o caminho alarga-se e torna-se mais árido.

Boone sabe que é apenas uma questão de tempo (e não de muito) até o alcançarem.

Então, ouve uma buzina.

E, ao levantar o olhar, vê os faróis de um comboio que vem do sul.

Terry também o viu, porque para e olha para os perseguidores, pensando — nota-se — em fazer uma temeridade.

Ou uma loucura.

— Terry, não! — grita Boone.

Como se dizer «Terry, não» alguma vez tivesse servido de alguma coisa. «Terry, não remes para essa onda.» «Terry, não te drogues.» «Terry, não te metas na heroína.» A sua vida inteira definira-se pelo que os outros lhe diziam para não fazer e ele fazia na mesma e, agora, está a calcular as possibilidades que tem de atravessar as vias à frente de um comboio em andamento para se livrar dos seus perseguidores.

Fez coisas parecidas em motas de água, pondo-se por baixo de uma onda gigante para tirar um companheiro da zona de impacto, e até na prancha: Voou por uma onda assassina e atravessou o tubo antes de a onda quebrar e o esmagar.

E saiu sempre gracioso.

Mesmo assim, Boone volta a gritar:

— Não o faças, Terry! Não vale a pena!

Mas, aparentemente, ele não pensa o mesmo.

Boone vê, horrorizado, que se impulsiona e se atira para as vias, à frente do comboio.

E o que é pior, Dave tenta segui-lo.

Com um salto, Boone agarra-o e puxa-o para trás.

Terry salta para o outro lado da via a um metro e meio do comboio.

— Meu Deus! — exclama Boone.

E, entre o estrondo dos vagões, ouve uma gargalhada histérica e Terry a gritar:

— Vai-te lixar, Boone!

Dave está irritado.

— Podia tê-lo apanhado.

Talvez, pensa Boone. Dave acredita fervorosamente que consegue fazer o impossível e, graças a essa convicção, salvou imensas vidas nas águas de San Diego. Mas, mesmo assim, Boone responde:

— Não valia a pena.

Tide inclina-se, apoia as mãos nos joelhos e tenta recuperar a respiração.

— Deve estar desesperado — diz Boone. — Não conseguiu comprar droga nem penhorar as joias e sabe que estamos mesmo atrás dele. Cometerá algum erro e, então, poderemos apanhá-lo.

Diz isso, mas não tem a certeza.

Voltam para o estacionamento do edifício e Tide entra para partir a cara de Tommy Lafo.

— Onde achas que o Terry terá ido? — pergunta Dave.

— Talvez tenha voltado para a rapariga que o trouxe — sugere Boone.

— Tenho a matrícula do carro.

— Já o supunha.

Ligam a Duke que, por sua vez, liga a um dos seus muitos contactos na polícia e volta a ligar-lhes vinte minutos depois com um nome e uma morada.

Sandra Sartini, 1865 de Missouri Street, em Pacific Beach.

Duke sai para abrir a porta.

Stacy tem vinte e tal anos e é ruiva, com mamas grandes e de pernas compridas. Tem um ar um pouco retro, o que não é de surpreender, tratando-se de um homem de gostos antiquados como Duke. De facto, Chet Baker ouve-se de fundo, cantando *But Not For Me*.

Duke manda-a entrar.

Como não é a primeira vez que visita a casa, Stacy deixa a mala no sofá e sorri amplamente. Gosta de Duke: É um cavalheiro, não tem gostos estranhos e dá boas gorjetas. Concentra-se na música e pergunta:

— É o Harry Connick Jr.?

— O Chet Baker.

— Ah. Da última vez era… O Gil Evans?

— Tens boa memória.

Duke aproxima-se do bar e serve um copo de uísque para cada um, passa-lhe o dela e indica que se sente. Não tem pressa para chegar ao prato principal e ela sente-se bem. Afinal, Duke paga-lhe à hora. Sabe que não é um desses tipos que só querem falar. Não há dúvida de que, em algum momento, quererá sexo, mas, primeiro, gosta de desfrutar destas pequenas delicadezas. Stacy descobriu que gosta do seu cavalheirismo e até aprendeu um pouco sobre música.

Duke é cuidadoso com os seus prazeres. Apressar-se excessivamente é desperdiçá-los, daí que saboreie parcimoniosamente o uísque, a música, o cheiro do perfume de Stacy, a curva da sua

perna por baixo da saia e o brilho dos seus olhos verdes. Dentro de uns minutos, deixará o copo em cima da mesa, esticará a mão e levá-la-á para cima, para o quarto.

Um homem como ele, com o seu ofício, conhece todas as raparigas de alterne e as melhores entre elas. Stacy é uma das suas favoritas, mas Duke não tem ilusões de velho caduco: Sabe que Stacy não é a sua namorada. Trata-se de uma transação estritamente comercial. Sabe e sente-se satisfeito com isso, sem sentir nenhum remorso, nem com Stacy nem com as outras.

Nunca enganou Marie, nem sequer pensou em enganá-la, não sentiu a tentação de o fazer, apesar de, literalmente, centenas de mulheres lhe oferecerem sexo em troca de uma fiança. Mas, agora, Marie já não está, foi-se embora há muito tempo, e Duke é um homem realista.

As pessoas têm as suas necessidades e esta é a forma mais simples e fácil de as satisfazer. Não quer ter uma «relação», sabe que nunca mais voltará a apaixonar-se. Trata-se apenas de sexo. O sexo é ameno, é saudável, é necessário, mas mais nada. Stacy safa-se perfeitamente na cama, faz bem o seu trabalho, até com simpatia e carinho. Depois, toma um duche, veste-se e vai-se embora.

Duke acordará sozinho. Ir para a cama com outra mulher não lhe parece uma traição à lembrança de Marie, mas acordar com outra, sim, por motivos que é incapaz de expressar e cuja pertinência ética não quer discutir, nem mesmo com Neal e Lou.

Acaba a canção e Chet começa a tocar *That Old Feeling*.

Duke pousa o copo em cima da mesa e estende a mão.

— O Duke preocupa-me — diz Karen, ao deitar-se na cama.

— O Duke está bem — responde Neal, desviando o olhar do seu romance de Val McDermid.

O perito em literatura afeiçoou-se ao romance policial e tem uma pilha de livros de bolso na mesa de cabeceira: Ian Rankin, Lee Child, T. Jefferson Parker…

— Não tenho assim tanta certeza — insiste Karen. — Como está do coração?

Neal encolhe os ombros. A mulher franze o sobrolho, contrariada com a resposta.

— Temos uma regra — explica ele: — Não falar dos nossos problemas de saúde.

Ela abana a cabeça. Duke, Lou e o marido conseguem passar horas a discutir se as estatísticas de ângulo de lançamento estão a acabar com o basebol ou se os cartões de fidelização servem para alguma coisa ou não («Que lealdade demonstras por um negócio se levares dez por cento do que gastaste nele?», argumentou Neal, alguma vez) e, no entanto, não são capazes de falar de algo tão vital — literalmente — como o seu estado de saúde.

— Pareceu-me cansado.

— Está preocupado com a empresa e com esse tal… Como era? Terry Maddux.

Karen está na página oitenta e cinco do livro de Michelle Obama. Procura a página onde vai, começa a ler e, depois, pergunta:

— Podes ajudá-lo a encontrar esse tipo?

— Os tempos em que me dedicava a procurar pessoas já estão muito longe.

Antes de acabar os seus estudos e de se tornar professor universitário, Neal encontrava pessoas desaparecidas para uma agência exclusiva de detetives que ajudava pessoas ricas a lidar com os seus problemas.

— Talvez seja como andar de bicicleta — comenta Karen.

— Nunca andei de bicicleta — declara Neal —, e não tenciono começar agora. Além disso, o Duke sabe o que faz e tem pessoas que conhecem bem as ruas desta zona. Se o Maddux tivesse desaparecido na sala de professores, talvez pudesse encontrá-lo, mas fora disso…

Karen volta a fingir que lê.

— Pensava que talvez quisesses dar uma ajuda a um amigo, mais nada.

— Estavas desejosa que deixasse esse trabalho, lembras-te? — replica Neal.

Sim, Karen lembra-se. Estiveram vários anos separados por causa do seu trabalho, porque Neal estava sempre por aí à procura de alguém e a fazer coisas que não podia contar-lhe. Só quando prometeu deixá-lo e o cumpriu é que Karen aceitou voltar para ele. E é muito mais feliz a ser a mulher de um professor universitário, de modo que se sente consciente da hipocrisia do que está a sugerir.

— Além disso, isso é coisa de jovens — acrescenta Neal. — E lamento dizer-te, mas eu já não sou jovem.

— Também não és velho — indica ela, baixando o livro e virando-se para ele.

Tem jeito para jogar póquer, não há dúvida.

Um instante depois, Neal diz:

— Está bem, vou ligar-lhe.

Passa a noite inteira ali sentado.

Boone no Boonemóbil, à frente do número 1865 de Missouri.

Outro edifício de apartamentos e outro beco sem saída, pensa.

Uma urbanização grande, de dois andares, em forma de ferradura, com pátio central e piscina.

Sandra está em casa. Ou, pelo menos, tem o carro estacionado na garagem subterrânea. O Boonemóbil, pelo contrário, está na rua, à frente da entrada da urbanização. Dave está estacionado mais à frente, em Chalcedony, e Tide em Academy, no caso de Terry chegar por uma entrada traseira.

Têm de estar ali, não têm outro remédio, embora seja certamente inútil — pensa Boone — porque um fugitivo curtido como Terry saberá que têm o número da matrícula e tentará não se aproximar dali. Mesmo assim, talvez tenha perdido a cabeça, esteja desesperado por se refugiar em algum lugar ou não pense com clareza porque está drogado e tente voltar a casa de Sandra e entrar às escondidas.

Boone já pediu um relatório sobre ela. Sandra é enfermeira no hospital Sharp Grossmont, nas urgências, portanto, é inteligente, ganha bom dinheiro e é pouco provável que se deixe levar pelo pânico.

Boone liga a Dave, mais por aborrecimento do que por outra coisa.

— Alguma novidade?

— Não sei — responde Dave. — O Terry consegue metamorfosear-se?

— Não, que eu saiba.

— Então, posso descartar o gato que acabei de ver.

Está a começar a amanhecer. Em breve, Hang Twelve, Johnny Banzai e Sunny Day estarão a remar nas suas pranchas e a questionar-se onde se meteram.

Toca o telemóvel.

— Achas que o Maddux pode estar lá dentro? — pergunta Dave. — Achas que chegou antes de nós e está a esconder-se?

— É possível, suponho.

— Entramos?

É demasiado cedo, pensa Boone. Não quer pregar um susto de morte a Sandra, esmurrando a sua porta de madrugada, criar um espetáculo e acabar por envolver os vizinhos e a polícia. É melhor esperar até nascer o dia. Além disso, se Terry estiver lá dentro, será mais provável que esteja a dormir.

E é sempre bom apanhar um fugitivo a dormir e pregar-lhe um bom susto.

Então, vê pelo retrovisor que um carro para a menos de dez metros atrás dele. Um tipo com boné de basebol sai, põe as mãos nos bolsos do seu casaco de couro preto, aproxima-se da carrinha e bate com os nós dos dedos na janela.

Boone abre-a.

— Boone Daniels? — pergunta o desconhecido.

— Sim.

— Sou o Neal Carey. O Duke Kasmajian pediu-me para vir, para o caso de conseguir ajudar-vos.

Entram às sete da manhã.

Das duas, uma: Ou Terry está lá dentro ou já não vai vir. Tide e Dave ficam a vigiar a parte de trás no caso de Terry sair por uma janela e Neal e Boone entram no pátio, dão a volta piscina e tocam à campainha do apartamento de Sandra no andar de baixo.

Demora dois minutos a abrir e Neal interroga-se se teria investido esse tempo a acordar Terry, o que seria bom, porque, assim, irá a caminho da janela da casa de banho e cairá nos braços dos homens de Boone, que parecem perfeitamente capazes de lidar com um fugitivo.

Sandra está vestida, no entanto. Usa calças de ganga e camisola e não parece sonolenta. É bonita, com o nariz aquilino e sardento e sobrancelhas escuras e enérgicas. Segura uma chávena de café com a mão esquerda e tenta fingir-se surpreendida por alguém bater à sua porta a estas horas.

— Sim?

— Menina Sartini — diz Neal —, o Terry Maddux está aí dentro?

— Quem?

— Deixemo-nos de fingimentos, se não se importa — pede Neal. — Ontem à noite, levou o Terry Maddux ao apartamento de um traficante de heroína para que pudesse comprar droga.

— Não sei do que fala — insiste ela.

— Podemos entrar?

— Não. E saiam daqui ou chamo a polícia.

— Faça-o, sim — pede Neal. — Nós podemos contar-lhes, de passagem, que ajudou um fugitivo. E se o Terry estiver aí dentro e se encontrar em posse de drogas, não poderá continuar a trabalhar como enfermeira. Claro que também pode deixar-nos entrar para darmos uma olhadela rápida e, se o Terry não estiver, podemos deixá-la em paz. E não olharemos para nada senão para o Terry.

Ela afasta-se e deixa-os passar.

O apartamento é pequeno, de um só quarto. Uma bancada separa a cozinha estreita da sala de estar. A porta do quarto está aberta.

— Podemos entrar? — pergunta Boone.

Neal aproxima-se com precaução de um lado da porta e Boone fica alguns passos atrás, porque Terry poderia esperar que Neal atravesse a porta e, então, tentar derrubá-lo, passar por cima dele e sair pela porta da rua. Neal não acredita, no entanto, que Boone vá permitir que alguém o enrole e já combinaram que será Neal a falar e Boone a encarregar-se do confronto físico, se chegarem a esse extremo. Quer Neal espere, quer não, porque nunca gostou de violência.

— Terry, se estás aí, sai — diz. — Não caiamos nisto, é uma merda degradante.

Não há resposta.

Neal entra no quarto.

Terry não está.

Não está na cama, por baixo dela ou no armário.

Também não está na casa de banho nem no duche.

Ao sair do quarto, Neal vê que a janela está fechada, mas Sandra poderia tê-la fechado depois de Terry sair. Porém, se fosse assim, Tide já os teria avisado.

Neal volta para a sala de estar.

— Contentes? — pergunta Sandra, sentada no sofá.

— Não há nada nesta situação que nos contente — declara Neal. — Quando foi a última vez que o viu? Quando se assustou e saiu do estacionamento, em Carlsbad? Ou o Terry ligou-lhe para que fosse buscá-lo e o levasse a algum lugar?

— Não tenho de responder às vossas perguntas.

Neal senta-se ao seu lado e diz:

— Por favor, diga-me que não levou drogas do hospital para lhe dar.

— Eu não faria tal coisa.

— Mas ele pediu-lhe.

Sandra encolhe os ombros. Claro que pediu: É um drogado.

— O Terry fez-lhe isso?

— O quê? — Ela leva instintivamente a mão ao pescoço.

— Essas nódoas negras que tem por baixo do cabelo — indica Neal. — Quando lhe disse que não, perdeu a cabeça e agarrou-a pelo pescoço. Depois, sentiu-se culpado, suplicou-lhe que lhe perdoasse e disse-lhe que, se o amava, o mínimo que podia fazer era levá-lo de carro a casa do seu traficante. Prometeu-lhe que seria a última dose e que, depois, se entregaria e deixaria as drogas.

— Como sabe?

— A minha mãe era uma drogada — responde Neal. — Passei a vida a lidar com viciados. Mas o que importa é o que vai fazer agora, Sandra.

— O que quer dizer?

— Tem alternativas. Pode manter a boca fechada e deixar que o Terry continue na rua até morrer com uma *overdose* ou pode dizer-me onde o levou para que talvez consigamos encontrá-lo vivo, em vez de morto e com uma agulha no braço.

Neal não volta a falar enquanto ela pensa. Limita-se a olhar para ela.

— Deixei-o no Longboard — diz Sandra, ao fim de uns minutos.

Neal olha para Boone, que diz:

— É um bar de surfistas em Pacific Beach.

— O que ia fazer lá?

— Disse-me que o dono era amigo dele.

— O Brad Schaeffer — diz Boone. — Shafe, chamam-lhe. O Terry e ele conhecem-se há muito tempo.

Neal dá um cartão de Duke a Sandra.

— Se o Terry entrar em contacto consigo, poderia ligar para este número?

— Amo-o — diz ela.

— É uma filha da putice, não é? — replica Neal, ao levantar-se. — Se alguma vez tiver problemas, lembre-se de que o Duke Kasmajian lhe deve um favor. — Depois, entrega-lhe outro cartão. — Este é do tenente Lubesnick, da polícia. Pertence a outra unidade, mas pode levá-la à pessoa indicada para que apresente a denúncia por agressão.

— Não vou apresentar denúncia.

— O Terry também agrediu outra mulher. E tentou estrangulá-la. Tem de morrer alguém para que alguma de vocês faça o que tem de fazer? Pense nisso, está bem?

Quando saem para o pátio, Boone comenta:

— Foste magnífico aí dentro.

— Li muitos livros — responde Neal.

Vão de carro até ao Longboard, a apenas um quarteirão e meio da praia, em Thomas Avenue.

É a típica casa de jogo clandestino de surfistas: Cerveja de torneira, *shots*, *nachos*, *tacos*, asinhas de frango e bons hambúrgueres. Ultimamente, Shafe cedeu à moda da cerveja artesanal. Boone esteve lá mil vezes.

Agora, às sete e meia da manhã, está fechado e morto.

— Fala-me do Shafe e do Terry — pede Neal.

— Há anos, surfavam juntos, ondas das grandes — explica Boone. — Todos Santos, Cortez Bank, Mavericks… O Terry fez carreira disso, viajava pelo mundo às custas dos seus patrocinadores, aparecia em capas de revistas, em vídeos… O Shafe, não.

— E porquê?

— Porque ninguém tinha tanto talento como o Terry. E o Shafe é californiano puro. Queria ficar aqui, perto do seu bar e das praias onde costumava surfar. Além disso, era um paizão. Tinha quatro miúdos e não queria perder os seus campeonatos de surfe e os jogos de basebol. Portanto, o Terry transformou-se numa estrela e o Shafe ficou aqui e transformou-se numa lenda local.

— Está amargurado?

— Por isso, não.

— Porquê, então? — pergunta Neal.

— O Travis, o filho mais velho, morreu com uma *overdose* de heroína há três anos. Não o superou.

— E quem supera uma coisa assim?

Boone esteve no enterro. Foi horrível.

— Com esses antecedentes — comenta Neal —, porque é que o Maddux acha que o Schaeffer pode estar disposto a ajudar?

Boone conta-lhe que, há anos, em Mavericks, Shafe caiu de uma onda de dez metros. Ficou desorientado e atordoado, dando cambalhotas na água fria e preta, sem saber onde ficava a superfície nem conseguir agarrar-se ao cabo para sair para a tona. E a onda empurrava-o a toda a velocidade para um recife submerso onde morreria por causa do impacto, se não se afogasse primeiro.

Na sua mota aquática, Terry dirigiu-se para a zona de impacto. Com a onda a abater-se sobre ele como uma espada disposta a destruí-lo, baixou-se e pescou Shafe no momento em que a onda quebrava em cima deles. E, depois, saiu do tubo com Shafe na mota, atrás dele.

Uma das suas façanhas antológicas, um clássico.

— Ou seja, o Schaeffer acha que deve a vida ao Maddux — diz Neal.

— Não acha, deve-lha — afirma Boone.

— Onde vive o Schaeffer?

— Em Cass, mas não acho que o Terry esteja em casa dele. A Ellen, a mulher do Shafe, proibiu-o de entrar. Disse que não queria ter um drogado perto dos seus filhos.

— Ufa…

— Sim.

— Ou seja, ou o Terry está no bar ou… o Schaeffer poderia levá-lo para o México? —

pergunta Neal.

— Sem pensar duas vezes.

Neal suspira.

— Se o Maddux conseguiu vender as joias e tem massa, desapareceu. Já podemos despedir-nos dele.

De todos os modos, esperam à frente do bar, para o caso de Terry estar lá dentro e decidir aparecer. «Mas, conhecendo Terry como o conheço» — pensa Boone —, «o mais provável é que, a estas horas, já esteja na praia de Rosarito a beber uma *margarita* e a rir-se de nós por sermos tão parvos.»

Terry sai sempre pelo outro lado do tubo.

Duke recebe uma chamada de Sam Kassem, o dono de uma das maiores joalharias de San Diego.

— Essas joias sobre as quais nos avisou — diz Kassem. — Esta manhã, veio um tipo para tentar vendê-las. O meu empregado disse-lhe para esperar, entrou nas traseiras e chamou a polícia. Quando voltou a sair, o tipo já tinha desaparecido.

— O que disse a polícia?

— Que não podem fazer nada porque não foi denunciado o roubo das joias.

— Era o Terry Maddux? — pergunta Duke.

— Não sei quem é esse — responde Kassem —, mas a câmara da loja filmou-o.

— Muito obrigado, Sam. Devo-te uma.

— Nem pensar, não me deves nada.

Duke vê o vídeo que Kassem lhe manda. Mostra um homem branco de perto de um metro e oitenta e cinco de estatura, cerca de cinquenta anos, cabelo preto e rapado quase à máquina zero, camisa preta de ganga e calças também de ganga.

Não é Terry, mas até é boa notícia, pois significa que Maddux não conseguiu transformar a mercadoria em dinheiro líquido e precisa dele para fugir.

Duke manda o vídeo para o telemóvel de Boone.

Como é uma manhã de inverno, Boone encontra espaço no pequeno estacionamento de Neptune Place, nas falésias que dão para Windansea Beach.

É um lugar icónico, uma daquelas poucas praias com prestígio tanto na literatura como na tradição do surfe. Tom Wolfe deu-lhe fama no seu livro *The Pump House Gang*, mas, muito antes disso, os surfistas da velha escola já a tinham transformado num grande centro do surfe da região de San Diego.

A velha casa da bomba desapareceu há muito tempo e muitos dos surfistas de então já faleceram, mas a praia mantém o seu prestígio.

Terry Maddux costuma surfar aqui.

Alguns dos seus amigos de sempre continuam a fazê-lo.

Hoje, só saíram os mais aguerridos.

Está frio, o vento sopra do noroeste e está a levantar-se uma ondulação forte. O oceano está de um cinzento quase preto, cor de ardósia, só um tom mais escuro do que o céu nublado. Os surfistas que entraram no mar usam fatos grossos de neopreno com botins; alguns, até com capuz.

Alguns não entraram. Alguns veteranos conformam-se com observar as evoluções dos mais jovens e comentar a jogada da praia. É axiomático: Quanto mais velhos são, mais fria está a água. Os velhos lembram-se dos verões, nunca dos invernos.

Boone não tira a prancha da carrinha.

Põe o capuz e desce pelo caminho de terra que leva à praia, onde, como esperava, se reuniu um grupo de veteranos. Alguns têm o equipamento vestido e seguram a prancha como se tencionassem entrar na água. Outros, nem sequer se incomodaram.

Cumprimentam Boone com uma cordialidade não isenta de aborrecimento. Ele pertence à geração seguinte, mas tem boa reputação, portanto, mostram-lhe um certo respeito. Nesta parte da costa, todos sabem que Boone Daniels sabe surfar, que ganhou o respeito, daí que não lhe tornem as coisas difíceis como fariam com um desconhecido.

Um dos que tem fama de lixar os novatos é Brad Schaeffer.

Shafe é um histórico do surfe em San Diego. O seu cabelo preto, que usa rapado quase à máquina zero, está intercalado de cabelos brancos, mas tem o corpo musculado como uma corda tensa e tatuado. Se procuram um «xerife» em Windansea, têm de falar com Schaeffer. Ele mantém os intrusos afastados e os locais no seu lugar.

Hoje, não vai entrar na água, mas Boone está certo de que o fará amanhã.

Quando houver mais fluxo.

— Não devias fazer o que estás a fazer — queixa-se Shafe. — Vender um colega por dinheiro.

— O Duke vai ter de cuspir trezentos mil dólares se não se entregar — indica Boone.

Duke pagou a fiança de Shafe mais de uma vez. Quando bebe, Shafe pode ser violento. Meteu-se em lutas no seu próprio bar e também na praia, a poucos passos de onde estão naquele momento, quando pensava que um recém-chegado estava a armar-se em esperto. Boone sabe que não deve discutir com Brad Schaeffer. Normalmente, a coisa não acaba bem.

— O Duke consegue suportar essa perda — responde Shafe.

— Sabes onde está o Terry?

— Não. E, se soubesse, não ia dizer-te, podes ter a certeza.

Ficam calados por uns segundos e Boone repara que Shafe está agitado.

— Shafe — diz —, há um vídeo em que apareces a tentar vender umas coisas que o Terry roubou.

— Se calhar não as roubou. Talvez tenham sido um presente.

— Se acreditasses nisso, não terias fugido da loja. O teu bom amigo Terry está envolvido num crime. E vai deixar-te pagar por ele, se puder, para escapar.

O olhar de Shafe tolda-se.

— O Terry salvou-me a vida, portanto, desaparece daqui de uma merda de uma vez se não quiseres que haja confusão.

Boone não responde, mas também não se mexe. Se recuar com Shafe, só consegue fazer com que se precipite para ele. E, agora, os colegas, membros leais da sua equipa, começam a aproximar-se e rodeiam-no, prontos para intervir se Shafe precisar deles.

Portanto, todos o ouvem a dizer energicamente:

— O Terry é um bom tipo.

— Sabes que tem por costume bater às mulheres?

Talvez saiba, pensa Boone. Talvez saiba e não se importe.

Talvez todos saibam.

E isso irrita-o.

— Está a esconder-se no teu bar — afirma. — Também foste comprar droga?

— Estás a abusar, Daniels.

— Sabes melhor do que ninguém o que é a heroína. Se o entregares, talvez receba a ajuda de que precisa.

— Na prisão? — pergunta Shafe.

— Pelo menos, estará vivo — indica Boone e, imediatamente, arrepende-se de o ter dito porque não queria que parecesse uma referência à morte do seu filho.

Shafe tenta dar-lhe um murro no queixo. Boone para o golpe sem esforço, mas Shafe dá-lhe um murro com a esquerda no estômago. O seguinte murro de direita acerta-lhe no ombro esquerdo e deixa-lhe o braço intumescido. Boone não consegue parar o golpe que lhe dá num lado da cara. Recua a cambalear e tenta manter-se em pé, mas Shafe prende-lhe o tornozelo esquerdo, puxa e fá-lo cair.

Precipitam-se sobre ele como uma manada.

Dão-lhe pontapés, pisam-no e insultam-no.

Boone levanta os braços para tapar a cabeça e dá pontapés para os manter afastados, mas não consegue proteger-se por todos os flancos e recebe um golpe atrás de outro. Quando tenta levantar-se, dão-lhe mais pontapés e, depois, Shafe, inclinando-se por cima dele, dá-lhe um murro de direita com a intenção de lhe afundar a cara. Boone vira a cabeça e Shafe incrusta o punho na areia, junto da sua cara. Boone agarra-o pelo braço e puxa-o para o desequilibrar e usá-lo como escudo, mas os outros continuam a dar-lhe pontapés nas costelas por baixo de Shafe.

Depois, de repente, todos param e Boone sente que tiram Shafe de cima dele. Ao olhar para cima, vê que Tide o levantou como uma grua e que Dave está parado ao seu lado com os punhos ao alto, como se desafiasse os outros a enfrentá-lo.

Nenhum deles aceita o desafio.

Recuam.

Dave ajuda Boone a levantar-se.

— Estás bem?

— Agora, melhor.

Shafe lança-lhe um olhar de puro ódio.

— Não lhe comprei droga.

— Diz-lhe para se entregar — replica Boone.

Dave ajuda-o a voltar ao estacionamento.

Adriana aplica-lhe uma toalha cheia de cubinhos de gelo na face inchada.

Boone sente-se como… Enfim, como se lhe tivessem dado uma sova. Podia ter sido pior — muito pior — se Dave e Tide não tivessem aparecido. Neal Carey, que ficara a vigiar o Longboard até irem substituí-lo, disse-lhes para onde fora e eles pensaram que seria melhor ir dar uma olhadela, para o caso de ter problemas.

Carey continuou a vigiar o bar.

— Sim? Não te importas? — perguntou Dave.

— Tenho um livro — respondeu Carey.

Portanto, deixaram-no sentado no carro de Dave, estacionado à frente do bar, do outro lado da rua.

Agora, Duke dá uma olhadela à cara de Boone e diz:

— Deixaram-no de rastos.

— A verdade é que os provoquei — indica Boone. — Disse uma coisa que não devia ter dito.

— Vou chamar a polícia — diz Adriana. — Devias denunciá-los.

Boone diz-lhe para não o fazer.

— Assim, o Schaeffer terá mais pressão para entregar o Terry — indica ela.

— Se não acedeu depois de termos ameaçado denunciá-lo por vender artigos roubados, não

cederá por isto — comenta Duke. — Além disso, de certeza que os surfistas têm algum código de honra absurda que o Boone não quer infringir.

— É verdade — confirma Boone.

— Bom e agora? — pergunta Dave.

— Temos de chamar a polícia — insiste Adriana. — Têm de conseguir entrar no bar, revistá-lo e apanhar o Terry.

— Quero ser eu a apanhá-lo — declara Duke. Tira um cigarro do bolso da camisa e começa a mordiscá-lo. — Não gosto que magoem os meus homens.

— Estou bem — diz Boone.

— Achas tu — responde Dave. — Vai ao hospital para te darem uma olhadela.

— Não, não tenciono…

— Vai, se quiseres que te pague — interrompe Duke e olha para Dave. — Podes levá-lo?

— Claro.

Ficam todos parados.

— Agora, digo — insiste Duke.

San Diego, pensa, para si. Uma cidade em que praticamente ninguém tem pressa.

Antes de sair, Boone pergunta:

— O que vais fazer com o Maddux?

— Vou encontrá-lo — afirma Duke.

Terry Maddux está nesse bar, pensa. «Estou há quarenta anos neste negócio, consigo cheirá-lo, está lá dentro, drogado e cada mais vez mais desesperado. A estação de comboio, a de autocarros e o aeroporto estão vigiados. A comunidade de surfistas de San Diego é um mundo muito reduzido e depressa se espalhará a notícia de que deram uma sova ao Boone. Alguns vão achar bem, mas a maioria não, porque o Boone Daniels é um tipo muito amado nesse ambiente. Portanto, vão fechar muitas portas ao Terry que, de outro modo, poderiam ter-se aberto.

Está apanhado e sabe. E também sabe que sabemos onde se esconde. Agora, o que temos de fazer é continuar a pressioná-lo para que se sinta obrigado a fugir.

E, quando tentar, estarei lá para lhe pôr as algemas.»

Não é uma má forma de fechar o negócio.

Porque isto já é pessoal, pensa Duke, mordendo o cigarro.

Neal Carey apercebe-se de que é feliz.

Sentado num terraço de onde vê todas as saídas do Longboard, apercebe-se de que não se importa de estar de guarda. Essa inação em que o trabalho de vigilância consiste basicamente e cujo tédio costumava incomodá-lo.

Mas já passou muito tempo.

Foi há… Quanto? Há trinta anos que não se dedica a isto?

Não é que queira voltar a fazê-lo. Gosta de dar aulas, de ensinar e, sobretudo, gosta de investigar para escrever esses livros tão sisudos que ninguém lê. Até Karen finge que os lê, embora ele saiba que, na verdade, só os folheia para poder fazer algum comentário lisonjeiro.

Não, não se arrepende de ter escolhido a carreira de professor, mas, ao mesmo tempo, tem de reconhecer que isto é divertido e que sentia a falta do ímpeto da perseguição («Que perseguição?», questiona-se. «Estás de plantão num terraço.»), da incerteza e da emoção adolescente do proibido.

O terraço é mais divertido do que a sala de professores da faculdade, é simples.

O telemóvel toca e é Duke.

— Estás bem?

— Lindamente.

— Não tens de mijar?

— Embora pareça mentira, não.

— Essa rapariga com quem falaste — acrescenta Duke —, a Sandra Sartini. Denunciou o Terry por maus tratos, portanto, pelos vistos, não perdeste o teu toque de mestre. Enfim, vou mandar alguém para te substituir.

— Por mim, não há pressa.

— Está a divertir-se, eh, professor? — pergunta Duke.

— Sim.

— Como nos velhos tempos.

— Um pouco, sim.

— Bom, desfruta. Não vai durar eternamente.

Neal desliga.

Uma carrinha *pick-up* com pranchas de surfe para no estacionamento estreito que há por trás do Longboard. Um tipo — de mais de cinquenta anos, calcula Neal — sai pela porta do condutor, olha à volta, põe as mãos nos bolsos e entra no bar.

Neal viu mil vezes esse olhar nervoso, esse andar rígido. Apostaria o pagamento do seu novo livro — duzentos dólares, nada menos — em como o tipo tem droga com ele.

E Terry Maddux está prestes a drogar-se.

Duke montou uma rede em redor do Longboard.

Não se incomodada em escondê-lo: Quer que Shafe e Maddux saibam que estão lá fora, como índios a rodear uma caravana de carroças num daqueles velhos filmes do oeste. Ele próprio estacionou descaradamente o seu *Cadillac* à frente do bar, em Bayard. Dave está na cafetaria de Boone em Thomas Avenue e High Tide está na carrinha, no estacionamento de trás. Carey recusou-se a sair do terraço e fez apenas uma breve pausa para ir buscar mais café e urinar.

Daniels ficou em casa por ordem de Duke. Tem duas costelas fraturadas e várias contusões graves e o médico tem medo de que sofra uma hemorragia interna. Dizia que, tomando alguns comprimidos e pondo um saco de gelo, estaria como novo, mas Duke ordenou que não se mexesse.

Agora, têm de esperar.

Passaram aqui todo o santo dia e passarão aqui toda a santa noite, se for preciso. E é possível que seja preciso, se, como Carey suspeita, Shafe trouxe uma dose para Terry. Duke sente-se sempre comovido e triste com o que as pessoas são capazes de fazer por carinho ou lealdade. O carinho e a lealdade triunfam sobre a lei, a moral e as crenças pessoais e, às vezes, até sobre o próprio bem-estar.

Não sei, pensa Duke, talvez seja bom que seja assim. É o melhor e o pior da natureza humana, mas ele viu muito de ambas as coisas ao longo dos anos e questiona-se se sentirá a falta.

Em qualquer caso, é uma pena que Shafe tenha trazido droga a Terry, porque só conseguiu prolongar esta situação e adiar o inevitável.

Duke sabe que os seus homens têm paciência e disciplina de sobra, duas virtudes que escasseiam entre os delinquentes crónicos ou não seriam delinquentes crónicos. Os drogados como Maddux são inquietos por natureza, não têm paciência nem disciplina para ficar à espera. E Terry é tão viciado na adrenalina como na droga, portanto, fará alguma coisa para forçar a situação. Não tem de fechar a rede: Entrará nela sozinho.

Ainda que, por outro lado — pensa Duke, enquanto liga o rádio do carro e sintoniza a 88.3 FM, a emissora de jazz —, ele também tenha de se preocupar com alguns viciados na adrenalina. Os amigos surfistas de Boone — Dave e Tide — estão a ficar nervosos, pois estão irritados com a sova que deram ao colega.

A cada hora, aproximadamente, um dos dois liga a Duke e diz «À merda! Entramos, apanhamo-lo e já está», e sabem que, se o fizerem, terão de enfrentar Shafe e os colegas, que também passaram todo o dia a rondar por ali. Duke tem medo de que Dave e Tide não queiram entrar apesar disso, mas precisamente por isso: Porque querem vingar-se pelo que fizeram ao seu amigo. E ele entende, mas não pode permiti-lo.

Paciência e disciplina.

Tem uma alegria quando o locutor põe a versão de *Jambo* que Nat King Cole gravou com a orquestra de Stan Kenton: Maynard Ferguson e Shorty Rogers no trompete, Bud Shank e Art Pepper no saxofone alto.

Capital Records, 1950.

Está a começar a pôr-se o sol e Duke lamenta não estar no seu terraço.

Deitado no sofá de sua casa, Boone vê o sol a pôr-se no horizonte.

Normalmente, a estas horas, estaria no alpendre a assar peixe na churrasqueira para fazer uns *tacos*, mas, hoje, está demasiado magoado para tentar.

Portanto, só olha pela janela.

E ouve música.

Dick Dale e os Del-Tones.

Ficaria deitado no sofá a ver televisão se tivesse televisão, mas não vê razão para a ter.

— E o tempo? — perguntou Hang Twelve, uma vez, um dos seus companheiros da Patrulha do Amanhecer, um neo-hippie com demasiado ácido e um surfista de coração. — Não queres saber como está o tempo?

— Se quiser saber como está o tempo, saio à rua e já está — respondeu Boone.

— Sim, mas não queres saber como vai estar? — insistiu Hang. — Ou… Como se chama? O prognóstico do tempo?

— Estamos em San Diego — replicou Boone.

Aqui, o prognóstico do tempo é sempre o mesmo, segundo a época do ano. No inverno, chove um pouco; na primavera, está nublado — «Maio cinzento e junho preto», dizem as pessoas daqui —, e, no resto do ano, está sol e calor moderado. Às vezes, a bruma do mar dura até às onze da manhã e os turistas — que gastaram imenso dinheiro para passar uns dias na Califórnia ensolarada — começam a ficar nervosos, mas, no fim, a névoa levanta e, então, todos relaxam e se divertem.

Na televisão, há um relatório meteorológico especial para surfistas, mas Boone prefere ver o prognóstico na Internet e, além disso, vive em Crystal Pier, portanto, se quiser ver o aspeto das ondas só tem de fazer o que faz agora: Olhar pela janela.

E, além disso, sente o fluxo, sente-o literalmente por baixo dele.

Aproxima-se a ondulação invernal nortenha, densa e plena, cheia de poder. De manhã, rodará por baixo do cais como um comboio de carga e os surfistas sairão em massa. A Patrulha do Amanhecer também estará lá, claro.

«Mas tu não», pensa Boone.

«És um frouxo que se deixou apanhar e não há forma de entrares nessas ondas a remar com a merda das costelas partidas. O que digo, agora, nem sequer conseguiria levantar a prancha sem

começar a choramingar.»

Mas Hang sairá e Johnny também. E Dave e Tide, se conseguirem resolver o problema de Maddux esta noite.

E com certeza que sim, pensa Boone.

Porque Terry está à espera que o sol se ponha, que escureça e chova um pouco, talvez, ou até — se tiver muita sorte — que haja um pouco de névoa para que a visibilidade seja menor.

Então, tentará fugir.

Mas para onde? Mesmo que consiga evitar a vigilância de Duke, o que é pouco provável, para onde vai?

Seja onde for, não pode fugir de si próprio.

Boone passou a vida a surfar — já o fazia antes de nascer, quando estava na barriga da mãe — e se aprendeu alguma coisa é que não há onda que o faça fugir de si próprio: Todas o levam de volta a ele próprio.

Terry Maddux está sentado no chão, na parte da frente do bar, com as costas apoiadas numas caixas de *Jack Daniels* e as pernas esticadas.

O atordoamento delicioso da sua última dose começa a dissipar-se.

Não sabe se é de noite ou de dia — não há janelas no bar, só as luzes fluorescentes do teto — nem quanto tempo passou ali, mas sabe que não pode ficar muito mais.

Primeiro, porque, em algum momento, entrarão para o levar de rastos, quer sejam os gorilas de Duke Kasmajian, quer seja a polícia. Segundo, porque se sente consciente de que até Shafe está a fartar-se dele e é normal, porque Terry esgotaria a paciência de qualquer pessoa, é um perito nisso.

E terceiro, porque está a enlouquecer.

Sobretudo, agora que já passou o efeito da droga.

Tem de se mexer.

Precisa de cheirar o oceano.

E drogar-se outra vez.

Abre-se a porta.

É Shafe.

— Tudo bem? — pergunta.

Terry encolhe os ombros.

— Preciso de outra dose.

— Não posso arranjar mais — declara Shafe. — Não consigo evitar os homens do Duke.

Terry espera que aconteça o que suspeita que vai acontecer, que Shafe lhe diga que tem de se ir embora. Mas não é isso que Shafe diz.

— Estão à volta do quarteirão, passaram o dia aqui.

Terry sorri.

— Suponho que o Duke não queira perder a merda do dinheiro.

— Tens amigos — declara Shafe. — Não vão passar por cima de nós.

Claro que passarão, pensa Terry. Se a polícia vier, passará por entre um grupo de surfistas velhos, claro que sim. E se Boone Daniels está a trabalhar para Duke, de certeza que os homens dele também, ou seja, esse tal Dave e esse gigante samoano.

E não será fácil detê-los.

Terry preferiria que Shafe e os colegas não tivessem batido a Daniels.

«Boone é um bom homem», pensa. «Fez muito por mim, mas não devia ter-se metido nisto.

Um veterano como ele devia saber que ninguém deve entrar na onda de outro.»

— Tenho de sair daqui — diz.

— Podes ficar o tempo que quiseres — indica Shafe, mas Terry percebe o seu tom de alívio, sabe que Shafe também quer que se vá embora.

Shafe estaria disposto a chegar até ao fim, sim, mas não quer ter de o fazer e quem pode estranhar que não queira que o metam na prisão por dar proteção a um fugitivo? Merda, se a polícia encontrar um drogado com uma seringa no seu estabelecimento, poderia tirar-lhe a licença do bar.

Sim, não há dúvida, está na hora de se ir embora.

A questão é como.

«Estou preso», pensa.

Sim, mas não é a primeira vez.

Também estava preso ontem, junto das vias e, então, chegou o comboio e deixou de estar.

Estava preso em Mavericks quando entrara para salvar Shafe e, mesmo assim, encontrara a fresta da onda, atravessara-a e deixara de estar preso.

Agora, está preso neste edifício, rodeado de inimigos.

Tem de estar atento a qualquer oportunidade que surja e aproveitá-la. E se não surgir, terá de a forçar.

Há quase sempre uma forma de fugir de uma onda, só tem de suster a respiração durante o tempo suficiente para a encontrar.

E se não houver…

Morre.

Neal levanta o colarinho do casaco de couro e puxa o boné dos Yankees. Está frio em San Diego nas noites de inverno e, além disso, há humidade e ameaça de chuva. Sopra um vento forte do oceano.

Olha para o relógio.

9h17 da noite.

Está ali há mais de doze horas.

Já não se diverte, lembra-se perfeitamente da razão por que deixou este trabalho, mas não vai deixar Duke sozinho a estas alturas. Além disso, está irritado com o tal Maddux e pôs na cabeça que vai chegar até ao fim.

Não tenciona reconhecer que já não quer esta vida, faltaria mais.

Duke não tem tantos reparos.

— Já não temos vida para isto — diz, quando lhe liga.

— Fala por ti — responde Neal.

— É aqui que se vê a diferença entre rapazes e homens — acrescenta Duke. — Os rapazes ficam, os homens vão para casa.

— Queres ir para casa? — pergunta Neal, com um indício de esperança.

— Nem pensar — responde Duke. E, depois, acrescenta: — E tu?

— Nem pensar.

Ambos se riem.

— O que diria o Lou se nos visse neste momento? — pergunta Duke.

— Diria que somos parvos. E teria razão.

— O Maddux sairá em breve. Tenho a certeza.

Neal acha que tem razão.

Porque ele também tem a certeza.

Chamam-lhe «puxar a trela».

Quando se está por baixo de uma onda, às vezes, não se sabe para que lado fica a superfície, portanto, usa-se o cabo — ou seja, a «trela» — e impulsiona-se para a prancha de surfe, que terá saído para a tona.

Funciona quase sempre, a não ser que o cabo se parta, em cujo caso, acabou tudo.

Isso é o que Terry faz agora.

Não puxa a trela — porque, infelizmente, não está na água —, mas sobe por uma conduta de ar. Apoia-se com mãos e pés no metal e impulsiona-se para cima. É um esforço cansativo e teria sido muito mais fácil se fosse mais jovem e não estivesse drogado, mas está convencido de que consegue subir até ao terraço.

Além disso, é a sua única oportunidade.

Esses parvos estão à espera que saia pela porta da frente ou de trás e comece a correr. Terão o olhar fixo na porta, não olharão para cima e, se conseguir chegar ao terraço do Longboard, poderá saltar para o edifício do lado e, depois, para o seguinte e escapulir-se da merda da rede que Duke criou sem pôr um pé no chão.

Desaparecer no tubo e sair pelo outro lado.

O problema é que está a ficar sem ar.

Ardem-lhe os músculos das pernas e dos braços.

Envelhecer é uma merda, pensa.

Mas pior é o contrário.

Para, respira fundo duas vezes e continua a subir.

Neal vê-o a sair pela conduta de ar.

Liga a Duke.

— Está no terraço.

— O quê?! De certeza que é ele?

— Se não é ele, é mesmo muito parecido — declara Neal, enquanto vê que Maddux se baixa e tenta recuperar o fôlego.

— Bom, tem de descer daí — diz Duke.

Certo, pensa Neal. Mas o que é que Maddux quer? Sabe que têm o edifício rodeado. Espera conseguir descer pela escada de incêndios e escapulir-se?

Bom… Pelos vistos, não, porque se endireita, se levanta e corre para Neal, disposto a saltar do telhado.

Terry caiu de uma prancha de surfe muitas vezes e de uma altura muito maior que dois andares. Contudo, pelo menos, agora, não tem uma onda por cima dele, prestes a desabar. A única coisa que tem de fazer é saltar um metro e pouco e aterrar no terraço do lado.

Sustem a respiração, flete as pernas e voa mais uma vez.

Sente-se livre no ar.

Viver ou morrer, merda!

Sente-se lindamente, como nos velhos tempos.

Peahi, Teahupoo, Tombstones… Enfrentou-as todas.

Ao aterrar, rebola e, quando se levanta, vê um tipo a três metros dele, com casaco de couro preto e um boné dos Yankees, a observá-lo fixamente.

Neal nunca teve jeito para lutar.

Mesmo nos seus tempos de detetive, quando ganhava a vida a fazer estas coisas, era conhecido por ser tão mau a lutar e pelo seu total desinteresse em aprender. Sempre foi partidário da teoria segundo a qual, se não conseguir sair de um apuro à base de lábia, é muito provável que não possa fazer nada e da filosofia de combate que o seu mentor lhe ensinou, esse gnomo maneta que era Joe Graham: «Assim que puderes, agarra num objeto contundente e atira-o ao teu adversário.»

Infelizmente, não tem nenhum objeto contundente à mão (exceto um, talvez, que daria para fazer uma piada obscena).

— Está comigo no terraço — diz, ao telefone.

— O quê?

— O que queres? Legendas?

— Afasta-te dele, Neal — avisa Duke. — Deixa que faça o que vai fazer.

— Vai fugir, Duke.

— Deixa que fuja.

Duke sente uma pressão no peito.

Morde o cigarro com força. Parte-se e cai no chão do carro.

Não quer que outro amigo saia maltratado e, agora, Neal está no terraço com um drogado descerebrado e quem sabe o que pode acontecer? Abre a porta do carro, marca o número de Dave e diz:

— O Maddux está no terraço do edifício do lado. Sobe pela escada de incêndios.

— Entendido.

Duke sai do carro com esforço.

Subiria pela escada de incêndios, mas sabe que os joelhos não aguentariam.

A única coisa que pode fazer é esperar e confiar que Neal não faça uma tolice.

— Ninguém tem de sair ferido — diz Neal, esticando os braços para a frente.

— Tu tens, se não saíres da frente — replica Terry.

— Não posso.

— Porquê?

É uma boa pergunta, pensa Neal, para a qual não tem uma resposta lógica. A resposta racional seria que pode fazê-lo, é claro que sim: Poderia fazer um gesto, convidando-o a passar, como um empregado de mesa a quem acabaram de dar uma gorjeta de cem dólares, e deixá-lo fazer o que quiser.

Tem sessenta e três anos, pensa.

Ainda que, por outro lado…

A racionalidade tem os seus limites. Também deve ter em consideração que, como diria Boswell…

— Tenho um pouco de pressa — diz Terry. — Vais sair da frente ou tenho de te dar uma sova?

— Acho que vais ter de me dar uma sova.

Neal baixa a cabeça e carrega contra ele. Dá-lhe uma cabeçada na barriga e Maddux, apanhado de surpresa, cai de costas.

Está tão surpreendido como Neal, que tenta apoiar todo o seu peso (por muito insuficiente que

seja) no peito de Maddux com o fim de impedir que se levante. Não tenta ganhar a luta, só quer ganhar tempo até a cavalaria chegar.

Viu alguns *rodeos* com Karen. A ideia é manter-se em cima do touro durante oito segundos e, depois, aparecem outros cobóis para o salvar.

Contudo, Maddux não está para isso. Consegue libertar um braço, bate na cabeça de Neal, prende-lhe o tornozelo com o pé, impulsiona-se para cima e vira-se bruscamente, prendendo-o por baixo do seu corpo. Enquanto o segura com o braço esquerdo, dá-lhe dois murros na cara e, depois, levanta-se como se se erguesse em cima da prancha.

Neal vê que segue para a beira do terraço. E por motivos que não consegue explicar, levanta-se e corre atrás dele.

Duke levanta o olhar e vê Terry Maddux a passar a voar por cima dele.

Um instante depois, vê Carey a passar.

E pensa: «O que vou dizer à Karen?»

Neal magoa-se ao aterrar, mas, pelo menos, aterrou no terraço e não no beco, dois andares mais abaixo. Porque, enfim, o que teria dito a Karen?

Maddux está ali, agachado. Ao vê-lo, pergunta:

— Merda, a sério?

Pelos vistos, sim, pensa Neal. Aproxima-se dele, disposto a receber outra sova, mas, desta vez, Maddux vira-se e corre para a escada de incêndios. Neal dá dois passos, precipita-se para ele, agarra-o pela perna das calças com a mão direita e não o larga.

Maddux arrasta-se e dá pontapés como uma mula a tentar soltar-se.

Ouve-se o telemóvel de Neal.

Oh, vá lá, Duke…

Maddux dá-lhe um pontapé que o faz soltar a perna e lhe acerta na cara. Neal estica o braço esquerdo e agarra-o pela outra perna quando Maddux chega ao topo da escada de incêndios e se vira para começar a descer.

Torce-lhe o tornozelo.

— Merda, que puta de merda!

Agarra-se ao corrimão, obriga Neal a soltá-lo aos pontapés e desce pela escada.

Duke está furioso.

— Onde está?

De pé no terraço, Dave olha à volta.

— Não os vejo.

Duke senta-se como quando lhes deram o diagnóstico de Marie.

Assustado.

Terry desce a coxear por Reed Avenue, para a praia.

Dói-lhe o tornozelo, fez uma entorse, de certeza. Quase não consegue apoiá-lo.

Ao atravessar Mission, vira a cabeça e vê que esse louco vai atrás dele, a falar ao telemóvel, o cabrão.

Neal limpa o sangue da cara com o pulso enquanto fala ao telemóvel.

— Dirige-se para o oeste por Reed, está a atravessar Mission… Estou a menos de dez metros

dele…

— Deixa que se vá embora — diz Duke.

— E uma merda — queixa-se Neal e continua a atravessar Mission atrás de Maddux.

Não se apercebera de que está a começar a chover.

A calçada reluz, prateada, à luz dos candeeiros.

Ao chegar ao outro lado de Mission, Maddux para e vira-se.

— Eu não queria chegar a isto — diz, enquanto põe a mão no casaco. — Não queria, mas obrigaste-me.

Aponta a pistola para Neal.

E puxa o gatilho.

Neal vê uma chama de um vermelho vivo a sair do canhão.

Sente-se como se lhe batessem no peito e, um instante depois, está deitado de barriga para cima na calçada, a olhar para o candeeiro enquanto a chuva lhe bate na cara.

Está frio.

Terry avança aos tropeções pela areia, mas, coxo e tudo, é bom estar outra vez na praia, junto do mar…

É onde deve estar.

Sabe para onde vai, o que tem de fazer.

Toca a campainha.

— Um segundo! — grita Boone do sofá.

Levanta-se devagar — doem-lhe as costelas ao mexer-se — e aproxima-se da porta.

Certamente, será Dave, Tide ou até Duke que veio dizer-lhe que apanharam Maddux.

Abre a porta.

É Terry.

Dave chega primeiro, por sorte, porque é nadador salvador e sabe de primeiros socorros.

Ajoelha-se junto de Carey e, ao ver o orifício de entrada da bala do casaco, vira-o suavemente para ver se há orifício de saída; não há. Procura os sinais vitais na carótida. São fracos, estão a apagar-se e Carey está inconsciente.

Então, chega Tide e liga para as urgências.

Dave tenta reanimar Carey.

Terry senta-se na poltrona e aponta a pistola para Boone.

— Preciso de um último favor.

— Não vou levar-te ao México — avisa Boone.

— Não to pedi.

— O que queres, então?

Terry tem muito mau aspeto. Está encharcado, coxeia e treme-lhe a mão, talvez de frio ou porque está drogado, Boone não tem a certeza.

— Acabei de matar uma pessoa — diz.

Boone treme, assustado. Quem matou? Dave? Tide? Duke?

— Quem? Quem mataste?

— Não sei. Um tipo. Com o cabelo grisalho. E pera. Era fã dos Yankees. O que importa?

Parece Carey, pensa Boone, e envergonha-se ao sentir alívio.

— Como cheguei a isto? — pergunta Terry, em voz alta. — Só queria enfrentar as ondas maiores, sabes? Era a única coisa que queria. Como acabei por matar uma pessoa?

Boone ouve o barulho de uma sirene em Mission.

— Antes, era o teu ídolo, lembras-te? — pergunta Terry.

— Sim.

— Mas já não.

— Não.

— Não. Agora, gostaria de estar na tua pele. Porque olha para mim. Sou um drogado, quase não consigo andar, estou sem dinheiro e apanhado. Estão atrás de mim, Boone. Desta onda, não vou sair e vou passar o resto da minha vida patética na prisão.

— Queres que me compadeça de ti, Terry? — pergunta Boone. — Porque não posso. Quantas pessoas magoaste?

— O que quero — responde Maddux —, é que me emprestes uma das tuas pranchas, pela última vez.

— Tencionas remar até ao México, Terry?

— Não. Só quero remar mar adentro.

— Meu Deus, Terry.

— Não vais meter-te numa confusão. Tinha uma pistola, obriguei-te a dar-me a prancha. Faz isto por mim, Daniels.

— Mataste uma pessoa — acusa Boone. — Um bom homem, um homem inocente. Deveriam julgar-te, condenar-te.

— O bom do Boone Daniels, sempre tão nobre — troça Terry. — Já me julguei na praia e declarei-me culpado. Agora, quero executar a sentença. Dá-me a prancha ou rebento-te a cara com um tiro. Tens uma *longboard*? Há muito fluxo.

— Uma Balty de nove por três.

— Essa serve.

— É a minha prancha favorita.

— Voltará para a praia.

Boone aproxima-se da parede do fundo a coxear, abre o fecho da capa e tira a prancha.

— Aqui tens.

Terry levanta-se.

— Obrigado.

— Ouve, Terry… Se descobrir que alguém que se parece contigo anda a surfar por Todos Santos ou por onde quer que seja… Vou matar-te com as minhas próprias mãos.

— Seria o mais justo, suponho — concede Terry. — Não terás alguma coisa para beber à mão, pois não? Uísque ou *bourbon* ou algo que me aqueça o corpo?

— Não sei. Procura no armário por cima do lava-loiça. Talvez haja alguma coisa.

Terry encontra uma garrafa de *Crown Royal* que alguém deve ter deixado lá numa festa. Serve-se de três dedos de uísque num copo e bebe-os com um gole.

— Meu Deus, que maravilha.

Pousa o copo, aproxima-se da prancha, encaixa-a por baixo do braço e indica a Boone com um gesto que lhe abra a porta. Depois, sai para o cais, apoia a prancha no corrimão, olha para o oceano e diz:

— Era bom, não era? Nos meus tempos, digo. Era o melhor, não era?

Boone não responde.

— Sim, está bem, entendo — concede Terry. — Estás zangado comigo. Não faz mal.

Inclina a prancha por cima do corrimão e Boone vê-a a cair à água e a sair à tona.

É uma prancha linda, adora-a.

Terry passa por cima do corrimão, vira-se, faz-lhe o *shaka* — o cumprimento surfista — e diz, com um sorriso:

— Vou surfar, colega.

Depois, salta, nada até à prancha e põe-se em cima dela.

Boone vê-o a afastar-se a remar por cima das ondas, para além das luzes do cais, para o escuro.

Um homem que corria com o cão encontra o cadáver de Terry na praia de Windansea quatro dias depois.

Ninguém volta a ver a prancha de Boone.

Karen Carey não é uma enfermeira solícita ou bondosa.

O facto de o seu quarto ser no andar de cima da casa também não contribui para melhorar o seu humor, porque tem de subir e descer com as refeições, as bebidas, os livros, os artigos e tudo o que o idiota do marido desejar (esse pirralho sem conhecimento que se recusa a qualificar de «encantadoramente infantil») durante a sua convalescença depois de lhe darem um tiro no peito.

Ou depois de «fazer com que lhe dessem um tiro no peito», como ela prefere expressá-lo.

Neal reconheceu que a reação da esposa era «totalmente justificada», o que deu lugar a um longo debate durante o jogo de póquer das quintas-feiras, que se mudou da sala de jantar para o seu «leito de morte», como Karen o chama.

— Acho que não precisas de acrescentar a palavra «totalmente» — argumentou Lou. — Uma coisa é justificada ou não é, sem necessidade de modificador.

— Não achas que há graus de justificação? — perguntou Duke.

— Não, é uma noção absoluta. Podem ponderar-se os prós e os contras da justificação, mas, uma vez tomada uma decisão, ou é justificada ou não é, mais nada.

— Bom, eu não usei «totalmente» como modificador — indicou Neal —, mas como potenciador para realçar o acertado da sua justificação.

— Ou seja, como modificador — replicou Lou, cingindo-se ao seu argumento retórico para que não se esgotasse a diversão.

— Dá as cartas de uma vez! — ordenou Karen.

Agora, senta-se na cama, junto de Neal, com menos cuidado do que antes porque o marido já está melhor.

Embora talvez algum dia sirva como história para contar num coquetel, continua sem achar graça que tenha sido um livro que possivelmente salvou a vida do marido, o professor de literatura: Aquele exemplar puído das aventuras de Roderick Random que Neal tinha no bolso do casaco e que travou a bala que, de outro modo, o teria matado.

— Bom — diz —, tiveste o suficiente ou, com isto da crise da maturidade, vais fazer asa delta, artes marciais mistas ou comprar uma *Harley*?

— Podia arranjar uma amante — brinca ele.

Karen ri-se.

— Sim, sim — troça.

Neal é fiel como um golden retriever.

— A verdade é que foi divertido — acrescenta ele, um pouco envergonhado.

— Não estarás a pensar em voltar às andanças.

— Nãooooo, nem pensar. — Neal pousa o livro e vira-se para a abraçar.

— A sério? — pergunta Karen.

— Sim. A não ser que prefiras que peça um catálogo de *Harleys*.

Lá fora, está a pôr-se o sol.

Mas ainda não se pôs, pensa Neal.

Boone dá a volta ao peixe na churrasqueira e observa o espetáculo da luz por cima do oceano.

Vermelhos, cor de laranjas, amarelos e o céu minguante, de um tom de azul que não consegue nomear, mas que adora.

Parou de chover por um dia ou dois e, no entanto, o oceano agita-se, turbulento, por baixo do cais.

Amanhã, ao despontar o dia, sairá para surfar com a Patrulha sem a sua prancha favorita. Terry Maddux tirou-lha, juntamente com o seu último rescaldo de veneração e um pedaço da sua alma. Essas coisas não voltarão. A maré não vai devolver-lhas, nem a alvorada.

Põe o peixe no pão de trigo e passa-o a Dave.

É um ritual que celebram com frequência: Boone cozinha para os amigos no terraço de casa enquanto veem o sol a pôr-se.

Estão Dave e Tide, Johnny Banzai e Hang Twelve.

Sunny Day, não. Está por aí, de *tournée* pelo circuito profissional.

Boone sente a falta dela, tal como todos.

Mas voltará.

Boone prepara o jantar para os amigos e para si próprio e, depois, agarra no último pedaço de peixe, põe-no no pão e atira-o pelo corrimão, para o mar.

— Achas que tem fome? — pergunta Dave.

— Como todos, não é? — inquire Boone.

Sentam-se a comer e a ver o sol a pôr-se.

Duke Kasmajian está sentado no terraço, a observar o oceano enquanto mordisca um cigarro sem o acender.

Já está, acabou.

A não ser que o governo volte atrás — coisa improvável —, o seu negócio deixou de existir.

Pegou no dinheiro que salvou da fiança de Maddux e dividiu-o entre os empregados. Distribuiu, além disso, bónus em dinheiro. Não vai durar eternamente, mas vai mantê-los à tona até encontrarem outra coisa.

Adriana tem uma pensão e diz que vai reformar-se.

Duke duvida que dure muito tempo reformada.

Esta tarde, o pôr do sol é magnífico. O uísque tem um cheiro especialmente quente e fumado e a música — o esplêndido saxofone tenor de Harold Land a tocar *Time After Time* com o grupo de Curtis Counce — é especialmente bela.

Só sente a falta de Marie, mais nada.

Ninguém que não perca a companheira amada saberá o que significa a dor da perda no coração.

Duke começa a sentir frio e levanta-se — os seus joelhos protestam por causa do esforço —, agarra no copo de vinho de Marie e esvazia-o lentamente no matagal de baixo.

É o ocaso.

[5] High Tide, «Maré Alta»; Love God, «Deus do Amor»; Sunny Day, «Dia de Sol». (N. da T.)

PARAÍSO

Um interlúdio nas aventuras de Ben, Chon e O

• • •

Havai, 2008

Que se lixem todos.

• • •

É o que O pensa, deitada na praia da baía de Hanalei.

«Que se lixem, estou de férias.»

De férias de quê, é outra questão, porque quando não está de férias O não se dedica a

nada.

Tem vinte e três anos, não trabalha, não tem estudos e vive da pensão que a mãe (a Rainha do Universo Passiva-Agressiva ou Rupa, para abreviar, que vive no condado de South Orange e, portanto, é rica) lhe dá e da sua parte dos lucros do negócio de produção de cannabis hidropónica premium que criou com Ben e Chon, os dois amigos e amantes de sempre.

(«Chon» chama-se John, na verdade, mas, aos cinco anos, O chamava-lhe Chon e assim ficou.)

O (diminutivo de Ophelia: Sim, a mãe deu-lhe o nome de uma rapariga que morria afogada) é pequenina: Um metro e sessenta e cinco quando está descalça, como agora na praia; cabelo loiro cortado à Peter Pan (Ben e Chon seriam os Meninos Perdidos e ela recusa-se a fazer o papel de mamã Wendy, que seca) e pouco peito, apesar das tentativas da mãe de «lhe oferecer» uns implantes de silicone. Agora, está a pensar em fazer uma tatuagem, uma bem grande na omoplata, talvez um golfinho.

«Nem todos vão gostar», pensa. «Mas isso não importa. Só eu é que tenho de gostar.»

Que se lixem os outros.

• • •

Ir a Hanalei de férias foi ideia de Ben, que queria fazer negócios lá.

Tirou a ideia de Peter, Paul and Mary (os pais eram hippies) e explicou-a a O quando estavam em Laguna.

— Peter, Paul and Mary — repetiu, ao ver a sua cara de estupor.

— Os pais do Jesus Cristo — disse O.

— Sim, claro, isso mesmo — troçou Ben, que não se surpreendeu por O pensar que Jesus Cristo tivera vários pais. — Peter, Paul and Mary eram um grupo folk dos anos sessenta.

Chon começou a resmungar: Age sempre como John Belushi no papel de Bluto quando falam de música folk (*A República dos Cucos*. Para quem não viu… Enfim, não sei o que dizer.)

Ben foi ao computador e pôs uma canção.

— Ouvíamos isto quando interrogávamos talibãs — comentou Chon, cantando algumas frases de *Puff the Magic Dragon*. Foi militar e passou várias temporadas no Afeganistão e no Iraque e voltou para casa ferido e dispensado do serviço. — À quinta frase, confessavam tudo.

— Cala-te — disse O, perdida na canção, e começou a chorar quando Jackie Paper morreu. — Nunca mais foi brincar na rua das cerejeiras?

— Receio que não — respondeu Ben.

— Porque o Jackie não voltou?

— Isso.

— Mas o pequeno Jackie Paper amava o safado do Puff — acrescentou O. — E comprava-lhe cordas, lacre e outras quinquilharias.

— Os vivos invejarão os mortos — comentou Chon. — Pode saber-se porque estamos a ouvir esta merda?

— A canção está codificada — indicou Ben. — Na verdade, é sobre marijuana.

— Mas como? — perguntou Chon.

— Puff, o dragão mágico — repetiu Ben, com intenção. Fez uma pausa para dar efeito às suas palavras e acrescentou: — Puff, a inalação mágica.

Pôs outra vez a canção.

— Ou seja, uma canção dos sessenta que fala de drogas — concluiu Chon. — O que tem de particular?

— Parece-me interessante — disse Ben. — Agora, cultivamos toda a nossa produção em estufas. É caro e estou preocupado com o impacto ecológico do consumo de água e eletricidade.

— E?

— «Um país chamado Honahlee» — repetiu Ben. — Informei-me. Em Hanalei, no Havai, caem setecentos e pouco centímetros cúbicos de chuva por ano. A temperatura média é de entre vinte e cinco e vinte e oito graus centígrados. Há entre seis e oito horas de luz solar por dia e o índice de radiação ultravioleta é de entre sete a doze. O chão é rico em ferro.

— Sativa — disse Cho.

— Exatamente — confirmou Ben. — Além disso, agora, não vendemos muito no Havai. Podíamos matar dois coelhos de uma cajadada só. Procurar um sócio para assuntos de marketing e comprar terras para criar uma plantação. Assim, quando legalizarem a marijuana, coisa que farão, estaremos numa boa situação.

— Três coelhos — corrigiu O.

— Qual é o terceiro? — perguntou Ben.

— Férias — esclareceu ela.

• • •

Parado à beira de uma falésia, no extremo norte da baía, com a prancha de surfe na mão, Chon observa o melhor surfista que alguma vez viu.

Ele, que sempre se considerou bastante bom com a prancha, percebe agora que não é.

Comparado com este rapaz.

As ondas outonais da quebra de Lone Pine são grandes e maciças e este homem enfrenta-as como um Miguel Ângelo drogado. Faz um *cutback*, vira na crista da onda, levantando-se no ar, e volta a descer, deslizando a parte de trás da prancha pela crista. Depois, faz um super-homem, saltando para o ar e agarrando a prancha com as duas mãos e, para acabar, faz uma reentrada.

— Meu Deus! — exclama Chon.

— Quase, — replica um homem que se aproximou dele, um havaiano grande e de pele morena, com o cabelo preto apanhado num coque. — Esse é o Kit.

— Quem?

— Kit Karsen — responde o outro, como se fosse evidente. — K2.

Como a montanha, pensa Chon.

O nome é perfeito.

Daquela distância, é difícil de calcular, mas Karsen parece medir perto de um metro e noventa e cinco, tem os ombros largos, a cintura estreita, o corpo musculado devido às muitas horas que passou no mar e o cabelo comprido e descolorido pelo sol. Seria Tarzan — pensa Chon —, se Tarzan fosse mais jovem, mais bonito e nadasse melhor.

E, além disso, parece um adolescente.

Ou seja, pensa Chon, ainda não deu tudo o que pode dar como surfista.

Meu Deus!

— Imagino que seja local.

— Aqui, somos todos locais, menos tu — indica o outro. — Não devias estar aqui.

— Só estou a ver.

Até onde consegue ver, a maioria dos surfistas que espera no alinhamento parece nativa do Havai. Talvez Karsen seja o único *haole*. Chon vê Karsen a remar para outra onda, a descer pela parede, a virar e a voltar a subir.

— Não fiques a ver durante muito tempo, amigo — avisa o tipo, enquanto levanta a prancha e se aproxima da beira rochosa. — Este não é bom lugar para um *malihini*.

— O que é um *malihini*? — pergunta Chon.

— Um forasteiro.

O tipo atira a prancha pelo escarpado e, depois, salta atrás dela.

Por um instante, Chon pensa que se suicidou, mas, depois, vê-o a sair à tona, a agarrar na prancha e a afastar-se a remar.

Decide voltar noutra ocasião.

E, é claro, saltar dessa falésia.

• • •

Kauai é uma ilha pequena e Hanalei é uma povoação.

Duas horas depois de se encontrar com o *haole* na falésia, Gabe Akuna já sabe que se chama

Chon e que arrendou uma casa em Hanalei com dois amigos californianos: Um tal Ben e uma tal «O» (seja lá que merda de nome for). Liga aos seus colegas em Los Angeles e descobre que Chon, Ben e O são traficantes de marijuana dos grandes.

E que vendem marijuana a Tim Karsen.

Tim trafica marijuana em Kauai há anos e a Companhia permitiu-o porque é um local e Kauai é na periferia, porque a quantidade de mercadoria que trafica é pouca e porque é o pai de K2.

Mas as coisas estão a mudar.

A Companhia decidiu recuperar — da melhor ou da pior maneira — o controlo de todo o tráfico de droga nas ilhas; em todas as ilhas e de todas as drogas: Marijuana, cristal, coca e cavalo.

Não podem permitir que haja fugas, há demasiado dinheiro em jogo.

Tim tem de se render ou deixar o negócio, mesmo que seja o pai de K2.

E agora, ainda por cima, aparecem estes *haoles*.

É um problema.

O que procuram? Vender mais marijuana a Tim? Ou ampliar a rede de distribuição, aumentando o volume de produto?

Isso seria uma merda.

Contudo, o pior seria se estivessem a pensar em montar uma plantação aqui.

Isso não pode acontecer.

A Companhia também está a comprar terrenos e há uma razão para chamarem a Kauai «a ilha jardim». A cana-de-açúcar, o ananás, o arroz e o inhame eram os principais cultivos, mas a marijuana está prestes a despejá-los. E mesmo que não a legalizem, a Companhia estará bem situada para colher os frutos dessa colheita.

Não uns *malihinis* do continente.

Californianos, pensa Gabe, com desdém.

Que se lixem todos.

A Companhia não quer merdas com californianos.

• • •

Antes, o crime organizado no Havai era monopólio dos asiáticos.

Primeiro, das tríades chinesas e, logo depois, da *yakuza* japonesa.

Nos anos sessenta, no entanto, Wilford Pulawa, um havaiano nativo, decidiu que chegara o momento de os habitantes tomarem o controlo e recrutou um grupo de jovens com esse propósito.

O jogo, a prostituição, os sindicatos, os setores típicos da máfia… A Companhia apoderou-se de tudo.

Pulawa foi encarcerado em 73, os seus sucessores lutaram entre si e, no princípio da década dos noventa, a Companhia perdera grande parte do seu poder. Agora, há quem diga que está nas últimas e outros pensam, pelo contrário, que está a voltar a emergir graças à epidemia do cristal.

E, depois, há o facto de, há uns anos, a máfia do continente ter enviado alguns sicários de Las Vegas para entrarem no terreno da Companhia. Conta-se que a Companhia os mandou de volta a Las Vegas por mensageiro, em pedacinhos, com um bilhete que dizia: «Delicioso. Mandem mais.»

• • •

Quando volta à casa, Chon está cheio de vontade de contar a Ben que acabou de ver o futuro do surfe, mas o amigo tem a mente fixa noutras coisas.

— Temos negócios para tratar — diz.

— Acho que vou à praia — declara O.

Quer seja por paternalismo, por machismo ou porque se preocupam com a sua segurança (ou pelas três coisas ao mesmo tempo), os «rapazes» raramente lhe contam os pormenores do negócio.

O põe uma colher de *poké* numa fatia grossa de carne em conserva da marca *Spam* e leva-a à boca.

Não é nada mau.

Decide chamar-lhe «pokespam».

Os rapazes entram no *Jeep* que alugaram e saem de Hanalei pelo norte, pela autoestrada de Kuhio, a estrada de duas faixas que ladeia a costa. Chon está ao volante. Deixam para trás o sítio onde viu K2 a fazer a sua magia, passam por Lumahai Beach e continuam até Wainiha, onde seguem uma estrada de terra que avança para o interior entre um bosque tropical espesso. Passados uns duzentos metros, o caminho desemboca numa clareira.

À esquerda, há uma edificação que só pode descrever-se como velha. De um só andar, espalha-se pelo bosque como uma fila de vagões de comboio, como se cada nova secção fosse uma reflexão tardia. No lado direito da clareira há outro edifício que parece uma oficina e, à frente dele, vários suportes de pranchas de surfe. A porta aberta deixa ver mais pranchas no interior. À esquerda da oficina, há um barco e uma mota aquática, junto de uma fila de painéis solares.

Ao fundo da clareira, há uma figueira de bengala enorme e, na árvore, uma casa em construção.

Não é uma casinha como a que uma criança construiria, mas uma casa a sério, com vários níveis, construída primorosamente, com tábuas bem polidas e lixadas.

Pelo caminho, há algumas galinhas.

A paragem está isolada, só se vê a vegetação densa e uma palmeira solitária que se ergue sobre um pequeno pedaço de relva bem cuidada.

Um homem sai da casa.

Ronda os cinquenta e cinco anos e tem o cabelo comprido, preto e abundante, sulcado por algumas madeixas de cabelos brancos e puxado para trás. Por cima da sobrancelha direita tem uma pequena cicatriz em forma de «Z». Usa uma camisa havaiana floreada, umas bermudas e umas sandálias. Uns óculos de sol envolventes completam o traje.

— *Aloha*! — exclama, com um sorriso amplo, ao mesmo tempo que levanta os óculos.

Chon e Ben saem do *Jeep*. O tipo estende-lhes a mão.

— Sou o Tim.

— Eu sou o Ben. Este é o Chon.

— Fico contente por vos conhecer pessoalmente.

Até agora, só tinham falado por telefone de satélite ou através de mensagens de correio eletrónico encriptadas.

Tim Karsen é o seu distribuidor em Kauai.

Entraram em contacto da forma habitual, através de amigos de amigos, mas esta é a primeira vez que se encontram cara a cara.

— Adoro a casa da árvore — comenta Ben.

Tim sorri.

— É do meu filho. Está a construí-la para viver nela.

— É fantástico.

— Entrem — convida Tim.

Atravessam a porta da casa, que dá diretamente para a cozinha. O interior — espaçoso, limpo e arrumado — surpreende pelo seu contraste com a desarrumação de fora. O chão é de tábuas de madeira polida e as paredes, também de madeira, estão cobertas de quadros de estilo havaiano.

Uma mulher está a mexer uma salada junto da bancada.

— Esta é a Elizabeth — apresenta Tim.

É muito bonita.

Magra, de cabelo comprido e avermelhado e olhos de um castanho profundo, usa camisa e calças de ganga.

E que voz, pensa Chon. Grave, suave e puro sexo, mesmo quando diz algo tão prosaico como:

— Fiz salada para o almoço. Espero que gostem.

«Até gostaria de merda de cão servida numa telha se tu ma servisses», pensa Chon.

Sentam-se à mesa da sala de jantar, em que há um jarro de chá com gelo e outro de sumo de goiaba, mas Tim sai da cozinha com três garrafas de cerveja bem geladas.

— *IPA Captain Cook* — diz. — Cerveja local.

— Ser local é muito importante por aqui, não é? — pergunta Chon.

Tim assente.

— Estamos há doze anos na ilha e ainda nos consideram *malihini*.

— A verdade é que, aqui, as pessoas são muito amáveis — replica Elizabeth —, desde que respeitemos a cultura local.

— Ou seja, desde que não sejamos imbecis — conclui Tim.

— Ámen! — exclama Chon.

Fazem um brinde com as garrafas. Mas o curioso do caso é que…

Chon acha que o homem lhe parece familiar.

Sabe que nunca se viram, mas mesmo assim…

Conhece-o de algum lado.

E não se chamava Tim.

• • •

Tim leva-os por um caminho estreito, quase uma vereda aberta no bosque.

Começou a chover suavemente e, enquanto entram no bosque, a terra vermelha transforma-se em lama vermelha que se cola aos sapatos.

Um riacho corre à sua direita.

Passados dez minutos, chegam a uma clareira de um pouco menos do que um hectare, coberta de erva e rodeada de vegetação densa.

— Este é o sítio em que pensei — indica Tim.

— Está à venda? — pergunta Ben.

— Já o comprei, portanto, podíamos arranjá-lo.

— Compraste-o legalmente? — quer saber Ben.

— Não sou tolo, só o pareço — responde Tim. — Fiz a compra através de cinco empresas de fachada. É impossível rastreá-las.

— O lugar é perfeito — comenta Ben, enquanto olha em redor. — Muito escondido. Mas teríamos de analisar o chão.

— Claro — concede Tim. — Mas cresce de tudo aqui. Poderia plantar um *Chrysler* e nasceriam «Chryslercinhos». O verdadeiro problema é manter a vegetação afastada.

— Tem potencial — concede Ben. — Poderíamos limpar mais terreno se fosse preciso?

— Comprei seis hectares.

— Consegues mão de obra?

Tim assente com um gesto.

— De confiança? — insiste Chon.

— São *ohana* — responde Tim.

— O que é isso?

— Família — esclarece Tim, como se isso resolvesse a questão.

Voltam para a casa, andando à chuva.

Quando chegam, Chon vê que Kit Karsen está a pôr a prancha num suporte da oficina.

O rapaz vira a cabeça e sorri ao ver o pai.

— Olá, pai!

• • •

O pai de Chon é um verdadeiro filho da mãe.

Foi um dos fundadores da Associação, a maior rede de narcotráfico da história da Califórnia, e não esteve muito presente na infância de Chon. Quando esteve, não foi precisamente para bem.

Uma vez, por exemplo, os seus sócios raptaram o pequeno Chon e retiveram-no como refém até o pai lhes pagar o que lhes devia.

Foi uma das poucas vezes que Chon se sentiu valorizado.

Chon sempre soube que o pai estava envolvido no negócio das drogas. Ben e O, pelo contrário, descobriram recentemente que eles também são narcotraficantes de segunda geração e não uns pioneiros dentro das suas respetivas famílias, como achavam.

Ah, que bela e que ignorante é a arrogância da juventude! E como a ignorância é arrogante! Achar que eram os primeiros!

Mas a mãe de O e os pais de Ben — que são psicoterapeutas — eram apenas grandes investidores da Associação — membros da direção, para o dizer de algum modo —, e o pai biológico de O não era o que ela pensava, mas Doc Halliday, que morreu recentemente e que fez do condado de Orange o epicentro do tráfico de marijuana, de haxixe e de cocaína nos Estados Unidos.

O que demonstra novamente que:

A. Desconhecemos as nossas origens.
B. Não há nada de novo por baixo do sol.
C. As drogas existem sempre.
D. Tudo o que foi dito anteriormente.

Agora, Chon e o seu velho têm uma relação baseada numa premissa em que ambos estão de acordo: Quanto menos se virem, melhor.

Salta à vista, pelo contrário, que Kit adora Tim.

E que Tim adora o filho.

Chon percebe pela forma como se abraçam, como se não se vissem há anos em vez de há poucas horas.

Isso deixa-o um pouco triste.

— Apresento-te o Ben e o Chon — apresenta Tim. — Este é o Kit, o nosso filho.

— *Aloha* — diz o rapaz, cumprimentando-os com uma inclinação de cabeça.

— O Ben e o Chon são da Califórnia — acrescenta o pai. — De Laguna Beach.

— Adoraria ir lá alguma vez.

— Quando quiseres — responde Ben. — Já tens sítio onde ficar.

— Tem cuidado, não vá realmente aparecer — troça Kit.

Elizabeth sai e sorri para o filho.

— A Malia ligou da vila. Já chegou a tua bomba de água.

— Ótimo — diz Kit.

São uma família, pensa Chon.

É a primeira vez que vê uma família a sério.

Mas quem são estas pessoas?

Quem são realmente?

• • •

Gabe está muito chateado porque os *haoles* foram encontrar-se com Tim Karsen e ele mostrou-lhes as terras que comprou.

Como a coisa não tem bom aspeto, decide fazer uma chamada.

• • •

Red Eddie tem o cabelo mais alaranjado do que vermelho e, na verdade, chama-se Julius, mas ninguém vai chamar Orange Julius ao chefe da Companhia.

Estudou em Harvard e na Wharton Business School e é um empresário de origem havaiana, japonesa, chinesa, inglesa e portuguesa com escritórios em Honolulu, North Shore e San Diego. Agora, está em Honolulu e não está a achar piada ao que Gabe lhe conta ao telefone.

Três *haoles* californianos vão montar uma plantação em Kauai?

Nem pensar.

— Digam-lhes para se irem embora! — ordena.

— E se não quiserem? — pergunta Gabe.

— Estás a falar a sério?

Eddie desliga e pega num paracetamol.

Gerir a Companhia é uma dor de cabeça, às vezes.

• • •

Ben adora a casa da árvore.

É o tipo de coisa de que gosta, é do seu estilo, por assim dizer: Tudo o que for verde, alternativo, hippie e eco… É disso que gosta.

(Os genes, já se sabe.)

— O Kit e eu estamos a construí-la — explica Tim —, para que o Kit viva nela.

Ben pede para a ver.

— Se quiseres, posso mostrar-te os planos — oferece-se o rapaz, contente. Entram na oficina e Kit desdobra os planos em cima da mesa. — Quero viver o mais perto que possa da natureza.

— Mais perto do que numa árvore, é impossível — responde Ben.

São iguais, pensa Chon.

Os planos mostram uma edificação de três níveis ligados por escadarias e passarelas. O nível inferior é a cozinha, cujas paredes serão persianas que podem abrir-se e fechar-se e que terá um fogão a lenha e um lava-loiça antigo, abastecido com água do riacho através de uma bomba.

Uma passarela com corrimão de madeira de coqueiro sobe até ao segundo nível: Uma sala de estar com chão de tábuas de *koa*, paredes de tamarindo e janelas grandes com vista para a selva. Mais algumas passarelas e uma escadaria levam ao terceiro nível: Um quarto também com chão de tábuas, paredes de madeira de mangueira e telhado de palha com claraboia. A casa de banho contígua (em suíte, brinca Kit) terá uma sanita de descarga por gravidade e um duche abastecido por um saco de lona impermeabilizado pendurado num ramo alto para apanhar a chuva.

Kit orgulha-se do facto de toda a madeira ser da ilha, de árvores que caíram ou que tiveram de destruir por motivos de segurança. Tiveram de esperar anos, literalmente, para conseguir certas peças, mas preferem fazer as coisas bem. Compraram a madeira em bruto e cortaram-na, aplanaram-na e lixaram-na sozinhos, amorosamente. Também estão a fazer os armários, de madeira de *kamani*, as estantes e uma mesa grande para a cozinha, de madeira de pau-ferro.

— Vai funcionar tudo com energia solar — acrescenta Kit.

— Recebem luz suficiente? — pergunta Ben.

— Suficiente para usar baterias de armazenamento — explica Kit. — E quando não houver energia suficiente, temos candeeiros de querosene. Além disso, não preciso de muita voltagem.

Não tem televisão, por exemplo.

— Gosto de ler — explica Kit.

Também não precisa de muita luz elétrica.

— Deito-me cedo — acrescenta —, e levanto-me quando amanhece.

Kit leva Ben a ver a casa.

O primeiro nível está quase acabado. Já puseram o chão e instalaram o fogão. As persianas pesadas de bambu estão penduradas e enroladas, por enquanto.

Sobem pela passarela para o nível seguinte, uma sala de três metros e meio por quatro, com chão de soalho polido e paredes de uma madeira avermelhada bonita, com janelas grandes. Duas das paredes estão acabadas; das outras duas, só fizeram o bastidor. Na parede norte, há uma janela de vidro chumbado com uma imagem de uma havaiana a entrar no mar com a sua prancha de surfe.

— Fizeste-o? — pergunta Ben.

— Não, foi a Malia, a minha namorada — informa Kit.

— Isto é alucinante, Kit.

Tem a sensação de estar num apartamento, não numa casa numa árvore e, no entanto, as folhas tocam nas janelas e ouve-se o barulho dos pássaros por todo o lado.

Foi tudo feito com tanto mimo, com tanto amor…

Sobem para o que será, em algum momento, o quarto e param na armação, porque ainda não fizeram o chão.

— Sei que o meu pai e tu fazem negócios — diz Kit. — E também sei do que se trata.

— E parece-te bem? — pergunta Ben.

— Protejo muito os meus pais, sabes?

— Entendo e respeito.

— E tenho as minhas dúvidas éticas — acrescenta Kit.

— Também o respeito.

— Desde que seja apenas marijuana, não me parece mal. Mas se fosse coca, cristal ou heroína…

— Não, nem pensar — diz Ben. — Estamos de acordo.

Apertam a mão e, embora o rapaz nem sequer tente fazer força, Ben sente que lhe espreme os dedos.

Não seria boa ideia tornar-se inimigo dele.

• • •

— Eu conheço esse homem — diz Chon, enquanto voltam para casa.

— O Tim? — pergunta Ben. — Não pode ser. Há doze anos que não sai da ilha e tu nunca tinhas estado aqui.

— Sim, mas conheço-o.

— Já começas com a tua paranoia.

Chon não se importa de reconhecer que é um pouco paranoico (quando nos mandam várias vezes em missão para o Iraque e para o Afeganistão como membro das forças especiais, não há outra opção: É uma questão de sobrevivência), mas não acha que se trate disso desta vez.

Porque, agora, recorda de onde conhece Tim e porque a sua cara lhe é tão familiar.

É por causa da cicatriz em forma de «Z».

Era um antigo sócio do pai. Chon não o via há… Há doze anos, no mínimo, mas a questão é que é a cara chapada de Bobby Zacharias.

O mítico Bobby Z, um surfista lendário, dos melhores da Costa Oeste. Chon recorda como o admirava quando era um pirralho. E Z era, além disso, um dos maiores traficantes de marijuana da Califórnia.

Depois, desapareceu.

Há quase doze anos.

Desapareceu da face da Terra.

E aparentemente — pensa Chon — foi parar ao paraíso.

E voltou a entrar no negócio da droga.

Tudo encaixa.

Chon recorda mais uma coisa a respeito de Bobby Z.

Era um filho da mãe.

— As pessoas mudam — diz Ben, quando Chon lhe conta a história.

— Não, nem pensar — nega Chon.

• • •

O rejeita a ideia (o comentário, a acusação ou a recriminação) de ser uma hedonista.

— Não sou uma hedonista — disse a Ben e Chon, um dia. — Sou uma shedonista[6].

Que é diferente.

• • •

Adora Kauai.

A baía de Hanalei é o lugar mais bonito que alguma vez viu. À sua esquerda, erguem-se umas montanhas de um verde-esmeralda. À direita, prolonga-se a praia dourada, até um cais velho junto de um rio que desce das colinas. O oceano (o Pacífico, para o caso de alguém ter problemas com a geografia) é de um azul cerúleo (O gosta dessa palavra: Cerúleo) e o panorama está rodeado por completo de palmeiras e povoado por mulheres e homens bonitos.

Os homens havaianos são de uma beleza alucinante e as mulheres também, pensa O, que é bissexual por inclinação e por natureza. E é ela a dizê-lo, uma pessoa muito habituada à beleza, visto que cresceu (o pouco que cresceu) em Laguna Beach, a cidade mais bonita da Califórnia (o que não quer dizer pouco), entre pessoas bonitas.

Contudo, Hanalei é outra coisa.

A paisagem, as pessoas, a comida …

Se se acrescentar o facto de Rupa — a mãe — estar em Laguna, a vários milhares de quilómetros de distância e com metade de um oceano pelo meio, Kauai bem poderia ser o paraíso.

Chove quase todos os dias um bocadinho, mas O não se importa. De facto, gosta de andar no meio desses aguaceiros efémeros e de desfrutar logo depois do calor do sol.

Gosta da casa que arrendaram, ao lado da praia, atravessando um pequeno parque. É um bangaló lindo, de dois andares, com uma sala de estar enorme, com ventoinhas no teto e um alpendre (ou *lanai*, como dizem aqui) que rodeia toda a casa.

Adora comer fruta fresca (papaia, goiaba e manga) e beber café *Kona* bem forte ao pequeno-almoço e gosta de ir a pé até à vila, a escassos quarteirões da casa, para comer um prato de mistura de arroz branco e salada de macarrão com frango fiado ou Spam (falar-se-á disto mais adiante).

Normalmente, vão jantar peixe em algum dos restaurantes ótimos que há por ali, ainda que, nas últimas duas noites, Ben e Chon tenham cozinhado em casa.

Ambos sabem cozinhar.

Ela, não.

Ela sabe fazer:

Uma tigela de cereais *Cheerios*.

Uma tigela de cereais *Froot Loops*.

Uma sandes de queijo.

Lasanha (pré-cozinhada, no micro-ondas).

E frango panado (idem, idem).

Contudo, gosta muito de comer. Quando a mãe comentou uma vez que Ophelia comia «como um passarinho», Chon respondeu que esse «passarinho» devia ser um abutre. É capaz de comer como uma égua prenhe, mas ninguém sabe onde põe a comida: As calorias desaparecem do seu corpo como o dinheiro do orçamento de um filme de Hollywood. Contudo, a mãe queixa-se com frequência de que O tem entre dois a cinco quilos a mais nas ancas e nas coxas, uma gordura imaginária que eliminou do seu corpo através do congelamento das células adiposas.

— Reforçando a sua imagem de Dama de Gelo — observou O.

Rupa tem uma atitude muito do estilo da Caracolinhos de Ouro em relação aos hábitos

alimentares da filha: Ou come em excesso ou come muito pouco, ou está demasiado magra ou demasiado gorda, mas nunca «bem», outra razão por que O se alegra por ter posto meio oceano entre ambas.

Devido aos pratos combinados, O afeiçoou-se ao Spam.

— O que é o Spam? — perguntou a Ben, um dia.

— Ninguém sabe.

— Nem os que o fabricam?

— Eles, menos do que ninguém.

Na verdade, não se importa com o que é o Spam, desde que possa comê-lo. Adora-o. E o que dizer do *poké*… Esses pedacinhos de peixe cru com sala de soja, óleo de sésamo e malaguetas…

Resumindo, adora Kauai.

Apaixona-se por essa cultura criada pela mixórdia de tradições havaianas, japonesas, chinesas, portuguesas e anglo-saxónias.

A comida, o clima, as pessoas… É tudo quente e agradável.

Exatamente o que passou a vida a procurar.

• • •

Anda calmamente pela praia até ao cais, que antes era de madeira e, agora, é de cimento, mede um pouco mais de cem metros de comprimento e tem uma zona coberta no extremo.

Há um senhor idoso a pescar ali.

É bonito, pensa O. Cabelo e barba brancos, pele muito morena, um boné velho de basebol puxado por cima dos olhos mais bondosos e doces que alguma vez viu.

Sente vergonha de se aproximar dele, mas, ao vê-la, o homem comenta:

— Isto é lindo, não é?

— É, sim.

— O meu nome é Pete — acrescenta ele, estendendo a mão.

— Eu sou a O.

— Diminutivo de…?

— Ophelia.

Pete sorri.

— O é melhor.

— Sim — concorda ela. — Pescas todos os dias aqui?

— Não. Às vezes, pesco de noite. Depende de como estiverem os peixes. Queres experimentar?

— Não sei nada sobre pesca.

— Posso ensinar-te — oferece-se Pete.

O está habituada a homens muito mais velhos do que ela — padrastos dela, alguns — a quererem ensinar-lhe alguma coisa, ainda que não seja precisamente a pescar.

Isto parece diferente, no entanto, e assente com um gesto.

Pete passa-lhe a cana e o carretel e põe-se atrás dela para a ensinar a lançar a linha. E não se trata de algo perturbador ou sinistro, pensa O. Não é um truque de velho pervertido, só um homem mais velho, muito amável, que quer ensiná-la a pescar.

É bonito.

• • •

O fala com Pete sobre a sua infância.

Sobre a mãe que, das duas, uma: Ou estava ausente ou a incomodava com a sua preocupação obsessiva. Sobre os seus múltiplos padrastos, sobre como cresceu a pensar que o pai era quem não era…

— Deve ter sido difícil — comenta Pete, enquanto põe o isco no anzol.

— Foi, sim.

— Ainda que, por outro lado — acrescenta ele, erguendo-se e olhando para ela —, não tenhas sido pobre, pois não? Tinhas um teto e comida na mesa. Tinhas imensos privilégios. O que fazias com eles?

Boa pergunta, pensa O.

Bela pergunta de merda e muito incómoda.

«Nada», pensa, enquanto volta para casa. «Não fiz absolutamente nada com os meus privilégios.»

Recusa-se a admitir, no entanto, que é uma niilista.

— De facto, sou a Cleópatra — disse a Chon, da primeira vez que a acusou de o ser.

— Isso não tem pés nem cabeça.

— Claro que tem — insistiu ela. — Sou a Rainha dos Niilistas.

• • •

Quando Chon e Ben voltam para casa, O está à espera deles.

— Vou juntar-me à Madre Teresa — anuncia.

— A Madre Teresa está morta — indica Chon.

— Ah… — O fica a pensar por um instante. — Está bem, quem não está morto?

— As pessoas com quem vamos jantar esta noite — responde Ben. — Queremos que nos dês a tua opinião sobre elas.

— A minha opinião?

— Consegues ler as pessoas — afirma Chon.

«Então, sou útil?», pensa O.

• • •

Encontram-se num restaurante chamado Postcards.

Tim Karsen — Bobby Zacharias ou como quer que seja que se chama — está muito bonito com a sua camisa *Henley* branca solta por cima de umas calças de ganga limpas.

Elizabeth está simplesmente espetacular — pensa O — com uma blusa preta simples e umas calças de ganga pretas muito justas.

E Malia…

Malia é puro Havai, conclui O.

Alta e esbelta, cabelo preto comprido, brilhante como uma noite estrelada, pele acastanhada, olhos castanhos, amendoados e grandes e uma voz tão suave e aveludada como o entardecer.

Inteligente, divertida.

E, além disso, comporta-se com Kit como se ele não fosse o rapaz mais belo que O alguma

vez viu.

«Nunca mais tenciono sair daqui», pensa O.

Nunca.

• • •

Chegaram a Hanalei quando ele tinha cerca de seis anos, explica-lhes Kit, enquanto jantam.

Ao princípio, custou-lhe a habituar-se. Não suportava ser o único *haole* da escola. As crianças nativas batiam-lhe quase diariamente, não queriam brincar com ele e faziam-lhe brincadeiras.

— E o que se passou para que as coisas mudassem? — pergunta O, inclinada por cima da mesa, atenta a cada uma das suas palavras.

— Comecei a surfar — responde Kit.

Um dia, foi à praia e os miúdos da sua escola estavam a surfar. A maioria partilhava uma prancha, por turnos, mas alguns tinham a sua própria. Ao princípio, ignoraram-no, disseram-lhe para se ir embora, mas ele ficou e continuou ali, na praia, até, finalmente, um miúdo mais velho, Gabe, se aproximar com a sua prancha e lhe perguntar se queria experimentar. Ensinou-o a deitar-se em cima da prancha, a remar e a levantar-se. Depois, entrou com ele no mar e ajudou-o a apanhar as ondas que quebravam na praia.

À terceira tentativa, levantou-se.

E viciou-se para sempre no surfe.

Depois, começou a ir à praia todos os dias.

Melhorou e os rapazes havaianos, que o viram, começaram a deixá-lo em paz. Já não gozavam com ele, por um lado, porque viam que sabia surfar e, por outro, porque Gabe ameaçava dar-lhes uma sova.

Gabe começou a ir a sua casa. Às vezes, trazia outros rapazes, mas ia quase sempre sozinho.

Com insistência, Kit pediu aos pais que lhe comprassem uma prancha.

Começou a ajudar Tim que, nessa altura, ganhava a vida como podia, fazendo trabalhos de manutenção e alvenaria. Limpava, fazia trabalhos variados… O que fosse preciso para juntar dinheiro para a prancha. Demorou um ano, mas, numa manhã de Natal, levantou-se e ali estava a sua prancha: Uma Hobie *single fin* de sete pés e seis polegadas de longitude, em segunda mão, mas linda.

— Ainda a tenho — conclui, esboçando um sorriso para os pais.

Transformou-se num fenómeno, num desses meninos-prodígio que aparecem na *Surfer*, que aparecem em vídeos e que são patrocinados pela *Billabong*, mas nunca participava em competições ou torneios.

— Para mim, o surfe não é isso — diz. — Nunca o vi como uma competição ou como um negócio. É apenas uma coisa que adoro fazer e não quero estragá-lo.

Mesmo assim, tornou-se famoso.

Vinham editores de revistas, fotógrafos e fãs de todo o mundo para o ver surfar, mas Kit não se deixava enganar. Ia a Maui para enfrentar as ondas grandes de Jaws ou ao Taiti e, depois, voltava para Kauai.

— Esta é a minha casa — declara. — Não quero ir para outro sítio. Estou bem aqui.

Amava a ilha e a ilha amava-o. Já não era um forasteiro, um *haole*, mas um local, um *ohana*, um irmão.

Começou a sair com uma rapariga havaiana, Malia, a única namorada que teve.

E ficou em Hanalei, a trabalhar como carpinteiro ou a ajudar o pai. De vez em quando, faz um

vídeo ou recebe honorários de empresas de surfe por usar a sua roupa ou as suas pranchas, posa para algum anúncio ou patrocina um fato de neopreno, uma prancha ou uns óculos de sol.

Tinha quinze anos quando apareceu na capa da *Surfer*, mas ele não é um surfista, é um miúdo que gosta do mar: Nadador, mergulhador, nadador salvador e tão ágil com uma mota aquática, uma canoa ou um barco como com uma prancha de surfe.

Kit Karsen é a pessoa mais feliz do mundo.

— Chegaste aqui quando tinha seis anos — diz Chon. — Onde viviam antes?

«Na Califórnia», responde Elizabeth.

«Vivíamos na Califórnia.»

• • •

Ben e Tim saem do restaurante.

— Bom, vamos fazer isto? — pergunta Tim.

— Não sei.

— Que dúvidas tens?

— Não posso fazer negócios com alguém que não é sincero comigo — indica Ben.

— Como não estou a ser sincero?

— Bom, para começar, não me disseste quem és, Bobby.

— Achas que sou o Bobby Z — conclui Tim.

— E não é verdade? — pergunta Ben.

— Não. Quer dizer, fui, durante algum tempo.

— Mas como? Deixa-te de jogos e fala com clareza de uma vez.

— O meu verdadeiro nome é Tim Kearney — admite Tim.

E, depois, conta-lhe uma história.

• • •

O sempre se regeu pela máxima que afirma que «a ignorância é felicidade».

Isto transforma-a, na sua opinião, numa das pessoas mais obstinadamente felizes do planeta.

Claro, ignora a procedência dessa frase.

O contrário seria um contrassenso.

(Thomas Gray, *Ode on a Distant Prospect of Eton College*, para o caso de alguém querer saber.)

— Conheces o meu amigo Pete? — pergunta, sentada à mesa, enquanto saboreia um gelado de manga.

— O Pete do isco? — pergunta Kit. — Claro.

— Todos conhecem o Pete — acrescenta Malia.

— Contem-me alguma coisa sobre ele — pede O.

Elizabeth encolhe os ombros.

— Chegou aqui há quase um ano. E ficou. Sobretudo, gosta de pescar, vende isco aos turistas… Acontece muito. As pessoas vêm de visita, apaixonam-se pela ilha e já não se vão embora.

Não é de estranhar nada, pensa O.

• • •

Tim Kearney — diz Tim, falando na terceira pessoa, como se se referisse a outro e não a si próprio — era um pobre diabo, um delinquente médio cuja maior destreza consistia em deixar-se apanhar pela polícia. Nem sequer a temporada que passou nos *marines* mudou a sua sorte e passou diretamente do Kuwait para a prisão.

O que o salvou foi a sua semelhança física notável com um conhecido traficante de marijuana, um tal Bobby Zacharias.

Um cartel mexicano tinha raptado um agente da DEA e queria trocá-lo pelo Bobby Z. O problema era que este tinha morrido com um enfarte no duche ou, pelo menos, foi o que a DEA contou a Tim.

Fizeram-lhe a cicatriz característica de «Z» e levaram-no para a fronteira para a troca.

E foi lá que tudo correu mal.

Pelos vistos, o que o cartel queria não era salvar Bobby Z, mas matá-lo. A troca era, na verdade, uma emboscada. Tim conseguiu fugir, apesar de tudo, e acabou num esconderijo no deserto, onde conheceu Elizabeth, que estava a cuidar do filho de Z que, na altura, era um pirralho.

— Kit — conclui Ben.

Tim assente e sorri.

— O melhor que alguma vez me aconteceu. Os mexicanos queriam matar o Z por ter engravidado a mãe do Kit. Fugi, levei o Kit e a Elizabeth comigo e acabámos aqui. E continuamos aqui doze anos depois, felizes.

— E os mexicanos deixaram de procurar o Bobby Z?

— Já nenhum deles é vivo.

— O Kit sabe que não és o seu verdadeiro pai?

— Sabe que sou o seu verdadeiro pai — declara Tim. — E que o Bobby Z foi o doador de esperma.

— Ama-te imenso — diz Ben.

— E eu também o amo. Bom e agora?

— Tenho de falar com o Chon e com a O.

• • •

Fala com eles no caminho de regresso a casa.

— O que achaste deles? — pergunta a O.

— Não sei com qual deles me apetece mais ir para a cama — responde ela. — O Tim é como um urso de peluche muito bonito, a Elizabeth é a mulher mais sensual que já vi, a Malia é linda e o Kit… O Kit é como um deus grego.

Ben conta-lhes a história de Tim.

— Acreditas? — pergunta Chon.

— Porque haveria de inventar uma coisa dessas? — quer saber Ben.

— Então, o verdadeiro Bobby Z está morto — conclui Chon.

Ben encolhe os ombros.

— As lendas também morrem. Bom, o que pensam?

— Penso que devíamos seguir em frente — diz O. — Que devíamos fazer negócio com eles e ficar a viver aqui para sempre.

— Não podes ir para a cama com nenhum deles — replica Ben.

— E a Madre Teresa está morta — sussurra O.

— Então, vamos fazê-lo? — pergunta Ben.

— Sim, vamos fazê-lo — confirma Chon.

Está tudo em ordem.

• • •

Chon está à beira do precipício…

(Não, não é simbólico. Está parado à beira da maldita falésia, está bem? De que outra forma haveria de saltar? Ora essa.)

Atira a prancha.

E, depois, salta atrás dela.

Não é que seja o melhor surfista do mundo. Não é Kit Karsen Zacharias Kearney, mas foi Navy SEAL (sim, sei que isto se transformou num cliché, assim como chamar a tudo um cliché, mas foi realmente Navy SEAL), de modo que sabe lidar com os escarpados e a água.

Chegou cedo, quando ainda estava a amanhecer, para não estorvar os locais, e está sozinho quando se afunda no redemoinho da corrente, luta para subir para a superfície, agarra na prancha e prende o cabo ao tornozelo. Depois, nada para a quebra. O mar não está tão agitado como ontem, mas continua a haver ondas grandes, as ondas típicas do Havai, e Chon tem de remar com todas as suas forças para apanhar uma.

Mas quando a apanha é…

Impressionante. (Um adjetivo de que se abusa — Chon sente-se consciente disso —, tão desgastado que já quase não significa nada, mas se algo pode inspirar verdadeiro espanto é uma onda grande da costa norte de Kauai. Se isso não o impressionar, não tem coração nem alma.)

Chon não tenta fazer truques: Nem virar no topo da onda, nem deslizar com a parte de trás da prancha pela sua crista. Só tenta manter-se de pé enquanto a onda desliza, veloz e agitada e, antes de o empurrar contra as rochas, retira-se.

Consegue apanhar quatro, é o melhor que consegue fazer, e volta a remar para a praia, do outro lado do cabo rochoso. É então que começa a confusão.

De facto, estão à espera dele.

• • •

Pete baixa-se, rebusca na sua caixa de iscos e tira uma coisa embrulhada em papel de alumínio.

— Alguma vez provaste isto? — pergunta a O, enquanto abre o pacote.

— O que é?

— Um *bagel* de cebola com ovo frito. Dá-lhe uma trinca. Se nunca provaste, não sabes o que estás a perder.

O prova.

Efetivamente, não sabia o que estava a perder.

• • •

São seis e estão à espera que saia.

Como no *Resgate do Soldado Ryan*, mas numa praia de Kauai.

O chefe, que se aproxima de Chon quando sai da água, é o havaiano com quem falou há alguns dias. Usa bermudas pretas, *t-shirt* branca com a frase DEFEND HAWAII em preto e um boné de basebol preto com o número 808 — o prefixo do Havai — em branco.

Os outros cinco — e cinco *mokes* gigantescos — vêm atrás.

— Olá! — cumprimenta Chon.

— Vives aqui? — pergunta o chefe. — Porque, se não vives aqui, não surfas aqui. Os *haoles* que vêm do continente pensam que são os donos de tudo, mas esta praia é nossa.

— Entendido — diz Chon. — Já me vou embora.

Tenta passar junto do havaiano, mas o tipo bloqueia-lhe o caminho.

— Sabes quem somos?

— Não.

— Somos os Palala. Sabes o que significa isso?

— Não.

— Que somos da Irmandade — diz. — Somos irmãos. Eu sou o Gabe Akuna.

Chon imagina que quer dizer alguma coisa com isso, mas não consegue conter um sorriso brincalhão.

— Está bem.

— Achas graça? — pergunta Gabe. — Vamos tirar-te o sorriso da cara, imbecil.

— Não procuro problemas. — Chon tenta passar ao seu lado outra vez.

— Mas encontraste-os — replica Gabe, ao bloquear-lhe o caminho outra vez.

Dizem que o que alguém ignora não pode magoá-lo.

(A ignorância, já se sabe, é felicidade.)

Mas enganam-se.

(Independentemente do que O diz.)

Gabe ignora, por exemplo, que Chon tem uma veia violenta inata.

Ignora que é um lutador bem treinado.

Ignora que se serviu do seu treino para magoar e matar numerosas pessoas.

Ignora que, de facto, gosta de lutar.

Ignora que Chon não costuma deixar-se avassalar.

Ignora que Chon tem mau feitio.

E que está prestes a perder a paciência.

O que ignora, pode magoá-lo.

E muito.

— Estás à minha frente — avisa Chon.

— Afasta-me — desafia Gabe.

— Isto é entre nós os dois? — pergunta Chon. — Ou entre mim e todos os teus colegas?

Agora, é Gabe que sorri, brincalhão.

— Chamas o lobo e aparece a alcateia.

Chon assente com a cabeça e, antes de Gabe ter tempo para se mexer ou pestanejar, agarra-o pela *t-shirt*, levanta-o e atira-o contra os dois tipos que tem atrás. Depois, vira-se e dá três murros na cara do quarto *moke*. Outro aproxima-se por trás, rodeia-o com os braços e levanta-o do chão. Chon prende a perna esquerda na do seu agressor e dá-lhe um golpe forte com o pé nos testículos.

O tipo solta-o.

Outro dos seus colegas precipita-se contra ele com a intenção de o derrubar. Chon afunda os pés na areia, enfia os polegares nos olhos do tipo, deita-lhe a cabeça para trás e fá-lo cair com murros.

Vira-se a tempo de ver que outro tipo se precipita para ele. Afasta-se e dá-lhe um pontapé no sexo. Vira-se novamente e dá-lhe um golpe com o braço na cana do nariz.

Dois dos Palala estão de joelhos na areia, com a mão no sexo. Outros dois estão inconscientes, caídos no chão. E outro, de barriga para cima, tapa o nariz partido com a mão.

«Chamas a alcateia e aparece o lobo (solitário).»

Razão pela qual Gabe se aproxima da sua carrinha e volta com uma pistola.

• • •

O nunca teve um pai a sério.

Teve um, é claro (a imaculada conceção era impossível de conseguir, até mesmo para Rupa, ainda que, sem dúvida, tenha tentado com todas as suas forças), mas O não chegou a conhecê-lo. Nem sequer sabia quem era até recentemente.

Conheceu sete padrastos, mas, depois dos dois primeiros, não se incomodou em decorar os seus nomes e decidiu pôr-lhes um número.

Depois do número Três, ofereceu um *Hitachi Wand* à mãe.

— O que é isto? Um tipo de vibrador? — perguntou Rupa.

Sim, pensou O, e um *Ferrari* é um tipo de carro.

— Que este seja o número Quatro, peço-te, por favor — pediu. — Não vai trazer um monte de merdas para casa, não vai estabelecer um monte de regras novas nem vai tentar ser o meu pai. E, o melhor de tudo, quando acabares com ele, só tens de o desligar. Sem advogados, julgamentos ou partilha de bens.

Rupa não aceitou o presente nem o conselho.

Casou-se com Quatro, que era um vibrador de carne e osso, um imbecil renascido — do Indiana, para mais detalhes — com quem tencionava abrir um negócio de joalharia cristã. Na opinião de O, deviam ter aberto um negócio de joias de segunda mão que se chamasse «Joias do Renascer», mas pelos vistos, nem o negócio nem Quatro funcionaram e Rupa voltou para o condado de Orange, onde os seus cirurgiões plásticos estão mais à mão.

A questão é que O nunca teve uma figura paterna; Pete é a primeira.

Pete ensina-a a pescar.

Ouve-a.

Convida-a para comer um *bagel* de cebola com ovo frito.

E apaixona-se por ele profundamente, como uma filha.

• • •

Chon está furioso e, ao ver Gabe com a pistola na mão, só pensa: «Anda cá, filho da mãe. Aproxima-te para que possa tirar-te a arma da mão, enfiar-ta na boca e fazer-te engolir o que sair dela.»

Mas Gabe não é assim tão tolo.

Mantém a distância.

Aponta para o peito.

Chon faz um raciocínio: As pessoas acham que é fácil dar um tiro a alguém à queima-roupa, mas não é verdade: É muito mais difícil do que parece. Até os polícias treinados costumam falhar o primeiro tiro.

É o que Chon calcula enquanto se aproxima de Gabe a pouco e pouco.

As variáveis seguintes da equação são o tempo e a distância: Chon tenta calcular se consegue precipitar-se para Gabe antes de disparar pela segunda vez.

Porque o segundo tiro costuma acertar.

Uma coisa está clara: Não pode ficar ali parado à espera que Gabe dispare.

Está prestes a precipitar-se contra ele quando ouve:

• • •

— *Pau ana*!

Kit grita em havaiano: «Quieto!»

Gabe fica parado.

Baixa a pistola e vira-se para olhar para Kit, que está de pé à beira da praia.

— *He aha ana la*? — pergunta Kit.

«O que se passa?»

— Este *haole* faltou-nos ao respeito — explica Gabe. — Entrou na nossa praia. Temos de lhe dar um castigo.

Kit dá uma olhadela à cena, vê que alguns dos Palala estão a tentar levantar-se e que outros continuam inconscientes.

— Não sei quem deu um castigo a quem. Tinham de ser seis? Para este resultado? E, ainda por cima, uma pistola, Gabe, merda. É assim que somos agora? Isto é *pono*?

Chon percebe que falou no plural.

— Vou pôr fim a isto agora mesmo — declara Gabe.

— Não, nem pensar — contradiz Kit. — Está comigo.

— Mas, o que dizes, irmão?!

Chon vê o que acontece: Gabe está muito irritado, mas não vai contrariar Kit.

É Kit Karsen que manda aqui.

— *Pau* — diz Kit.

«Acabou-se.»

Chon pega na prancha, passa junto de Gabe.

Entram na carrinha de Kit e ficam calados por um instante enquanto voltam a Hanalei. Depois, Kit diz:

— Sim, talvez seja melhor não voltares a surfar lá.

• • •

— Quem são esses homens? — pergunta Ben.

Tim e ele estão sentados no *lanai* da sua casa. Chon está apoiado contra o corrimão.

— Os Palala, um gangue daqui — informa Tim. — Começaram por ser surfistas que defendiam o seu território e acabaram por se transformar noutra coisa.

— No quê? — pergunta Ben.

— Aparentemente, traficam droga.

Ben encolhe os ombros como se dissesse «E então? Nós também.»

— Não só marijuana — acrescenta Tim. — Também cristal, coca e heroína.

— O cristal está a causar muitos estragos nas ilhas — diz Malia, ao sair para o alpendre com Kit.

— São teus amigos? — pergunta Ben a Kit.

— Cresci com eles. Íamos juntos à escola, surfávamos juntos. E também os ajudava a patrulhar as praias, sim. Para impedir que os *haoles* deitassem tudo a perder.

— Não és um *haole*? — insiste Ben.

— Por nascimento, sim — confirma Kit. — Mas, de espírito, sou havaiano. E esses homens são meus irmãos, meus *ohana*. Confiar-lhes-ia a minha vida ali — acrescenta, apontando para o oceano. — Se ficasse preso na zona de impacto, quem viria salvar-me? Tu, Ben? Algum turista? Ou um promotor imobiliário? Não, o Gabe iria. Salvou-me algumas vezes, de facto.

— E é por isso que te parece que têm o direito de vender cristal aos teus outros irmãos e irmãs? — pergunta Malia.

— Enganaram-se na direção — indica ele. — Vou levá-los outra vez pelo bom caminho.

Tim está preocupado.

Para levar alguém pelo bom caminho, primeiro, tem de se entrar no mau. E, às vezes, as pessoas extraviam-se.

E, além disso, descobriu que Gabe está envolvido com a Companhia.

• • •

O come outro *bagel* com ovo com deleite.

— O que te dizia? — pergunta Pete.

— Estou viciada — responde ela. — Obcecada.

Pete baixa-se, põe a mão na sua caixa de iscos e tira um isco novo.

— Estive a pensar — diz O.

— Sim?

— Nunca tive oportunidade de amadurecer — acrescenta ela.

— Ou tiveste e não a aproveitaste — indica Pete, enquanto prende o isco com cuidado ao anzol.

«Vai à merda, Pete», pensa O, mas para por um instante, limpa uma migalha dos lábios e diz:

— Tens razão. Acho que nunca quis amadurecer.

— E a que achas que se deve?

— Suponho que quisesse que alguém me educasse. E, como ninguém o fez, zanguei-me e recusei-me a educar-me sozinha.

— És uma jovenzinha muito inteligente, O — elogia Pete.

— E o que fiz com toda a minha inteligência? — pergunta ela. — Esbanjei a minha vida.

Pete fica calado durante um bom bocado, a olhar para o oceano. Depois, diz:

— Eu também.

— Não, tu não — contradiz ela. — És uma das melhores pessoas que conheço.

«Agora, sou», pensa Pete.

• • •

«Quase todos os que vão para uma ilha» — pensa Pete, enquanto vê O a afastar-se pelo cais — «vão como refugiados.

Não chegam, são arrastados até aqui com o fluxo, como peixes.

Eu também.

Fugi de uma vida que já não era aceitável, deixei para trás uma pessoa com quem já não conseguia conviver: Eu próprio.

Todos os refugiados precisam, por definição, de um refúgio.

Os mais sortudos encontram um.

Eu tive muita sorte.

Oxalá esta jovem também a tenha.»

• • •

Gabe está irritado.

Irritado porque o *haole* o atirou como um *frisbee* e, agora, sente dores nas costas. Irritado porque os fez parecer um grupo de palhaços. E irritado, sobretudo, porque K2, um *palala* também, ficou do lado do *haole*.

De onde viera isso, queria saber.

• • •

Ben está sentado no *lanai* a ler um livro de Borges.

— Realismo mágico — comenta Chon, com um suspiro desdenhoso.

Ben deixa o livro aberto por cima do colo.

— Sim, passa-se alguma coisa? — pergunta.

— Tens de escolher uma das duas coisas. Não podem ser as duas. Ou é realismo ou é mágico. «Realismo mágico» é um oximoro.

— É um paradoxo — particulariza Ben.

— O realismo mágico não existe — replica Chon. — No mundo real, não há magia.

— Nem realismo no mundo mágico — diz O.

— Isto é o mundo real — responde Chon.

— Como sabes? — pergunta ela.

Apanhou-o.

• • •

Kit está na casa da árvore a pôr tábuas no chão quando ouve o motor de um carro, olha para baixo e vê a carrinha de Gabe a chegar.

— Estou aqui! — grita.

Um minuto depois, Gabe sobe pela escadaria.

— Tenho de falar contigo.

Kit agarra em dois bancos de três pernas e indica que se sente.

— De onde veio o de ontem, irmão? — pergunta Gabe. — Porque ficaste do lado desse *haole*?

— Seis contra um?

— Se chamas o lobo…
— Sim, — responde Kit. — Mas nós não somos assim. Nós não usamos armas.
— Nós não somos assim? Estou a começar a questionar-me quem és.
— O que queres dizer?
— Achava que eras havaiano — diz Gabe. — Um *kanaka*. Um *palala*.
— E sou.
— Então, porque ajudas esses *haoles* a instalar-se aqui?
— É com o meu pai que têm negócios, não comigo.
— Mas estás a protegê-los. E isto tem de acabar.
— Quem diz?
— Vá lá, mano. Vais obrigar-me a dizê-lo?
Kit abana a cabeça.
— Tinha ouvido alguma coisa, mas não queria acreditar.
— O quê?
— Que te envolveste com a Companhia — esclarece Kit.
— A Companhia defende o Havai.
— Então, porque vende veneno aos havaianos?
— Se não vendesse, seriam os *haoles* a fazê-lo — argumenta Gabe. — E é melhor que o dinheiro fique em casa, não é?
— Não — nega Kit. — O melhor é não vender essa merda. Se a Irmandade quiser pegar nas armas para expulsar os traficantes de cristal da ilha, podem contar comigo. A cem por cento. Mas aliar-me com eles? Nem pensar. E tu também não deverias fazê-lo, Gabe.
— Então, temos de deixar que os *haoles* se apoderem de tudo? — pergunta Gabe. — Já nos roubaram as nossas ilhas. Também vamos deixar que invadam as nossas terras como uma praga, as nossas praias, as nossas ondas, as nossas quebras, os nossos negócios? É o que queres?
— Quero que deixem o meu pai em paz.
— Ninguém deseja nenhum mal ao teu pai — afirma Gabe. — Queremos colaborar com ele. Deixaremos que distribua a nossa erva na ilha. Podemos comprar as vossas terras, dar-vos capital ou só vender o vosso produto, se quiseres. Pode associar-se aos irmãos, não aos forasteiros.
— Não vai associar-se a traficantes de cristal.
— Convence-o — insiste Gabe.
— Eu estou de acordo com ele.
Gabe levanta-se, acaba a cerveja e deixa a garrafa no chão.
— Tens de decidir de que lado estás. Tens de decidir se és *haole* ou havaiano. Portanto, o que vais fazer, K?
— Vou continuar a construir a minha casa e a surfar — declara Kit. — E tu, Gabe? O que vais fazer?
O amigo não responde.
Kit vê-o a descer pela escadaria e a entrar na carrinha.
«Eu já sei quem sou», pensa Kit.

• • •

«Sou filho do meu pai.
Não do tal “Bobby Z”, o tipo que abandonou a minha mãe e a mim, mas de quem me salvou de tudo isso, de quem arriscou a sua vida para me ter ao seu lado e me trouxe para aqui.

Para este lugar que amo.

O meu verdadeiro pai é o Tim.

Tal como a Elizabeth é a minha mãe.»

Kit sabe que a mãe biológica era a filha de um chefe do narcotráfico mexicano. Que morreu com uma *overdose* de heroína depois de Z a abandonar. E que o deixou aos cuidados de Elizabeth antes de ir comprar uma das suas últimas doses.

Kit quase não se lembra dela.

Não chegou a conhecer o seu pai biológico.

Tinha seis anos quando Tim apareceu. Era um miúdo que vivia num complexo no deserto, com Elizabeth e um grupo de traficantes de drogas. Tim tirou-o de lá. Teria sido muito mais fácil para ele, muito mais seguro, abandoná-lo sem mais nem menos, como todos tinham feito. Mas não foi isso que Tim fez.

«Foi ele que tomou conta de mim.

Que me fez pegar numa prancha de surfe.

Que nos trouxe para aqui e construiu uma vida para nós.

Que fez tudo o que um pai faz.

Tal como a Elizabeth fez tudo o que uma mãe faz. Aconchegava-me à noite, preparava-me o pequeno-almoço de manhã, abraçava-me quando voltava para casa da escola depois de os havaianos me baterem e mandava-me de volta para a escola para que, no fim, me tornasse amigo deles. Foi ela que me explicou que "mãe" e "pai" são palavras e não bens essenciais.

Sei perfeitamente quem sou.»

• • •

Na manhã seguinte, no alinhamento de Lone Tree, Kit precipita-se para uma onda e está a descer pela parede quando Israel Kalana a atravessa à frente dele e o obriga a desviar-se e a sair.

Na onda seguinte, acontece o mesmo.

Desta vez, com Palestine Kalana, o irmão gémeo de Israel.

Da próxima vez é Kai Alexander que se põe à frente dele com um salto, obrigando-o a retirar-se.

Estão a persegui-lo.

À quarta vez que tem de se retirar, Kit aproxima-se de Gabe a remar.

— Que merda se passa?

— Escolheste — responde Gabe. — Decidiste que não és um dos nossos. Portanto, não és. Não tens de estar aqui.

Kit olha à volta.

Os outros — Israel, Palestine, Kai e os outros: Os seus irmãos — não se atrevem a olhar para ele.

— Ou seja, as coisas são assim — diz Kit.

Gabe encolhe os ombros. As coisas são assim.

Kit afasta-se a remar, vira-se e apanha a segunda onda que vem. Gabe atravessa-se pela direita.

Contudo, desta vez, Kit não se retira. Dirige-se para Gabe. Espera para ver quem se intimida primeiro numa onda de quase cinco metros, com a frente da prancha a apontar para a cabeça de Gabe. Se chocarem a essa velocidade, ambos ficarão feridos.

Gabe retira-se no último segundo.

A prancha de Kit passa muito perto e quase lhe corta o pescoço.

«Se vai haver sangue na água, não será apenas meu», pensa Kit.

Depois de deixar as coisas claras, sai da água e guarda a prancha na carrinha. Há muitas outras praias na costa norte: Tunnels, Kings and Queens, Dump Trucks, Cannons…

Se não o querem aqui, muito bem, ele também não quer.

Mas dói.

E muito.

• • •

O vai para o cais para ver Pete quando um havaiano enorme para à frente dela.

— *Aloha, wahine* — diz. — Tudo bem?

— Bem — responde ela.

— É claro que está bem.

O tenta passar ao lado dele.

— Desculpa.

O havaiano volta a bloquear-lhe o caminho.

— Só tento ser amável — diz. — O que se passa? Não gostas? Se não gostas, talvez devesses ir-te embora. Os teus amigos e tu. Talvez devessem sair da ilha.

— Quem és? O que queres? — pergunta O.

— Isto pode ficar perigoso. Há muito fluxo, muitos tubarões… Podem acontecer muitas coisas a uma rapariga tão bonita como tu.

— Tudo bem, O?

É Pete.

— E o que queres? — pergunta o desconhecido.

— Deixa a rapariga em paz.

O havaiano ri-se.

— E o que vais fazer, velhote? Vá lá, o que vais fazer?

— Disse para a deixares em paz.

Pete tem um olhar que O nunca viu antes e que a assusta.

O havaiano volta a rir-se.

— Calma, homem. Não se passa nada. Está tudo bem. Mas lembra-te do que te disse, *wahine*. *A hui hou*.

Adeus.

Uma promessa e uma ameaça.

• • •

Ben sai do supermercado com um saco em cada mão.

Um havaiano corpulento choca com ele.

— Perdão — desculpa-se Ben.

— Olha para onde vais — queixa-se o tipo.

— Sim — diz Ben. — Lamento muito.

— O que disseste?

— Disse que lamento.

— O que se passa? Incomodo-te? Queres bife, miúdo?

Ben não conhece o jargão da ilha, mas não tem dúvida de que o havaiano não está interessando nos seus gostos culinários, mas a perguntar-lhe se quer problemas.

— Não quero confusões — diz.

— Estive a vigiar-te — declara o tipo. — E sabes o que não entendo?

— Não, o quê?

— Com qual dos dois vais para a cama. Com a putinha loira ou com o outro *mahu*?

Bicha.

— Foi um prazer falar contigo — diz Ben.

— Fora da minha ilha. Os teus amigos e tu.

O dono da loja sai.

— Passa-se alguma coisa?

— Não, nada, homem. Só estava a conversar com este imbecil. — Olha para Ben e acrescenta: — Não será bom para ti se voltarmos a ver-nos, *haole*.

Vira-se e vai-se embora.

— Conhece-o? — pergunta Ben ao dono.

— É um *palala*.

• • •

Abordam Chon com mais cautela.

Já sabem do que é capaz.

Saiu para correr pela autoestrada de Kuhio que, apesar do seu nome, é uma estrada estreita, de apenas duas faixas, que ziguezagueia pela costa e que, em alguns lances, como nas pontes que atravessam riachos, se estreita até ficar com apenas uma faixa.

Está a chover, mas não se importa.

Desfruta da corrida e da frescura da chuva. É uma sorte poder sair para correr por este lugar tão espetacularmente belo.

Os carros ultrapassam-no devagar, tentando dar-lhe todo o espaço possível. Depois, ouve um motor a aproximar-se por trás e a travar. O *Jeep* não passa ao lado dele, mas continua atrás, cada vez mais perto.

Chon continua a correr.

O *Jeep* fica mesmo atrás dele.

Ouve gargalhadas e depois:

— Corre, cabrão! Corre!

Olha para trás e vê quatro *palala* enormes no todo-o-terreno.

Apressa o passo.

Ouvem-se mais gargalhadas.

— Veremos se corres mais do que um *Jeep*!

Não há espaço para se afastar da estrada. À direita, do lado do mar, há uma ravina íngreme. E não pode arriscar-se a atravessar a estrada ou o carro poderia atropelá-lo.

Além disso, está irritado.

É mais teimoso do que uma mula.

Portanto, continua a correr.

E o *Jeep* continua atrás dele: Aproxima-se, retira-se, volta a aproximar-se.

Estão prestes a chegar a uma ponte de uma só faixa. O *Jeep* terá de parar se vierem carros em

sentido contrário e Chon espera que seja assim. Efetivamente, vê uma carrinha branca a vir de frente, pela ponte.

Pode atravessar a correr e deixar a alcateia para trás.

Mas a carrinha atravessa-se na ponte e bloqueia-lhe o caminho.

Saem dois *palala*.

Com tacos de basebol.

O *Jeep* acelera atrás dele e também se atravessa na estrada. Os seus ocupantes saem, armados com tacos de basebol, cassetetes e barras de ferro.

— Eh, bode! Veremos se és tão duro agora!

«Não, sou assim tão duro», pensa Chon, ao vê-los a aproximar-se por ambos os lados.

«Estou lixado.»

Olha para o rio, lá em baixo. Se for pouco profundo, partirá as pernas ou, pior ainda, o pescoço ou a coluna. Mas, se a queda não os partir, serão aqueles tipos a fazê-lo.

Sobe para o parapeito e salta, esperando que o rio seja…

F

U

N

D

O.

• • •

Afunda-se na água, agradecido pela sua sorte, e estica-se para se manter submerso durante o máximo de tempo possível, no caso de os *mokes* terem disparado.

A corrente empurra-o para o mar.

Passado um minuto, tira a cabeça da água para respirar, olha para trás e vê os *mokes* no parapeito da ponte. Apontam para ele e riem-se.

O rio impulsiona-o para as ondas.

«Talvez pensem que vou afogar-me», pensa. «E talvez me afogue, merda.»

Mas a corrente leva-o para além das ondas.

• • •

Ben está preocupado.

— Viste o Chon? — pergunta a O.

«Se esses tipos tentaram alguma coisa, o Chon não vai afastar-se com boas palavras. Se procuravam «bife», ter-lhes-á dado e do bom.»

— Não o encontro e não atende o telemóvel.

— De certeza que está bem — diz O. — É o Chon.

• • •

É um trecho muito comprido para fazer a nado, atravessar a baía de Wainiha e dar a volta ao cabo de Kolokolo, mas Chon desfruta de nadar.

Muito mais, pelo menos, do que se estivessem a partir-lhe as pernas com uma barra de ferro.

Não é a distância que o preocupa — nadou distâncias muito mais compridas quando treinava para ser um SEAL nas águas frias do Silver Strand —, mas os tubarões.

(Embora não devesse ser ele a preocupar-se, mas os tubarões.)

Apanha uma onda junto da praia de Lumahai e deixa-se levar por ela até à areia.

• • •

Tim e Elizabeth estão sentados no *lanai* a beber um copo ao entardecer quando Gabe chega na sua carrinha.

— Tio Tim, tia Liz — diz, ao sair.

— Gabe — cumprimenta Tim. — O Kit não está. Saiu com a prancha.

Gabe já sabe. Não teria vindo se Kit estivesse lá.

Tim também sabe.

— Vim falar contigo — diz Gabe.

— Como posso ajudar?

Gabe aproxima-se do *lanai*, mas não entra. Apoiando-se no corrimão, pergunta:

— Há quanto tempo vivem aqui, tio?

— Uns doze anos.

— A minha família já estava aqui quando os *haoles* chegaram — indica Gabe.

— *Haoles* como nós? — pergunta Elizabeth.

— Antes não pensava assim, mas agora… — murmura Gabe e interrompe-se, deixando a frase no ar.

— Antes, sentavas-te no *lanai* a comer sandes de manteiga de amendoim e banana com o meu filho — indica Elizabeth.

— Este é o nosso lar — acrescenta Tim.

— Então, porque o vendem a estranhos? — pergunta Gabe. — Poderiam fazer negócios com o vosso povo.

— Com a Companhia, queres dizer? — pergunta Tim. — Não, obrigado.

— Não estou a perguntar, tio. — Aponta com o queixo para trás, para várias carrinhas cheias de homens.

— De maneira que as coisas são assim — diz Tim.

— Não têm de ser assim — replica Gabe.

— Receio que tenham.

— Têm de se ir embora — declara Gabe. — Não quero que vos magoem.

— Quem vai magoar-nos, Gabe? — pergunta Elizabeth. — Tu?

Gabe vira-se e volta para a carrinha.

• • •

Kit desce calmamente pela rua principal de Hanalei.

Chon vê-o do *lanai* do Bubba's Burguers, sai para a rua e aproxima-se dele.

— Precisas de ajuda? — pergunta.

— Não.

Kit nem sequer olha para ele. Atravessa a porta do Blue Dolphin e vê Gabe sentado a uma mesa, a beber uma cerveja com os *palala*. Passa ao lado das pessoas, agarra Gabe, levanta-o por cima da sua cabeça como se fosse uma pena, sai do bar e atira-o para a rua. Depois, salta por cima do corrimão, agarra-o pelo peitilho, arrasta-o até ao rio e põe-lhe a cabeça debaixo da água.

Baixa-se e pergunta:

— Ameaçaste os meus pais, Gabe? Ameaçaste o meu pai e a minha mãe?

Tira-lhe a cabeça da água. Gabe respira ansiosamente. Kit volta a pôr-lhe a cabeça na água.

Israel Kalana tenta afastá-lo, mas Kit dá-lhe um empurrão com o braço e Kalana recua, cambaleando.

— Não te metas nisto! — grita Kit.

Kalana e os outros recuam.

Kit continua a segurar Gabe até ver que começam a tremer-lhe as pernas e, então, tira-lhe a cabeça da água, vira-o e puxa-o para se aproximar da sua cara.

— Se voltares a aproximar-te dos meus pais, mato-te. Devasto-te com as minhas próprias mãos. — Solta-o e olha para a alcateia. — E digo-vos o mesmo — acrescenta.

• • •

— Devíamos desistir — diz Ben, quando voltam a reunir-se na casa arrendada. — No fim, alguém acabará ferido. E não sei se este mercado vale a pena.

— Isso não é o que importa — replica Chon. — Se permitirmos que nos expulsem daqui, as pessoas deixarão de nos respeitar em todos os lugares onde vendemos. Ficaremos sem negócio. Temos de lutar.

— Essa é a tua solução para tudo.

— Tal como a tua é fugir.

— O que pensas? — pergunta Ben a O.

— Que não temos de decidir — responde ela. — É coisa do Tim, do Kit e da Elizabeth. São eles que vivem aqui, nós somos turistas.

— Tens razão — concorda Ben.

— Sim, tem razão — concorda Chon.

«Tenho razão?», pensa O.

Ena!

• • •

Encontram-se no Dolphin, o que, só por si, é uma declaração de intenções.

Em poucos minutos, toda a vila sabe que os Karsen não só não vão prescindir da sua aliança com os californianos, como vão esfregá-la na cara de Gabe, jantando juntos no mesmo sítio onde Kit agrediu o chefe dos *palala*.

— Devia ter-vos avisado de que o Gabe tinha acordos com a Companhia — comenta Tim, para começar. — Peço desculpa.

— Bom, o que querem fazer? — pergunta Ben. — Se quiserem desistir, entendemos. Sem

rancores. Ninguém vai reprovar-vos.

Tim Kearney era um eterno perdedor e sabe. Três invasões de domicílio, três condenações, três estadias na prisão. Da última vez que esteve na prisão, preferiu matar um motoqueiro a juntar-se à Irmandade Ariana e teria cumprido a prisão perpétua sem possibilidade de redução de condenação se não fosse porque, casualmente, se parecia com Bobby Z.

Sim, era um desastre até a vida lhe trazer Kit e Elizabeth e foi cuidar deles que o salvou. Depois, foi para Hanalei, trabalhou como jornaleiro, cozinheiro, carpinteiro, traficou um pouco de *pakalolo* e construiu um lar.

Uma vida.

Uma família.

Kit, o seu filho, é uma lenda.

Malia, a futura nora, é uma maravilha.

A vida sorri-lhes.

Por isso, porque haveria de arriscar tudo ao tornar-se inimigo da Companhia?

Tim tem um problema, no entanto, e não lida bem com as ameaças.

Podem perguntar ao motoqueiro que lhe disse que tinha de se juntar à Irmandade Ariana ou se não… Tim escolheu o «se não» e o motoqueiro não pode contar a ninguém porque está morto.

Portanto, quando Ben se oferece para desistir, Tim sente a tentação de dizer que não.

Que não, nem pensar. Não vai permitir que um puto como Gabe lhe diga o que tem de fazer. E menos ainda a Companhia.

Mas olha para a família e pergunta:

— O que pensam?

Kit delega em Malia. Gabe é seu primo e, além disso, ela é a única nativa sentada à mesa.

— Acho — diz ela —, que não deveriam traficar drogas. Nem com a Companhia, é claro, nem com… E, por favor, não levem a mal… Nem com o Ben, o Chon e a O. Com vocês, também não. Não precisamos de ser ricos, precisamos de estar juntos, de ser uma família. E além disso… Íamos esperar para vos dizer, mas… Bom, vamos ter um bebé.

Ah…

• • •

— Têm dezassete anos — diz Elizabeth.

São uns pirralhos, acrescenta para si.

— Sim, não estava previsto — concede o filho. — Foi um descuido da minha parte, mas acho que conseguimos fazê-lo. Sei que conseguimos.

«Eu não tenho assim tanta certeza», pensa Elizabeth. Kit não deixa de ser um miúdo, uma criança, embora seja fisicamente um homem: Tem dezassete anos, mas aparenta vinte e cinco. Por outro lado, nas ilhas, as pessoas costumam ter filhos muito jovens e, além disso, já está feito, não é?

Portanto, Elizabeth abraça Malia e exclama:

— Que alegria!

— Aí tens a tua resposta — diz Tim a Ben.

— Lamento que vos tenhamos feito perder tempo — acrescenta Kit.

— Não, foram umas férias ótimas — declara Ben.

• • •

— Imaginam o físico que esse bebé vai ter? — pergunta O, enquanto voltam para casa a pé.

Ninguém responde.

— Vai ser espetacular — acrescenta.

— Estás bem? — pergunta Ben a Chon.

— Sim, claro.

— Mas preocupas-te com a nossa reputação.

Chon encolhe os ombros.

— Suponho que consigamos suportá-lo.

— E não te importas que não possamos vingar-nos?

— Não temos de nos vingar de tudo — declara Chon.

— Mostra-me a tua documentação — troça Ben. — Quem és e o que fizeste com o Chon?

— Talvez tenha evoluído.

— É por causa do Spam — acrescenta O.

• • •

Gabe tira uma lata de gasolina das traseiras da carrinha.

Os outros membros da alcateia fazem o mesmo e aproximam-se da casa da árvore.

Gabe não queria fazê-lo, mas, depois, descobriu que Kit tinha estado a jantar com os *haoles* no Dolphin, esfregando-lho na cara.

«Obrigaste-me», pensa, enquanto sobe pela escadaria.

«Não me deste escolha.»

Desenrosca a tampa da lata e verte a gasolina pela casa.

• • •

Kit vê as chamas.

Um incêndio no céu.

Ao princípio, não sabe o que está a ver: Não o entende, é como se acendessem uma tocha enorme numa atalaia.

Depois, percebe o que se passa.

— NÃO!

Põe o carro a trabalhar e sobe a toda a velocidade pela estrada. Salta da carrinha quando ainda está a entrar no caminho, agarra numa mangueira da oficina, abre a torneira e corre para a árvore em chamas.

O fogo apoderou-se dos dois níveis superiores da casa.

— Kit, não podes fazer nada! — grita o pai.

Mas Kit não o ouve. Puxa a mangueira e aponta o jorro para a árvore.

Não serve de nada.

Solta a mangueira e começa a subir pela escadaria.

Tim puxa-o.

— Não, filho! Não há nada a fazer!

Kit escapa dele e sobe pela árvore em chamas, até ao primeiro nível. Começa a atirar os móveis para baixo, arranca os eletrodomésticos das paredes, as tábuas do chão, tudo o que

consegue alcançar entre as chamas e arrancar com as mãos.

Tim também sobe.

Ajuda-o a arrancar o lava-loiça e a atirá-lo para baixo.

Embora haja cada vez mais chamas, Kit sobe para o segundo nível.

— Temos de ir! — grita o pai.

— NÃO! — Kit tenta arrancar a vidraça de Malia da parede.

— Vamos!

— Tenho de arrancar isto!

Tim agarra no outro lado e, entre os dois, desprendem a janela.

— Leva isto para baixo! — grita Kit. — Eu vou subir!

— Está bem!

Tim segura a janela por baixo do braço e dá um pontapé nas costas de Kit. O filho cai da plataforma, aterra de gatas e, ao levantar o olhar, vê que o pai desce pela escadaria. Tenta subir outra vez. Tim segura-o.

— Agora, tens um filho em que pensar. A casa pode reconstruir-se.

Kit volta a agarrar na mangueira e aponta o jorro para a árvore, mas não serve de nada contra o fogo acelerado com gasolina.

Finalmente, dá-se por vencido, larga a mangueira e observa como o seu amado lar arde. Perde as forças e cai ao chão.

Malia abraça-o.

— Calma, calma.

É a primeira vez que o vê a chorar.

• • •

A chuva cai nas cinzas de onde já não brotará nada.

Há um fedor enjoativo, os vapores da gasolina ainda persistem no ar, o cheiro acre irrita as fossas nasais.

Enquanto observa os restos do incêndio à chuva, junto de Ben e Chon, O sente — não consegue evitá-lo — que eles causaram esta desgraça.

Que destruíram o paraíso.

• • •

O empregado da companhia de seguros chega nessa mesma manhã.

Sai do todo-o-terreno e aproxima-se de Tim.

— Jack Wade, da Seguros de Vida e Incêndios Havai.

Tem uma prancha de surfe presa no carro.

— Lamento muito — acrescenta e, quando se aproximam dos restos do incêndio, pergunta: — Como começou o fogo?

Tim olha para Kit. O rapaz encolhe os ombros.

— Não sabemos — diz.

Wade aproxima-se do tronco queimado e diz:

— Vou fazer alguns testes, mas posso dizer-vos já que foi provocado.

— Nós não o provocámos — declara Tim.

— Sente-se a gasolina daqui — indica Wade.

— Nós não lhe pegámos fogo — declara Kit.

— Sabem quem pode tê-lo feito?

Não respondem.

Wade faz a sua inspeção, tirando várias amostras de cinza de diferentes partes da árvore.

Quando desce, aproxima-se de Tim e diz:

— Olhem, parecem boa gente e não quero meter-vos em confusões, mas este é o caso mais claro de incêndio intencionado que vi. Tenho de fazer uma investigação para determinar se foram vocês que o começaram. E, se for assim, o seguro não cobre as perdas.

— Ou seja, não vão pagar — conclui Elizabeth.

— Gostaria de vos pagar a indemnização, a sério que sim. Mas não posso até concluir a investigação e conseguir determinar que não causaram o incêndio para receber o seguro.

— Somos culpados até se provar o contrário — comenta Tim.

— Não, claro que não — contradiz Wade. — A menos que possamos provar que tinham motivos e que dispuseram de meios e de oportunidade para causar o incêndio, podem ter a certeza de que vos pagaremos a indemnização. Espero que seja assim, a sério. Se puderem dizer-me se há terceiros que possam ter motivos para…

— Não, que eu saiba — apressa-se a responder Kit.

Antes de se ir embora, Wade diz-lhes que lhes ligará para marcar o dia da declaração jurada e sugere que contratem os serviços de um advogado.

Tim olha para Kit.

— Não tenciono denunciar o Gabe — declara Kit. — Continua a ser meu irmão.

— O teu irmão destruiu a tua casa — replica o pai.

— Nós pagamos a reconstrução — oferece-se Ben.

— Não há nada para reconstruir — indica Kit. — A árvore está tão danificada que não consegue suportar nada. É provável que morra.

— Lamento imenso — diz O.

— Não é culpa vossa — tranquiliza-os Kit, mas O não sabe se o diz com sinceridade.

Tim diz que tem de fazer uma coisa.

• • •

Põe a navalha no pescoço de Gabe.

Gabe não o viu, nem sequer o ouviu a aproximar-se. Saiu da carrinha para surfar e encontrou uma navalha no pescoço.

— Dá-me uma razão para não te matar, Gabe — diz Tim Karsen.

— Tu não és assim, homem.

— Achas que seria a primeira vez que mato uma pessoa? Enganas-te. Se não te corto o pescoço de uma merda de vez é porque não quero que aconteça nada à minha família. O Kit e a Malia vão ter um filho. Sabias?

— Não.

— Aquela seria a casa deles. E tu queimaste-a. Sem motivo, além disso. Íamos dizer-te que deixámos o negócio. Partiste o coração do meu filho sem razão. — Tim afrouxa a pressão da navalha. — Diz à Companhia. Diz-lhes que acabou. *Pau*. Não vamos procurar vingança, só queremos viver em paz.

Afasta-lhe a faca do pescoço.

— Demasiado tarde — declara Gabe.

• • •

— Agora, querem tudo — diz Tim, quando volta a casa. — Exigem que lhes vendamos as terras para criar uma plantação.

— Foi o que sempre disse — replica Chon. — Dás um passo atrás e atiram-se para cima de ti. Porque lhes dás a entender que podem.

Têm de os fazer ver que não.

• • •

Kit quer ir com ele.

Chon rejeita a oferta.

— Porquê? — pergunta o rapaz. — Sou maior, mais forte e mais rápido do que tu. E conheço a zona muito melhor.

— Tudo isso é verdade — replica Chon. — Tu treinas para surfar e nadar, mas eu ganho a vida com isto. Treino todos os dias para estas coisas.

— Para matar pessoas? — pergunta Kit.

— Ou para as ferir ou capturar.

— E qual dessas coisas vais fazer desta vez?

Chon encolhe os ombros.

— Depende.

— Ou te acompanho ou vou sozinho — declara Kit.

Chon não sabe o que responder a isso.

• • •

Israel Kalana não teria tido nenhum problema se não tivesse tido de mijar, mas sentiu vontade e teve de sair para mijar, porque o seu irmão Palestine, que tentava pôr fim a um episódio de prisão de ventre, tinha a casa de banho ocupada.

A questão é que está a aliviar-se à frente da sebe quando lhe dão um golpe na nuca e, ao acordar, está nas traseiras da carrinha de Kit, com as mãos presas atrás das costas com uma corda de plástico, os pés atados com corda e um pano na boca.

O erro de Palestine, pelo contrário, foi sair para ver porque Israel demorava tanto. Atravessou a relva até à beira da calçada e viu o brilho de um cigarro na rua, à esquerda. É a última coisa que se lembra de ter visto até acordar junto de Israel, também atado e amordaçado, na carrinha de Kit.

• • •

«Onde se meteram todos?», questiona-se Kai. Pega na *Glock* 9 e sai para os procurar.

Chon aponta-lhe a pistola para o pescoço.

— Posso rebentar-te a cabeça, literalmente — diz.

Kai larga a arma.

— Leva-me ao teu líder! — ordena Chon.

Sempre quis dizer aquela frase.

Bom, a verdade é que a disse várias vezes no Iraque, mas lá, claro, ninguém percebeu a piada[7].

• • •

Gabe está em casa, no extremo sul da baía, junto de Weke Road, a fumar um charro ótimo e a ver *Miami Vice* na sua televisão de 64 polegadas, quando recebe uma chamada de Israel.

— Tenho de falar contigo.

— Já encontraste o tal Chon?

— Sim — responde Israel.

E é verdade.

— Onde estás? — pergunta Gabe.

— À frente da tua casa.

— Está bem.

Gabe sente alguma coisa e desliga. Israel estava estranho, parecia nervoso.

Aproxima-se da janela, põe-se de lado e afasta um pouco a cortina.

Vê o *Jeep* à frente da casa e Kai sentado ao volante. Devia chegar-se um bocadinho para trás, pensa Gabe e, ainda receoso — a linha que separa a prudência da suspeita é muito fina — agarra na *Glock* que tem na mesa e sai pela porta das traseiras. Colado à parede, dá a volta à casa até à beira do pátio e vê Chon junto da porta da frente, com a pistola atrás das costas.

Gabe é corpulento, mas leve.

Aproxima-se de Chon por trás e crava-lhe a pistola nas costas.

— Surpresa, surpresa, filho da puta. Chegou a tua hora.

Kit aproxima-se e brande o cabo do machado como se se preparasse para bater numa bola.

Gabe desaba como se lhe tivessem dado, enfim, uma machadada.

• • •

— Achavas que estavas a lidar com crianças? Que isto era um jogo? — pergunta Chon.

Gabe está preso a uma cadeira com fita-cola.

A televisão continua ligada.

— Os meus homens irão atrás de ti — ameaça.

— Não me parece — replica Chon. — Um deles está preso a um volante e, os outros, na parte de trás de uma carrinha.

— Está bem, do que queres falar? — pergunta Gabe.

Chon está impressionado. Viu talibãs e pessoas da Al Qaeda que, a essas alturas, já tinham perdido as forças e começado a chorar.

(Normalmente, ouvindo Peter, Paul and Mary ou Kenny G.)

— O que quero que compreendas é como isto foi fácil. Percebes, não é? — replica. — Posso fazê-lo quando me apetecer. É o que faço. Mas se tiver de voltar a fazê-lo, da próxima vez, mato-te.

— E?

— Não aceitaram a proposta de paz da primeira vez que a fizemos — continua Chon. — E entendo: Achavam que éramos fracos. Mas, agora, estão melhor informados e podem tomar uma decisão sensata. Aceitem a oferta. Não me obriguem a voltar a fazer isto.

— Há um problema, irmão — responde Gabe. — Achas que posso dizer à Companhia que me deste uma sova e já está?

Chon entende.

— Temos de mandar uma mensagem aos teus chefes? — pergunta. — É uma pena, mas acho que pode arranjar-se.

• • •

Gabe e os três colegas estão deitados na parte de trás da carrinha de Kit, atados e amordaçados.

Chon levanta uma lata de gasolina.

— Gostam de brincar com fósforos, não é, rapazes?

Molha-os com gasolina.

A prisão de ventre de Palestine desaparece finalmente.

• • •

Red Eddie olha para a fotografia e abana a cabeça.

Quatro *mokes* deitados nas traseiras de uma carrinha, com a boca tapada com fita-cola. Um cartaz grande em cima de Gabe, à altura do pescoço, diz:

«deliciosos. não mandem mais.

p.s.: da próxima vez, devolvemo-los como poké.»

Ou seja, pensa Eddie, que um ex-soldado das forças especiais apanha quatro dos meus homens, molha-os com gasolina e não acende o fósforo. Tem-nos à sua mercê e salva-lhes a vida.

«Em vez de me mandar uma fotografia de quatro cadáveres calcinados, manda-me uma piada.»

Com um aviso: Não mandem mais.

E uma proposta de paz: «Se deixarem os Karsen em paz, também vos deixaremos em paz e sairemos das ilhas.»

«Oxalá pudesse aceitar», pensa.

Seria o mais sensato.

«Teria sido, senhor Chon (que belo nome, na verdade), se não me tivesse humilhado dessa maneira. Um *ali'i* — um chefe —, pode permitir-se perder homens e até dinheiro, mas não pode permitir-se perder a reputação.»

Antes de salvar a pele, tem de salvar a cara, conclui Eddie.

«E esta safadeza (por muito cómica que seja) danificou a minha imagem.

Tenho de devolver o golpe.»

Liga para o número de telefone que aparece na mensagem.

— Muito engraçado, homem — diz.

— O que respondes, então?

— Que devias ter acendido o fósforo — declara Eddie.

• • •

— Não podemos enfrentar a Companhia toda — diz Tim.

— Eu posso — responde Chon.

• • •

Vai de carro até ao outro lado da ilha — a «parte seca» —, até à povoação de Waimea, onde vive um antigo companheiro do exército.

Danny Doc McDonald, que antes era médico, escolheu Waimea porque é no meio do nada e podia comprar uma casinha perto da praia, o tempo é quente e ensolarado e ninguém se esvai em sangue pelas ruas.

Alegra-se ao ver Chon. Não se viam desde que eram irmãos de armas na província de Helmand.

— Preciso da tua ajuda — diz Chon.

— Conta comigo para o que for preciso.

Depois de rejeitar, agradecido, a oferta de Doc de ir lutar com ele, Chon vai-se embora com duas pistolas *HK 23 So Com*, uma espingarda *Remington* de calibre 12, um fuzil de assalto *M14 EBR*, duas granadas, alguns sinalizadores, um fio armadilhado, várias minas antipessoais *M-18* e um estojo de primeiros socorros completo, que aceitou amavelmente.

Tudo lhe dá jeito.

Calcula que Eddie vai mandar um exército.

• • •

Gabe espera pelo avião no aeroporto de Lihue.

Eddie mandou-lhe reforços: Uma dúzia de sicários de Honolulu, peritos em armas de fogo, armas brancas e artes marciais, para que se encarreguem de se livrar desse *haole* do Chon.

Gabe cumprimenta-os jovialmente, mas, em troca, só recebe uns gemidos condescendentes. Estes rapazes de Waianae acham que ele é um fraco que não sabe gerir o seu negócio.

— Lembrem-se — diz, para os corrigir —, que eu mando aqui.

Sim, está bem.

— Não quero que o Kit seja ferido.

Muito bem, como queiras.

• • •

Chon diz-lhes que vão todos para a Califórnia.

Ele não vai.

Ele vai ficar e lutar.

Tim responde que fica com ele.

— Serias um estorvo — declara Chon.

— Fui *marine* nos meus tempos.

— Alegro-me por ti.

— Esta é a minha casa, são as minhas terras — replica Tim. — Aqui, tenho a minha vida. Não vou fugir e deixar que outro a defenda.

— Digo o mesmo — acrescenta Kit.

— Não — nega o pai. — Tu não vais arriscar-te a deixar o teu filho sem pai.

— Não tenciono fugir a correr — insiste o rapaz.

— Não corras, anda — responde Elizabeth.

Kit olha para ela.

— Mas o que acham que é isto? — pergunta ela. — Um filme mau do oeste carregado de moralidade sobre o que significa a dignidade? Deixa-me dizer-te o que é a dignidade, filho. É cuidar da tua família. E se, para isso, tiveres de te ir embora, a andar, a correr ou a arrastar-te, então, vai-te embora. Criei-te para seres um homem e é o que espero que faças.

— Se me permitem — diz Ben judiciosamente, como sempre —, pode haver uma solução intermédia. Nem sequer a Companhia vai arriscar-se a deixar que haja um tiroteio no meio da vila — acrescenta. — Kit, tu podes ir com a Malia, com a tua mãe e com a O para a casa arrendada. Assim, estarão muito mais perto do aeroporto, se tiverem de se ir embora amanhã.

— E o que vais fazer? — pergunta Kit.

— Aprender a usar uma arma, suponho.

— Preciso que vás com eles, Ben — declara Chon. — Talvez tenham de tomar decisões difíceis e é o que fazes melhor: Pensar. Faz o que fazes melhor e deixa-me fazer a minha parte.

— O quê, exatamente? Resistir até à morte como um herói?

— Não sou um herói e espero que não seja até à morte — replica Chon e passa-lhe uma pistola. — É como usar um rato de computador: Aponta e clica.

Depois de os outros se irem embora, Tim pergunta:

— Como tencionas defender este lugar?

Chon olha para ele como se estivesse louco.

— De maneira nenhuma — diz.

• • •

Os sete sicários de Waianae, demasiado inteligentes para chegar de carro e arriscar-se a ser recebidos com tiros, deixam os seus *Ford Explorer* de aluguer a cem metros da casa dos Karsen e aproximam-se a pé. Com as suas *AR-15* apoiadas no ombro, ou perto, espalham-se e avançam lentamente.

A vinte metros da casa, o chefe indica-lhes que parem e se baixem.

Esteve duas vezes no Iraque e é cauteloso.

Dá uma olhadela à oficina, aguça o ouvido.

Não ouve nada.

Como não quer cair numa emboscada, indica a dois dos seus homens que deem a volta à

oficina por trás e verifiquem que não há perigo.

Um minuto depois, fazem-lhe gestos de que está tudo limpo.

O chefe faz os homens avançar mais dez metros, para a casa. Se os Karsen fossem disparar, já o teriam feito. Coberto pelo resto da sua equipa, aproxima-se a correr de um lado da porta, espera um segundo e abre-a com um pontapé.

Nada.

Revistam a casa.

Não há ninguém.

O chefe sai.

«O Eddie não vai gostar que lhe ligue e lhe diga que chegámos tarde e que fugiram», pensa.

Então, um dos homens que mandou à oficina aproxima-se e aponta para alguma coisa. Ilumina a lama com uma lanterna: Há rastos frescos de pneus que entram na montanha.

Os sicários voltam para os seus veículos e seguem o rasto.

• • •

Enquanto conduz para a casa arrendada de Weke Road, Kit vê um veículo cheio de havaianos que não conhece.

E ele conhece todos os havaianos de Hanalei.

Sabe quem é dali e quem não é.

E esses tipos não são dali.

São *mokes*, todos eles, têm o ar típico dos valentões de Waianae e o seu *Toyota Highlander* de aluguer circula devagar, parcimoniosamente, como se os seus ocupantes estivessem à procura de alguma coisa.

«De nós, talvez», pensa Kit.

Mas o *Highlander* passa junto da casa, sem sequer travar.

Kit faz o mesmo.

— Kit… — murmura Elizabeth.

— Sim, sim.

Segue o *Highlander* à distância e para ao ver que o todo-o-terreno vira bruscamente à direita para não entrar no estacionamento da praia de Black Pot, segue por Weke Road e, virando à esquerda, segue o caminho de terra que leva à casa de barcos que há junto do rio.

— Fica aqui — diz.

Sai do carro e vê que o *Explorer* estacionou na casa de barcos. Saem quatro homens que se aproximam de um barco de seis metros de comprimento — dos que se usam para levar os turistas a mergulhar —, amarrado junto da baía.

O que irão fazer com isso?

Vê Gabe a sair do todo-o-terreno.

Que pena, pensa, enquanto volta para o carro.

— Leva-as para casa e esperem lá — diz a Ben.

— O que vais fazer?

«Cuidar da minha família», pensa Kit.

— Faz o que te digo, por favor.

— Kit, o que…? — começa a dizer Malia.

— Não vou fazer nenhuma tolice — interrompe ele. — Vou para o mar, onde ninguém pode tocar em mim.

«Vou livrar-me desses tipos», pensa, «mas não matá-los.»

O oceano tratará disso.

Segue o rio desde a casa de barcos até uma curva onde sabe que Ty Menehe estaciona a mota aquática. Sente-se um pouco culpado por a levar, mas Ty dissera-lhe que podia usá-la quando quisesse e precisa dela agora.

Senta-se na mota — uma *Sea-Doo RXP-X* —, põe-na a trabalhar e desce pelo rio até à casa dos barcos. Não tenta esconder-se, dirige-se para a luz da lua que se reflete no rio.

Olha para um lado e vê que Gabe o viu da margem.

Acelera, como se estivesse assustado e surpreendido, e dirige-se para a desembocadura.

Esperando que o sigam.

• • •

Deitado entre as árvores, à beira da clareira, Chon vê os faróis dos carros a aproximar-se. Avançam devagar pelo caminho estreito e tortuoso, cheio de buracos e lama escorregadia.

É o seu primeiro erro e espera que comentam muitos. Deviam ter-se aproximado a pé, escondidos.

A preguiça, pensa, recebe sempre o seu castigo.

Espera que Tim, do outro lado da clareira, também o veja. Espera que esteja preparado quando isto rebentar. Esteve nos *marines* e, brincadeiras à parte, isso conta, mas as suas habilidades militares têm duas guerras de atraso e isso também não é uma brincadeira. Chon espera que tenha paciência e não comece a disparar até terem as suas presas por perto.

Kit olha para trás e vê que o barco se aproxima a toda a velocidade.

Com os quatro *mokes* e Gabe a bordo.

Muito bem, pensa, ao precipitar-se para o fluxo da baía e atravessar a quebra mais próxima da praia. Não vira para casa, mas segue em frente para mar aberto.

Para o alinhamento conhecido como Kings and Queens.

• • •

Tim vê os faróis.

Há muito tempo que não arma uma cilada.

Mas é como andar de bicicleta.

• • •

Kit ouve o assobio das balas junto da sua cabeça e, depois, o barulho de uma arma automática.

Tem medo, mas não muito.

Não sabe muito sobre armas, mas não acha que seja fácil acertar em alguém de um barco que balança velozmente entre o fluxo.

Mesmo assim, acelera.

Tem de chegar a Kings and Queens antes de os *mokes* o alcançarem.

E aproximam-se depressa.

• • •

A três metros da clareira, o primeiro carro choca contra o fio armadilhado.

Rebenta a mina.

Chon vê a chama antes de ouvir o estrondo da explosão e os gritos.

O *Explorer* levanta-se no ar e cai de lado.

O condutor abre a porta e atira-se de cabeça para o chão.

O tipo que está no banco do passageiro não consegue mexer-se. Segura o braço direito com a mão esquerda, tentando mantê-lo unido ao ombro. Os dois ocupantes do banco traseiro, feridos pela metralha e deslumbrados pela chama, saem aos tropeções.

Chon localiza um deles: Uma figura verde na sua visão noturna.

«Atirar para matar», costuma pensar, mas ele não atira para matar, atira para ferir, não por motivos humanitários — que se lixe —, mas porque, quando o inimigo o supera em número, feri-lo pode ser mais eficaz do que acabar com ele, porque, pelo menos, um dos seus companheiros terá de socorrer o ferido e, assim, acaba com dois de uma vez.

Atinge o havaiano na anca e, antes de cair, vira-se, impulsionado pela força do impacto. Efetivamente, o seu companheiro inclina-se, agarra-o e puxa-o para o ajudar.

Ou, pelo menos, tenta.

O tiro seguinte de Chon acerta-lhe na perna.

Já há três feridos.

Chon para de disparar.

Oxalá Tim não dispare.

• • •

Gabe adivinha o que Kit tenta fazer.

Quer levá-los para Kings and Queens, onde há ondas enormes. Conduzi-los para esse lugar onde só os melhores surfistas conseguem sobreviver.

«Eu sou dos melhores», pensa.

«Estes *mokes* de Waianae, não.

E até a mim me custaria sair daí sem a minha prancha, sozinho na água, sem colete salva-vidas, um irmão ou uma mota para me salvar.»

— Temos de voltar! — grita.

O chefe dos de Waianae vira-se e aponta-lhe a pistola.

— Continuamos!

— Vamos morrer! — grita Gabe.

• • •

O chefe do grupo de sicários é um filho da mãe com o sangue muito frio.

Tão frio que vai deixar que os feridos sobrevivam sozinhos. Restam quatro homens e tenciona lutar.

«Portanto, vai-te lixar, “Chon”.»

Não é a primeira vez que se vê numa situação assim: Já sobreviveu a uma emboscada noturna, em Ramala.

Fica deitado no chão e localiza o lugar exato de onde procedem os tiros.

«Vai-te lixar, “Chon”.»

Ordena que os homens se espalhem em intervalos de dez metros e avançam, arrastando-se pela clareira. Depois, aponta cuidadosamente, com a mira, e puxa o gatilho.

Ouve o tal «Chon» a gritar de dor.

• • •

Mesmo à luz da lua, Kit ouve as ondas antes de as ver.

As ondas enormes — os «trovões esmagadores» — retumbam como canhões ao quebrar no recife.

KABUM.

• • •

Chon deslocou-se, rodando um metro e meio depois do seu último tiro.

Sabe, por experiência, que é preferível que disparem para onde estava antes, não para onde está agora.

A bala, no entanto, passa muito perto e ele grita como se lhe tivesse acertado. Afasta-se de rastos, mexendo-se para um lado da clareira para ladear os sicários de Waianae.

Agora, é a vez de Tim.

• • •

Kit lamenta que seja Gabe a controlar o barco.

O havaiano safa-se na água como um peixe e isso dá-lhe uma certa vantagem.

Kit olha para a frente e vê uma onda à luz da lua, a primeira de um grupo que se dirige para ele. É gigantesca, mas é mais pequena do que as que se seguem.

Dirige-se para ela, disposto a subir pela parede de nove metros e a descer pelo outro lado.

Se não conseguir, se a mota não passar pela crista antes de quebrar, a onda virá-la-á e, depois, esmagá-lo-á.

• • •

O chefe espera.

Ninguém dispara do outro lado.

Levanta-se devagar, faz gestos aos seus homens para que continuem e começam a atravessar a clareira para ir buscar o cadáver de Chon ou dar-lhe o tiro final.

Sente-se a salvo.

É noite cerrada.

E, de repente, tudo se ilumina.

Kit desce pela onda, vira rapidamente a cabeça e vê que o barco cambaleia na crista e, depois, desliza para baixo.

Gabe é um ás.

Contudo, Kit não pode continuar a ver.

A segunda onda começa a erguer-se à frente dele.

Uma montanha ainda mais alta do que a anterior.

Chon dispara o sinalizador.

De repente, a clareira parece um campo de basebol iluminado para um jogo noturno.

Tim não pode falhar.

É como andar de bicicleta.

O tipo mais próximo dele cai e o que está ao seu lado cai logo a seguir. Como patinhos numa barraca de tiro ao alvo.

O terceiro cai ao chão antes de Tim ter tempo para disparar novamente.

A noite torna-se negra outra vez.

Kit sobe e sobe.

Parece que a subida nunca mais vai acabar.

Olha para cima e vê a crista da onda, a espuma que se agita e que sussurra como a mecha de uma bomba antes de rebentar.

É o que Kit espera: Que rebente.

Se conseguir superar a crista no momento exato, a onda quebrará por cima do barco e afundá-lo-á.

Um instante depois está no ar, por cima da onda.

• • •

Dois atiradores, pensa o chefe.

Quem ia imaginar?

(«O que não sabes pode magoar-te.»)

«O Eddie que vá à merda», pensa. «Se tens tanto interesse neste tipo, vem buscá-lo.»

Está na hora de se retirar.

— Conseguem mexer-se, rapazes? — pergunta, em voz baixa.

Ao ouvir que os seus homens respondem afirmativamente, levanta-se e, escondido, pega nos seus feridos e recua, achando que se afasta dos francoatiradores.

Porém, entra na linha de fogo de Chon, que voltou a mexer-se para lhes bloquear a retirada.

A manobra tem um nome: «emboscada de porta basculante», chamam-lhe.

Chon começa a disparar.

Fecha a porta.

Kit inclina-se para a frente ao descer pelo dorso da onda.

Está prestes a cair.

Endireita-se, agarra-se com força, olha para trás e vê…

Que Gabe conseguiu.

O barco desliza descontroladamente pela onda, quase se vira, mas Gabe consegue endireitá-lo.

«Só resta mais uma onda», pensa Kit. «Se a próxima não acabar com eles, posso dar-me por morto. Vão apanhar-me quando acabarem as ondas, em águas tranquilas.»

Enfrenta a onda seguinte.

A irmã mais velha.

O chefe sabe que lixou tudo.

Se não pode ir para a frente, para um lado ou para trás, está lixado.

Só resta uma saída.

Disparar à discrição.

— Disparem! — grita.

Não importa como estão: Feridos, lixados ou assustados, vão voltar a abrir a porta aos tiros.

A noite ilumina-se com o resplandecer dos tiros.

Chon cola-se ao chão cheio de lama.

As balas passam a assobiar por cima da sua cabeça e levantam a terra à sua volta.

Está preso, não consegue mexer-se.

«Lixaste tudo», pensa. «Pensaste que iam ficar paralisados ou que tentariam sair por um lado ou por trás, mas decidiram-se pela ofensiva e esconderam-se por trás da sua potência de fogo.

Não podes fugir nem ficar.

Estás lixado.

Vão impor-se e matar-te.

A única pergunta é quantos vais levar contigo.»

Da crista da onda, Kit vê as luzes da baía.

E o barco na base, lá em baixo.

Gabe segue em frente.

Não tem escolha. Está na zona de impacto e, se a onda lhe cair em cima, está perdido.

«E se não» — pensa Kit, enquanto desliza pela onda — «sou eu que estou perdido.»

Como as crianças bem sabem, na escuridão, é tudo mais assustador.

O som amplifica-se, o espaço distorce-se, a imaginação transforma o que o olho não vê em monstros.

As emboscadas noturnas são as piores.

Os gritos de raiva, os lamentos dos feridos, o assobio das balas, o estrondo e o retumbar das explosões. O inimigo parece estar mais perto do que está, mais longe e, depois, mais perto do que antes.

Os monstros são reais.

Os inimigos, as balas, a metralha, o sangue, a dor e a morte são reais.

Qualquer pessoa que tenha vivido uma emboscada noturna, num lado ou no outro, sabe o que é o verdadeiro caos.

São conceitos que estão sempre relacionados.

Na mitologia grega, primeiro, existiu o caos, a escuridão e o inferno.

Os gregos sabiam muito bem: Isto é uma emboscada noturna.

E no entanto…

Quem já passou por uma…

Se teve a sorte ou a perícia necessárias para sobreviver…

Talvez tenha aprendido alguma coisa.

Talvez consiga conservar a calma o suficiente para reconhecer alguma ordem entre tanta confusão.

Talvez tenha aprendido a interpretar as chamas das armas — manchas de luz na escuridão — e a distinguir padrões de movimento.

Talvez a audição — a salvação dos cegos — se tenha afinado e permita perceber o que está a acontecer à volta.

Tim Karsen (ou Kearney) é um desses sobreviventes.

Ouve o tiroteio à sua esquerda.

Vê que a cintilação constante das armas dos sicários se dirige sempre para o mesmo lado, vê o resplendor intermitente do revólver de Chon.

Sabe o que está a acontecer.

O que vai acontecer.

O que não pode permitir que aconteça.

Se estiver ao seu alcance.

Não pode disparar, pois pode acertar em Chon.

Portanto, levanta-se, sai das árvores e carrega, gritando como um louco furioso.

Para atrair o fogo para si.

Para permitir que Chon fuja.

Kit vira-se e olha para trás.

Gabe e o barco descem pela onda.

«Conseguiram», pensa Kit. «Conseguiram e vão matar-me. Talvez depois voltem e matem os outros.»

Começa a virar-se.

Uma última manobra desesperada.

Chocar com a mota contra o barco a toda a velocidade e fazê-lo virar-se.

«E que nos afoguemos todos.»

• • •

Que merda…, pensa o chefe, ao ouvir os gritos.

Vira-se, mas não vê nada na escuridão, só ouve que alguém corre para ele, gritando como um demónio, e dispara para os gritos.

Tim segue em frente.

Só pensa numa coisa.

Em cortar a distância.

Para lançar as granadas.

• • •

Kit vê-a.

Uma quarta onda.

Parece impossível, mas ali está.
Uma onda solitária.
Um titã entre titãs.
Se a anterior era a irmã mais velha, esta é o pai, o avô, o antepassado remoto e Deus.
Doze metros de altura.
Ergue-se sobre eles como o julgamento final.
Precipita-se para eles com intenção homicida.
Uma daquelas ondas a que não se sobrevive.

• • •

Gritando, cheio de adrenalina, Tim lança as granadas.
Primeiro a da mão direita e, depois, a da esquerda.
As explosões destroem a noite.
Tim atira-se para o chão, tão fora de si que não se apercebe de que lhe acertaram e está a sangrar.

• • •

É um pesadelo
que os surfistas têm
e as crianças
e — inexplicavelmente — também
alguns adultos que nunca estiveram no mar.
Sonhar que estão num vale profundo, por baixo de uma onda, junto de uma muralha de água gigantesca — imparável, desumana, omnipotente, cruel — que se ergue sobre eles e cresce até tapar o céu, até só se ver a água e a morte iminente, mais nada.
Os que têm sorte, acordam, trémulos e aterrados, mas vivos.
Os que não têm, estão na água quando a onda quebra por cima deles.
Esses já não acordam.

• • •

O chefe não ouve e quase não vê.
A chama da granada deixou-o quase cego. Os ouvidos zumbem, a cabeça dá voltas, sangra e tem feridas de metralha.
Mas é forte.
Junta os seus homens, também feridos, e de rastos, aos puxões ou aos empurrões, consegue voltar para o veículo. Levanta os seus homens, fá-los entrar, senta-se ao volante e começa a descer pelo caminho.

Chon ouve as granadas a rebentar.
Avança por um flanco do caminho para o barulho, consciente de que foi Tim, não pode ter sido outra pessoa.

Sabe que avançar significa que, certamente, o inimigo o verá, mas não tenciona deixar lá o seu companheiro.

Ou o seu cadáver.

Vai procurar Tim.

Mas, primeiro, para para ir buscar uma coisa.

• • •

Gabe levanta o olhar.

Vê a onda.

Só a onda, mais nada.

Apenas água.

Diz a Deus que lamenta e pede perdão.

Ouve os outros a gritar. (Não normalmente, mas em pânico.)

A onda cai sobre eles e então…

Então, chega o nada.

Apenas o nada.

• • •

Kit perde-se na escuridão.

Afunda-se no negrume frio.

Cai

dando cambalhotas.

Luta para manter os braços colados ao corpo para que a onda não lhe desloque os ombros.

Tenta suster a respiração.

Treinou para isto.

Desde que era uma criança.

Mas não há nada que possa prepará-lo para isto.

A onda empurra-o para baixo, impede-o de subir.

• • •

O veículo passa por cima do segundo fio armadilhado.

(Que coisa tão bela, a sincronia.)

O chefe ouve um silêncio momentâneo e, depois, um clique.

E depois…

Nada.

• • •

Chon encontra Tim.

Estendido

na erva.
Com as pernas a esvair-se em sangue.
Chon agarra no curativo que tem no cinto.
Aplica-o na ferida, pressiona e diz:
— Não morras, não me faças essa merda.

• • •

Dizem que o que não sabemos não pode magoar-nos.
Ben, que se orgulha do seu conhecimento, ignora que
não havia um só esquadrão da morte
nem dois,
mas três.
(Eddie não anda com tolices.)
O que não sabe…
Mas já falamos disso.

• • •

São três e já estão nervosos.

Não falaram com as outras duas equipas, mas Eddie deu-lhes instruções rígidas de que não deviam comunicar-se.

— Sabem o que são os registos telefónicos? — perguntou. — Provas.

Só quer que lhe liguem por um instante para lhe dizer: «Já está feito.»

De modo que, embora o nome de Hani signifique «felicidade» em havaiano, o sicário não está muito contente naquele momento. Está enervado porque só pode esperar que as outras duas equipas tenham feito o seu trabalho.

Eddie ordenou que se cinjam ao plano.

«Cinjam-se ao plano, mais nada.»

«Mas que merda de plano é este?», questiona-se Hani, enquanto se dirige para a casa. «Nem sequer sabemos quem está lá dentro. Talvez a casa esteja vazia ou haja uma pessoa ou sete e uma delas poderia ser um tal Chon que dizem que é uma máquina de matar. E, outro, podia ser o K2, que não vai render-se facilmente.»

Eddie também lhes deu instruções.

(Tem instruções para tudo.)

«Não magoem o K2 se conseguirem evitá-lo. Que nenhum havaiano seja ferido — e menos ainda a prima do Gabe —, se conseguirem evitá-lo.

Quanto aos *haoles*, os do continente. Levem-nos para o mar e atirem-nos aos tubarões.»

A um quarteirão da casa, Hani e os dois companheiros põem a máscara que lhes cobre a cara.

• • •

O está na cozinha quando o vidro da porta de trás se parte e uma mão enluvada atravessa a janela e abre a porta.

Um instante depois, está cara a cara (para o dizer de alguma forma) com um encapuzado que aponta uma pistola.

Atrás dele, entram outros dois homens.

Então, Ben aparece atrás dela.

Segurando uma pistola.

— Somos três contra um, imbecil — diz Hani. — Como resolvemos isto?

Ben não sabe.

Hani percebe depressa que não é o tal Chon. Aproxima-se dele e tira-lhe a pistola com uma palmada.

— Já não tens de pensar nisso.

Dá-lhe uma pancada na cabeça com a culatra da arma.

• • •

Nunca lhe tinham batido assim.

De facto, nunca lhe bateram.

A cabeça dá voltas.

Cambaleia e choca contra a bancada.

• • •

«Isto vai ser canja», pensa Hani.

— Só os *haoles*. — O ouve um dos homens a dizer.

Elizabeth olha para eles, furiosa.

— Eu sou *haole*.

— Tu és a mãe do K2 — replica o homem.

— Se vão levá-los — declara Malia —, têm de nos levar também.

— Não és tu que dás as ordens aqui — diz e vira-se para os homens. — Prendam as duas *wahini*.

O vê que prendem Elizabeth e Malia, que lhes tapam a boca com fita-cola e as sentam no sofá.

— Lamento muito, senhora — desculpa-se um deles. Depois, olha para Ben e acrescenta: — Anda, cabrão.

— Onde vamos? — pergunta Ben.

— Vamos dar um passeio de barco.

Saem da casa.

Um dos havaianos vai à frente, os outros dois vão atrás de Ben e O. Sente o canhão da arma nas costas.

Pensa em fugir, mas está demasiado assustada.

Os homens tiram as máscaras.

O compreende que não é bom sinal.

• • •

Chon desce pelo caminho com Tim ao ombro. Com a mão livre, tira o telemóvel do bolso e liga a Ben.

Não atende.

Tenta ligar a O.

O mesmo.

Mau, pensa.

— O que se passa? — pergunta Tim.

— Nada — responde Chon e apressa o passo.

• • •

Hani avança pelo cais.

Não vê o barco.

Onde se meteram esses imbecis?

Há um homem ao fundo do cais, a pescar.

Um velho.

Hani aproxima-se dele.

— Eh, ouça, faça o favor de ir para outro lugar.

O homem olha para trás de Hani.

Para a rapariga *haole*.

Que mal-educado, o homem.

• • •

— Passa-se alguma coisa? — pergunta Pete a O.

Ela está tão assustada que não consegue responder.

Mesmo à luz da lua, Pete vê que tem os olhos cheios de lágrimas. Vê que o homem que está atrás dela está demasiado perto e o mesmo com o outro, que está atrás do seu amigo, Ben ou como quer que se chame.

— Ouve, velho — diz um deles —, talvez não oiças bem. Disse-te para desapareceres.

— Já te ouvi — responde Pete.

• • •

Ar.

Kit inala-o às baforadas.

Enche os pulmões.

Que delícia.

A onda reteve-o por baixo da água, mas também o empurrou para a frente. Virou-o e revirou-o, tirou-o aos saltos do recife, arranhou-o e, por último e depois de o castigar por insolência, deixou-o livre.

Kit subiu para a superfície.

Sangrando, magoado e exausto, com o ombro esquerdo deslocado, respira fundo várias vezes e

começa a nadar com um braço para a areia.

• • •

O volta a ver esse olhar nos seus olhos.

— Seria melhor ires, Pete — diz.

Ele assente com a cabeça, pousa a cana e põe a mão na caixa dos iscos. Tira uma pistola e dá um tiro entre as sobrancelhas dos três homens antes de terem tempo de se mexer.

Às vezes, o que não sabemos pode ser a nossa salvação.

Não se chama Pete, mas Frank.

Frank Machianno.

Frankie Machine.

Um dos assassinos a soldo mais receados da Costa Oeste.

Essa foi a vida que deixou para trás para vir para o paraíso.

Olha para O e diz:

— É melhores ires. Não te preocupes, eu tomo conta disto.

— Pete…

— Não faz mal. Vão-se embora.

Põe os cadáveres no barco, sai para mar aberto e atira-os para a água.

Os tubarões darão conta deles.

São isco, afinal de contas.

• • •

Eddie recebe uma chamada, embora não seja a que esperava.

Ouve o *haole* a dizer:

— Os teus homens tiveram uma série de contratempos desafortunados. Não vão voltar.

Ben é muito hábil.

Talvez não seja hábil com as armas ou os punhos, como Chon.

Mas sabe negociar.

— Não acho que queiras passar o resto da tua vida com medo de que te matem. Eu também não. Portanto, vamos deixar esta ilha em paz e vocês também.

— Perderia o respeito da minha gente — indica Eddie.

— Porquê? — replica Ben. — Por algo que não aconteceu?

Um longo silêncio. Depois, Eddie diz:

— *Aloha*.

• • •

O vai despedir-se de Pete.

— Vou ter saudades tuas — diz ele. Procura na caixa de iscos, tira um *bagel* de cebola com ovo e dá-lho. — Para a viagem.

— Eu também vou ter saudades.

— Podes sempre voltar.

— Não, não posso — nega O.

Observa o oceano azul e as montanhas verdes, o brilho do sol numa cascata, ao longe, e entristece-se por não poder voltar.

Expulsos do paraíso.

«O Adão e eu, pensa. E o outro Adão.»

— Adeus, Pete — despede-se, ao abraçá-lo.

Ele beija-a no cabelo e responde:

— Adeus, filha.

O paraíso.

[6] He, «ele», she, «ela». (N. da T.)
[7] *Take me to your leader* é o que os extraterrestres dizem tipicamente nas bandas desenhadas e caricaturas ao encontrar-se pela primeira vez com um habitante do planeta Terra, humano ou não. A frase transformou-se num estereótipo cultural. (N. da T.)

ÚLTIMA CORRIDA

Da primeira vez que viu a menina, ela estava numa jaula.

«Não pode dizer-se de outra forma», pensou Cal, no seu momento. «Podemos chamar-lhe como quisermos (centro de internamento ou de reclusão ou até abrigo temporário), mas, quando temos imensas pessoas fechadas por trás de arame farpado, é isso que é: Uma jaula.»

Então, Cal lembrou-se do que o pai lhe disse quando chamou um problema de saúde ao cancro de que o velho sofria:

— Chama-o pelo seu nome — pediu Dale Strickland. — Porque haverias de lhe chamar o que não é?

Aquilo era um cancro de ossos e isto, uma jaula de merda.

Cal ainda não compreende porque reparou precisamente na menina. Porquê nela, entre tantas? Havia centenas de crianças por trás do arame farpado, o que é que ela tinha de especial?

Talvez fosse por causa dos seus olhos, mas todas as crianças olhavam para ele com aqueles olhões por trás da cerca: Uns olhos como os que se veem nos quadros de crianças que vendem nas bombas de gasolina de estrada. Talvez fosse porque tinha os dedos entre os espaços do arame farpado como se tentasse agarrar-se a alguma coisa. Ou talvez fosse por causa do nariz sujo, por essa crosta de ranho que tinha por cima do lábio.

Não podia ter mais de seis anos, calculou Cal.

Entreolharam-se durante apenas um segundo e, depois, ele seguiu em frente.

Deixou para trás essa jaula tão cheia de pessoas que parecia um curral de engorda de gado, só que os seus ocupantes não eram cabeças de gado, mas seres humanos, e não mugiam, mas falavam, gritavam ou pediam ajuda. Ou choravam, como aquela menina.

Cal Strickland viu-a e, depois, passou ao lado dela e seria de se questionar porque um homem se desvia ao ver uma menina chorar se não fosse porque havia tantas crianças naquela jaula que não podia fazer mais nada.

Chama-o pelo nome. O que é, é.

Portanto, essa foi a primeira vez que a viu, naquele sítio que chamam Ursula, o grande centro de internamento de McAllen. Cal não estava destacado lá, só fora buscar mantimentos para levar para Clint, onde, com tantas pessoas, faltava de tudo: Mantas, sopa, pasta de dentes.

Não esperava voltar a vê-la.

Mas viu.

Ontem.

Em Clint.

Agora, conduz a sua moto 4 ao longo da cerca de arame farpado e encontra o que esperava.

O arame farpado está cortado e a erva foi pisada onde, ontem à noite, acamparam alguns ilegais. Há restos de uma fogueira e lixo por apanhar: Latas vazias, algumas garrafas de água, uma fralda suja.

— Malditos mexicanos — resmunga, ao sair da moto 4 e agarrar na caixa de ferramentas.

Sabe, no entanto que, certamente, não foram mexicanos, mas salvadorenhos, hondurenhos ou guatemaltecos. Continuam a chegar mexicanos, mas menos do que antes, não como nos noventa, quando o pai e ele percorriam a cerca e a encontravam cortada diariamente. Naquele tempo, iam a cavalo, não na moto 4 e, embora o pai costumasse insultar os «costas molhadas» e ameaçar dar um tiro aos coiotes que os traziam até aqui, Cal lembra-se de como reagiu quando o tipo da patrulha vicinal apareceu e lhe pediu para se juntar a eles.

— Fora do meu rancho — declarou Dale Strickland. — E, se vos vir por aqui, com os vossos fatos de fantoches do exército e os vossos revólveres, expulso-vos aos tiros. Só tenho uma *Remington* trinta, mas de certeza que me chega.

Alguns dias depois, quando estavam a percorrer a cerca, o seu velho disse, de repente:

— Não tentam defender este país, têm medo de não terem pilas suficientemente grandes. Se descobrir que te juntaste a essa gentinha, tiro-te do testamento.

Cal nunca se juntou a essa gentinha.

Começou a trabalhar na Patrulha Fronteiriça.

Mais do que qualquer outra coisa, porque era um emprego fixo e, naqueles tempos, quando saiu do exército, escasseava o trabalho em Fort Hancock, no Texas.

Não podia ficar no rancho e menos ainda depois de o pai morrer, porque mal servia para sustentar a irmã Bobbi, se é que conseguia mantê-lo.

Eram apenas duzentos e quarenta hectares de areia e erva seca, mais seca a cada ano e, de todos os modos, o gado já não dava dinheiro. Experimentaram um pouco de tudo: Desde cultivar algodão até fruta, mas não havia água suficiente para as árvores, e o algodão, enfim, a maior parte era cultivada no México, do outro lado da fronteira, e não podiam competir com a mão de obra barata. Bobby começou a vender as terras aos pedaços para se manter à tona.

Cal tentou trabalhar como cobói em ranchos de toda a zona durante algum tempo — o dos Woodley, o dos Steen, o dos Carlisle —, mas também havia cada vez menos trabalho. Pensou em dedicar-se aos *rodeos*, mas, embora fosse um bom cavaleiro e não fosse mau com a corda, não bastava para ganhar dinheiro. Tinha de ser realmente bom e Cal sabia que não era.

Portanto, começou a trabalhar na Patrulha Fronteiriça.

Pagavam bem, as condições eram boas e era um trabalho estável. Aceitaram-no sem pensar duas vezes. Fora militar, estava habituado às hierarquias e, portanto, sabia cumprir ordens, falava o *espanglês* fronteiriço e conhecia o território melhor do que a palma da sua mão. Afinal de contas, nascera e fora criado ali. Que merda, os Strickland viviam lá antes de existir a fronteira.

— Passei toda a maldita vida a patrulhar a fronteira — disse, ao aceitar o emprego.

Portanto, já não vive no rancho, mas num apartamento em El Paso, mas continua a vir algumas vezes por semana para dar uma olhadela à cerca. A imigração reduziu-se nos últimos anos, mas, agora, voltou a crescer. O facto de cortarem a cerca é um problema porque não querem que as poucas cabeças de gado que têm passem para o México. Antigamente — ou, pelo menos, foi o que lhe contaram —, os rancheiros deste lado da fronteira e os *vaqueros* do outro atravessavam constantemente a fronteira, roubando gado uns aos outros, coisa que, certamente, seria muito mal vista agora.

Agora, pela fronteira, chegam pessoas normais; pessoas normais e drogas.

Cal enrosca um pedaço de arame na cerca cortada, torce-o com o alicate e toma nota de que tem de vir dentro de alguns dias para a ajustar com o tensor.

Malditos mexicanos.

Volta na moto 4 para o curral velho e para. Apoia-se na cerca de ferro. O *Riley*, o seu cavalo alazão, aproxima-se e sopra-lhe com recriminação por o ter trocado pela máquina. Cal acaricia-lhe o focinho.

— Desculpa, rapaz — desculpa-se. — Tenho alguns quilos a mais, não vais querer carregar-me.

A verdade é que o cavalo está a envelhecer. Na sua época, era um cavalo de pastoreio ótimo, era um prazer vê-lo a trabalhar quando tinham mais gado para controlar.

Cal agarra num punhado de grão de um balde e o animal velho come da sua mão.

— Até dentro de alguns dias — despede-se Cal.

Guarda a moto 4 no estábulo. A carrinha do pai, uma *Toyota Tacoma* de 2010, continua lá, porque ele e Bobbi têm pena de se livrar dela. Até as chaves continuam no banco da frente e a espingarda velha 30.06 do pai, no suporte do vidro traseiro.

Dale Strickland tinha paixão pela sua carrinha, embora Cal o reprovasse sempre por ter comprado um carro estrangeiro.

— Os carros japoneses — dizia Dale —, tendo óleo, funcionam para sempre.

Cal tem uma *Ford* 150 branca.

Compra sempre produtos americanos.

Bobbi tem o pequeno-almoço preparado quando entra em casa. Quatro ovos com salsichas das grandes, bacon, feijões pretos, *tortillas* bem torradas e um café que poderia ter chegado à mesa pelos seus próprios meios.

— Aqui tens a tua dose de angioplastia — comenta a irmã, ao pôr o prato na mesa.

Ela come iogurte com fruta e ouve a rádio pública.

— Como consegues ouvir essa merda? — pergunta Cal.

— Tal como tu consegues ver a Fox — responde Bobbi.

A sua irmã é uma progressista do oeste do Texas, o que não a transforma num unicórnio, mas em algo muito mais incomum. Há imensos unicórnios, comparados com progressistas no oeste do Texas, pensa Cal.

A verdade é que ele não vê muito a Fox, mas não vai dizer isso a Bobbi. Também não vê muito as notícias — e menos ainda a CNN, esse rebanho de comunistas —, porque é deprimente e a Patrulha Fronteiriça aparece sempre ultimamente: Os jornalistas formam redemoinhos ao redor dos centros de internamento como moscas ao redor de uma bosta fresca. Dizem que só estão a fazer o seu trabalho e Cal tem vontade de lhes dizer que é o que ele tenta fazer também.

De facto, dir-lhes-ia se não o tivessem proibido de falar com a imprensa.

— Vão ser simpáticos contigo — disse o chefe —, mas, na verdade, só querem lixar-te a vida.

No outro dia, um jornalista do *New York Times* (ou do Jew York Times[8], como diz Peterson; claro que Peterson é um imbecil) aproximou-se dele no estacionamento e perguntou se podia responder a umas perguntas.

— Interessa-me saber como é trabalhar aqui — disse.

Cal passou ao lado dele.

— Não quer falar comigo? — insistiu o tipo.

Pelos vistos, não, porque Cal continuou a andar.

— Disseram-lhe para não falar com jornalistas? — Pôs-lhe um cartão na mão. — Daniel Schurmann, do *New York Times*. Para o caso de alguma vez querer falar.

Cal guardou o cartão no bolso da camisa. Falar com um jornalista do *New York Times* não seria a última coisa a passar-lhe pela cabeça, mas a penúltima, depois de limpar o rabo com uma escova de arame, talvez.

Bobbi parece cansada.

O cabelo comprido, avermelhado e escasso está sujo e usa a mesma *t-shirt* velha há três dias.

Como pode não estar cansada — pensa Cal — se, para além do cansaço de tentar manter o rancho à tona, trabalha como empregada de mesa no Angie's, na vila, e tem um miúdo de dezassete anos viciado nas drogas?

Jared vive — supostamente — com o inútil do pai em El Paso e trabalha numa oficina mecânica, mas Cal duvida muito e suspeita que Bobbi pensa o mesmo: Que o filho está a viver na rua e que toma heroína.

Assim, como pode não parecer cansada, se realmente está?

— Como está a correr o trabalho? — pergunta, agora.

Ele encolhe os ombros.

— É trabalho — diz.

— Vejo as notícias.

— Achava que só as ouvias.

— Arrancamos crianças dos seus pais e deixamo-las em jaulas? É isso que fazemos agora?

— Só tento fazer o meu trabalho — defende-se Cal. — Embora nem sempre goste.

— Sim, mas votaste nesse tipo.

— Não te vi a votar — replica ele.

— Ou seja, acertei.

«Acertaste, sim», pensa Cal. «Como quase sempre. É verdade que votei nesse tipo, porque por nada do mundo votaria numa senhora que achava que o país tinha de lhe oferecer a Casa Branca porque fizeram uma mamada ao marido dela.»

E, ainda por cima, democrata.

— Temos de fazer alguma coisa com o *Riley* — indica Bobbi.

— Sim. Mas…

— Mas o quê?

— Ainda não — diz Cal.

— Temos de o fazer, mais cedo ou mais tarde. O custo do veterinário…

— Eu pago o veterinário.

— Sei que pagas.

Cal levanta-se.

— Tenho de ir enjaular algumas crianças.

— Ora, não sejas assim.

Aproxima-se e beija-a na testa.

— Obrigado pelo pequeno-almoço. Venho dentro de alguns dias para dar uma olhadela à cerca.

Sai para a carrinha. São sete da manhã e já está a suar. Calor seco, dizem que é. Seco como um forno.

Ontem, voltou a ver a menina.

Tinham-na transferido para Clint.

«Ou seja, não encontrámos os pais dela», pensa Cal.

«Pelo menos, desde que a separámos deles.»

O centro de internamento de Clint é a seis quilómetros e meio da fronteira, entre campos retangulares pulcros, indo por Alameda Avenue, a sudeste da vila, e a menos de dez quilómetros de El Paso pela Route 20.

É formado por um grupo de edifícios de aspeto anódino abastecido por painéis solares grandes (coisa lógica, na opinião de Cal, podem não ter muita coisa, mas têm sol de sobra).

Na verdade, não foi desenhado como centro de internamento de pessoas. Construiu-se como base logística avançada para patrulhar a zona. Que é, principalmente, o que Cal faz. Outros dois agentes e ele saem a cavalo para percorrer a fronteira de Clint, procurando os caminhos que os traficantes de droga e os imigrantes abrem.

Quase como nesses filmes a preto e branco de John Wayne que o seu velho via na televisão.

— São a cavalaria moderna — troçou Bobbi, uma vez.

Cal não o vê assim, mas entende o que a irmã quis dizer e, além disso, adora o seu trabalho: Passar todo o longo dia a cavalo a fazer o bem e a defender o seu país. E a ajudar as pessoas, na verdade, embora os centros quase nunca sejam reconhecidos por esse mérito, porque, de vez em quando, localizam um grupo de ilegais que estão claramente perdidos — nota-se pelos seus rastos — e que, se não, a quase quarenta graus, morreriam de desidratação ou com uma onda de calor. Para Cal, esses momentos, salvar assim as pessoas, são o que o enchem de satisfação.

Outras vezes, pelo contrário, não os encontram a tempo, só encontram os seus cadáveres e esses momentos são difíceis, sobretudo, quando se trata de uma mulher ou de uma criança. Cal amaldiçoa os coiotes que os deixam ali sem comida, água ou mais indicações senão apontar para o norte com o dedo.

Se fosse por ele, fuzilá-los-ia a todos e deixaria os seus cadáveres na cerca ou no arame farpado. E sabe perfeitamente quem são. Que merda, até esteve no liceu com um deles.

Jaime Rivera ia e vinha como se não houvesse fronteira: Alguns dias, ias às aulas em Fort Hancock e, depois, desaparecia e voltava a aparecer.

Jogavam futebol na mesma equipa, Cal como defesa esquerdo e Jaime como ponta de linha. Eram amigos: Costumavam atravessar a fronteira, cada um na sua carrinha, e entravam no deserto, estacionavam em alguma clareira e lá ficavam, a beber cerveja e essas coisas.

No fim, Jaime chegou à conclusão de que estaria melhor no México a traficar marijuana, coisa que Cal não achou especialmente ofensiva, e estabeleceu-se do outro lado da fronteira. Depois, começou a traficar pessoas e Cal também não teria achado isso mal de todo — considerava-o o tráfico fronteiriço típico: Cães pastores contra coiotes — se não fosse porque Jaime ganhou o costume de ficar com o dinheiro dos imigrantes e deixá-los no meio do nada sem se importar uma merda com o que lhes acontecia.

Portanto, embora seja verdade que foram colegas há anos, se Cal tivesse a certeza absoluta de que se safaria, daria um tiro na cabeça de Jaime e deixaria o seu cadáver no deserto para que os abutres e os verdadeiros coiotes o comessem.

E assim lho disse, além disso.

Uma noite, depois de encontrar uma mãe e uma criança mortas no deserto, bebeu um copo a mais, procurou o número de Jaime em El Porvenir — merda, até poderia apenas gritar — e disse que desejava deixar o seu cadáver a apodrecer ao sol.

— Porque não vens cá e tentas, cabrão? — desafiou Jaime. — Veremos qual dos dois acaba morto.

— Tinhas muito boas mãos, mas eras uma merda como defesa, sabes? — perguntou Cal.

— E então? — inquiriu Jaime. — Mas, ouve, Cal, sem rancores. Se alguma vez quiseres ganhar dinheiro a sério, já sabes onde estou. Assim, talvez até consigas manter essa merda de rancho que tens.

O ódio que sentem é mútuo, porque Cal Strickland tornou a vida de Jaime impossível. É, quando muito, o melhor rastreador da Patrulha: Conhece cada vereda e cada arbusto da zona, é uma maravilha a armar ciladas e já pôs alguns colaboradores de Jaime atrás das grades.

Se Jaime pudesse pôr um preço na sua cabeça, fá-lo-ia.

E não seria pequeno.

Agora, Cal vai até Clint e encontra estacionamento, o que não é fácil, porque metade do terreno está ocupado pelas tendas enormes que montaram para albergar a maré de imigrantes. Os armazéns e depósitos foram convertidos em celas provisórias de detenção.

Cal sai da carrinha.

Hoje, os manifestantes saíram cedo. Seguram cartazes em inglês e espanhol: FREE THE CHILDREN, LIBERTEM AS CRIANÇAS. Pelo contrário, só há alguns jornalistas. A maioria aborreceu-se, imagina Cal, e foi procurar outra notícia.

Melhor assim, por ele.

Passa junto dos manifestantes e entra no escritório.

Twyla está sentada atrás da mesa.

Uma mulher larga, teria dito a avó de Cal: Alta, de ancas e ombros largos, com o cabelo preto muito curto e os olhos azuis. E desajeitada a andar como uma potra recém-nascida: Vê-la a andar é recear que aconteça um acidente. Tem o que a avó teria chamado um «arrastar da perna ao andar» e, em Clint, corre o rumor de que, no Iraque, foi ferida na explosão de uma bomba e que ainda tem um pedaço de metralha na anca.

Cal não sabe se é verdade.

Sabe, pelo contrário, que gosta de Twyla.

Muito; demasiado, talvez.

Porque são amigos.

E como Peterson lhe disse uma vez: «Estás na área da amizade, colega. E se estiveres lá, bem podes esquecer-te de chegar à área do engate.»

Mas Peterson é um imbecil.

Twyla sorri ao vê-lo a entrar.

— Outro dia no paraíso, eh?

— E vai ser um dia de muito calor.

— Já é.

Quando se conheceram, Twyla perguntou-lhe se Cal era diminutivo de Califórnia ou de Calvin.

— De Calvin.

— Como o do Calvin e Hobbes — disse ela.

— O quê?

— A banda desenhada. Um menino e um tigre.

— Qual dos dois é o Calvin?

Twyla ficou a pensar por um instante.

— Não me lembro. O menino, acho.

— Ainda bem — replicou Cal. — Porque não sou muito de felinos.

— E gostas de cães?

— De cavalos.

— Nunca montei a cavalo.

— De onde és? — perguntou ele, porque aquilo lhe parecia quase inconcebível.

— De El Paso.

— Uma rapariga da cidade.

— Suponho que sim.

Agora, Cal pergunta:

— Alguma novidade?

— A mesma merda de todos os dias.

— Bom, vou patrulhar.

Está desejoso de sair dali.

— Não, senhor, hoje, não tens essa sorte — contradiz Twyla e levanta umas pastas. — Estás de guarda até nova ordem.

— Mas que merda…?

— Todos têm de ajudar até acabar a crise — lê Twyla. — Bem-vindo ao meu mundo. Está na hora da contagem.

— De fazer o quê?

— Agora, és carcereiro, cobói, e tens de contar os prisioneiros, certificar-te de que estão todos.

É então que volta a ver a menina.

Os internos de Clint estão alojados em vários edifícios — ou tendas — distribuídos pelo recinto, e Cal e Twyla têm de vigiar o maior.

A menina não está numa jaula agora, mas sozinha num canto da nave de blocos de cimento que serve como cela principal. Sozinha, porque quase todos os menores que ficam são masculinos e têm de a manter separada, também dos adultos, que se alojam do outro lado da nave, separados por uma malha metálica.

Sentada no chão, fixa o olhar em Cal.

Com esses malditos olhos.

— Como acabou aqui? — pergunta ele.

— Quem? A Luz? — pergunta Twyla. — Como todos. Salvadorenhos à procura de asilo. Os pais e ela foram apanhados em McAllen e, depois, separaram-nos. Quarenta e um, quarenta e dois, quarenta e três…

O número de menores varia diariamente porque alguns passam para a custódia de familiares nos Estados Unidos, outros são enviados para casas de acolhimento e ainda outros são deportados com os pais. A maioria, no entanto, é transferida para centros de internamento espalhados por todo o país.

— Há quanto tempo está aqui? — pergunta Cal.

— Três semanas, acho. Quarenta e quatro, quarenta e cinco…

— Isso é um pouco mais do que setenta e duas horas — comenta ele.

Segundo a lei, os menores devem reunir-se com os pais depois de passar pelos devidos trâmites administrativos ou ser entregues à tutela de familiares ou amigos através de autorização judicial num prazo máximo de três dias.

— Não localizámos os pais — explica Twyla. — Pelos vistos, deportaram-nos. Poderiam estar no México, em El Salvador, em qualquer lugar.

— Estarão à procura dela.

— Suponho que sim, mas como vão saber onde procurar? Quarenta e seis, quarenta e sete…

Sim, pensa Cal. O sistema, tal como está montado, é caótico. Os menores detidos são espalhados por múltiplos centros de internamento, ao longo e largo do país. Só no Texas, estão

os centros de Casa Padre, Casa Guadalupe e o acampamento enorme em Tornillo. Até em Chicago os há.

— Bom e agora? — pergunta Cal. — Qual é o plano?

— Que plano? Quando houve um plano? — quer saber Twyla. — Quarenta e oito, quarenta e nove…

Cal olha para Luz e diz em espanhol:

— Calma. Tudo vai resolver-se.

A menina não responde.

— Deixou de falar — informa Twyla. — Há coisa de quatro dias. Antes, chorava. Agora, nada.

— Alguém a examinou?

— Vem um psicólogo da ORR algumas vezes por semana — explica Twyla. — Mas aqui há 281 menores. Ou havia, esta manhã. Nesta unidade, temos sessenta e cinco, para o caso de quereres ajudar a contá-los.

— Não, parece que tens muito jeito. — Cal obriga-se a desviar o olhar da menina e segue Twyla pela sala.

— Cal, tenta não ser afetado pela síndrome do cachorrinho.

— Que raios é isso?

— Sabes o que é — diz Twyla. — Quando vais a um canil e te apaixonas por todos os cachorros que vês, mas só podes levar um para casa. Nós não podemos levar nenhum.

— Essa menina tem de estar com a família.

— Tens toda a razão. Mas o que fazemos?

«O que podemos», pensa Cal. «Isso é o que os manifestantes e os meios de comunicação não entendem: Não somos monstros, somos pessoas que fazem o que podem com o que têm. Que nunca é o suficiente. Não há sopa suficiente, nem pasta de dentes, nem compressas, nem toalhas, nem roupa limpa, nem médicos, nem remédios, nem pessoal, nem horas no dia ou na noite.

O tipo em que votei criou uma guerra sem plano e sem preparativos para a levar a cabo e é assim que estamos..»

As crianças têm piolhos, adoecem com sarampo, têm sarna, choram a todas as horas. O choro é um som de fundo constante, como o murmúrio da rádio em casa de Bobbi, só que quebra a alma e não é possível apagá-lo.

A não ser que seja Roger Peterson.

— Eu já não o ouço — disse uma vez a Cal. — É pura disciplina mental.

Mental, é claro que sim, pensa Cal. Mas não tem a certeza quanto à disciplina.

— Os pais não deviam ter trazido os filhos — declara Peterson. — Não é culpa nossa que os tenham trazido.

— Nem é culpa das crianças — replica Twyla.

— E o que queres fazer? Abrir as portas de par em par e deixar que venham todas as crianças pobrezinhas do mundo?

— Talvez — responde ela.

— Cá para mim, perdeste o juízo no Iraque — acusa Peterson.

— Já chega — interrompe Cal.

E Peterson sorri, brincalhão, e afasta-se.

— Sei cuidar de mim própria, não preciso que me defendam — queixa-se Twyla.

— Eu sei. Só tentava…

— Sei o que tentavas. E não o faças. Quando precisar de um cavaleiro com armadura

brilhante, lerei um conto de fadas.

— Entendido — acede Cal. — Temos as crianças todas?

— Todas presentes e contadas — diz Twyla.

«Porque fui tão bruta com ele?», questiona-se Twyla, quando volta ao apartamento nessa noite.

Tira a roupa e atira-a diretamente para a máquina de lavar roupa. É um dos muitos inconvenientes de trabalhar em Clint: A roupa cheira mal de estar todo o dia entre reclusos sujos e vestidos com roupa imunda. O cheiro cola-se e, às vezes, as pessoas da vila tapam o nariz quando um agente entra em algum lugar.

Entra no duche e passa muito tempo por baixo do jorro, esfregando a pele para se livrar do cheiro.

Sabe que, se se sente suja, não é apenas por isso.

É também por essa rapariguinha, tão traumatizada que está quase catatónica.

«Talvez tenha sido por isso que fui tão bruta com o Cal. Ou talvez seja porque o Peterson acertou em cheio, por sorte, claro, sendo ele. Ou talvez seja porque sinto coisas pelo Cal que não deveria sentir.»

Twyla viu como olha para ela às vezes e não está habituada a que os homens olhem assim para ela. Até no Iraque, onde quase não havia mulheres, os companheiros de unidade pensavam que era lésbica e nenhum deles tentou seduzi-la.

Sabe que é muito trôpega e desajeitada e sente-se consciente de como é paradoxal que a mãe — uma mulher com inquietações boémias e artísticas que nunca encontrou o seu lugar em El Paso — lhe tenha dado o nome da famosa bailarina Twyla Tharp.

Merda, até o meu apelido parece trôpego.

Kumpitsch.

No liceu, as meninas mais mesquinhas chamavam-lhe Lumpitsch[9].

Twyla Lumpitsch.

Depois daqueles quatro anos horríveis e de um semestre sem sentido a estudar num instituto politécnico, decidiu que o melhor que podia fazer era alistar-se no exército. Quase acabara a missão no Iraque quando aconteceu o atentado e, ao sair do hospital, dispensada com honras e com uma prótese numa anca e um coxear leve, decidiu trabalhar na Patrulha Fronteiriça, onde, como havia escassez de agentes femininas, a aceitaram depressa, embora estivesse um pouco maltratada.

Olha para a cicatriz pomposa da anca esquerda, outra coisa que a tornaria mais feia se algum homem a visse nua. Teve alguns namorados casuais antes de ir para o Iraque; depois não teve nenhum, não só por causa da cicatriz, mas porque não quer que saibam que ir para a cama com ela implica outras coisas.

Ao sair do duche, limpa-se, veste um robe e entra na sua cozinha para fazer alguma coisa para jantar. Todos os sábados, vai ao supermercado e compra sete pratos pré-cozinhados. Tem um só prato, um só garfo, uma colher, uma faca, um copo e uma chávena.

Prefere-o assim: Tudo limpo, austero, sem complicações. Fácil de fazer e de limpar. O apartamento está impecável: A cama está feita ao estilo do exército e a toalha está pendurada com cuidado no toalheiro.

Twyla controla tudo o que pode.

Aquece umas almôndegas com puré de batata e milho no micro-ondas e senta-se à frente da televisão a comer. Há um jogo dos Rangers. Twyla gosta de basebol porque tem linhas claras e números. Três *strikes* são sempre um *out* e três *outs*, um *inning*.

Cal não é muito bonito, que se diga, pensa. Tem pouco cabelo e, certamente, há mais buracos do lado esquerdo do seu cinto do que do direito. Mas tem uns olhos bonitos, é simpático, fala com delicadeza e, sobretudo, é amável e olha para ela dessa forma, como se fosse bonita.

«E foste bruta com ele», pensa Twyla.

O jogo já está no sétimo *inning* quando começa a acontecer. Não acontece todas as noites, mas acontece com frequência e Twyla conhece os sintomas. Começa com uma sensação de enjoo, segue-se uma dor de cabeça e, depois, começa a pestanejar e não consegue parar.

Levanta-se e vai buscar a garrafa de *Jim Beam* que tem no armário por cima do lava-loiça. Serve-se sempre do uísque no copo porque beber da garrafa significaria que tem um problema de alcoolismo e não tem.

Bebe o uísque como quem toma uma dose de remédio e é assim, de certo modo. Não gosta do seu sabor, gosta do efeito calmante e da esperança de que adie um pouco o inevitável.

Quando guarda a garrafa, treme-lhe a mão.

Entra na casa de banho, fecha a porta e tapa a ranhura com a toalha para amortecer o barulho. Deita-se no chão fresco e, um instante depois, está aninhada em posição fetal dentro do blindado, rebenta-lhe a cabeça de dor, as costas são uma massa de carne rasgada e ossos partidos, está presa dentro do veículo em chamas, há sangue e gritos por todo o lado, os companheiros agonizam e morrem e ouve-se a gritar.

Tapa os ouvidos com as mãos e espera que passe.

Passa sempre e volta sempre.

Cal não consegue tirá-la da cabeça.

A pequena, Luz.

Esses olhos.

Olhavam para ele com recriminação?

Ou talvez pedissem alguma coisa.

Mas o quê?

«Pode ajudar-me? Pode encontrar a minha *mami* e o meu *papi*?»

Ou talvez perguntassem: «Que tipo de homem és?»

Boa pergunta, pensa Cal, enquanto tira o papel de alumínio do seu *burrito* comprado num local de comida rápida. (É preciso uma certa habilidade para segurar o volante com uma mão e, com a outra, desembrulhar o *burrito* e levá-lo à boca, mas ele tem muita prática. Os que atendem no drive-in do restaurante já o conhecem pelo seu nome.)

Tem trinta e sete anos, não é casado nem tem filhos e vive na parte leste de El Paso, num apartamento arrendado, mobilado e com um só quarto. Teve uma namorada há uns anos e a coisa era bastante séria. Gloria era uma rapariga muito agradável, professora infantil, mas deixou-o porque não conseguia alcançá-lo.

— Estás tão fechado em ti próprio que não consigo alcançar-te — disse. — E estou cansada de tentar. Já não aguento mais.

Cal fingiu que não entendia o que queria dizer, mas entendia. A mãe costumava dizer algo muito parecido do pai. Certamente, fora por isso que se fora embora. Cal sabe que é igual, mas está convencido de que é o que acontece com a maioria das pessoas: Que a melhor parte das pessoas está presa dentro da pior e não consegue sair.

Enquanto abre, com os dentes, o pacotinho de molho picante e põe um pouco no *burrito*, pensa que talvez seja igual com os países: Que talvez mantenhamos a melhor parte de nós fechada sem nos apercebermos, mesmo quando pomos crianças em jaulas.

«Assim, que tipo de homem és?», questiona-se.

Muito boa pergunta.

De manhã, entra no escritório e pergunta a Twyla:

— Tens o relatório dessa menina, da Luz?

Ela não tem boa cara. Está pálida e cansada como se não tivesse dormido.

— Os relatórios estão na ORR — responde.

— Consegues arranjar o dela?

Twyla fixa o olhar nele.

— Para quê?

Cal encolhe os ombros.

— Isso não me serve — diz ela.

— Pensei que podia tentar encontrar os pais — responde Cal.

— Ou seja, nem o Escritório de Realojamento de Refugiados nem o Departamento de Saúde Pública, nem a Segurança Nacional nem a União pelas Liberdades Civis são capazes de os encontrar — diz Twyla —, mas o Cal Strickland consegue?

— Bom, não sei até que ponto estão a tentar — argumenta Cal. — Porque têm alguns milhares de miúdos com que se preocupar. Eu só me preocuparia com encontrar os da menina.

— Ah, sim? — pergunta Twyla. — Já te avisei em relação a isto, Cal.

— Sei cuidar de mim próprio, Twyla.

— Suponho que mereça isso. Está bem, vou tentar beber uma cerveja com a senhora da ORR. Não é má tipa. Mas não te prometo nada.

— Obrigado.

Há este momento.

Nenhum dos dois consegue estender a mão e aproveitá-lo, no entanto.

Na manhã seguinte, Twyla dá-lhe uma pasta.

— Custou-me três cervejas — diz. — Essa senhora sabe beber. Supostamente, nós não temos acesso a estas coisas, portanto, lê-o e deita-o fora.

— Agradeço-te muito.

É a oportunidade perfeita para a convidar para jantar ou para beber uma cerveja para lhe agradecer, mas, como não lhe saem as palavras, Cal agarra na pasta e leva-a para a carrinha.

A menina chama-se Gonzalez e é salvadorenha.

A mãe, Gabriela, tem vinte e três anos. Luz e ela foram capturadas no dia 25 de maio quando deambulavam por este lado da fronteira e internadas no centro de internamento McAllen, onde passaram dois dias. Depois, separaram-nas e transferiram Luz para Clint.

Todos os detidos têm um Número de Estrangeiro. O de Luz é o 0278989571.

Gabriela foi deportada de McAllen no dia 1 de junho.

Puseram-na num avião com destino a El Salvador.

Sem a filha.

Deve estar angustiadíssima, pensa Cal. O relatório, no entanto, não diz nada sobre ter tentado contactar as autoridades americanas. Não há nenhuma anotação que indique que ligou para a linha de apoio da ORR habilitada para estes casos. Claro que a linha acabou de entrar em funcionamento e é possível que nem sequer saiba que existe. Também não diz que tentou ligar para algum dos centros de detenção, para a ORR, para a Segurança Nacional ou para a Imigração, mas talvez não saiba para onde ligar.

Que merda, até os advogados demoram a esclarecer a confusão de siglas, quanto mais uma rapariga simples que não fala inglês e que deve estar cheia de medo.

Se é que está viva, pensa Cal.

Porque, se fugiu de El Salvador, teve de ser por alguma razão e é muito possível que essa razão estivesse à espera dela quando voltou.

E onde está o pai?

O relatório não diz que Luz tem família nos Estados Unidos. Ou seja, não há ninguém que possa encarregar-se da sua tutela.

«E, então, o que vamos fazer com a criança?», questiona-se Cal. «Mandá-la para uma residência para menores não acompanhados? Para um lar de acolhimento? Mantê-la presa até fazer os dezoito anos? E depois? Continuará a ser tão ilegal como agora.»

E, além disso, estará devastada.

Se tiver muita sorte, talvez acabe a viver com uma família carinhosa que cuide bem dela, mas sempre se questionará porque a mãe a abandonou. Ou talvez tenha azar e acabe numa residência horrível ou com uma família de acolhimento de merda que a maltrate física e emocionalmente, que abuse sexualmente dela ou as três coisas juntas.

Portanto, tem de encontrar a mãe.

Cal começa pelas celas.

Das várias centenas de internos que há em Clint, cerca de um terço é salvadorenho, de modo que talvez algum deles conheça Gabriela Gonzalez.

O problema é que a ORR não o deixa ver os relatórios.

— Já vos permiti ver um — diz a senhora da ORR. — Não posso deixar que vejam todos.

— Está a dizer — responde Cal —, que estamos a cargo do bem-estar destas pessoas, mas não nos deixam ver os relatórios? E porquê?

— O Departamento de Saúde e Serviços Sociais já está bastante arrasado com esta porcaria — responde ela. — Os meios de comunicação social aproveitam cada história dramática. Acha que queremos pôr mais lenha na fogueira?

— Não vou falar com os meios de comunicação social — declara Cal. — Só tento encontrar a mãe de uma menina.

— Esse não é o seu trabalho, é o meu.

— Então, deveria fazê-lo.

— Estou a fazer tudo o que posso — indica a mulher. — Mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta, agente Strickland. A mãe está a tentar encontrar a filha? Já viu o relatório. Não houve nenhuma chamada, nem uma tentativa de a localizar. Pensou na possibilidade de a mãe não querer que a encontremos? De talvez ter abandonado a filha sem mais nem menos? Estou há muito tempo nos serviços sociais. Vi bebés abandonados em caixotes do lixo.

Cal sente-se a corar.

— Não, não tinha pensado nisso.

Observa-o durante uns segundos e, depois, acrescenta:

— Talvez, se vier esta noite, encontre a porta do escritório aberta. Mas, se criar um circo com este assunto, Strickland, juro-lhe por Deus que farei com que o transfiram para a fronteira canadense para que os seus tomates congelem e caiam.

— Obrigado.

— Não agradeça — pede ela. — Nunca agradeça.

Quando volta nessa noite, Twyla está lá.

— O que fazes aqui? — pergunta Cal.

— Hoje, tenho turno duplo. Preciso das horas extra. E tu? O que fazes aqui?

Ele não responde.

— É uma pergunta muito simples, Cal.

— Não quero envolver-te nisto.

— Envolver-me no quê?

— Quanto menos souberes…

— Vai à merda! — Vira-se e afasta-se.

Cal aproxima-se do escritório da ORR e encontra a porta aberta.

Demora várias horas a examinar os arquivos, que são um desastre. Não há formatos nem requisitos preestabelecidos. Em alguns, está a nacionalidade dos detidos e, noutros, não. Em alguns, está a data de detenção e, noutros, só a de entrada no centro de internamento de estrangeiros.

Faz o que pode.

Primeiro, pega em todos os relatórios de detidos identificados como salvadorenhos.

Duzentos e oitenta no total.

Copia os nomes para um caderno que comprou numa loja de conveniência a caminho de lá. Depois, dá uma olhadela para ver se algum foi detido nas imediações de McAllen ou perto do dia 25 de maio, porque, quando atravessam o rio, os ilegais costumam chegar em grupos.

Tem sorte: Encontra sete.

Fotocopia as fotografias dos internos, sublinha os nomes no caderno e deixa os relatórios como os encontrou.

Quando se afasta pelo corredor, encontra Peterson.

— O que fazes aqui a estas horas? — pergunta Peterson.

— Deixei a merda da carteira no cacifo.

Peterson sorri.

— A Twyla está de guarda.

— Ah, sim?

— Não sabias? Achava que talvez tivesses voltado para tentar ganhar alguma coisa.

— És um imbecil, sabias?

— Calma, miúdo, era uma brincadeira — diz Peterson. — Vê lá se aceitas as coisas com um bocadinho mais de humor. Isto já é uma merda, com tantas crianças a chorar.

— Achava que não as ouvias.

— Sabes o que esses malditos são para mim? — replica Peterson. — Horas extras. Vou comprar uma carrinha nova graças a estas crianças.

— Fico contente por ti.

— Eu também. Mas, ouve, se a Twyla e tu quiserem escapulir-se por um instante, eu cubro-vos. Quanto tempo podem demorar? Alguns minutos? Anima-te, homem, estou a brincar.

— Vou-me embora.

— Dá um beijo à Twyla da minha parte — acrescenta Peterson. — Ou melhor, da tua.

Quando está prestes a sair, Twyla pergunta:

— Já tens o que precisavas?

— Quase, quase.

— Cal…

— O que foi?

— Estou preocupada contigo.

— Sim, eu também, um pouco — replica e sai pela porta.

Bem cedo de manhã, Cal entra na zona de adultos, por trás do arame farpado, e chama os sete salvadorenhos.

Chama-os pelo nome e pelo número.

Nenhum deles responde.

Os internos desviam o olhar ou olham para ele com receio. «Lógico», pensa Cal. «Foram homens com este mesmo uniforme que os puseram aqui.»

— *Sólo estoy tratando de ayudar.* Só estou a tentar ajudar — diz.

Mas não acreditam.

Aponta para outro lado da nave, para Luz.

— *Esa niñita por allí.* Aquela menina ali.

Também não acreditam que queira ajudá-la.

Cansados, sujos, famintos, assustados e zangados, já não acreditam em nada.

Não acreditam nos Estados Unidos.

— Muito bem, vamos fazer isto da pior maneira — diz Cal.

Percorre a zona de internamento com as fotografias e, um a um, encontra os salvadorenhos. E, um a um, dizem-lhe exatamente o mesmo: Nada.

Nenhum deles conhece Gabriela Gonzalez.

Nenhum deles conhece a filha, a não ser por a ver ali.

Nenhum deles chegou com ela do México.

Nenhum deles atravessou o rio com ela.

«*No sé, no sé, no sé, no sé.*» Não sabem.

— O que estás a fazer? — pergunta Twyla.

— Tento encontrar a mãe dessa menina.

— Como? Amedrontando os internos?

— Tens uma ideia melhor?

— Não, mas eu tenho um cromossoma X que te falta.

— Que merda queres dizer com isso?

— Sou mulher — indica Twyla. — Olha, estes homens não vão dizer-te nada. As mulheres, talvez, mas os homens não. De certeza que quase todas foram violadas ou, pelo menos, sexualmente agredidas na viagem. E as outras fogem da violência que os homens exercem. E tu entras aqui, a ameaçar…

— Não ameacei ninguém…

— És muito grande, Cal — indica Twyla. — E estás de uniforme. Isso é uma ameaça implícita.

— Implícita?

— Fiz um curso no instituto politécnico — informa ela. — Olha, deixa-me tratar disto, para ver o que consigo.

— Disse-te ontem…

— Sei o que me disseste, mas não mandas em mim, Cal. Faço o que quero.

— Está bem.

— Está bem.

Está bem.

Teve três noites más.

Normalmente, os ataques só acontecem uma vez por semana, mais ou menos, mas já acontecem há três dias seguidos e não entende porquê. Talvez seja por causa das horas de trabalho, pensa, ou talvez seja por causa do *stress*.

Entra no módulo de adultos para falar com Dolores, uma salvadorenha que tem um filho de catorze anos que localizaram no acampamento de Tornillo. A ORR está a tentar reuni-los, mas a papelada parece demorar eternamente.

Custa encontrar um espaço livre na cela cheia de pessoas, mas desviam-se para um canto e Dolores lança um olhar severo às outras reclusas, exigindo que as deixem a sós por um minuto.

— Incomoda-as que fale comigo? — pergunta Twyla.

— Se as incomoda, é problema delas, não meu.

Isso é verdade, pensa Twyla, que reparou que, ali, ninguém se mete com Dolores. É uma líder entre as mulheres e, certamente, também entre os homens.

— O que queres, *m'ija*? — pergunta.

Twyla acha graça que lhe chame filha.

— O meu amigo Cal…

— O grandote.

— O grandote.

— O que se passa?

— Já conheces os homens.

— Ui, conheço, sim — concorda Dolores. — Então, o teu homem…?

— Não é o meu homem.

— Podes mentir a ti própria à vontade, *m'ija* — replica Dolores —, mas não me enganas. O teu homem está a tentar encontrar a mãe da Luz.

— Podes fazer alguma coisa?

Silêncio.

— De mulher para mulher — acrescenta Twyla.

Silêncio novamente.

— Tu és mãe, Dolores — insiste Twyla e espera.

— Talvez consiga encontrar alguém que saiba alguma coisa — concede Dolores, finalmente.

— Agradeceria.

— O suficiente para conseguires fazer com que fale com o meu filho ao telefone?

— Acho que consigo fazer isso.

De mulher para mulher.

Dolores consegue falar ao telefone com o filho.

E Cal consegue o que procurava.

O recluso chama-se Rafael Flores e veio de El Salvador com Gabriela. Atravessou o rio um dia antes dela, foram detidos no mesmo dia e acabou em Clint porque estavam cheios em McAllen.

— Da outra vez, quando te perguntei — diz Cal —, não sabias de nada.

— Isso era antes.

— Antes de falares com a Dolores?

Rafael assente. Tem trinta e quatro anos, mulher e dois filhos que já estão nos Estados Unidos, em Nova Iorque. Ele regressou a El Salvador para ir ao funeral do avô e detiveram-no ao voltar a entrar.

— O que é que a Dolores te prometeu? — pergunta Cal.
— Barrinhas de cereais.
— Barrinhas de cereais?
— Disse que me daria mais barrinhas — diz Rafael. — Trouxe-as?
— Primeiro, falamos e, depois, trago-te as tuas barrinhas de cereais.
Não há bons samaritanos em jaulas, pensa Cal.
Rafael é do mesmo *barrio* de San Salvador que Gabriela Gonzalez.
— Então, conhece-la — diz Cal.
— Um pouco.
— Fala-me dela.
Os detalhes diferem, a história é sempre a mesma.
O marido de Gabriela, Esteban — o pai de Luz —, pertencia à Mara Salvatrucha. Não queria juntar-se ao gangue, mas, naquela rua e naquele *barrio* se não se for de um gangue tem de se pagar uma *renta*, um suborno para que o deixassem trabalhar em paz. Como Esteban tinha uma banca de *tacos*, juntou-se ao gangue, fez a tatuagem e transformou-se num *marero*.
Até um esquadrão da morte enviado pelo governo, dentro do plano *Mano Dura* de erradicação dos gangues, o pôr de joelhos no meio da rua e lhe dar um tiro na nuca à frente da mulher e da filha. Depois, o chefe do esquadrão disse a Gabriela que voltaria nessa noite.
E que ela decidia. Das duas, uma: Ou lhe chupava a pila ou levava um tiro na boca.
Gabriela agarrou na filha e juntou-se a uma das caravanas que se dirigiam para El Norte, esperando conseguir o asilo político.
— Tem conhecidos aqui? — pergunta Cal.
Que Rafael saiba, não.
— Mas mal conheço a família Gonsalvez.
— O que disseste?
— Que mal conheço a família Gonsalvez.

Cinco minutos depois, Cal está no escritório da ORR.
— É possível — diz a senhora. — Sim, é possível que, se alguém ligar a perguntar pela Luz *Gonsalvez*, o motor de busca do sistema informático não a relacione com a Luz *Gonzalez*.
— Mas só há uma letra de diferença.
— Tenho consciência disso. Se a mãe tivesse perguntado pelo número de identificação da menina…
— Tem o número?
— Não necessariamente — responde ela, com um suspiro.
— Portanto, escrevemos mal um apelido e, agora, uma mãe não encontra a filha.
— Agente Strickland, tem ideia do volume de…?
Cal sai do escritório.

Rafael tem um primo que tem um amigo que tem uma irmã que trabalha com a tia de Gabriela Gonsalvez.
Que tem telemóvel.
— Dá o número à ORR e deixa que eles se encarreguem de tudo — recomenda Twyla.
— Porquê? Porque fizeram tudo tão bem até agora?
— Porque estás a envolver-te demasiado.
— O meu pai costumava dizer que, quando as pessoas já estão a meio do rio, é um pouco tarde

para começar a preocupar-se com a profundidade.

— E sabia outros ditados populares tão bons como esse?

— Imensos — responde Cal. — Dizia, por exemplo: «Se quiseres que algo seja bem feito, fá-lo tu próprio.» Primeiro, vou ligar e, depois, posso dar todos os dados à ORR.

Liga à tia.

— Não, a Gabriela não está aqui — diz a mulher.

— Mas voltou, não foi?

— Sim, mas foi-se embora outra vez.

Pelo menos, está viva, pensa Cal.

— Sabe para onde foi?

— Para o México. Ia tentar encontrar a filha.

— Temo-la. Tem um lápis, uma caneta ou alguma coisa para anotar? — Dá-lhe o número de identificação de Luz e explica que houve um erro com o apelido. Depois, pergunta: — A Gabriela tem telefone?

— Não, não tem telefone, mas disse que me ligaria.

— Quando ligar, dê-lhe este número, por favor.

— Está bem — acede a tia. — Como está a Luz? Está bem?

— Sente a falta da mãe — replica Cal.

É a melhor resposta que lhe ocorre.

Jaime recebe uma chamada.

— Eh, o que se passa? Passa-se alguma coisa? Alguma novidade?

— O teu antigo *cuate*, o Strickland — replica Peterson.

— Que se passa com ele?

— Está a fazer muitas perguntas sobre uma *cerote*, uma tal Gabriela Gonsalvez. Temos a filha dela aqui.

— E porque lhe interessa tanto?

— E como queres que saiba? — queixa-se Peterson. — Mas está a deixar as pessoas nervosas.

— Está bem. Vigia-o.

— E faz com que os meus envelopes continuem a chegar a tempo.

— Sei muito bem o que faço, irmão branquito. E nunca me atraso — declara Jaime.

E desliga.

«Que merda é que esse estúpido do Cal procura?», questiona-se. «Porque se importa com uma salvadorenha e a filha?

E, sobretudo, como é que isto pode beneficiar-me?»

Cal prende uma corda à brida do *Riley* e tira-o do curral. O cavalo acha que vai montá-lo, mas tem uma deceção: Cal não quer carregá-lo com o seu peso.

Portanto, só vão dar um passeio pelo caminho de terra, para o antigo campo de algodão. Agora, há muitas pessoas que plantam pimentos — pelos vistos, a malagueta vende-se bem —, mas, para isso, é preciso rega e Cal sabe que Bobbi não tem capital para fazer esse investimento.

O seu velho teria adorado a ideia, pensa Cal. Punha malagueta em tudo e, depois, regava-o com *tabasco*: Sacudia o frasco como se apunhalasse a comida.

— De certeza que não és meio mexicano? — perguntou Cal, uma vez, ao ver que misturava os ovos com malagueta.

— Se eu sou, tu também és — indicou Dale.

— Há coisas piores, suponho — disse Cal.

— É claro que sim. Podias ser meio banqueiro.

Nem pensar, isso é que não, pensa Cal, agora.

Há imensos Strickland nesta parte do Texas, mas podem dividir-se em apenas dois ramos: Os que têm dinheiro e os que não e ele pertence indubitavelmente ao segundo grupo.

O *Riley* dá-lhe um empurrãozinho por trás. «Podes andar mais depressa, por favor?»

— Tens pressa? — pergunta Cal, mas aperta o passo.

Começa a estar calor e, certamente, o cavalo quer voltar o quanto antes para a sombra da *ramada* que Cal lhe construiu.

Ou seja, a mãe de Luz — pensa Cal —, que supostamente a abandonou, que não se incomodou em ligar, aparentemente, preocupa-se tanto com ela que, depois de a mandarem para El Salvador, voltou atrás e arriscou-se a fazer a viagem comprida e perigosa até à fronteira para tentar encontrar a filha.

Enfim, agora, tem mais possibilidades de conseguir.

Por uns segundos, Cal observa o antigo campo de algodão, vira-se e leva o *Riley* de volta ao curral.

Quando chega a Clint, descobre que a senhora da ORR quer vê-lo.

E depressa.

— Sei que localizou a família da Luz Gonsalvez — diz. — Quer contar-me alguma coisa?

Cal conta-lhe o que sabe e dá-lhe o número de telefone da tia.

— Vou entrar em contacto com ela e dizer-lhe para, se a Gabriela lhe ligar, lhe pedir para me ligar — diz a senhora. — Vamos encarregar-nos deste assunto a partir de agora. Entendido?

O chefe diz-lhe exatamente o mesmo. Cal encontra-o no corredor e o comandante diz que não vai consentir comportamentos de cobói na sua unidade.

«Então, não devias ter contratado um cobói», pensa Cal.

Luz olha para eles.

«O que terão visto esses olhos?», interroga-se Cal.

— Consegui fazer com que coma um pouco — diz a assistente social.

— Continuamos a tentar — acrescenta Twyla.

— Disseram-me que há a possibilidade de, em breve, a devolverem à mãe.

— Sim — confirma Cal.

— Que bom — replica a assistente social. — Porque se não…

Sim, que bom, se fosse verdade.

Porque passam dois dias e, depois, três sem Gabriela ligar.

Não têm notícias dela nem da tia.

E, então, Cal descobre que, de qualquer forma, já não importa.

— Que merda está a dizer-me?! — brama Cal.

— Só lhe conto por cortesia, mais nada — responde a senhora da ORR. — Não é da sua incumbência, literalmente. Mas pensei que quereria saber.

Saber que Esteban Gonsalvez residiu ilegalmente nos Estados Unidos durante vários meses no ano de 2015 e que o detiveram e condenaram por conduzir bêbado, o deportaram e que a ORR não pode devolver uma menor não acompanhada a um tutor que tem antecedentes penais.

— E que, além disso, está vinculado a um gangue — acrescenta a senhora da ORR.

— Mas está morto!

— Mas, por extensão, a mulher também está vinculada ao gangue — argumenta ela. — Além disso, não tentou entrar em contacto…

— Porque nós anotámos mal a merda do apelido!

— Isto vai considerar-se um caso de abandono.

— Ou seja, está a dizer-me que, mesmo que consigamos localizar a mãe, não vão dar-lhe a Luz?

— Resumidamente, sim.

— E o que vai acontecer agora? — pergunta Twyla.

— Já que a menina não tem família nos Estados Unidos que possa encarregar-se dela, será dada para adoção.

Cal inclina-se por cima da mesa.

— Essa menina tem uma mãe — diz, com ênfase.

— Onde? — pergunta a senhora. — Onde, agente Strickland? Onde está a sua mãe?

Cal nunca foi de beber muito.

Esta noite, no entanto, entrega-se à bebida.

Twyla e ele vão ao Mamacita, na Dez, pedem um jarro grande de cerveja e, depois, outro.

— Vai parecer uma estupidez, mas eu fui para o Iraque porque amava a América — declarou Twyla. — E, agora, já nem sequer reconheço este país. Não somos como pensava que éramos. Temos alguma coisa quebrada por dentro.

— Não podemos permitir que aconteçam estas coisas.

— E o que vamos fazer, Cal?

— Não sei.

Há bêbados felizes, bêbados coléricos e bêbados melancólicos e eles ficam ali sentados, perdidos num silêncio melancólico e ensimesmado, até Cal perguntar:

— Não estás farta de perder?

— O que queres dizer?

— Parece que, há uns anos, não paramos de perder. Perdemos os nossos empregos, o nosso país… Perdemos o que costumávamos ser. E estou farto de perder, tu não?

Twyla abana a cabeça.

— Não pode perder-se o que nunca se teve.

— E o que é que nunca tiveste?

Durante uns segundos, fica a olhar para o jarro de cerveja e, depois, diz:

— Não importa.

— Importa, sim.

— Sim?

— Sim.

— Cal, eu… — começa a dizer ela. — Tenho muita vergonha, já sabes… A minha anca… O coxear.

— Não me incomoda.

— Mas incomoda-me. Porque não sou, bom, já sabes, não sou muito atraente, digamos.

— A mim, pelo contrário, estão sempre a confundir-me com o Brad Pitt — troça ele.

Twyla vê-o com novos olhos.

— Isso era o melhor que podia dizer.

Estão prestes, prestes a levantar-se, a ir para casa dela ou dele, prestes a ir para a cama juntos ou a apaixonar-se, talvez.

Porém, então, toca o telemóvel de Cal.

Olha para o número, vê que é do México.

— És tu, Cal? — pergunta Jaime. — Ouve, descobri que estás à procura de uma tal… Deixa-me ver as minhas notas… Uma tal Gabriela Gonsalvez?

— O que se passa com ela?

— Está aqui. Se te interessa tanto, porque não vens buscá-la, colega?

Estão sentados na carrinha de Cal.

— Deixa que os chefes tomem conta disto — pede Twyla.

— Já vimos como se encarregam destas coisas — replica ele.

— Meu Deus, o que tencionas fazer?

— Levar a menina à mãe.

— Sabia — diz Twyla. — Se levares essa menina, será um sequestro e isso é um crime federal. Vão prender-te para sempre.

— Talvez.

— Ou talvez o Jaime Rivera te mate.

— Talvez, sim.

— Ótimo, faz-te de justiceiro, se quiseres, Cal, mas isto é uma loucura. Vais fazer uma loucura.

— E o que estamos a fazer não é uma loucura? — pergunta ele. — Arrancar crianças das suas mães não é uma loucura? Pô-las em jaulas não é uma loucura?

— Totalmente — concorda Twyla —, mas não vais resolver isto se sacrificares a tua vida.

— Nem se sacrificar a dessa menina.

— É uma menina entre milhares. Não podes salvá-las a todas.

— Mas posso salvar uma.

— Talvez, só talvez.

— Terei de me conformar com isso — declara ele. — Não quero envolver-te nisto. Quanto menos souberes, melhor, assim, não poderão culpar-te de nada.

— Não vou permitir que o faças.

— Vais denunciar-me?

Twyla olha pela janela e desvia os olhos dele.

— Não.

— Era o que me parecia — diz Cal. — Tu não és assim.

— Suplico-te que não o faças — insiste Twyla. — Se o fizeres, não voltarei a ver-te. E não é isso que quero.

— Nós não somos pessoas que conseguem o que querem.

— Suponho que não.

Twyla abre a porta e sai. Fecha-a com força.

Cal vê-a a entrar no seu carro e a afastar-se.

Twyla volta para casa e pensa que não precisa da garrafa que guarda em cima do lava-loiça: Já bebeu o suficiente para manter a dor afastada.

Mas não.

Cal fica sentado na carrinha por um instante e, depois, arranca e dirige-se para casa, pensando em Luz Gonsalvez, em Gabriela e em Twyla.

Volta para trás e vai para o edifício de Twyla.

Para no estacionamento e pensa se não será melhor mudar de ideias. Às vezes, abrir a porta do carro é o mais difícil que alguém alguma vez fez, mas abre-a. Sobe pela escada exterior até ao primeiro andar e fica ali parado, a tentar reunir coragem para tocar à campainha. Fica lá cinco minutos, talvez e, durante esses cinco minutos, pensa em ir-se embora cinco vezes enquanto tenta deduzir se Twyla queria ou não que viesse.

Toca à campainha.

Ouve-a gritar:

— Fora!

— Twyla, é o Cal!

Passam trinta segundos eternos e, finalmente, abre-se um pouco a porta e Cal vê a sua cara. Branca como os faróis de um carro que vem de frente. Escorrem-lhe as lágrimas pelas faces, treme e tem os olhos dilatados pelo medo ou, pelo menos, é o que parece.

Não, não é medo.

É terror.

— Vai-te embora, Cal — pede. — Por favor.

— Estás bem?

— Por favor.

— Posso entrar?

A sua cara contrai-se numa expressão que Cal nunca viu. Grita:

— Vai-te embora, Cal! Por favor! Disse para te ires embora! Deixa-me em paz!

O que devia fazer seria empurrar a porta e entrar.

Entrar à força, rodeá-la com os braços e protegê-la do que está a magoá-la tanto. Interpor-se entre ela e o seu terror.

«É o que devíamos fazer.»

Mas não o faz.

Disse-lhe para se ir embora e ele vai.

A porta fecha-se à frente dele e a última vez que Cal recorda uma porta a fechar-se assim foi quando tinha oito anos e a mãe se foi embora. A porta já não voltou a abrir-se, pelo menos, para ela entrar.

De modo que, agora, Cal se afasta.

Twyla volta para a casa de banho a cambalear e cai no chão.

Desejava que a abraçasse! Que o toque da sua pele na dela a ancorasse ao presente e a retivesse nele, a tirasse do caixão ardente em que habita. Cal poderia passar a noite deitado ao seu lado até amanhecer outro dia quebrado e talvez atravessassem juntos, a coxear, este país alheio e estranho.

Mas mandou-o ir-se embora.

Obrigou-o a ir-se embora.

Expulsou-o.

Porque cada um de nós está na sua própria jaula.

E ninguém pode entrar nela.

Só nós podemos partir a jaula e fugir dela.

E quase nunca o fazemos.

Cal percorre a cerca.

Não a cortaram.

O pai costumava dizer que a maioria das pessoas faz o correto quando não lhe custa fazê-lo e que, pelo contrário, muito poucos fazem o correto quando têm de pagar o preço.

— E ninguém faz o correto quando arrisca tudo — concluía Dale.

— Tu farias — respondia Cal.

— Não me parece.

Contudo, Cal acreditava. Era jovem, então. Já não é tanto e a verdade é que continua a acreditar.

Vai ver o *Riley*. Dá-lhe comida, acaricia-lhe o focinho e comenta:

— Sempre foste um cavalo ótimo, sabes?

O *Riley* mexe a cabeça como se dissesse que sim, que sabe.

Cal tem a pistola atrás das costas. Dá um passo atrás e levanta-a.

O cavalo olha para ele. «O que vais fazer?»

Cal guarda a pistola.

Quando volta à casa, o jantar está na mesa e senta-se a comer.

Bife de vitela, batatas assadas, feijões-verdes.

— Não conseguiste, pois não? — pergunta Bobbi.

— Não.

— Vou chamar o veterinário.

— Dá-lhe um dia ou dois, está bem?

— Porquê?

— Porque sim — responde Cal. — Soubeste alguma coisa do Jared ultimamente?

— Está outra vez na desintoxicação.

— Quanto vai custar-te? — pergunta Cal.

— Mais do que tenho.

— Vende mais alguns hectares.

— Não tenho outro remédio — diz ela. — Construirão uma urbanização de merda e vão chamar-lhe Prado qualquer coisa.

— Os donos poderão fingir que são cobóis. — Cal pega num pedaço de carne e leva-o à boca. Depois, pergunta: — Lembras-te desse disco que o pai ouvia sem parar?

— *Blood on the Saddle* — diz Bobbi. — Como odiava essa canção! Meu Deus, porque pensaste nisso?

— Não sei. — Cal levanta-se. — Tenho de ir. Obrigado pelo jantar.

— Que pressa tens?

— Esta noite, trabalho. — Dá-lhe um beijo na cabeça. — Adoro-te.

— E eu também te adoro.

Cal sai e vai com a carrinha para o estábulo. Entra e tenta pôr a *Toyota* do pai a trabalhar, mas a bateria está descarregada. Volta para a carrinha, pega nos cabos de ligação e põe o motor da *Toyota* a trabalhar.

Estes carros dos japoneses, pensa Cal.

Tira a *Toyota* do estábulo e põe o *Ford* 150 lá dentro.

Enquanto se afasta, pensa: O correto é o correto, é o correto, é o correto…

Chama-o pelo seu nome.

Não por outro.

Continua na carrinha quando Twyla liga.

— Desculpa-me por ontem à noite — desculpa-se.

— Não tens de pedir desculpa — declara Cal. — Sei que estavas muito zangada comigo e isso.

— Não foi por isso. Foi… Ouve, Cal, o que disseste ontem à noite que ias fazer… Foi porque estavas bêbado, não foi?

— Sim. Foi porque estava bêbado. A boca aqueceu e comecei a delirar. Mas, quando me passou a bebedeira… Bom, sabes, pensei melhor. Eu não faria uma coisa assim.

— Fico contente — diz ela. — Vemo-nos depois, não é? Tens o turno da noite?

— Sim.

— Então, até mais tarde.

— Twyla… Estás bem?

— Sim, Cal, estou bem. Quero dizer… Já estou melhor.

Twyla estranha que Cal não tenha vindo trabalhar.

Liga-lhe.

Vai para o correio de voz.

Não deixa mensagem.

Luz está a dormir no chão de cimento. Mal acorda quando Cal pega nela ao colo.

— *Está bien, no voy a lastimarte* — diz ele. «Está tudo bem, não vou magoar-te.»

Do outro lado da nave, atrás do arame farpado, quase todos dormem. Dolores, no entanto, aparece, vigia-o.

Cal observa-a.

Ela faz um gesto de assentimento.

Cal leva Luz pelo corredor e sai por uma porta lateral. Deposita-a no banco do passageiro da carrinha, põe-lhe o cinto, entra e arranca.

Twyla começa a contagem.

Um, dois, três…

Continua sem notícias de Cal.

Onde se terá metido? O que terá acontecido?

Vinte e dois, vinte e três…

Foi-se embora sem mais nem menos, mandou tudo à merda e despediu-se?

Quarenta e quatro, quarenta e cinco…

Sessenta e seis, sessenta e sete…

Sessenta e sete.

Não sessenta e oito.

Ai, não, Cal. Ai, não.

Atravessa a sala a correr.

Luz não está lá.

Ai, merda, não.

Vê Dolores a observá-la fixamente.

— Onde está?

Dolores encolhe os ombros.

— *Se fue* — responde, em espanhol.

Foi-se embora…

Twyla começa a ficar enjoada e apoia-se contra a parede.

E deixa-se cair ao chão.

Uns segundos depois, levanta-se e dá o alarme.

Cal para numa paragem de camiões, na Dez.

Liga a Jaime Rivera.

— Onde e quando?

— Tenho de te dizer agora?

— Agora ou não voltas a saber de mim.

— Está bem. — Jaime fica a pensar por um instante e, depois, pergunta: — Lembras-te daquele lugar nos subúrbios da vila onde íamos beber?

Cal lembra-se, sim: Uma ravina a sudeste de El Porvenir, um chaparral agreste e isolado que entra no deserto.

— Quando?

— Amanhã de manhã, bem cedo.

— Lá estarei.

— Estou cheio de vontade, colega.

Cal desliga. Diz a Luz:

— *Ya vuelvo*.

«Já volto.»

Aproxima-se do sítio onde estão estacionados os camiões que vão em direção a oeste, procura um com matrícula da Califórnia, dá uma olhadela para o caso de haver alguém a ver e põe o telemóvel atrás do para-choques traseiro.

Volta para a carrinha, sai para a autoestrada e dirige-se para o este.

Tem de encontrar um sítio onde possa esconder-se.

Estão a encher Twyla de perguntas.

Fizeram-na sentar-se no escritório do chefe do posto da Patrulha Fronteiriça e ele, a senhora da ORR e um agente do Serviço de Imigração alternam-se para a interrogar.

— Onde está? — pergunta o agente da Imigração.

— Não sei.

— O Strickland e a menina são amigos, não são? — pergunta o chefe.

— Não, na verdade.

— O agente Peterson diz que sim.

— Quer dizer, somos apenas colegas de trabalho — responde Twyla. — Sempre nos demos bem…

— Disse-lhe alguma coisa sobre levar a menina? — pergunta o agente da Imigração.

Twyla olha fixamente para os olhos dele. Pensa: «O que vais fazer-me que não tenha visto no Iraque?»

— Não.

— Tem a certeza?

— Lembrar-me-ia de uma coisa dessas.

— Isto aconteceu enquanto estava de guarda — acrescenta o chefe.

— Tenho consciência disso, senhor.

— É responsável.

— Sim, senhor.

— É possível que tomemos medidas disciplinares contra si. Enquanto isso, está suspensa do emprego e sem salário. Vá para casa até novo aviso. E não diga nada a ninguém sobre este assunto.

— Sim, senhor.

— E, por amor de Deus, não diga nada à imprensa — acrescenta o agente da Imigração.

Twyla sai do escritório e entra no vestiário. Vê Peterson a tirar alguma coisa da sua carteira, agarra-o pela camisa e empurra-o contra a parede.

— Se voltares a falar de mim, Roger, dou cabo de ti.

— Está bem, está bem.

Solta-o e afasta-se.

«Meu Deus, Cal, o que fizeste?»

— Isto é um desastre — diz o agente da Imigração. — Se se descobrir…

«Os meios de comunicação social estão a tornar-nos a vida impossível por separar os menores dos pais e pelas condições péssimas em que temos as crianças. Primeiro, não encontramos os pais e, agora, perdemos uma menina? E, ainda por cima, foi levada por um guarda?

Meu Deus.»

— Como podem não descobrir? — pergunta o chefe. — Para encontrar o Strickland, o Serviço de Imigração e Alfândega, a Patrulha Fronteiriça, a polícia local e estatal e o Departamento de Segurança Nacional vão ter de intervir. Talvez já esteja no México. E, se tiver passado para outro estado, o FBI terá de intervir…

— Isto é um sequestro — replica o agente da imigração. — Claro que o FBI tem de intervir.

— E quem vai lidar com a investigação? — pergunta o chefe.

— Nós — responde o agente da Imigração.

— Diga isso ao FBI — responde o chefe. — De todos os modos, vamos ter de avisar Washington.

— Vão ficar furiosos.

— Prefere que descubram pelas notícias? — pergunta o chefe. — Porque isto vai explodir.

— Jogamos à pedra, papel e tesoura para ver quem faz a chamada?

— Desculpem a interrupção — diz a senhora da ORR —, mas alguém está a ter a menina em conta?

Cal deixa a autoestrada em Fabens, no Texas, e para num McDonald’s.

Sem sair da carrinha, pede um hambúrguer com ovo, um café, um *Happy Meal* e um pacote pequeno de leite. Depois, segue por North Fabens, até um hotel.

— *Espera aquí* — diz a Luz.

A menina limita-se a olhar para ele, como faz sempre. Cal sabe que vai ficar na carrinha, parece que faz sempre o que lhe dizem.

Entra e aproxima-se do balcão da receção.

— Têm quarto para esta noite?

— Para quantas pessoas? — pergunta a rececionista, uma senhora de meia-idade.

— Para mim, mais nada.

— Tenho um quarto com duas camas.

— Serve.

— Oitenta e nove dólares.

Cal paga em dinheiro.

A senhora passa-lhe um papel.

— Assine o seu nome e as iniciais aqui, onde diz a tarifa e, aqui, onde diz que não fuma. Marca, modelo e matrícula do veículo e assine aqui em baixo.

Cal inventa o número de matrícula e a assinatura. Não costuma mentir, mas tem de se habituar, agora que vive na clandestinidade.

— Obrigada, senhor Woodley.

Atrás do balcão, vê um autocolante que diz *Make America great again*.

«Que a América volte a ser grande.»

«Tento fazê-lo», pensa Cal.

Leva Luz para o quarto e senta-a numa cama.

Dá-lhe o *Happy Meal* e o leite e diz:

— *Tienes que comer*.

«Tens de comer.»

O quarto parece-se com o de qualquer hotel de estrada: Paredes verdes, colchas estampadas, cortinas às riscas e, junto da janela, uma máquina de ar condicionado barulhenta que luta contra o calor em vão.

Cal liga a televisão.

Procura uns desenhos animados.

— *Te gustan*… — interrompe-se e hesita. — *Te gustan* desenhos animados, *verdad*? — acrescenta, porque não se lembra de como se diz desenhos animados em espanhol.

— Sponge Bob.

As primeiras palavras que lhe diz.

— Sim, sim, Sponge Bob — confirma Cal, embora não saiba do que fala. — *Ahora comes, bien*?

«Agora, comes, está bem?»

Com os olhos fixos na televisão, Luz agarra no hambúrguer e dá uma trinca.

Cal abre o pacote de leite. Não sabe nada sobre crianças, à exceção do facto de também ter sido uma há muito tempo e de se lembrar que bebia leite.

— *Esto también, está bien*?

«Isto também, está bem?»

Ela prova o leite.

— *Buena niña* — diz Cal, sorrindo. «Linda menina.»

Luz não retribui o sorriso, mas continua a beber o leite e a comer o hambúrguer sem desviar os olhos da televisão.

Cal entra na casa de banho e abre a torneira da banheira. Quando sai, o hambúrguer desapareceu.

— *Bañera* — diz.

«Banheira.»

— *Ven, ahora. Los* desenhos animados *seguirán aquí*.

«Vem, agora. Os desenhos animados continuarão aqui.»

Luz levanta-se e segue-o. Dá-lhe um sabonete e pergunta:

— *Sabes qué hacer, verdad*?

«Sabes o que fazer, não é?»

Ela hesita.

— *No te preocupes* — tranquiliza-a Cal. — *No voy a mirar*.

«Não te preocupes, não vou olhar.»

Vira-se.

— *Ves*?

Alguns segundos depois, ouve a roupa da menina a cair ao chão. Depois, ouve um chapinhar e pergunta:

— *Hace suficiente calor*?

— *Sí.*

— *Demasiado caliente?*

— *No*.

— *Hay una de esas pequeñas botellas de*…. hum… champô — acrescenta, no seu espanhol hesitante.

«Há uma embalagem pequena de champô.»

— *Champú*.

— *Sí. Champú.*

Luz lava o cabelo.

Cal estica o braço para trás para abrir a torneira para que o passe por água e ela põe a cabeça por baixo.

Cal passa-lhe a toalha sem olhar. Luz sai da banheira, limpa-se e embrulha-se na toalha. Quando voltam ao quarto, aponta para a televisão e diz, em inglês:

— Já volto.

Ela não parece importar-se.

Tem a televisão.

Cal agarra na roupa, vai à receção e pergunta se há lavandaria. Há e Cal compra detergente e pede que lhe troquem dinheiro para pôr a máquina de lavar roupa a trabalhar.

A roupa de Luz — uma camisola vermelha e velha, uma *t-shirt* amarela, calças de ganga e meias brancas — está tão suja que cheira mal. Cal põe a roupa na máquina de lavar roupa, põe o detergente em pó, atira as moedas pela ranhura e carrega no botão.

A máquina de lavar roupa começa a trabalhar com um ronco surdo e Cal calcula que demorará cerca de vinte minutos, portanto, volta ao quarto.

Luz adormeceu.

Cal tira a colcha da sua cama e tapa-a com ela.

Depois, agarra no comando à distância e muda para a Fox.

E vê a sua fotografia no ecrã.

A comissária da Imigração encarregou-se do caso, tirando-o a McAllen.

Avisa todos os corpos de segurança: A Patrulha Fronteiriça, o Serviço de Imigração e Controlo de Alfândega, a polícia local e estatal, a DEA e o escritório do FBI em El Paso. Depois, liga aos meios de comunicação social e pede-lhes que cooperem e deem máxima difusão à notícia: Um agente da Patrulha Fronteiriça, suspeito de ter problemas mentais, raptou uma menina de seis anos chamada Luz Gonzalez.

«Solicita-se a colaboração dos cidadãos.

Se tiverem visto este homem ou a menina, liguem, por favor, para este número imediatamente.»

Um número gratuito de apoio telefónico.

O chefe da Patrulha Fronteiriça, Peterson e um agente da Imigração vão a Fort Hancock e encontram o rancho Strickland.

Ou o que resta dele.

Ao ver os carros a chegar, Bobbi sai da cozinha, aterrorizada com a hipótese de ter acontecido alguma coisa a Cal. De lhe terem dado um tiro ou uma coisa dessas. Só ouviu a rádio, a NPR, e não deram a notícia.

O agente da Imigração tem o controlo.

— Roberta Strickland? — pergunta.

— O Cal está bem?

— Viu-o?

— Diga-me se está bem.

— Que nós saibamos, sim — responde o agente. — Importa-se se dermos uma olhadela?

— Porquê?

Explica-lhe o que Cal fez.

— Viste-o, Bobbi? — pergunta Peterson.

— Conhecem-se? — pergunta o agente da Imigração.

— Estivemos juntos no liceu — responde Bobbi. — Há um século. Vi o Cal ontem à noite.

— A que horas?

— Não sei, ao jantar.

— E não o viu depois disso — conclui o agente.

— Não.

— Então, não se importa se dermos uma olhadela por aqui?

— Estão à vontade.

Começam pela casa.

Não veem Cal nem rasto dele.

— O teu irmão lixou bem as coisas — comenta Peterson.

— Ainda continuas a tentar arranjar alguém para te masturbar? — pergunta Bobbi. — Ou continuas a fazê-lo sozinho?

Entram no estábulo.

Bobbi entra atrás e todos veem a carrinha de Cal ao mesmo tempo.

— É a carrinha dele — informa Peterson.

— Não me digas… — replica o agente da Imigração, dando uma olhadela à matrícula. — Há algum outro veículo no rancho?

— Só o meu. — Bobbi aponta para o seu *Chevy* velho.

O agente da Imigração sai e olha para o chão.

— Há outros rastos de pneus que saem do estábulo. E não são dessa carrinha.

Bobbi encolhe os ombros.

— Senhora Strickland…

— Benson — particulariza ela. — Estive casada durante quinze minutos. Não gostei.

— Senhora Benson — diz o agente —, o seu irmão raptou uma menina. Se nos esconder informação relevante, estará a proteger um fugitivo e a cometer um crime de obstrução à justiça pelo qual poderiam condená-la a vinte anos de prisão. Só vou perguntar mais uma vez. Que veículo é que o seu irmão tirou daqui?

— Vamos ver se consigo expressar-me de forma a fazê-lo entender — replica Bobbi. — Ah, sim. Vá à merda!

O agente está a pensar se deve ou não pôr-lhe as algemas quando o telemóvel toca. Localizaram o telemóvel de Strickland. Está entre Las Cruces e Lordsburg, no Novo México, e dirige-se para o oeste pela Dez a cento e trinta à hora.

— Já voltaremos aqui — diz o agente.

— Terei o café pronto — replica Bobbi.

O agente da Imigração e o chefe da Patrulha Fronteiriça vão-se embora, mas deixam Peterson à entrada do caminho para que vigie o rancho.

Ila Bennett, a mulher que gere o hotel, vê a Fox.

Vinte e quatro horas por dia, praticamente.

O tipo que dizem que raptou a menina registou-se no hotel esta manhã.

E lavou a roupinha da menina.

Ila sabe que devia ligar para o número, mas, por outro lado, não quer meter-se em confusões.

Anota o número na mesma e pensa nisso.

Criam um controlo de estrada na Dez a oeste de Lordsburg e mandam parar todos os veículos.

Depois, descobrem, na DGV do condado de El Paso, que um tal Dale Strickland registou uma carrinha *Toyota* vermelha em 2001, com matrícula 032KLL.

Na Dez, não aparece, no entanto, nenhuma carrinha *Toyota* vermelha com esse número de matrícula, embora o localizador do telemóvel continue a apontar para lá.

Os helicópteros policiais sobrevoam a autoestrada e as estradas secundárias.

Nada.

— O cabrão pôs o telemóvel noutro carro — diz a comissária da Imigração.

E, se escolheu um veículo que se dirigia para o oeste, pensa, certamente, terá ido na direção contrária.

Ordena que os helicópteros procurem a leste de Clint.

Twyla está sentada em sua casa, a ver a CNN.

A cada quinze minutos, há uma notícia de última hora sobre Cal, mas quase nunca contribuem com nada de novo.

De facto, são coisas antigas: A fotografia do anuário do liceu de Cal, a fotografia com o uniforme da sua equipa de futebol e o seu relatório militar (desenterraram-no e dizem que serviu no Afeganistão e que foi dispensado com honra). Um grupo de peritos debate sobre a política governamental de separação de famílias de imigrantes ilegais, a crise da fronteira e as condições de vida nos centros de internamento de estrangeiros. Um dos peritos aventura que talvez Calvin Strickland padeça da síndrome de *stress* pós-traumático, embora não explique se se refere ao que aconteceu no Afeganistão ou ao que viveu em Clint.

Nenhum deles fala de Luz Gonsalvez.

Não a nomeiam.

Chamam-lhe a menina desaparecida, mais nada.

Ninguém liga a afirmar ter visto Strickland.

— Temos de aumentar a pressão — diz a comissária da Imigração.

Tem o número da Fox gravado no telemóvel e faz uso dele.

O apresentador olha para a câmara e diz:

— Há novidades preocupantes sobre o sequestro ocorrido hoje em Clint. Fontes autorizadas confirmaram à Fox News que o Calvin Strickland, o guarda da Patrulha Fronteiriça que raptou uma menina de seis anos, é suspeito de pedofilia e que a menor se encontra em perigo. As autoridades rogam aos cidadãos que liguem para o número habilitado para tais efeitos se tiverem qualquer informação…

Twyla passa de um canal de notícias para outro e liga o portátil para procurar na Internet.

Os meios de comunicação social maioritários e as redes sociais estão a espalhar a notícia de que Calvin John Strickland é um presumido pedófilo e sofre de um transtorno mental produzido pela sua etapa no Afeganistão.

No Twitter, Facebook e Snapchat encorajam as pessoas a formar patrulhas vicinais e a sair para procurar na zona. Alguns afirmam que é preciso atirar para matar assim que virem Strickland e outros dizem que isso é pouco.

Cal também vê as notícias.

Luz continua a dormir profundamente na cama enquanto ele vê a sua própria cara no ecrã e ouve várias vezes a palavra «pedófilo».

Procura nos bolsos e encontra um cartão.

Vai à cabine do hotel e marca o número.

— Sim? — atende Dan Schurmann.

— Senhor Schurmann, sou o Cal Strickland. Não disponho de muito tempo.

Conta-lhe a história toda.

Que a ORR perdeu o contacto com a mãe da menina (É Gonsalvez, na verdade, com «v»), que ele a localizou, que, mesmo assim, iam dar a menina para adoção e que a levou para a devolver à mãe.

— Onde? — pergunta o jornalista. — Quando?

— Acho que já disse demasiado — diz Cal.

— Pode confiar em mim.

— Não posso confiar em ninguém — responde Cal e desliga.

Schurmann escreve o artigo e liga para o chefe de redação.

A questão é se deve publicar já a notícia ou reservá-la para a edição matinal.

— Devíamos publicá-la já — diz Schurmann —, pelo bem do Strickland. Há pessoas que querem matá-lo.

A notícia publica-se na Internet.

Envia-se um alerta AMBER para todos os telemóveis da região de El Paso, incluindo o modelo e a cor da carrinha *Toyota* e o número da matrícula.

Ila vê a notícia.

Isto muda as coisas.

Esse filho da mãe tem a rapariguinha num dos seus quartos nesse preciso momento e só Deus sabe o que estará a fazer à pobre criança.

Liga para o número da polícia.

Os exaltados saem em massa.

De El Paso a Socorro, de Lubens a Clint e a Fort Hancock, até o Laredo e McAllen, as carrinhas vão de um lado para o outro com a bandeira americana a ondear nas traseiras. Vão à procura de Calvin John Strickland, o sequestrador, o pedófilo, o violador de menores.

Cal afasta a cortina e olha para fora.

«Sabem da carrinha», pensa. «Estou a mais de trinta quilómetros de onde tenho de atravessar a fronteira e terão todas as estradas vigiadas.»

Ouve os rotores dos helicópteros, lá em cima, à procura da carrinha com os seus focos.

«Estou preso.»

Vê que a senhora do hotel sai do escritório e olha para lá. E que, ao vê-lo, se vira rapidamente e entra outra vez.

«Sabe», pensa Cal.

Luz endireita-se e olha para ele.

— Temos de ir — declara ele.

Para onde, essa é outra questão.

Põe Luz na carrinha e põe-lhe o cinto de segurança.

— *A dónde vamos*? — pergunta a menina. «Onde vamos?»

— *A ver a tu mami* — responde Cal. «Ver a tua mãe.»

Cal conhece uma velha pista de terra que sai da estrada de Fabens antes de desembocar na Dez.

Se conseguir chegar lá antes de o apanharem na estrada, talvez tenha uma oportunidade. Atravessa Fabens a toda a velocidade, receando ver sirenes na direção contrária. Os helicópteros afastaram-se para o sul. Ele segue para o norte, vê a entrada do caminho e vira.

Vê os carros da polícia a vir pela Dez, desliga as luzes e para no caminho, por baixo da estrada. Depois, atravessa a estrada por baixo, guiando-se apenas pela luz da lua cheia, e sai para a montanha. Vai na direção contrária do ponto do destino, mas sabe, porque trabalhou nestes ranchos há anos, que este caminho leva a um caminho de gado que vai para o sudeste, até Fort Hancock.

Alguns carros da polícia — do xerife, da Patrulha Fronteiriça e do Serviço de Imigração — entram no estacionamento do hotel.

Ila está lá fora, à frente do escritório.

— Foi-se embora! — grita. — Chegam tarde!

O artigo do *Times* destrói, como uma granada de mão, a versão dos factos espalhada pelos meios de comunicação social.

Como qualquer bom repórter, Schurmann ligou o gravador do telemóvel quando falou com Cal, de modo que as suas declarações não só podem ler-se impressas, também podem ouvir-se, com essa voz um pouco fanhosa, de bom rapaz.

— Não sou um pedófilo. A menina está muito mais segura comigo do que em Clint. Iam doá-la como se fosse uma luva velha encontrada no Walmart!

— Síndrome de *stress* pós-traumático? Era guarda num armazém de Wagram. Como posso ter *stress* pós-traumático! Nunca o tive, nem então nem agora! Sabe quem tem? As crianças que prendemos e separamos dos seus pais.

— Sim, homem, estão em jaulas! Temos de chamar as coisas pelos seus nomes. O que é, é.

— Também não sou um esquerdista muito sensível, que conste. Que merda, votei nele! Mas não para isto, de certeza.

E para rematar:

— Esta bandeira aguenta — conclui Cal. — Mas, com tanto choro, perdeu a cor.

Torna-se pública a história de Esteban, Gabriela e Luz Gonsalvez, espalha-se que uma mãe viúva está à espera, no México, que lhe devolvam a filha e, quando Cal acaba a dizer «Acho que já disse demasiado», quem ouve não está de acordo e já quase ninguém duvida do que tenta fazer.

Agora, grande parte dos cidadãos está do seu lado.

A opinião pública, como dizem nos meios de comunicação social, polarizou-se.

Tudo depende do lado da grande divisória em que estão.

Alcançam-no depois de ter percorrido dezasseis quilómetros pelo caminho de gado.

Conduzia muito devagar pelo caminho cheio de buracos, com apenas a luz da lua para o iluminar. Não queria meter-se numa sarjeta e acabar com um pneu rebentado ou com a suspensão partida.

Estava ali, no monte, com as alfarrobeiras, a sálvia e os verdadeiros coiotes, um dos quais atravessou o caminho à frente dele e parou para o observar com surpresa, como se dissesse: «O que raios fazes aqui?»

Estava tudo em silêncio.

Só Luz falava.

— Onde está a minha *mami*?

Cal apontou em frente.

— Por ali.

Um momento de silêncio. Depois:

— *Mi papi está muerto*.

— Eu sei. Lamento muito.

— *Los hombres malos lo mataron*.

«Os homens maus mataram-no.»

— *Hay hombres malos aqui*? — pergunta ela.

Cal pensou nisso por um instante, antes de responder. Depois, disse:

— Si. *Hombres malos* aqui. *Pero… no dejare que te… lastimen.*

«Não vou deixar que te magoem.»

— Está bem.

Alguns minutos depois, o foco acerta-lhes em cheio e, embora deslumbrado pelo seu brilho, Cal distingue uma carrinha atravessada no caminho, impedindo-o de continuar. Há um homem de pé atrás da porta aberta. Aponta-lhe uma espingarda.

— Cal Strickland! — grita. — Nem penses em agarrar na espingarda! Sai do carro com as mãos onde as veja!

Cal não leva a mão à espingarda nem à arma regulamentar, a pistola *HK P2000* que tem numa capa à altura da anca.

Não quer matar ninguém.

— Veja para onde aponta! — grita. — Tenho uma criança!

— Eu sei! Sai da carrinha!

Cal olha para Luz.

— Calma, não vai acontecer nada — tranquiliza-a, embora não tenha a certeza.

Sai com cuidado, com as mãos à frente. O homem afasta-se da porta sem parar de apontar a espingarda. É um homem mais velho, gordo e achaparrado, com chapéu de cobói cinzento.

— Entraste nas minhas terras.

— Não tive outro remédio, senhor Carlisle.

— És o Cal Strickland?

— Sim, senhor.

— Não trabalhaste para mim há um tempo?

— Uma temporada, sim. Já foi há muito.

— Eras muito trabalhador, se bem me lembro — diz Carlisle. — Embora não servisses para cobói.

— Foi por isso que parei.

— És famoso, filho. Pelos vistos, o país inteiro está à tua procura. Oferecem uma recompensa de vinte mil dólares pela tua cabeça.

— Nunca tinha valido tanto, que eu saiba — replica Cal.

— Primeiro, dizem que estavas a abusar dessa criança — acrescenta Carlisle. — E, depois, querias levá-la à mãe. Qual das duas coisas é?

— Quero levá-la à mãe.

— No México?

— Se conseguir levá-la até lá.

Carlisle pensa nisso.

— Bom — diz —, nessa carrinha, não vão chegar, podes ter a certeza. Todos estão à procura dela neste lado do rio Vermelho. É melhor irem na minha.

— Como?

— O dinheiro de merda não me interessa — declara Carlisle. — Levo-vos até ao fim do caminho. Serve-te?

Cal volta à carrinha para ir buscar Luz e a espingarda.

A menina está colada ao banco, assustada.

— *Es un mal hombre*?

— Não, é muito bom — diz Cal. — Vamos.

Leva-a para a carrinha de Carlisle.

— Olá, jovenzinha — cumprimenta o velho.

— Olá.

Seguem o caminho pelo monte.

As balas chocam contra o metal.

As chamas crepitam e, depois, bramam.

Aninhada no chão da casa de banho, Twyla tapa os ouvidos, mas o barulho sai de dentro da sua cabeça e não se dissipa.

É cada vez mais forte.

Tão forte que Twyla não se ouve a chorar.

— Se a menina tiver fome — comenta Carlisle —, tenho umas sandes no banco de trás. De vitela, acho.

— *Tienes hambre*? — pergunta Cal. «Tens fome?»

Luz assente com a cabeça.

Ele estica o braço e agarra num saco de papel castanho, tira uma sandes embrulhada em papel de alumínio e dá-lha.

— Eu também tenho um pouco de fome — replica Cal.

— Serve-te.

— De certeza?

— Não perguntes mais.

A sandes, de vitela com mostarda e malagueta, está ótima.

— Senhor Carlisle — diz Cal, uns minutos depois —, se não se importar que pergunte, porque faz isto?

Sabe que Carlisle é um republicano acérrimo que, certamente, acha que um democrata deve ser o mesmo do que um bolchevique.

Faz-se um silêncio. Depois, Carlisle diz:

— Bom, tenho mais dias por trás do que tenho pela frente. O que vou dizer ao meu Senhor e Salvador? Lês a Bíblia, filho?

— Não muito.

— Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes — acrescenta Carlisle. — Mateus, 25:40.

Então, veem os faróis no vale, pelo caminho, a menos de um quilómetro.

— Merda! — exclama Carlisle.

— Quem é? — pergunta Cal.

— Não sei, mas acho que é uma patrulha vicinal. Vai para as traseiras com a menina.

Saem e deitam-se no porta-bagagens da carrinha. Carlisle tapa-os com a lona.

Há pouco espaço lá dentro.

Pouco ar.

Cal mal consegue respirar.

Luz põe-lhe o dedo indicador nos lábios e sussurra:

— *Calladito*.

Cal intui que não é a primeira vez que se vê numa situação parecida. Aperta a espingarda contra o peito e procura o gatilho às apalpadelas. Não sabe se terá de a usar ou se estaria disposto a disparar, mas, pelo menos, quer estar pronto.

Dez minutos depois, percebe que a carrinha para e ouve Carlisle a perguntar:

— O que fazem a estas horas da noite por aqui, rapazes?

— Estamos à procura do canalha do Strickland.

— Por este caminho, não vi ninguém e acabei de descer.

— Lamento muito, mas vamos ter de revistar a carrinha, senhor Carlisle.

— Não lamente, filho — replica Carlisle —, mas não vão revistar a minha carrinha. Que eu saiba, continuamos a estar nos Estados Unidos da América e isto continua a ser o Texas, portanto, não vão deter-me e revistar-me no meu próprio rancho. No qual, na verdade, estão sem permissão.

— Vou ter de insistir, senhor Carlisle.

— Filho — diz Carlisle —, só recebo ordens de Um e não és tu. Tenho coisas para fazer, portanto, afasta-te do meu caminho, não vá esquecer-me de que renasci e te aplicar o Antigo Testamento.

Passam cinco segundos intermináveis. Depois:

— Bom, senhor Carlisle, de certeza que não esconderia um violador de menores. Lamento tê-

lo incomodado.

Cal ouve o motor a trabalhar, ouve carros que se mexem e percebe que a carrinha começa a mexer-se.

Uns minutos depois, para.

Carlisle afasta a lona e diz:

— Acho que já passou o perigo.

— Por pouco — comenta Cal.

— Ora essa — troça Carlisle. — Esses justiceiros maltrapilhos ladram muito e mordem pouco.

Passados uns quilómetros, acrescenta:

— Deves saber que têm gente a vigiar a tua casa.

— Sei, sim.

— E pensaste no que vais fazer?

— A verdade é que estou a improvisar pelo caminho, senhor Carlisle — admite Cal.

— Sim, nota-se.

Para a carrinha.

Cal vê a Dez a cerca de duzentos metros de distância.

— Não posso levar-vos mais longe — diz Carlisle. — A polícia estará a parar qualquer veículo que se aproxime.

Cal e Luz saem da carrinha.

— Não sei como lhe agradecer — replica Cal, estendendo a mão.

Carlisle aperta-a.

— Leva essa menina para ao pé da mãe.

Cal vê que se vira e sobe novamente pelo caminho. Olha para Luz e diz:

— Não sei como se diz em espanhol levar-te às cavalitas, portanto, salta.

Luz salta-lhe para as costas e seguem o caminho pelo monte.

Cal deita-se no topo de uma colina e olha de lá para a casa do rancho.

A luz está acesa, Bobbi já se levantou.

Estará muito angustiada, pensa Cal.

Vê o veículo da Patrulha Fronteiriça estacionado lá fora, com a luz do tejadilho acesa. Parece que quem está lá dentro é Peterson, mas não tem a certeza.

A carrinha continua no estábulo, mas não pode ir buscá-la para entrar no México. Haverá controlos de estrada por todo o lado e estarão a vigiar as passagens fronteiriças. Também não pode ir a pé com a menina até ao sítio onde combinou encontrar-se com Jaime. Não há tempo e o terreno é demasiado acidentado para que Luz vá a pé.

Arrasta-se pela encosta, até onde a menina espera.

Agarra-a pela mão e percorrem um trecho de cerca de cem metros ao lado da colina, até deixar a casa para trás. Depois, seguem um atalho e descem para o caminho que leva ao curral.

O *Riley* aproxima-se dele.

— Olá, rapaz — cumprimenta Cal. — Temos coisas para fazer.

Sela o cavalo, monta Luz, senta-se atrás e agarra nas rédeas.

— Eh… «*un caballo antes*?» — pergunta, tentando saber se alguma vez montou.

A menina abana a cabeça, mas olha para ele e sorri. O primeiro sinal de alegria infantil que Cal viu.

— *Cómo se llama?* — pergunta Luz. «Como se chama?»

— Chama-se *Riley*.

— *Voy a llamarlo Rojo.*

«Vou chamar-lhe “Vermelho”.»

— Acho que não se importará. Bom, *Riley Vermelho*, vamos a isso.

Tira o cavalo do curral a passo suave.

Alguns minutos depois, chega à cerca de arame farpado, desfaz o remendo que fez há uns dias e atravessa com o cavalo.

Twyla levanta-se do chão.

Olha para o relógio.

Três e um quarto da manhã.

Volta para a sala de estar, olha para o computador para o caso de haver notícias de Cal e sente-se aliviada ao ver que não o apanharam.

Ainda.

Estiveram prestes a apanhá-lo em Lubens, mas evitou o cerco policial.

Queria saber onde está e se está bem e como está Luz.

Entra na cozinha e tira a garrafa do armário. Bebe da garrafa porque, no fundo, o que importa? Precisa de beber uns bons goles para fazer o que sabe que tem de fazer.

Agarra na garrafa, senta-se no sofá e pega na arma regulamentar que deixou na mesa. Tira-a da capa e apoia-a no colo.

Ainda faltam três horas para que nasça o sol.

Demasiado tempo.

Cal conhece estas terras.

E o cavalo também.

É um caminho fácil de percorrer que atravessa terras de pasto planas e campos arados quase até ao rio, onde há uma franja de monte baixo perto de onde acaba a cerca fronteiriça.

Depois, há o rio.

E, mais à frente, o México.

O rio não fica longe, a quase um quilómetro e meio.

Contudo, Cal percebe que não vão conseguir.

À luz da lua, três todo-o-terreno da Patrulha Fronteiriça mexem-se de um lado para o outro, a uns quatrocentos metros à direita.

Os faróis varrem os campos de trabalho.

Iluminam o *Riley*.

Os veículos param, Cal ouve vozes de homem e, depois, dirigem-se para ele.

A toda a velocidade.

Cal inclina-se por cima do pescoço do cavalo.

— Rapaz, achas que consegues? Mais uma vez?

O cavalo levanta a cabeça como se dissesse: «Mas o que dizes? Tu consegues?»

Cal diz a Luz:

— *Agárrate*!

Ela agarra-se à crina de *Riley*.

Cal puxa as rédeas e começam a galopar.

Cal vai para um riacho que sabe que leva ao rio.

Os carros, mais rápidos do que o cavalo, ganham terreno, rugem atrás dele. Cal sabe que

ninguém vai disparar e arriscar-se a ferir a menina, mas, mesmo assim, baixa a cabeça. Agarra Luz com um braço, agarra nas rédeas com uma só mão e inclina-se sobre o *Riley* para que corra um pouco mais.

O cavalo responde: Precipita-se para a frente com todas as suas forças.

Mas não é suficiente.

Um carro da Patrulha Fronteiriça chega ao lado dele. Depois, ultrapassa-o e bloqueia-lhe o caminho.

O *Riley* não precisa que Cal puxe as rédeas. Sempre foi um cavalo de pastoreio ótimo: Sabe bem o que tem de fazer. Para de repente e vira à direita. Passa ao lado do carro e continua a correr como se soubesse que este é o seu último galope, a sua última corrida por campo aberto. Sem afrouxar o passo, entra no riacho.

O todo-o-terreno desce atrás dele. Cal vira a cabeça e vê que os outros também o seguiram. O chão arenoso travará um pouco o seu avanço, mas não os parará. A sua única oportunidade é ganhar terreno suficiente para entrar no monte e despistá-los durante tempo suficiente para chegar ao rio. Conhece um caminho de contrabandistas que leva à margem.

Então, uma luz ilumina-o por cima e Cal ouve os rotores do helicóptero a girar por cima dele, a pouca altura.

— Vamos, *Riley*! — grita. — Um pouco mais!

Sabe que vai matar o cavalo, mas também sabe que os cavalos têm mais ímpeto e mais coração do que a maioria das pessoas, e este mais do que nenhum, porque embora esteja nas últimas, o *Riley* aperta um pouco mais o passo e ganham terreno e Cal vê o bosque cerrado cem metros mais à frente. Têm de chegar lá para se esquivar do helicóptero.

Quase chegaram quando uma moto 4 aparece à sua esquerda e se atravessa no seu caminho.

O condutor levanta a espingarda, aponta para a cabeça de Cal.

Cal aperta Luz contra ele.

O *Riley* salta.

Passa por cima da moto 4 por milímetros, mas passa.

E entram no bosque.

O *Riley* mal afrouxa o passo enquanto avançam pela vereda serpenteante, entre o matagal, a caminho do rio.

O terreno volta a limpar-se, torna-se descascado e plano durante alguns metros e, então, chegam à cerca.

Quatro metros e meio de barrotes de metal com base de cimento.

Avançam ao lado dela.

Cal vira-se e vê que os veículos vêm atrás.

— Vamos, cavalinho! — Quase ouve o coração do *Riley* a bater, vê a baba que sai da sua boca. — Vamos!

A cerca acaba.

Cal sacode as rédeas, o *Riley* vira à direita e deixam a cerca para trás.

Entram num riacho que leva ao rio.

Prateado à luz da lua.

O *Riley* desce pela ribeira e entra na água.

No verão, não é tão fundo, a corrente não é tão forte e a água só chega aos tornozelos de Cal quando o cavalo entra no leito.

Depois, chegam a outro país.

Quase bêbada, Twyla medita se deve pôr o canhão na boca ou apoiá-lo por baixo do queixo.

«Ou ponho-o na têmpora?», questiona-se.

Não quer fazer uma porcaria e acabar por ser um vegetal cheio de agulhas e tubos e também não quer sentir dor.

Só quer acabar com aquilo de uma vez.

A comissária do Serviço de Imigração está furiosa.

— Está no México?! — grita. — Como está no México?!

— Os meus homens viram-no a atravessar o rio — responde o chefe da Patrulha Fronteiriça.

— Num cavalo?!

— Sim.

— E a menina está com ele. Tem ideia do que a imprensa vai dizer?! Um cavaleiro solitário desafia heroicamente as autoridades federais para reunir uma menina com a sua mãe. Sabe como vamos ficar?!

— Na merda.

— Isso é pouco!

Agarra no telefone e liga para Washington.

Têm de tomar decisões.

— Mudem o discurso.

«Contactem as autoridades mexicanas e consigam que façam o possível para encontrar a mãe, deter o Strickland e reunir essa família, como era a nossa intenção desde o começo, como teríamos feito se o Strickland não se intrometesse, pondo a pequena em perigo.»

Hora e meia depois, a comissária para à frente das câmaras.

— Estamos a fazer o possível para reunir as famílias separadas — afirma. — Como, sem dúvida, compreenderão, trata-se de um processo complicado, mas a nossa política sempre teve como objetivo reunir as crianças com os pais, como está a fazer-se no caso da família Gonsalvez.

— A Luz ou a Gabriela Gonsalvez estão sob a custódia das autoridades mexicanas? — pergunta Schurmann.

— Não se aceitam perguntas por enquanto.

— A polícia mexicana deteve o Cal Strickland? — insiste o jornalista.

— Não se aceitam perguntas por enquanto.

— Se está detido, será extraditado para os Estados Unidos? — pergunta Schurmann. — E, se for assim, de que vão acusá-lo?

— Não se aceitam perguntas por enquanto.

— Vão processar o Cal Strickland por reforçar as medidas políticas que, agora, dizem promover?

— Não se aceitam perguntas por enquanto.

A comissária não aceita perguntas, mas conhece as respostas: Acusará Strickland de tudo o que conseguir lembrar-se e de mais alguma coisa. Assim que os meios de comunicação social se esquecerem do assunto, porá esse cabrão na prisão para sempre.

Ou algo mais, se puder.

Cal atravessa a cavalo a franja estreita dos campos de trabalho do lado mexicano da fronteira.

Já amanheceu, o sol acabou de aparecer, amarelo pálido.

Alguns *campesinos* olham para o cobói com a rapariguinha sentada à sua frente, mas nenhum deles para ou faz perguntas.

Sabem que, nestas terras, não convém fazê-las.

Cal sente que o *Riley* fraqueja. Gostaria de desmontar e continuar a pé — o cavalo está cansado, vencido —, mas tem de sair deste terreno tão exposto e descer pela ladeira, até ao riacho, antes de ser localizado pela polícia mexicana.

— *Estás bien*? — pergunta a Luz.

— *Sí*.

— *Veremos a tu madre pronto*.

«Veremos a tua mãe em breve.»

Luz só assente com um gesto.

«Sim, eu também não sei se devia acreditar», pensa Cal.

Atravessam os campos e chegam à beira da ladeira. Lá em baixo, até onde alcança a vista, só há deserto.

Pedras e areia.

Encontra o riacho seco e o *Riley* desce com cautela pela ladeira íngreme, com as suas pedras traiçoeiras.

Só faltam três quilómetros para chegar ao ponto de encontro.

Estão a quase um quilómetro e meio quando Cal sente o *Riley* a tremer.

Agarra Luz com o braço e salta.

As patas da frente do *Riley* falham. Ajoelha-se e cai de lado. Tem os olhos esbugalhados, respira com esforço, a barriga sobe e desce.

— *Rojo*! — grita Luz.

Cal afasta-a um pouco e vira-a para que não veja o cavalo.

— *No mires*.

Vira-se e baixa-se junto da cabeça do *Riley*. Acaricia-lhe o pescoço e o focinho.

— Sempre foste um cavalo ótimo. Nunca me abandonaste.

Depois, levanta-se, recua, tira a pistola da capa e dispara duas vezes.

As pernas do cavalo escoiceiam.

Depois, ficam imóveis.

Cal atira o cinto ao chão e põe a pistola na cintura das calças, por baixo da camisa. Volta para ao pé de Luz, que está a chorar, e dá-lhe a mão.

Descem a pé pelo riacho.

Há quatro *Ford Explorer* parados numa clareira, ao pé do canhão.

Cal vê Jaime e sete dos seus homens ao redor dos carros, a fumar e a beber de garrafas de água. Estão armados com *AK* e metralhadoras.

Está calor: O sol acordou e cai a prumo.

Cal pega na espingarda e segura-a ao alto enquanto se aproxima de Jaime.

Todas as armas apontam para ele, mas Jaime faz gestos para que não disparem.

— Conseguiste, colega! — exclama. — Já ia dar-te por perdido!

— Onde está a mulher? — pergunta Cal, sem deixar de apontar para o peito dele.

Jaime aponta para um todo-o-terreno.

— Ali. A questão é porque devia entregar-ta. O acordo que ia propor-te era que te dava a cabra e tu voltavas e trabalhavas para mim. Mas lixaste esta merda toda ao trazer a *niña*. Não podes voltar e, mesmo que pudesses, já não me serves de nada. Em Juárez, poderei vendê-las a muito bom preço, juntas, a mãe e a filha.

— Não.

— Porque não haveria de o fazer?

— Porque te matarei.

— Se puxares o gatilho — declara Jaime —, os meus rapazes fazem-te em picadinho.

— Mas não o verás.

— E, depois, matarão a mulher e a menina — acrescenta Jaime. — Depois de se divertirem um pouco com elas.

Cal baixa o revólver.

Jaime tem razão: Matá-lo não servirá de nada.

— Faz o correto por uma vez na tua vida — diz. — De quanto dinheiro precisas? Quantos *burritos* consegues comer? Quantos carros podes conduzir? E pensa no que os meios de comunicação social dirão, Jaime. Um coiote mexicano faz o que o governo dos Estados Unidos se recusa a fazer. Vai tornar-se viral. Cantarão *corridos* sobre ti.

— Tenho de reconhecer que gosto da ideia — concede Jaime. — Mas também me apetece matar-te.

— Faz as duas coisas — responde Cal.

Sabe que, nesta vida, há um limite para regatear. Nem sempre consegue o que quer — ou quase nunca —, mas, como dizia o pai, tem de saber com o que se conforma; se não, nunca tem o suficiente.

Isto é suficiente, pensa Cal.

Jaime aponta para um carro com a cabeça. Um dos seus homens abre a porta de trás e puxa Gabriela.

Ela corre para abraçar Luz, pega nela ao colo.

— Que enternecedor — troça Jaime. — Emocionei-me. Muito bem, colega, já tens o que querias. Vou deixá-las num albergue, para ver se as freiras me dão a sua bênção. Mas a outra parte do acordo continua de pé, *comprendes*?

— *Comprendo*.

Jaime dá algumas ordens. Um dos seus homens tira a espingarda a Cal. Não pensa em procurar a pistola.

Gabriela Gonsalvez aproxima-se dele. A filha é a imagem viva dela.

— Obrigada.

— Isto não devia ter acontecido — replica Cal. — Lamento muito.

Luz abraça-se à sua cintura, apoia a cara na sua barriga e aperta-o com força.

— *Está bien* — diz Cal. Baixa-se e abraça-a. — Está tudo bem.

Ficam assim uns segundos. Depois, um dos homens de Jaime agarra-as e leva-as para o carro.

— Tirem-nas daqui! — ordena Jaime. — A menina não tem de ver isto.

Cal vê o carro a afastar-se.

Fez o que devia fazer.

Jaime aproxima-se do *Explorer* e tira duas garrafas de *Modelo* de uma geleira.

— Queres uma, colega? Pelos velhos tempos?

— Claro.

Cal aceita a cerveja fria e bebe-a com ânsia. Sabe-lhe lindamente.

— Parece que há séculos que frequentávamos o liceu — comenta Jaime.

— Há séculos.

— Para onde foram os anos? Eh? — pergunta Jaime.

— Não sei. — Cal bebe outro gole, quase acaba a garrafa.

— O que se passou?

— Também não sei — responde Cal.

— Tens medo, colega?

— Sim.

Tem, é verdade. Tanto que poderia mijar-se nas calças.

— Bom, é melhor assim — diz Jaime e tira a pistola do cinto. — Acaba isso e põe-te a andar.

Cal acaba a garrafa e atira-a ao chão.

Começa a afastar-se.

Não consegue impedir que lhe tremam as pernas.

Sente-as como postes de uma cerca velha sacudidos pelo vento do norte. Primeiro, abatem-se os postes; depois, cai o arame.

«Meu Deus, Jaime, porque não disparas de uma vez?»

Então, ouve-o dizer:

— Não consigo, colega! Não tenho coragem! Continua a andar! Desfruta da prisão, está bem?!

Cal ouve várias portas que se abrem e se fecham.

Depois, motores que arrancam.

E continua a andar.

Com a pistola por baixo do queixo, Twyla vê a notícia no ecrã do portátil. Uma senhora de fato anuncia que Cal conseguiu atravessar a fronteira com a menina.

«Alegro-me por ti, Cal», pensa.

«Alegro-me imenso.

Conseguiste sair.»

Baixa a pistola.

Agarra no telemóvel e começa a procurar ajuda.

Não pode continuar a viver dentro desta jaula.

Cal sobe pelo riacho seco, a cambalear. O sol bate-lhe na cabeça como um martelo e doem-lhes as pernas de subir a encosta. Tem sede, a cerveja estava boa, mas, agora, precisa de água e não a tem.

Chega onde o *Riley* jaz e senta-se junto do cavalo. Afasta os moscardos dos seus olhos.

Rendido de cansaço, observa a paisagem erma. Vê, lá em baixo, a caravana de carros que leva Luz e a mãe. Atrás dele, pela ladeira, são os campos verdes de irrigação e, depois, o rio e a cerca. Depois, o seu país. «A única coisa que me espera do outro lado», pensa, «é outro arame farpado.

Vão pôr-me numa cela. Não voltarei a montar por estas terras.»

O pai costumava dizer que a maioria das pessoas faz o correto quando não lhe custa fazê-lo e que ninguém faz o correto quando tem de pagar o preço.

Mas, às vezes, é preciso arriscar tudo.

Cal agarra na pistola, põe-na por baixo do queixo e puxa o gatilho.

A cabeça cai por cima do pescoço do cavalo.

Da primeira vez que viu a menina, ela estava numa jaula.

Da última vez que a viu, era livre.

[8] «Jew», judeu. (N. da T.)
[9] Lump, «vulto» e também «idiota», «tarada». (N. da T.)

Agradecimentos

Não tenho ilusões de que sou um empreendedor ou de que este volume, tal como qualquer outro dos meus trabalhos, proveio dos esforços de uma só pessoa. Os meus pais viram que tinha sempre livros e os professores das escolas públicas ensinaram-me a lê-los. Amigos e família dão-me encorajamento e apoio e os outros escritores, do passado ou presente, inspiram-me. As editoras trabalham imenso para levar os livros às livrarias, vendedores de livros e leitores. O meu agente vê que tenho os meios financeiros para me sentar e escrever. A minha esposa partilha alegremente as incertezas da vida de um escritor.

Nós, os escritores, gostamos de pensar que trabalhamos numa solidão esplêndida. Contudo, todas as manhãs, quando vou trabalhar, há outras pessoas que mantêm as luzes acesas. Quando conduzo para fazer pesquisa, os contribuintes e trabalhadores constroem essas estradas. Quando trabalho na segurança da minha casa, os militares e agentes da polícia dão-me segurança. Sinto-me agradecido por todos eles e muitos mais.

Há pessoas a quem quero agradecer especificamente:

Shane Salerno, meu amigo, companheiro escrivão, agente e parceiro no crime de ficção, foi o primeiro a ter a ideia de fazer um volume de contos. Ainda bem que foi assim e, como sempre, devo-lhe mais do que posso pagar.

Liate Stehlik da William Morrow concordou em publicá-lo, um ato de confiança pelo qual agradeço humildemente.

Jennifer Brehl foi uma editora espantosa e exigente e Maureen Sugden salvou-me de muitos erros embaraçosos. Agradeço a ambas pelo trabalho árduo e criativo e pelo cuidado.

Devo agradecer a Brian Murray, Andy Lecount, Sharyn Rosenblum, Kaitlin Harri, Jennifer Hart, Julianna Wojcik, Brian Grogan, Chantal Restivo-Alessi, Ben Steinberg, Frank Albanese, Juliette Shapland e Nate Lanman.

E espero que todos os que trabalham em publicidade, vendas e marketing na HarperCollins/William Morrow, saibam que eu sei que, sem vocês, estaria desempregado.

A Deborah Randall e todas das pessoas da Story Factory, a minha gratidão sincera.

Ao meu advogado, Richard Heller, obrigado por todo o cuidado e trabalho árduo.

A Matt Snyder e Joe Cohen de CAA - como sempre, obrigado.

Às pessoas da Kids In Need of Defense, obrigado por toda a vossa ajuda e por tudo o que fazem.

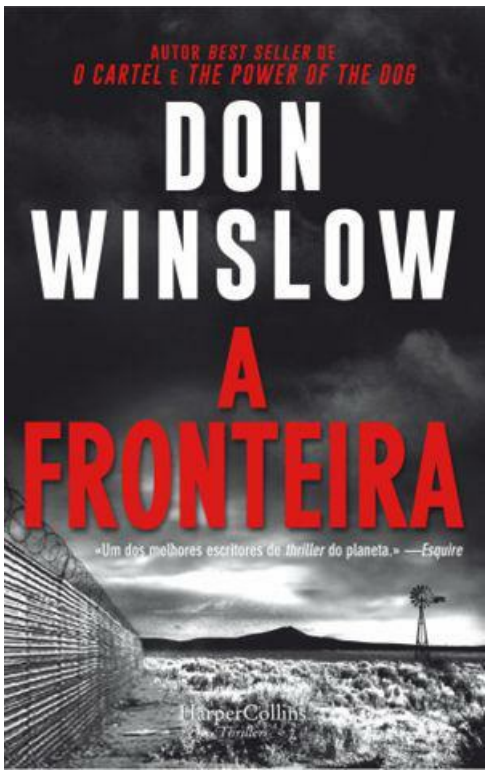
Quero mencionar as seguintes pessoas por razões que elas próprias compreenderão: Teressa Palozzi, Drew Goodwin, Right-Click, Colton’s Burgers, Drift Surf, Jim’s Dock, Java Madness, TLC Coffee Roasters, David Nedwidek and Katy Allen, Miss Josephine Gernsheimer, Cameron Pierce Hughes, Tom Russell, Quecho, El Fuego e Andrew Walsh.

À minha mãe, Ottis Winslow, pelo uso do alpendre.

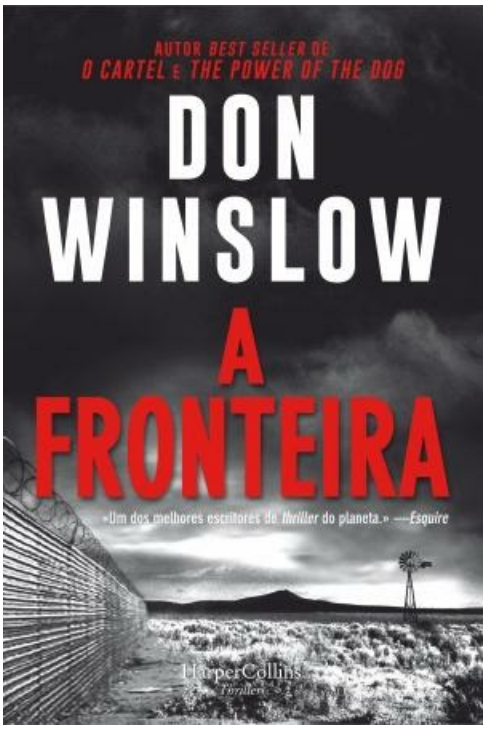
Finalmente, à minha esposa, Jean, por toda a tolerância, entusiasmo, sentido de aventura e amor.

ILYM.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com



A fronteira

Winslow, Don

9788491392958

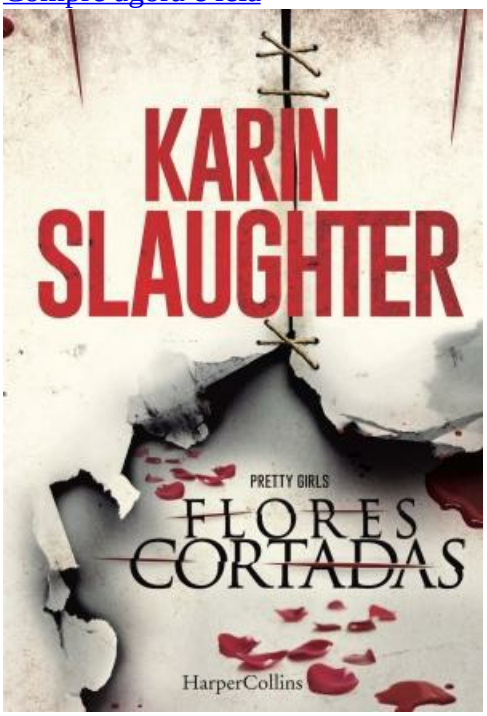
960 páginas

Compre agora e leia

A guerra chegou a casa.
Há quarenta anos que Art Keller está na primeira linha de fogo do conflito mais longo da história dos EUA: a guerra contra a droga. A sua obsessão por derrotar o chefe mais poderoso, mais rico e mais letal do mundo, o líder do cartel de Sinaloa, Adán Barrera, causou-lhe cicatrizes físicas e mentais, teve de se despedir de pessoas que amava e até perdeu parte da sua alma.
Agora, Keller é o diretor da **DEA** e descobre que, ao destruir o monstro, surgiram outros trinta que estão a causar ainda mais caos e destruição no seu amado México. Porém, isso não é tudo.
O legado de Barrera é uma epidemia de heroína que está a assolar os **EUA**. Keller atira-se de cabeça para travar este fluxo mortal, mas encontrar-se-á rodeado de inimigos, pessoas que querem matá-lo, políticos que querem destruí-lo e ainda pior: uma nova administração que está envolvida com os traficantes de drogas que Keller quer destruir.
Art Keller está em guerra não só com os cartéis, mas com o seu próprio governo. A longa luta ensinou-lhe mais do que alguma vez imaginara e, agora, aprenderá a última lição: não há fronteiras.

"O novo romance de Don Winslow é um contrabando de 'droga muito pura' a cujo lado, a serie *The Wire* parece um entretenimento inócuo."
Ismael Marinero, *El Mundo*, sobre *Cartel*
"Intensamente humano nos seus detalhes trágicos, extremamente shakespeariano na sua envergadura épica. Provavelmente, o melhor romance sobre polícias alguma vez escrito."
Lee Child, sobre *Corrupção*
"*Corrupção*: tão bom como *O Padrinho*, mas com agentes da lei."
Stephen King
"Não há um objetivo maior para um escritor do que conseguir entreter e, ao mesmo tempo, ensinar. Winslow tem-no no **ADN**. É um mestre."
Michael Connelly
"É a Guerra e Paz das guerras contra o narcotráfico. Brutal, selvaticamente ambientado, tenso, com uma trama incrível e algo que fica profundamente gravado."
James Ellroy, sobre *Cartel*
"Há algo trágico em *Cartel*: a inevitabilidade do mal, semelhante à fatalidade que forçava os passos dos heróis homéricos, aqui implícito na natureza de uma batalha infame em que o cavalo de Troia diminui até se tornar um par de botas de pele de cobra feitas à mão."
Justo Navarro, *El País*

Compre agora e leia



Flores cortadas

Slaughter, Karin

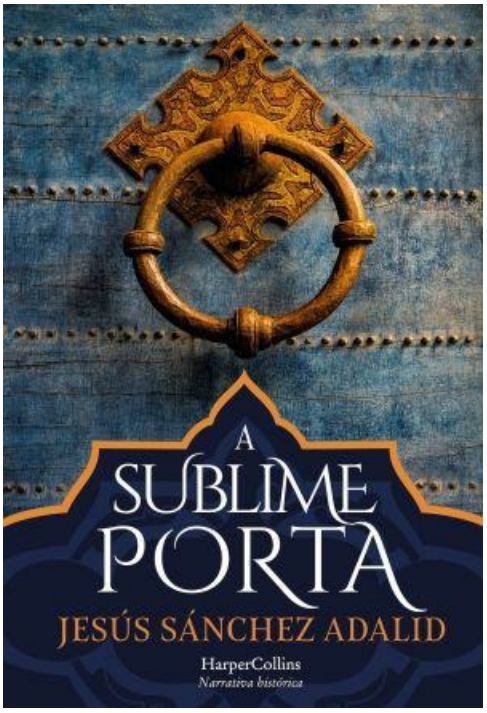
9788416502578

486 páginas

Compre agora e leia

Karin Slaughter, uma autora aclamada internacionalmente, regressa com um *thriller* psicológico sofisticado e arrepiante, onde se misturam segredos obscuros, vingança fria e uma inesperada possibilidade de absolvição. Apresenta-nos duas irmãs que, depois de terem perdido o contacto, têm de unir forças para desvelar a verdade a respeito das assombrosas tragédias que, separadas por vinte anos, destroçaram as suas vidas.
Irmãs. Desconhecidas. Sobreviventes.
Passaram mais de duas décadas desde que Julia, a irmã mais velha de Claire e de Lydia, desapareceu aos 19 anos, sem deixar rasto. Algum tempo depois, elas deixaram de se falar e seguiram caminhos opostos. Claire tinha-se convertido na esposa decorativa e ociosa de um milionário de Atlanta. Lydia, uma mãe solteira, namorava com um ex-presidiário e esforçava-se por fazer com que o dinheiro chegasse até ao fim do mês. No entanto, nenhuma delas recuperara do horror e da tristeza da tragédia partilhada. Uma ferida atroz, que se reabriu cruelmente quando o marido de Claire foi assassinado.
O desaparecimento de uma jovem e o assassinato de um homem de meia-idade, separados quase por um quarto de século. Que relação podia haver entre ambos? Depois de alcançar uma trégua precária, as irmãs sobreviventes olharam para o passado em busca da verdade, começaram a desenterrar os segredos que destruíram a sua família, a descobrir uma possibilidade de redenção e vingança onde menos esperavam.
Potente, perturbador e absorvente, repleto de personagens inesquecíveis e de reviravoltas assombrosas, Flores Cortadas é um *thriller* magistral, de uma das melhores escritoras de suspense do panorama literário atual.

Compre agora e leia



A sublime porta

Sánchez Adalid, Jesús

9788491394921

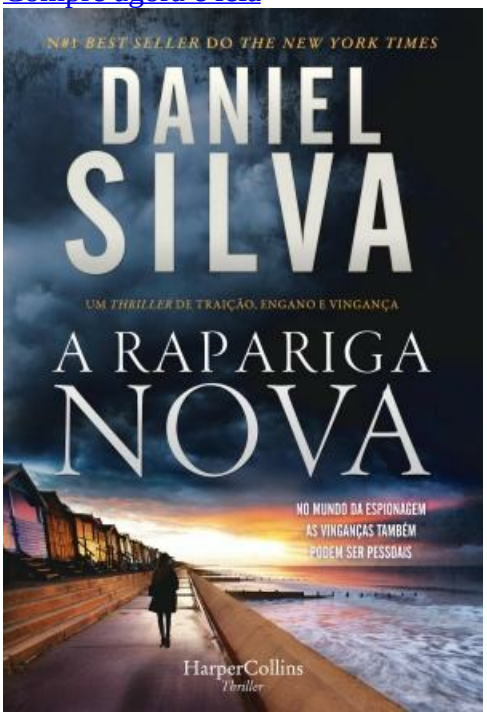
400 páginas

Compre agora e leia

Continuam as aventuras e desventuras de Luis María de Monroy, o jovem soldado dos terços já nosso conhecido de *O cativo*, num contexto de contínuas contendas entre as tropas espanholas de Felipe II e as do Império otomano, em pleno século xvi. Derrotado e cativo no seguimento da Batalha de Djerba, graças à sua inteligência, ao seu domínio do canto e do alaúde, bem como a um ou outro golpe de sorte, conseguirá resguardar a sua vida, primeiro em Susa e depois em Istambul, a urbe mais fascinante e cosmopolita da época, onde vai arriscar duplamente a vida ao colaborar com uma trama de espionagem ao serviço do imperador espanhol.
A vida apaixonante do cavaleiro Monroy, protagonista da bem-sucedida trilogia de *O cavaleiro de Alcántara*, é o fiel reflexo de uma época tão fascinante quanto complexa, a do esplendor do imperio hispânico dos Áustrias, a mesma de Lope de Vega e Cervantes.
O protagonista do romance em breve descobrirá que os ideais cavaleirescos e religiosos, a música e a poesia, a pátria e a honra, devem conviver inevitavelmente com a crueldade da guerra, com a fome que assola o povo e, por vezes, com a iniquidade dos seus governantes.
"Sánchez Adalid tem o dom de narrar de forma pausada e reflexiva; num estilo literário que

persegue a elegância do melhor romance clássico. O realismo, a verosimilhança e o sentido de humor são três virtudes que caracterizam Jesús Sánchez Adalid, narrador de obras-primas singulares."
Lluís Fernández, *La Razón*
O que os leitores dizem:
Gostei muito do romance, do tema e do estudo das personagens, num ambiente histórico apaixonante que já conhece bem e que ilustra de forma magistral, etc. Tem uma prosa muito cuidada, de grande riqueza, e que não cansa, pelo contrário, mantém-nos na expectativa capítulo após capítulo até ao fim. Uma leitura agradável e curta ao mesmo tempo, mas sem dúvida de conteúdo intenso.
Na linha habitual do escritor. Aprende-se sempre alguma coisa da Espanha dessa época e o livro é interessante.
A forma de escrever e um bocadinho de imaginação levam-nos a todos os lugares descritos no livro. Visualizam-se personagens, paisagens etc... um livro maravilhoso para passar uns belos momentos.
Totalmente recomendável, muito apaixonante. Uma obra fascinante que nos cativa e envolve desde o princípio fazendo com que a leitura seja seguida e com vontade de continuar. Recomendável para todos.
Um grande escritor... dos melhores que já li... escreve como os anjos o romance mais difícil de todos, o histórico.
Este livro é do melhor. É uma mistura de *Treasure Island* e *I, Claudius*. Ou seja, é uma aventura para o deleite dos leitores dos doce aos cem, mas também é um livro sério de ficção histórica.
Gostei tanto deste livro que não queria que acabasse. Por isso, foi uma surpresa muito agradável descobrir que há outro livro sobre a vida de Luis Monroy de Villalobos depois de Djerba. Já o estou a ler.

Compre agora e leia



A rapariga nova

Silva, Daniel

9788491394587

448 páginas

Compre agora e leia

A RAPARIGA NOVA: ORA SE VÊ ORA NÃO SE VÊ.
Num elitista colégio particular suíço, o mistério rodeia a identidade de uma rapariga de cabelo preto que chega todas as manhãs acompanhada por uma escolta digna de um chefe de Estado. Na verdade, o seu pai é Khalid bin Mohammed, o difamado príncipe herdeiro da Arábia Saudita. E, quando a sua única filha é sequestrada, recorre ao único homem capaz de a encontrar antes que seja tarde demais.
O que está feito, não pode ser desfeito…
Gabriel Allon, o lendário chefe dos serviços secretos israelitas considera Khalid um colaborador valioso, mas do qual não se fia, na guerra contra o terror. O príncipe comprometeu-se a quebrar o vínculo estreito que une a Arábia Saudita com o Islamismo radical. Juntos vão arquitetar uma aliança precaria numa guerra secreta pelo controlo do Médio Oriente. Ambos os homens têm numerosos inimigos. E ambos têm tudo a perder.
Do autor mais vendido do *The New York Times*, chega-nos um magnífico *thriller* novo de engano, traição e vingança.
"Um mestre da ficção de espionagem."
Booklist
"Daniel Silva tem poucos rivais no âmbito das historias de espiões de sucesso garantido."
The Age
"Literatura de ação de primeiro nível."
Kirkus Reviews
"Outra joia para a deslumbrante coroa do mestre da literatura de espionagem..."
Booklist
"Excelente... sentir-se-ão cativados tanto pela história como pelas intrigas assaz atuais com que Silva joga com delicadeza."
Publishers Weekly
"A outra mulher é desde já um clásico que consagra Daniel Silva como um dos melhores romancistas de espionagem que o género alguma vez conheceu."
CrimeReads
"São perfeitas as descrições do califado do ISIS, da ameaça do terrorismo e de Marrocos como exportador de haxixe e jihadistas."
La Razón sobre *Casa de espiões*
"De todos os escritores de intriga internacional e suspense da atualidade, Daniel Silva é simplesmente o melhor."
Kansas City Star

Compre agora e leia



A fraude perfeita

Lacorte, Ellen

9788491394907

336 páginas

Compre agora e leia

Ser mãe é difícil. Mas ser filha também. Quando conhecemos Claire, ela vive com o namorado Cal em Sedona, no Arizona, e evita as chamadas da mãe. A mãe é uma reputada médium da Costa Leste e Claire não quer que descubra a verdade. É que apesar de Claire trabalhar na mesma profissão e se intitular médium, na realidade não tem o "dom". E não o tem há muito tempo. É uma fraude.
Entretanto, no outro lado do país, a jovem mãe Rena também tem problemas familiares. É divorciada e a sua filha de quatro anos, Stephanie, sofre de misteriosos problemas de estômago, aparentemente incuráveis. Por mais que Rena a arraste a diversos especialistas, por muitas publicações que faça no seu blogue de mamãs sobre os problemas de saúde da filha, tentando arranjar ajuda e apoio da sua comunidade online, Stephanie não deixa de piorar.
Quando Claire e Rena se encontram por acaso num avião, as suas vidas cuidadosamente construídas começam a explodir. Será que estas duas mulheres se podem ajudar uma à outra? Poderão ajudar Stephanie antes que seja tarde de mais?

"A estreia de LaCorte é o tipo de thriller que aumenta o suspense de forma tão lenta que só dá para perceber algures a meio a habilidade com que traçou o enredo do romance… Um thriller envolvente e bem executado."
Crime Reads
"Este é um thriller mesmo muito negro, com uma vilã inquestionável, mas alternar vozes permite criar uma tensão mais complexa… LaCorte mergulha profundamente em coisas horríveis que os seres humanos fazem — e, tal como na vida, nem todo o mal é punido —, mas ainda oferece esperança e recuperação no final."
Kirkus Reviews
"O romance de estreia de LaCorte combina um enredo sombríamente perverso com uma excelente construção de personagens e um cenário sinistramente realista que apoia muito bem a narrativa inquietante e assombrada. Isto é suspense psicológico com um final angustiante, perfeito para os leitores da Gillian Flynn e do Brandon Massey."
Booklist
"A fraude perfeita proporciona o veículo perfeito da obsessão atual da cultura pop com burlões. Este misterioso thriller segue a relação entre uma joven chamada Claire, cuja mãe é médium enquanto ela o finge ser, e uma mulher que conhece por acaso com uma filha irremediavelmente doente."
Thrillist Summer Books Roundup

Compre agora e leia

Table of Contents

index